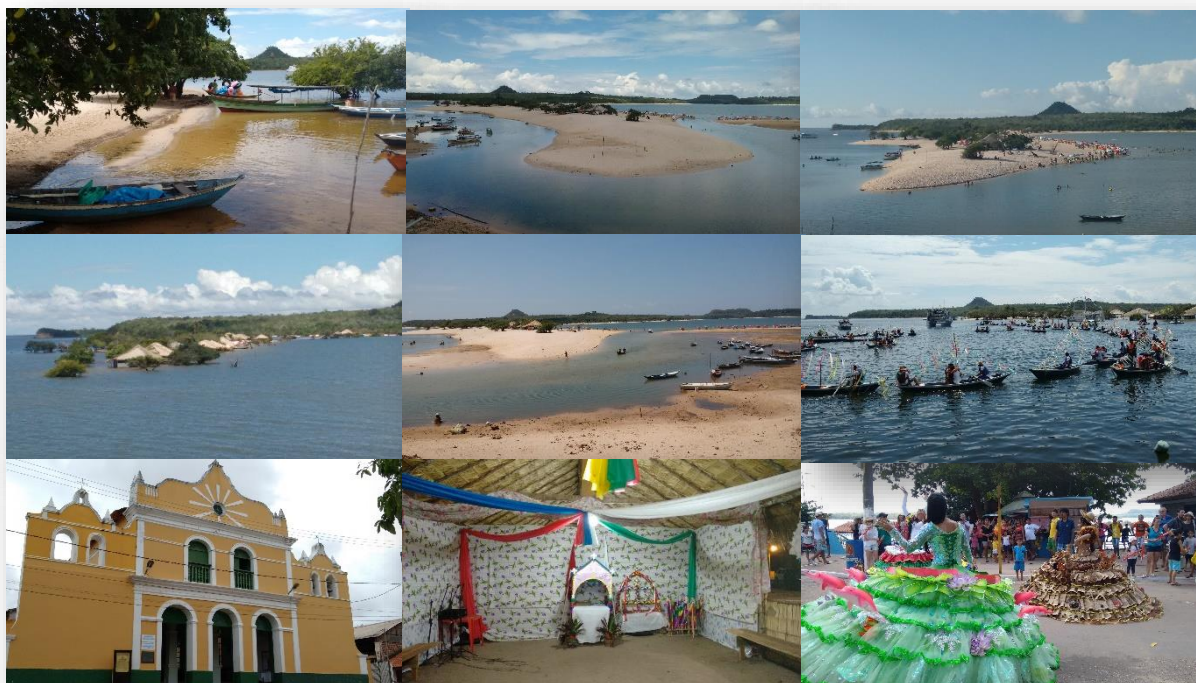




UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO

SANDRA MARIA SOUSA DA SILVA

TURISMO, SUSTENTABILIDADE E CAPITAL SOCIAL EM
UMA VILA AMAZÔNICA: O CASO DE ALTER DO CHÃO
(SANTARÉM, PARÁ, BRASIL)



Santarém-Pará
2018

SANDRA MARIA SOUSA DA SILVA

**TURISMO, SUSTENTABILIDADE E CAPITAL SOCIAL EM
UMA VILA AMAZÔNICA: O CASO DE ALTER DO CHÃO
(SANTARÉM, PARÁ, BRASIL)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento – PPGSND, da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, na área de concentração Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, para a obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Luciana Gonçalves de Carvalho.

Co-orientador: Silvio José de Lima Figueiredo.

**Santarém-Pará
2018**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

S586t Silva, Sandra Maria Sousa da
Turismo, sustentabilidade e capital social em uma vila amazônica: o caso de Alter do Chão (Santarém, Pará, Brasil) / Sandra Maria Sousa da Silva. – Santarém, 2018.

302 f.: il.

Inclui bibliografias.

Orientadora: Luciana Gonçalves de Carvalho; coorientador: Silvio José de Lima Figueiredo.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento.

1. Turismo - Amazônia. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Capital social. I. Carvalho, Luciana Gonçalves de, *orient.* II. Figueiredo, Silvio José de Lima, *coorient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 338.4791811

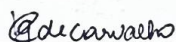
SANDRA MARIA SOUSA DA SILVA

**TURISMO, SUSTENTABILIDADE E CAPITAL SOCIAL EM UMA VILA
AMAZÔNICA: O CASO DE ALTER DO CHÃO (SANTARÉM, PARÁ, BRASIL)**

A banca examinadora instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, é de parecer favorável à aprovação de Sandra Maria Sousa da Silva, em relação ao seu trabalho de tese de doutorado.

Data de aprovação: 14/12/2018

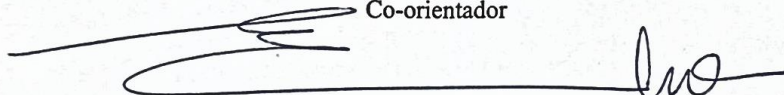
BANCA EXAMINADORA



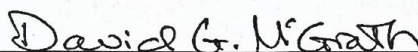
Prof. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho (PPGSND/UFOPA)
Orientadora



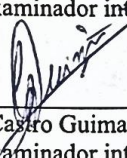
Prof. Dr. Silvio José de Lima Figueiredo (NAEA/UFPA)
Co-orientador



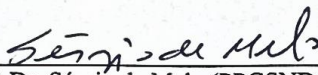
Prof. Dra. Ednéa do Nascimento Carvalho (PPGCS/UFOPA)
Examinadora externa



Prof. Dr. David Gibbs McGrath (PPGSND/UFOPA)
Examinador interno



Prof. Dr. Jarsen Luis Castro Guimarães (PPGSND/UFOPA)
Examinador interno



Prof. Dr. Sérgio de Melo (PPGSND/UFOPA)
Examinador interno

Prof. Dr. Wilker Ricardo de Mendonça Nóbrega (PPGTUR/UFRN)
Examinador externo - Via Skype

DEDICATÓRIA

Ao meu pai de coração, Francisco de Assis (*in memoriam*), minha inspiração para ser uma pessoa melhor;

À minha mãe, Maria Neci pelo seu amor incondicional;

Aos meus irmãos José Augusto e Ivanete, por fazerem parte da minha existência;

À minha sobrinha Renata e ao meu cunhado Wilson, pelo apoio e amizade.

GRATIDÃO/AGRADECIMENTOS

A minha gratidão maior, a Deus, a inteligência suprema.

A minha família, pelo incentivo, compreensão e paciência, em especial, ao meu irmão e minha mãe, pelo apoio financeiro no início da minha carreira acadêmica. Minha Eterna Gratidão!

A Professora Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho, por não ter medido esforços para me orientar. Suas preciosas correções foram fundamentais para a construção de uma tese mais clara e compreensiva. Gratidão pelo incentivo e a confiança depositada!

Ao Prof. Dr. Silvio José de Lima Figueiredo, pela co-orientação e grande contribuição para a finalização desse trabalho, e por quem tenho uma grande amizade e admiração profissional, desde a primeira orientação na minha graduação. Gratidão por fazer parte dessa trajetória!

Aos moradores de Alter do Chão, aos empreendedores turísticos, representantes das associações, conselho comunitário, administração da Vila, turistas e moradores de Santarém entrevistados, minha gratidão pelas informações cedidas, as quais foram fundamentais para a construção desse trabalho, os atores principais.

Ao Curso de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento – PPGSND, pela oportunidade dada ao progresso científico de cada aluno.

À Universidade Federal do Oeste do Pará, através do Centro de Formação Interdisciplinar, pela liberação das minhas atividades profissionais para uma maior dedicação a este processo de construção científica.

Aos alunos da Universidade Federal do Oeste do Pará (Neylaine da Silva Santana; Juliana Machado Almeida; Edson de Lima Ferreira; Valéria Fabrícia da Silva Pereira) pela valiosa contribuição na pesquisa de campo. Gratidão sempre!

Ao Laboratório de Pesquisa Saúde, Ambiente e Qualidade de Vida, em nome da Professora Iani Lauer Leite e Professor Matinho de Souza Leite, pela valiosa indicação e orientações para o uso do programa Iramuteq.

A professora Ana Carla dos Santos Gomes, pelas orientações estatísticas e pela amizade constituída.

A professora Andréa Barbara S. Bousfield, do Laboratório de Psicologia da Comunicação e Cognição da Universidade Federal de Santa Catarina – LACCOS, pelas

valiosas explicações sobre os procedimentos em relação ao uso do Iramuteq e tirar minhas dúvidas via e-mail, mesmo sem me conhecer foi de uma atenção especial.

À Secretaria Municipal de Turismo, em especial a Elcivânia Barreto e Diego Pinho Caldeira, pelas informações concedidas e que foram fundamentais para a compreensão do Sistema de Turismo de Alter do Chão.

À Secretaria Municipal de Infraestrutura, na pessoa de José Palheta Ramos, pelas informações fornecidas acerca dos resíduos sólidos.

A Dona Laurecilda Sardinha de Vasconcelos, que gentilmente acolheu-me em sua barraca para que eu pudesse vivenciar um dia de trabalho. Trabalho árduo dos barraqueiros da praia “Ilha do Amor”. Gratidão pela acolhida e informações cedidas do cotidiano de um barraqueiro em Alter do Chão!

A Ana Sarmento, uma valiosa e maravilhosa amizade que o curso me proporcionou. Além de uma grande amiga que se tornou, uma grande oportunidade de reencontro de almas, uma irmã. Gratidão por me permitir adentrar em sua vida e tornar-me sua irmã/amiga e por todos os momentos de apoio e incentivos direcionados a mim!

Aos amigos do curso, especialmente, Gilcideya Soares, pela amizade.

A todos que direta e indiretamente contribuíram com suas vibrações positivas para que eu pudesse concretizar essa tese de doutorado, Minha Eterna Gratidão!

RESUMO

O turismo, enquanto projeto de desenvolvimento local, deve ser analisado em cada contexto específico a fim de verificar, entre outros fatores, como ocorrem os procedimentos de gestão e sustentabilidade a partir das múltiplas variáveis e dos atores sociais nele envolvidos. O objetivo principal deste trabalho foi analisar as principais características e a sustentabilidade do fenômeno turístico na vila de Alter do Chão, em Santarém/PA, que é considerada um lugar turístico consolidado nacional e internacionalmente, por meio de uma dimensão da sustentabilidade, a do capital social de seus principais sujeitos, dentro da abordagem do pensamento sistêmico. Lançando mão de métodos qualitativos e quantitativos, realizou pesquisa bibliográfica, documental e empírica: duas entrevistas com informantes privilegiados para uma reconstituição do histórico do turismo local e políticas públicas. Quatrocentos e sessenta formulários e cento e setenta e oito questionários foram aplicados junto aos moradores de Santarém (cento e trinta e oito), turistas (cento e trinta e quatro), moradores “nativos” (duzentos e setenta e nove) e “estrangeiros” (seis) que, nos últimos cinco anos, fixaram residência em Alter do Chão, além de empreendedores turísticos locais (quarenta e três - primeira fase e trinta e oito – segunda fase) — donos ou responsáveis por hotéis, pousadas e *hostels*, restaurantes e barracas de alimentação, lojas de artesanato, agências de turismo receptivo. O processo de desenvolvimento da pesquisa consistiu em: descrição dos componentes que constituem o Sistema de Turismo da vila de Alter do Chão; averiguação da acepção, do papel e do envolvimento dos sujeitos sociais moradores de Santarém, turistas, moradores e empreendedores turísticos de Alter do Chão no desenvolvimento do turismo e suas concepções acerca da sustentabilidade do fenômeno; compreensão da sustentabilidade do turismo no viés da relação entre os sujeitos “estrangeiros”, e os empreendedores turísticos nativos ou mais antigos, a partir do capital social. Verificou-se que, em geral, há dificuldade de compreensão do turismo como fenômeno social sistêmico por parte dos sujeitos entrevistados, que possuem visões fragmentadas e individualizadas manifestadas em discursos que enfatizam, principalmente o aspecto econômico do fenômeno. Ademais, nota-se que as relações entre os atores sociais no sistema turístico, principalmente entre os empreendedores, são díspares, não lineares, baseadas em interesses diferentes e representadas por um baixo grau de capital social, e, conseqüentemente, por baixos níveis de confiança, cooperação e participação. Concluiu-se que sustentabilidade do turismo em Alter do Chão é comprometida pelo baixo nível de capital social, embora este possa vir a constituir um instrumento importante para o planejamento e a gestão do turismo local, se se fomentar a participação e a cooperação entre os atores envolvidos de modo a alterar o cenário atual, alinhando-se aos princípios de sustentabilidade que o turismo requer.

Palavras Chaves: turismo; sistema turístico; sustentabilidade; capital social; Alter do Chão (Santarém/PA).

ABSTRACT

Tourism as a local development project has to be analyzed in every specific context in order to verify, among other factors, the way management and sustainability procedures happen considering multiple variables and social actors involved in it. The main goal of this work was to analyze main characteristics and sustainability of tourism in Alter do Chão village, in Santarém / PA, which is considered a consolidated tourist site both on national and international levels, through a sustainability dimension, social capital context of its main subjects, within the systemic thinking approach. Using qualitative and quantitative methods, this study executed bibliographical, documentary and empirical research: two interviews with privileged sources for a reconstruction of the history of local tourism and public policies. 460 forms and 178 questionnaires were applied with residents from Santarem (138), tourists (134), "natives" (279) and "foreigners" (6) who have settled in Alter do Chão in the last five years, as well as local tourist entrepreneurs (43 - first phase and 38 - second phase) — owners or managers of hotels, inns and restaurants, restaurants and food stalls, craft shops, tour agencies. The research development process consisted of: a description of the components that constitute the Tourism System of the Alter do Chão village; checking the meaning, role and involvement of the social subjects who live in Santarem, tourists, residents and tourism entrepreneurs of Alter do Chão in the development of tourism and their conceptions about the sustainability of the phenomenon; understanding the sustainability of tourism in the context of relationship between "foreign" subjects, and natives or older tourism entrepreneurs, considering social capital. It was confirmed that, in general, there is a difficulty in understanding tourism as a systemic social phenomenon for interviewed subjects, who have fragmented and individualized visions shown in discourses that emphasize mainly the economic aspect of the phenomenon. In addition, it is noted that the relationships between social actors in the tourism system, especially among entrepreneurs, are disparate, non-linear, based on different interests and represented by a low degree of social capital, and consequently by low levels of trust, cooperation and participation. It was concluded that the sustainability of tourism in Alter do Chão is compromised by low level of social capital, although this may constitute an important instrument for the planning and management of local tourism if participation and cooperation between the actors involved in order to change the current scenario, in line with the principles of sustainability that tourism requires.

Keywords: tourism; tourism system; sustainability; social capital; Alter do Chão (Santarém/PA)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da vila de Alter do Chão	25
Figura 2 - SISTUR	43
Figura 3 - SISTUR e os princípios dialógicos e hologramáticos a partir da teoria da complexidade.....	46
Figura 4 - Ecossistema Turístico	46
Figura 5 - Barra fluvial chamada “Ilha do Amor” pela população local	57
Figura 6 - Alter do Chão e o Lago Verde.....	58
Figura 7 - Praia “Ilha do Amor” (época da cheia).....	59
Figura 8 - Ao fundo Serra Piroca.....	60
Figura 9 - Praia Ponta do Cururu/Alter do Chão	61
Figura 10 - Procissão de abertura da Festa do Çairé.....	68
Figura 11 - Festividade de Nossa Senhora da Saúde	71
Figura 12 - Igreja de Nossa Senhora da Saúde.....	72
Figura 13 – Análise do corpus temático “não ser turista em Alter do Chão”	93
Figura 14 – Categorizações a partir do corpus temático “não ser turista em Alter do Chão ...	94
Figura 15 – Análise do corpus temático “ser turista em Alter do Chão”	96
Figura 16 – Análise do corpus temático “O que é turismo”	97
Figura 17 – Categorizações a partir do corpus temático “o que é turismo”	98
Figura 18 – Análise do corpus temático “impactos com a visitação”.....	101
Figura 19 – Conjunto de imagens sobre o ambiente em Alter do Chão que reflete a opinião dos entrevistados	104
Figura 20 – Análise do corpus temático “Costumes, tradições, modo de vida da população local”	105
Figura 21 – Categorizações a partir do corpus temático “Costumes, tradições e modo de vida”	106
Figura 22 – Análise do corpus temático “Alter do Chão como lugar turístico”.....	108
Figura 23 – Análise do corpus temático “O que é turismo”	110
Figura 24 – Análise do corpus temático “Imaginário de Alter do Chão”	112
Figura 25 – Imagem “Ilha do Amor”	114
Figura 26 – Análise do corpus temático “impactos com a visitação”.....	117
Figura 27 – Análise do corpus temático “costumes, tradições e modo de vida”.....	120
Figura 28 – Análise do corpus temático “Alter do Chão como lugar turístico”	122

Figura 29 – Análise do corpus temático “O que é turismo”	137
Figura 30 – Categorizações a partir do corpus temático “o que é turismo”	138
Figura 31 – Análise do corpus temático “Entrevistado não foi consultado sobre desejo de receber turistas ”	140
Figura 32 – Análise do corpus temático “Condições de vida melhorou com o desenvolvimento do turismo ”	146
Figura 33 – Análise do corpus temático “Participação no planejamento e nas discussões sobre o turismo”	148
Figura 34 – Análise do corpus temático “Natureza de Alter do Chão - o que deve ser compartilhado com os turistas e o que deve ser reservado ”	152
Figura 35 – Análise do corpus temático “Hábitos, costumes e tradições - o que deve ser compartilhado com os turistas ”	153
Figura 36 – Análise do corpus temático “Alter do Chão como lugar de residência”	156
Figura 37 – Análise do corpus temático “O que é turismo”	157
Figura 38 – Análise do corpus temático “Entendimento sobre hospitalidade”	159
Figura 39 – Análise do corpus temático “O que precisa ser feito para melhorar o turismo” .	172
Figura 40 – Análise do corpus temático “O que é Sustentabilidade de acordo com os moradores de Santarém”	194
Figura 41 – Análise do corpus temático “O que é sustentabilidade de acordo com os turistas”	195
Figura 42 – Análise do corpus temático “O que é sustentabilidade de acordo com os moradores de Alter do Chão”	197
Figura 43 – Categorizações a partir do corpus temático “o que é sustentabilidade de acordo com os moradores de Alter do Chão”	198
Figura 44 – Análise do corpus temático “O que sustentabilidade de acordo com os empreendedores turísticos”	200
Figura 45 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão, segundo os moradores de Santarém”	201
Figura 46 – Categorizações a partir do corpus temático “contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os moradores de Santarém”	201
Figura 47 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os turistas”	203
Figura 48 – Categorizações a partir do corpus temático “contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os turistas”	203

Figura 49 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os moradores de Alter do Chão"	206
Figura 50 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os empreendedores turísticos"	208
Figura 51 – Diagrama representativo de padrão de rede turístico de Alter do Chão.....	266

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Avaliação geral turística de Alter do Chão de acordo com os entrevistados.....	100
Gráfico 2 – Avaliação da satisfação com a experiência de visitaçãõ	102
Gráfico 3 – Percepções dos entrevistados sobre o ambiente natural de Alter do Chão	103
Gráfico 4 – Avaliação geral e turística de Alter do Chão de acordo com os entrevistados ...	116
Gráfico 5 – Avaliação da satisfação com a experiência de visitaçãõ	118
Gráfico 6 – Indicação da experiência turística em Alter do Chão para amigos/parentes	119
Gráfico 7 – Percepções dos entrevistados sobre o ambiente natural de Alter do Chão	119
Gráfico 8 – Origem dos moradores de Alter do Chão	135
Gráfico 9 – Atividade Trabalhista	136
Gráfico 10 – Consulta aos moradores de Alter do Chão sobre desejo de receber turistas.....	139
Gráfico 11 – Relaçãõ/Contato com os turistas	142
Gráfico 12 – Migraçãõ da populaçãõ de Alter do Chão para as áreas periféricas.....	145
Gráfico 13 – Opiniãõ dos comunitários quanto ao turismo em Alter do Chão	149
Gráfico 14 – Percepções dos entrevistados sobre o ambiente natural de Alter do Chão	151
Gráfico 15 – Trabalho de sensibilizaçãõ da comunidade sobre o valor e a importãncia de preservar a cultura local	154
Gráfico 16 – Parceria com outros empreendimentos turísticos	161
Gráfico 17 – Cooperaçãõ entre a iniciativa privada, associações e demais sujeitos	162
Gráfico 18 – Gestãõ compartilhada do turismo	163
Gráfico 19 – Relacionamento entre os empreendimentos e associações locais	164
Gráfico 20 – Relacionamento entre os empreendimentos e moradores locais	165
Gráfico 21 – Planejamento participativo do turismo em Alter do Chão.....	168
Gráfico 22 – Participaçãõ no planejamento participativo do turismo em Alter do Chão	168
Gráfico 23 – Impactos ao meio natural, social e cultura com a visitaçãõ de turistas	169
Gráfico 24 – Satisfaçãõ com o turismo em Alter do Chão.....	171
Gráfico 25 – Emprego de mãõ de obra local.....	209
Gráfico 26 – Programa de responsabilidade social, ambiental e cultural pelos empreendimentos turísticos	211
Gráfico 27 – Membro e frequênciã em associaçãõ, conselho, sindicato, organizaçãõ pelos moradores-estrangeiros	234
Gráfico 28 – Membro e frequênciã em associaçãõ, conselho, sindicato, organizaçãõ pelos empreendedores turísticos	235

Gráfico 29 – Solicitação feita a membros do governo ou líderes políticos pelos empreendedores turísticos	237
Gráfico 30 – Participação dos moradores-estrangeiros em reunião pública sobre turismo em Alter do Chão.....	238
Gráfico 31 – Participação dos empreendedores turísticos em reunião pública sobre turismo em Alter do Chão.....	238
Gráfico 32 – Resolução de algum problema comunitário.....	239
Gráfico 33 – Confiança nas pessoas segundo os moradores-estrangeiros	240
Gráfico 34 – Confiança nas pessoas segundo os empreendedores turísticos.....	241
Gráfico 35 – Confiança entre os moradores nativos e moradores que vieram de outras regiões segundo os moradores-estrangeiros	242
Gráfico 36 – Grau de confiança entre as pessoas de Alter do Chão de acordo com os empreendedores turísticos	242
Gráfico 37 – Reciprocidade generalizada conforme os moradores-estrangeiros	246
Gráfico 38 – Reciprocidade generalizada conforme os empreendedores turísticos	247
Gráfico 39 – Pessoas que trabalham com o turismo disposta a ajudar segundo os empreendedores turísticos	248
Gráfico 40 – Pessoas que trabalham com o turismo tentam ser úteis ou não segundo os moradores-estrangeiros	248
Gráfico 41 – Pessoas que trabalham com o turismo tentam ser úteis ou não segundo os empreendedores turísticos	249
Gráfico 42 – Contribuição com tempo ou dinheiro de acordo os empreendedores turísticos	250
Gráfico 43 – Frequência de encontros dos moradores-estrangeiros com outras pessoas para assuntos locais	251
Gráfico 44 – Frequência de encontros dos empreendedores turísticos com seus pares para assuntos locais e turismo	252
Gráfico 45 – Ajuda financeira para resolver algum problema relacionado as atividades profissionais segundo os moradores-estrangeiros	253
Gráfico 46 – Ajuda financeira para resolver algum problema relacionado a empresa segundo os empreendedores turísticos	254
Gráfico 47 – Quantidade de pessoas que trabalham com o turismo procuram para firmar parceria com os empreendedores turísticos de Alter do Chão.....	255

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Média de gastos na estadia de cinco dias nas Festividades do Çairé 2017.....	64
Quadro 2 – Síntese das ações/atividades contempladas nos planos/programas para Alter do Chão	74
Quadro 3 – Síntese dos serviços/infraestrutura de apoio ao turismo na vila de Alter do Chão	78
Quadro 4 - Meios de hospedagem em Alter do Chão	79
Quadro 5 - Serviços e Equipamentos de Gastronomia na Vila de Alter do Chão	79
Quadro 6 - Empreendimentos de Alter do Chão Cadastrados no Cadastur- 2018.	80
Quadro 7 – Estabelecimentos citados no Inventário da oferta Turística e total de amostragem pesquisada	129
Quadro 8 - Dados Demográficos dos Entrevistados.....	134
Quadro 9 – Quantidade de funcionários que cada empreendimento possui, de acordo com os entrevistados	209
Quadro 10 – Classificação do capital social.....	226

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produto Interno Bruto das Festividades do Çairé 2013-2015.....	63
Tabela 2 - Evolução da população e turistas nas Festividades do Çairé 2007-2015	65
Tabela 3 - Perfil do turista do Çairé 2013-2015	65
Tabela 4 - Perfil do turista do CARNALTER, média dos anos 2013, 2014, 2015, 2016.....	66
Tabela 5 - Perfil do turista do Çairé 2017	66
Tabela 6 - Capacidade da oferta hoteleira e preços médios das diárias - Ano 2015	80
Tabela 7 - Taxa de ocupação meios de hospedagem de Alter do Chão - Ano 2015	80
Tabela 8 – Como você utiliza seu tempo de permanência em Alter do Chão?.....	99
Tabela 9 – Procedência dos turistas	109
Tabela 10 – Como você utiliza seu tempo de permanência em Alter do Chão?.....	115
Tabela 11 – O que você acha da presença de turistas em Alter do Chão?.....	141
Tabela 12 – Mudanças/impactos ocorridos em Alter do Chão com o turismo	143
Tabela 13 – Como você utiliza seu tempo livre em Alter do Chão?	155
Tabela 14 – Divulgação do empreendimento.....	160
Tabela 15 – Insumos e serviços fornecidos ao empreendimento	166
Tabela 16 - Classificação das dimensões do capital social.	229
Tabela 17 – Ações realizadas nos últimos 12 meses pelos moradores-estrangeiros	235
Tabela 18 – Ações realizadas nos últimos 12 meses pelos empreendedores turísticos de Alter do Chão	236
Tabela 19 – Grau de confiança institucional segundo os moradores-estrangeiros.....	244
Tabela 20 – Grau de confiança institucional segundo os empreendedores turísticos.....	245

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
HIPÓTESES DA PESQUISA	23
OBJETIVO GERAL	24
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA	24
METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	26
ESTRUTURAÇÃO DA TESE	34
SISTEMA DE TURISMO DE ALTER DO CHÃO	36
TEORIA GERAL DOS SISTEMAS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	38
SISTEMA TURÍSTICO	41
DADOS SOBRE O TURISMO NO MUNDO, BRASIL, PARÁ E SANTARÉM	48
BREVE CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NA VILA DE ALTER DO CHÃO	51
COMPONENTES DO SISTEMA TURÍSTICO DE ALTER DO CHÃO	57
COMPONENTE ECOLÓGICO	57
COMPONENTE ECONÔMICO	61
COMPONENTE SOCIAL	64
COMPONENTE CULTURAL	67
COMPONENTE DA SUPERESTRUTURA	72
COMPONENTE DA INFRAESTRUTURA	77
COMPONENTE DO MERCADO	78
CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	81
PERCEPÇÕES DE TURISTAS E MORADORES DE SANTARÉM ACERCA DO TURISMO EM ALTER DO CHÃO	83
AS MÚLTIPLAS REALIDADES DO TURISMO	86
O SUJEITO TURÍSTICO	88
CONCEITOS DE TURISTAS E VISITANTES	90
PRÁTICAS TURÍSTICAS DOS MORADORES DE SANTAREM EM ALTER DO CHÃO	93
AS EXPERIÊNCIAS DOS TURISTAS EM ALTER DO CHÃO	109
CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	123
O TURISMO NA VISÃO LOCAL DOS MORADORES DE ALTER DO CHÃO	126
GRUPO SOCIAL AUTÓCTONE	130
PERCEPÇÕES DOS MORADORES DE ALTER DO CHÃO SOBRE TURISMO	134
CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	172

SUSTENTABILIDADE E TURISMO NA CONCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS EM ALTER DO CHÃO	175
SUSTENTABILIDADE.....	177
TURISMO SUSTENTÁVEL	183
SUSTENTABILIDADE NA CONCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS.....	193
CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	213
SUSTENTABILIDADE DO TURISMO A PARTIR DO CAPITAL SOCIAL NA VILA DE ALTER DO CHÃO	216
TURISTAS, VIAJANTES, ESTRANGEIROS	220
CAPITAL SOCIAL	221
CAPITAL SOCIAL E SUSTENTABILIDADE.....	227
INFORMAÇÕES GERAIS DOS MORADORES-ESTRANGEIROS.....	231
DADOS SOBRE CAPITAL SOCIAL EM ALTER DO CHÃO.....	233
ENGAJAMENTO CÍVICO OU SISTEMAS DE PARTICIPAÇÃO	233
ENGAJAMENTO POLÍTICO, COMUNITÁRIO, ENVOLVIMENTO EM ASSOCIAÇÃO E TRABALHO VOLUNTÁRIO	233
NORMAS DE CONFIANÇA E COOPERAÇÃO	239
CONFIANÇA GENERALIZADA	240
CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES	243
RECIPROCIDADE GENERALIZADA	246
APOIO À REDE SOCIAL	251
CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	255
CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS	259
REFERÊNCIAS	268
APÊNDICES	282

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO, PROBLEMA, HIPÓTESES, OBJETIVOS E MÉTODOS DA PESQUISA



INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial do Turismo – OMT (2013), um dos requisitos fundamentais do turismo é abranger os princípios do desenvolvimento sustentável.

O turismo sustentável considera os seus atuais e futuros impactos econômicos, sociais e ambientais, bem como as necessidades dos visitantes, o mercado, o meio ambiente e comunidades receptoras (OMT, 2013). É definido como o turismo que:

Atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida (OMT, 2003, p. 24).

Em uma concepção holística, segundo a OMT (2013, p. 17), “o turismo sustentável não deve ser considerado como um componente separado do turismo, como um conjunto de nicho produtos, mas sim como uma condição do setor de turismo como um todo, que deve trabalhar para tornar-se mais sustentável”.

Sobre a sustentabilidade no turismo, Fennell (2002) argumenta que deve haver uma articulação de todos os segmentos envolvidos na atividade, de modo que os princípios da sustentabilidade sejam encontrados e desenvolvidos em todos os setores, já que a atividade turística apresenta um enorme grau de fragmentação. Segundo o autor, essa fragmentação resulta não apenas do fato de o fenômeno turístico apresentar relação com vários setores e domínios da vida social, mas também do modo como o pensamento dominante do conhecimento científico moderno o encara, prevalecendo estudos em que o turismo não é compreendido como uma totalidade fenomênica, e sim de maneira segmentada.

Acrescente-se que, nessa perspectiva segmentada sobre o tema, a maioria dos autores adotou abordagens economicistas do fenômeno turístico. Tal tendência economicista, conforme Valduga e Moesch (2005), está de acordo com a própria formação dos pesquisadores e com visões do turismo como estratégia de desenvolvimento, muito em voga nas épocas atuais. Nesse sentido, Oliveira (2010, p. 02) aponta que, “de maneira geral, as análises mais comuns privilegiam a abordagem econômica, considerando o turismo não apenas uma atividade econômica, mas sobretudo uma ‘indústria’ propulsora do desenvolvimento”. Figueiredo e Nóbrega (2015, p. 12) expõem que:

Apesar da centralidade do fenômeno social, de suas práticas, a formação do campo científico do turismo foi concebida na relação dos aspectos econômicos e administrativos do turismo como atividade econômica, inclusive com a criação de conceitos específicos do campo, notadamente oferta turística, demanda turística, atração turística etc. Os conceitos iniciais explicativos foram se transformando,

incorporando outras categorias como *efeito multiplicador* e *efeito demonstração*, e vêm sofrendo uma série de alterações com a própria mudança da realidade das viagens turísticas na pós-modernidade, incluindo aí as novas mudanças conceituais que rompem (ou mesmo reposicionam) com a interpretação da ligação do “fenômeno” com “atividade gerencial econômica”, e portanto da ideia de que turismo é viagem-mercadoria. Esse reposicionamento é dado pela ideia de *auto-organização da viagem*.

Nessa conjuntura, urge um olhar sistêmico e complexo do fenômeno turístico sustentável, já que, conforme Brasil (2008, p. 48), “a sustentabilidade é uma função complexa, que combina de maneira particular cinco variáveis: interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade”. Para Arguello (1994 *apud* MOESCH, 2012, p. 8) “todas as partes do sistema interagem, sendo possível desenvolver teorias a partir das suas interações. Tratar-se-ia de estudar o fenômeno turístico segundo os sistemas em que ele se insere e se constitui numa complexa trama de elementos e interações”.

Então, quando o turismo se apresenta como uma realidade que propõe possibilidades de desenvolvimento para uma região ou localidade, é essencial que esse fenômeno seja analisado de um ponto de vista sistêmico e complexo a fim de verificar como ocorre, em vários planos, a gestão dessa atividade em busca da sustentabilidade. Nesse sentido, é preciso considerar a sustentabilidade a partir dos componentes do sistema de turismo - Sistur, quais sejam: o social, o ecológico, o cultural, o econômico, o do mercado, o da infraestrutura e o da superestrutura. Deve-se, ainda, levar em conta os atores institucionais e sociais do turismo, bem como as ferramentas que possibilitem a compreensão das relações entre os sujeitos que fazem parte direta e indiretamente do sistema turístico de uma dada região, como, por exemplo, o capital social — que diz respeito a características da organização social, como confiança, normas ou regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica (PUTNAM, 1996).

Para diversas regiões brasileiras, que dispõem de atributos naturais e características culturais bastante distintas, o turismo pode criar oportunidades consideráveis e satisfatórias de desenvolvimento sócioeconômico. No entanto, é necessário planejamento e ordenamento do turismo, além de políticas públicas sérias e pesquisas, com o intuito de melhor contribuir para a sustentabilidade do fenômeno. Inclusive, deve-se notar que um fator determinante nesse processo relaciona-se aos sujeitos anfitriões, seu entendimento, envolvimento e cooperação para um sistema turístico dinâmico e sustentável.

Com base nessas reflexões iniciais e considerando as realidades amazônicas, optou-se nesta tese por realizar uma investigação sistêmica do fenômeno turístico em Alter do Chão devido ao fato de essa localidade ser o destino turístico mais visitado e conhecido no município de Santarém, no Pará. Está classificada na hierarquização dos atrativos turísticos como “atrativo

estrela”, ou seja, aquele que apresenta atrações singulares capazes de motivar a viagem de turistas internacionais e nacionais (CHIAS MARKETING, 2015). Em 2009, Alter do Chão foi eleita pelo jornal inglês *The Guardian* a praia de água doce mais bonita do mundo (*The Guardian*, 2009), ficando popularmente conhecida como “Caribe Brasileiro”.

Além do mais, nenhum estudo sobre capital social e sustentabilidade do turismo em Alter do Chão foi realizado até o momento. Cabe ressaltar a grande dificuldade de se encontrar pesquisas, estudos acadêmicos e dados oficiais específicos sobre o turismo no referido local. Os trabalhos desenvolvidos em relação ao turismo na Vila são direcionados aos eventos do Sairé e Carnaval, avaliando a demanda que visita o local por essas ocasiões. Alguns artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado podem ser encontrados, mencionando algumas informações sobre o turismo, porém não exclusivamente, explorando esse fenômeno apenas como *link* para o assunto que abordam, seja sobre morfologia urbana e atratividade da destinação turística, cultura da localidade, nesse caso, principalmente, sobre o Sairé, pertencimento a uma Área de Proteção Ambiental ou em trabalhos sobre o turismo no município de Santarém de maneira geral, realizados pela Secretaria Municipal de Turismo.

No que concerne sobre a opção de realizar uma abordagem sobre a sustentabilidade e o capital social destaca-se o papel e a significância desse foco de pesquisa em um destino localizado na Amazônia, ponderando, principalmente, as dimensões ecológicas, culturais e sociais dessa região, além da perspectiva de que um dos princípios mais básico da sustentabilidade é a conduta das práticas sociais dos indivíduos que alí habitam, a partir dos seus preceitos valorativos e morais, estimulando assim, as relações de confiança e cooperação, essenciais em uma determinada sociedade que busca seu desenvolvimento pelo turismo.

Optou-se, também, por uma análise que visa discutir a sustentabilidade do turismo a partir do capital social e não por indicadores de sustentabilidade comumente trabalhados por diversos autores e instituições. A concepção da presente tese baseia-se na proposta de que é possível analisar a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão por meio do capital social, ou seja, considerando, especialmente, as relações, o envolvimento e cooperação das pessoas no desenvolvimento turístico local, posto ser o turismo um fenômeno social, complexo e dinâmico, porque a sua essência requer o sujeito, ora como anfitrião, ora como visitante.

Dessa forma, para compreensão de todas as implicações desse fenômeno social complexo, Moesch (2013) adverte que é importante se ater aos papéis dos sujeitos consumidores e produtores envolvidos nas relações turísticas. Contudo, Figueiredo e Nóbrega (2015) preferem conceber tais sujeitos não como consumidores, mas sim como atores sociais

em situações de encontro e convívio orientado para trocas, desse modo ampliando o sentido do turismo para além do enquadramento mercadológico.

Desse modo, Salles, Fernandes e Limont (2017) relacionam o conceito de capital social e sustentabilidade afirmando que ambos, em sua essência, são orientados pela aproximação relacional de indivíduos, ou seja, de atores sociais capazes de intervir de maneira independente na construção de uma determinada sociedade.

Portanto, partindo da necessidade de ampliar cientificamente estudos acerca da sustentabilidade do turismo, evitando a fragmentação do conhecimento e subdimensionando a participação da comunidade receptora é que importou o ponto de vista dessa comunidade, no sentido de propiciar uma reflexão da realidade atual do turismo em Alter do Chão, com base no capital social.

Esta pesquisa teve como objeto de análise o Sistur de Alter do Chão, a partir dos pressupostos do capital social, com a finalidade de compreensão da sustentabilidade com foco na relação social dos sujeitos envolvidos. Assim, estabeleceu-se como questões de pesquisa:

a) como compreender o turismo enquanto fenômeno multidimensional, interligado com outras variáveis que podem ser fundamentais na dinâmica das organizações e dos sujeitos sociais envolvidos?

b) como avaliar a sustentabilidade do turismo em uma perspectiva sistêmica tendo como eixo central o entendimento das relações dos sujeitos no desenvolvimento do turismo?

c) como o turismo atua de forma complexa na organização dos territórios e quais impactos são recorrentes em localidades receptoras onde o capital social é baixo?

HIPÓTESES DA PESQUISA

A pesquisa fundamentou-se nas seguintes hipóteses:

- A visão sistêmica é necessária para averiguar a sustentabilidade do turismo a partir da relação (interação) dos sujeitos com base no fenômeno turístico como prática social, onde o protagonista é o sujeito, seja como anfitrião ou visitante;
- A dificuldade de compreensão do turismo como fenômeno social sistêmico limita e induz tomadas de decisões e resoluções restritas, de ações pontuais e fragmentadas que contribuem para mudanças nas relações sociais em Alter do Chão, dificultando assim o desenvolvimento do próprio turismo como alternativa sustentável, desejável e possível nessa localidade.

- O capital social em Alter do Chão passa por relações díspares, não lineares de interesses diferentes dos atores sociais que participam do sistema e elas são representadas por um baixo grau de capital social e conseqüentemente, por uma baixa confiança, baixa cooperação e baixa participação.
- O capital social pode ser concebido como instrumento importante para contribuir com o planejamento e a gestão do turismo, contrariamente à forma pontual como o fenômeno ocorre em Alter do Chão, alinhando-se, assim, aos princípios de sustentabilidade.

OBJETIVO GERAL

Analisar a ocorrência do fenômeno turístico na vila de Alter do Chão e sua sustentabilidade, baseando-se na abordagem do pensamento sistêmico, tendo como eixo central a relação dos sujeitos a partir do capital social.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

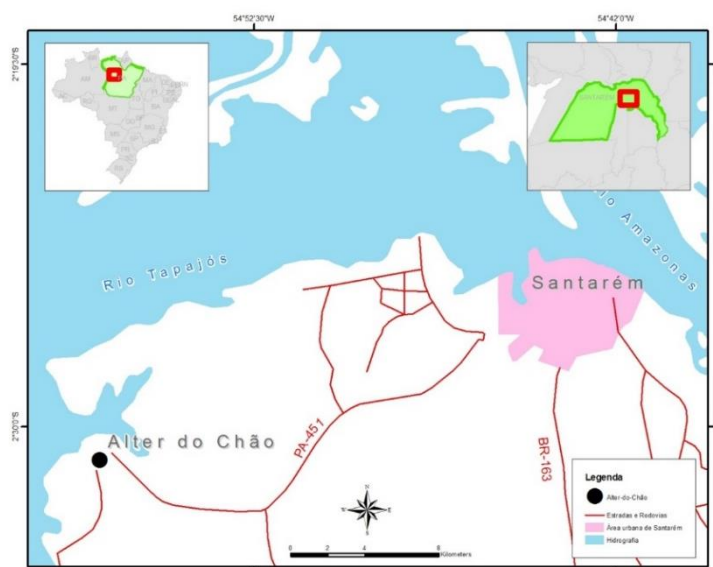
Como objetivos específicos tem-se:

- Descrever os componentes que constituem o Sistema de Turismo da vila de Alter do Chão;
- Averiguar o papel e o envolvimento dos sujeitos sociais no desenvolvimento do turismo e sua concepção acerca da sustentabilidade do fenômeno;
- Compreender a sustentabilidade do turismo no viés da relação entre os sujeitos sociais, a partir do capital social;

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

A vila de Alter do Chão localiza-se na margem direita do rio Tapajós, em seu baixo curso, na confluência deste com o Lago Verde. Tendo como coordenadas centrais 02°30'30" S / 54°57'18" WGr, Alter do Chão é um dos distritos de Santarém e fica distante cerca de 27 km da sede municipal, em linha reta, em sentido oeste-sudoeste (figura 1).

Figura 1 - Localização da vila de Alter do Chão



Fonte: Elaboração de Monteiro (2016) a partir de IBGE, mapeamento sistemático nacional, cartas ao milionésimo.

O acesso a Alter do Chão, partindo da cidade de Santarém, pode ser efetuado por vias terrestre e fluvial. Por via terrestre é utilizada a Rodovia Estadual Everaldo Martins PA-457, pavimentada e sinalizada, e o percurso Santarém - Alter do Chão, com cerca de 32 km, e o percurso pode ser efetuado em um tempo médio de 30 minutos. O acesso fluvial dá-se através do rio Tapajós, partindo do porto de Santarém, com cerca de 35 km, e pode ser efetuado em um tempo médio de 2 horas, de acordo com a embarcação utilizada (SEBRAE, 2003).

Conforme o SEBRAE (2003), a história de Alter do Chão tem seus fundamentos na aldeia da nação do povo “Hibiraribí”, como chamava assim Aires de Casal, ou “Ibiraribí”, segundo Padre João Daniel, posteriormente simplificada e aceita por todos como “Borari” (*grifos do autor*).

Santos (1999 *apud* GUEDES, 2010) relata que, em seus primórdios, a região do Tapajós era habitada pela nação ‘Tapuiuçu’ (*grifo do autor*), que era uma grande nação, composta por várias tribos indígenas. Uma dessas tribos era a tribo dos índios Borari, os habitantes de Alter do Chão quando os portugueses ali chegaram.

Fonseca (1996 *apud* GUEDES, 2010, p.52) discorre que Alter do Chão foi elevada à categoria de vila mesmo antes do município de Santarém. Como antiga aldeia Borari, “[...] ao tempo dos jesuítas chamada de Missão de Nossa Senhora da Purificação”, foi elevada à categoria de vila em 06 de março de 1758, pelo então governador da Província do Grão Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, “[...] cumprindo determinação de seu irmão o Marquês de Pombal, Ministro do Rei de Portugal D. José I”. Foi Mendonça Furtado que deu o nome de

Alter do Chão à mais nova vila criada à época, seguindo o ritual de denominar as vilas criadas nessa região com nomes de cidades portuguesas como forma de homenagear a Corte Portuguesa e marcar o território como uma extensão de Portugal.

Da criação da vila de Alter do Chão à sua elevação a distrito, de acordo com Guedes (2010) passaram-se exatos cento e noventa anos. O distrito de Alter do Chão foi criado pela lei estadual nº. 158, de 31 de dezembro de 1948, e limita-se ao norte com o distrito de Curuaí e o rio Amazonas, ao sul com o município de Belterra e distrito de Boim, a leste com o distrito de Santarém e, a oeste, com o município de Juruti, ocupando uma superfície de 1.706 km², da área total de Santarém. A vila de Alter do Chão pode ser considerada como a principal comunidade do distrito, já que seus aspectos históricos, econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais a deixam em situação de relevante destaque em relação às demais comunidades que o compõem.

A região de Alter do Chão apresenta florestas, igapós, campinaranas, capoeiras, florestas secundárias e manchas de savana amazônica (cerrado) em cerca de 50 km² de um solo muito arenoso, coberto por capins, entre os quais os mais abundantes são *Trachypogon plumosus* e *Paspalum caranatum*, e dotado de baixa quantidade de nutrientes e alta concentração de alumínio, que é tóxico para as plantas. A maioria das espécies arbóreas desse ambiente é adaptada ao fogo, como o murici (*Byrsonima crassifolia*) (SANAIOTTI, 1996 *apud* SEBRAE, 2003). Vale ressaltar que a vila de Alter faz parte de uma unidade de conservação municipal, a Área de Proteção Ambiental - APA de Alter do Chão, que foi criada em 02/07/2003, pelo Decreto Municipal nº 17.771/03, com uma área de 16.180 hectares, com o intuito de promover a manutenção e o uso dos recursos naturais pelas comunidades que habitam a região (RENTE, 2006).

Conforme levantamentos realizados em documentos no posto de saúde da vila de Alter do Chão, a população em 2015 contava com 3.422 pessoas, sendo 1.707 do sexo masculino e 1.715 do sexo feminino, correspondendo a 926 famílias.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

O arcabouço teórico dessa tese apresenta inicialmente uma abordagem sistêmica e, posteriormente fenomenológica no sentido de compreender o fenômeno turístico a partir do capital social na vila de Alter do Chão. Para tanto, busca trabalhar com as visões empreendidas por Beni com o sistemismo e Moesch com a fenomenologia. Esses dois autores procuram construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas, pois perceberam que o Sistema de

Turismo foi se mostrando insuficiente para o objetivo proposto de se compreender o turismo em sua complexidade nos diferentes territórios e em suas diferentes formas de desenvolvimento (BENI e MOESCH, 2017).

Para tal, os autores propõem a reconstrução do modelo do Sistema de Turismo - Sistur com base na teoria da complexidade, tendo como princípios dialógicos e hologramáticos os objetos social, ecológico, cultural, econômico, do mercado, da infraestrutura e da superestrutura. O turismo é compreendido como um sistema aberto, orgânico, que não pode ser estudado como uma entidade radicalmente isolada, portanto seu conteúdo é de natureza interdisciplinar e transdisciplinar. Vale destacar que essa nova proposta está em construção pelos autores.

Além disso, aliar a visão sistêmica e a visão fenomenológica permite avançar, também, na apreensão do turismo a partir das relações sociais, pois segundo Beni e Moesch (2017) são as relações sociais que configuram ao ecossistema turístico sua energia, sua força dinamizadora como humana, e, tendo como base essa concepção é que se propõe introduzir uma abordagem do capital social relacionando-o a sustentabilidade do turismo na vila de Alter do Chão. Os estudos de Putnam (1996), Fukuyama (1996), do Banco Mundial (2001) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2013), entre outros orientaram a teoria sobre capital social, bem como os investimentos empíricos realizados em campo conduziram para uma análise do sistema de turismo de Alter do Chão para uma compreensão das relações sociais dos sujeitos entrevistados.

O presente estudo constituiu-se em uma pesquisa descritiva, que, de acordo com Veal (2011, p. 29) “é muito comum na área de lazer e turismo por três motivos: o caráter incipiente do ramo, a natureza mutante dos fenômenos estudados e a frequente separação entre pesquisa e ação”. O autor enfatiza que lazer e turismo são campos de estudo relativamente novos, portanto, existe a necessidade de mapear o território. Por isso, parte da pesquisa descritiva pode ser considerada exploratória, pois procura descobrir, descrever ou mapear padrões de comportamento em áreas ou atividades que não foram previamente estudadas.

A pesquisa exploratória tem por objetivo proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar, ou seja, visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses (ANDRADE, 1999; BECKER, 2003), e procura aprimorar ideias caracterizando-se por possuir um planejamento flexível, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análises de exemplos similares. As formas mais comuns de apresentação são a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso (DENCKER, 1998), ambas adotadas neste trabalho.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material elaborado anteriormente, constituído principalmente de livros e artigos científicos, além do levantamento de referenciais publicados em meios eletrônicos, como páginas da Internet (GIL, 1989; BECKER, 2003). Dencker (1998) afirma que esse tipo de pesquisa possibilita um grau de amplitude maior, economia de tempo e levantamento de dados históricos.

Conforme Yin (2010, p. 39 e 40), o estudo de caso é uma investigação empírica que: i) “investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto da vida real, especialmente quando ii) os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”. A investigação no estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente diferenciada em que existirão muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, i) “conta com múltiplas fontes de evidências, com os dados precisando convergir de maneira triangular, e, como outro resultado, ii) beneficia-se do desenvolvimento anterior das proposições teóricas para orientar a coleta e a análise de dados.

O estudo de caso tem uma finalidade dupla. Tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo e ao mesmo tempo tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais (BECKER, 1997). Nessa mesma lógica, Yin (2010) pontua que o estudo de caso é uma investigação empírica, um método que abrange planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos.

No estudo de caso são reunidas informações tão numerosas e detalhadas quanto possíveis com o intuito de apreender o todo do fenômeno (SIENA, 2007). De acordo com De Deus, Cunha e Maciel (2010), na prática do estudo de caso é fundamental destacar as técnicas e os instrumentos que contribuem com a coleta de dados. Dentre as diversas técnicas e instrumentos, as autoras ressaltam a observação participante, a entrevista, a análise documental e a pesquisa etnográfica.

Este estudo, finalmente, apresenta-se como descritivo e exploratório, e faz uso tanto de estudos bibliográficos quanto empíricos de um caso determinado, pois busca conhecer o sistema turístico da vila de Alter do Chão, compreender como o fenômeno turístico se desenvolve e pondera sobre sua sustentabilidade, tendo como eixo central da análise o capital social e a relação dos atores sociais envolvidos no sistema, entre os quais: moradores de Santarém e turistas que visitam o local, moradores e empreendedores turísticos de Alter do Chão. Na confluência de conceitos e métodos adotados, pretende-se oferecer uma contribuição original à pesquisa sobre turismo em Alter do Chão, já que, até o presente momento, não foram encontrados trabalhos voltados para o estudo da sustentabilidade desse fenômeno relacionando-a ao capital social local.

A pesquisa foi conduzida por uma abordagem qualitativa e quantitativa. Dencker (1998) pondera que uma combinação desses dois enfoques permite conhecer não apenas a frequência dos fenômenos, mas também como eles ocorrem e quais razões os explicam.

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Os ambientes naturais, sociais e culturais são as fontes diretas para a coleta de dados, e o pesquisador é o instrumento-chave que tende a analisar seus dados indutivamente. Esse tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis (BECKER, 2003).

A pesquisa quantitativa, de acordo com Becker (2003), significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, e colhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros.

Escolha dos Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram compostos pelos seguintes grupos: moradores de Santarém; turistas; moradores de Alter do Chão; empreendedores turísticos locais (hotéis, pousadas e *hostels*), restaurantes, barracas de alimentação localizadas na praia “Ilha do Amor”, lojas de artesanatos e agências de turismo receptivo), além de estrangeiros (atualmente novos moradores de Alter do Chão).

A escolha desses sujeitos está relacionada ao fato de que são atores formadores de opiniões com visões e percepções diferenciadas sobre o que ocorre em relação ao turismo. Os moradores de Santarém são visitantes constantes da Vila e influenciam consideravelmente a dinâmica do fenômeno do ponto de vista social, econômico, cultural e ambiental. Os turistas, no sentido *stricto sensu*,¹ que vêm de outras regiões, estados e países também influenciam a dinâmica do local, assim como os sujeitos anteriores. Os moradores e empreendedores turísticos de Alter do Chão, são sujeitos na condição de visitados; e os estrangeiros (atualmente novos moradores de Alter do Chão, que fizeram da Vila sua nova residência e do turismo local o meio

¹ Sobre a definição de turista há bastantes debates na academia e em instituições governamentais, mas, para fins da delimitação dos sujeitos participantes desta pesquisa, foram tomados no sentido mais estrito que se refere a pessoas que vêm de outras regiões, estados e países para estadas temporárias no destino.

de ganhar dinheiro), que, no decorrer da pesquisa de campo, constatou-se ser um perfil importante a ser trabalhado no que se refere ao capital social e à sustentabilidade, devido serem sujeitos que podem potencializar o capital social e a dinâmica do turismo em Alter do Chão, pois carregam práticas sociais e capital social dinamizados por relações anteriores com outras pessoas em outros lugares.

Também foram realizadas entrevistas com o senhor Donaldo Lobato de Sousa, morador de Alter do Chão, que contribuiu para uma breve caracterização do turismo na Vila, e com o senhor Diego Pinho Caldeira, atual Secretário Municipal de Turismo de Santarém (SEMTUR), ora representante do poder público no contexto estudado, cuja informações contribuíram para a elaboração do componente Superestrutura, do sistema turístico de Alter do Chão. Vale destacar que embora, o poder público não foi trabalhado na mesma proporção que os demais sujeitos dessa pesquisa, principalmente no que se refere ao capital social, por considerar uma instância de governança e governabilidade, e não faz parte dos sujeitos da sociedade civil, mas que se constitui em sujeito importante para o Sistema de Turismo de Alter do Chão, devido, principalmente direcionar a dimensão da superestrutura do Sistor. Alguns dados obtidos em documentos da Secretaria Municipal de Turismo, bem como entrevista com o seu representante estão incluídos na composição do Sistor de Alter do Chão, especificados no capítulo 2 dessa tese.

Buscou-se conhecer as percepções dos sujeitos sociais sobre o que é turismo, sustentabilidade e capital social, nesse último caso, especificamente com os empreendedores turísticos e os estrangeiros (novos moradores), por considerar que são atores com mais responsabilidades de direcionamento e envolvimento direto com o desenvolvimento do turismo.

Segundo Tuan (1980, p. 04) a percepção é:

Tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Tuan afirma, ainda, que o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do meio ambiente não têm, talvez, muita importância. Todavia, em uma sociedade de alta mobilidade, as impressões das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. De maneira geral, pode-se dizer que a percepção do visitante frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao

contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da imersão na totalidade de seu meio ambiente, e a confrontação com a novidade pode levá-lo a manifestar-se.

A percepção das pessoas, sobre determinado assunto, é sempre carregada de uma visão própria de cada indivíduo, formada a partir de variáveis como meio social, história de vida, nível de escolaridade, religião, atividade econômica, entre outros. Conseqüentemente, cada indivíduo percebe o mundo qualitativa, efetiva e valorativamente, e é a partir dessa percepção que define seu modo de relação com a sociedade (OLIVEIRA, 2006, p. 03).

Para Carvalho (2010), apesar da percepção ser individual, ao se analisar as impressões de uma população, de modo geral, pode ser considerado o entendimento comum, ou seja, a vontade da maioria. Com relação ao turismo, a percepção dos moradores é necessária para compreender como eles veem o fenômeno e como estão inseridos nele.

Assinala-se que a percepção das pessoas em relação ao turismo não deve ser considerada como a chave para o conhecimento total do assunto em questão, mas sim um mecanismo para analisar como tais pessoas estão interpretando os fatos e quais elementos dos fatos em sua análise aprofundada estão sendo desconhecidos, reinterpretados ou percebidos de forma distorcida por essa percepção (OLIVEIRA, 2006, p. 03).

Técnica e Instrumentos de Coleta de Dados

A técnica de coleta de dados junto aos sujeitos participantes da pesquisa foi a partir da observação simples, que, conforme Gil (2008, p. 101):

É aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Embora a observação simples possa ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, coloca-se num plano científico, pois vai além da simples constatação dos fatos. Em qualquer circunstância, exige um mínimo de controle na obtenção dos dados. Além disso, a coleta de dados por observação é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos.

Como instrumento de coleta de dados para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se questionários junto aos turistas e estrangeiros (atualmente moradores da Vila) e formulários junto aos moradores de Santarém, moradores de Alter do Chão e empreendedores turísticos. Ambos instrumentos e seus procedimentos são melhor detalhados no capítulo que aborda os dados obtidos junto aos referidos sujeitos e encontram-se nos apêndices. Vale destacar a diferença entre formulário e questionário. Segundo Prodanov e Freitas (2013), o formulário é o sistema de coleta de dados que obtém informações diretamente do entrevistado e são anotadas pelo entrevistador. O questionário é uma série ordenada de perguntas que devem ser

respondidas por escrito pelo informante (respondente). Sua confecção é feita pelo pesquisador, e seu preenchimento é realizado pelo informante ou respondente.

Também foram realizadas entrevistas com roteiro pré-estabelecido (nos apêndices) com o representante da Secretaria Municipal de Turismo (SEMTUR), representantes de associações locais (lanchas, catraias, artesanato); o Presidente do Conselho Comunitário; e o Administrador da Vila. Suas declarações e impressões a respeito do turismo em Alter do Chão contribuem para uma melhor compreensão geral da realidade local. Os dados coletados relacionados às questões fechadas de questionários e formulários foram armazenados nos formulários do Google Drive e posteriormente exportados para o programa Excel Office 365 da Microsoft. A interpretação dos resultados teve como base as tabelas e gráficos gerados pelo programa Excel. O método estatístico utilizado em relação a eles foi o descritivo, que corresponde à etapa inicial da análise.

No que diz respeito às questões abertas, as mesmas foram tratadas no *software* livre Iramuteq.

Trata-se de um *software* que viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica, que abrange sobretudo a lematização e o cálculo de frequência de palavras; até análises multivariadas como classificação hierárquica descendente, análise pós-fatorial de correspondências e análises de similitude. Por meio desse *software*, a distribuição do vocabulário pode ser organizada de forma facilmente compreensível e visualmente clara com representações gráficas pautadas nas análises lexicográficas (CAMARGO e JUSTO, 2016, p. 04).

De acordo com os autores acima mencionados, as análises no Iramuteq podem ser realizadas tanto a partir de um grupo de textos a respeito de uma determinada temática (*corpus* textual) reunidos em um único arquivo de texto, como a partir de matrizes com indivíduos em linha e palavras em coluna, organizadas em planilhas, como é o caso dos bancos de dados construídos a partir de testes de evocações livres.

Segundo Camargo e Justo (2016) são diversos tipos de análise de dados textuais que o Iramuteq realiza, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (como cálculo de frequência de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente). Os autores detalham cada uma:

I) Análises Lexicográficas Clássicas – Identifica e reformata as unidades de texto, transformando textos em ST, identifica a quantidade de palavras, frequência média e *hapax* (palavras com frequência igual a um), pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (formas reduzidas), cria do dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares.

II) Especificidades e Análise Fatorial de Correspondência – Associa textos com variáveis, ou seja, possibilita a análise da produção textual em função das variáveis de caracterização. Oferece uma análise fatorial de correspondência para variáveis com no mínimo 3 modalidades.

III) Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) – Os ST são classificados em função dos seus respectivos vocabulários, e o conjunto deles é

repartido em função da frequência das formas reduzidas. A partir de matrizes cruzando formas reduzidas e ST (em repetidos testes do tipo χ^2), aplica-se o método de CHD e obtém-se uma classificação definitiva. Esta análise visa obter classes de ST que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos das outras classes. A partir dessas análises o *software* organiza a análise dos dados em **um dendograma** que ilustra as relações entre as classes. O *software* executa cálculos e fornece resultados que nos permite a descrição de cada uma das classes, principalmente, pelo seu vocabulário característico (léxico) e pelas suas palavras com asterisco (variáveis). Além disto, o *software* fornece uma outra forma de apresentação dos resultados, através de uma análise fatorial de correspondência feita a partir da CHD. Com base nas classes escolhidas, o *software* calcula e fornece os ST mais característicos de cada classe permitindo a contextualização do vocabulário típico de cada classe. Estas classes de palavras e segmentos de texto, em nível do *software* são compostas de vários segmentos em função de uma classificação segundo a distribuição do seu vocabulário.

IV) Análise de Similitude – Baseia-se na teoria dos grafos e é utilizada frequentemente por pesquisadores das representações sociais. Possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexão entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual.

V) Nuvem de Palavras – Agrupa as palavras e as organiza graficamente em função da sua frequência (CAMARGO e JUSTO, 2016, p. 10-11).

As principais análises adotadas para os resultados dessa tese foram: método da classificação hierárquica descendente (CHD), análise de similitude e nuvem de palavras.

Camargo e Justo (2016) salientam que as análises do tipo CHD, para serem úteis à classificação de qualquer material textual, requerem uma retenção mínima de 75% dos segmentos de texto (alguns autores, falam da possibilidade de se considerar o aproveitamento de 70% dos segmentos de textos). Na presente tese considerou-se a retenção mínima de 70% por ponderar uma percentagem adequada aos dados coletados a partir de respostas curtas.

Etapas Metodológicas

As seguintes etapas metodológicas foram realizadas para a efetivação da pesquisa. Algumas etapas foram realizadas concomitantemente:

- 1) Pesquisa bibliográfica, documental e de campo para descrever o sistema de turismo de Alter do Chão:
 - Levantamento dos componentes do sistema do turismo, tendo como base de referência as obras de Beni (2003) e o Inventário da Oferta Turística do Município de Santarém (2015) e constatação em campo com registro fotográfico;
 - Entrevista com um morador de Alter do Chão para constituição do histórico do turismo na Vila.
- 2) Análise do turismo e sustentabilidade

- Pesquisa com turistas, por meio da aplicação de questionário (134 entrevistados);
 - Pesquisa com os moradores de Santarém, por meio da aplicação de formulário (138 entrevistados);
 - Pesquisa com os moradores de Alter do Chão, por meio da aplicação de formulário (279 entrevistados);
 - Pesquisa com os empreendedores turísticos, por meio da aplicação de formulários (43 entrevistados);
 - Entrevistas com o secretário municipal de turismo; presidente do Conselho Comunitário; administrador da Vila; e presidentes das associações dos catraieiros; lancheiros e artesanato;
- 3) Estudo teórico, revisão da literatura e a tese sobre os temas da pesquisa:
- Conceitos, tipologias, classificações e reflexões sobre o sistema turístico, turismo como fenômeno social, desenvolvimento sustentável, sustentabilidade do turismo e capital social.
- 4) Análise do capital social e sustentabilidade
- Pesquisa com os estrangeiros, hoje moradores de Alter do Chão (6 entrevistados);
 - Pesquisa com os empreendedores turísticos de Alter do Chão (38 entrevistados).
- 5) Elaboração das recomendações sobre o capital social para aplicação em Alter do Chão na contribuição para uma sustentabilidade do turismo local.

Para a realização das ações contou-se com o apoio de uma equipe formada por três discentes da Universidade Federal do Oeste do Pará, dos cursos de Ciências Econômicas, Ciências e Tecnologia das Águas e Agronomia para aplicar os formulários junto aos entrevistados (moradores de Alter do Chão e moradores de Santarém).

ESTRUTURAÇÃO DA TESE

A estrutura da tese é apresentada em capítulos específicos, para uma melhor compreensão dos estudos realizados, bem como para facilitar futuras publicações em periódicos científicos. Portanto, os referidos capítulos são apresentados com uma contextualização geral do assunto, revisão de literatura, resultados obtidos e as considerações e recomendações.

O Capítulo 1 apresenta a introdução com a justificativa do estudo, hipótese e objetivos da pesquisa e delinea a metodologia utilizada e o desenho da estrutura da tese;

O Capítulo 2 descreve o sistema turístico, suas conceituações por diversos autores e propostas atuais de reconstrução do sistema turístico a partir da teoria da complexidade e da transdisciplinaridade. A partir do referencial teórico, o sistema do turismo de Alter do Chão é apresentado com os componentes Ecológico, Econômico, Cultural, Infraestrutura, Mercado, Superestrutura.

O Capítulo 3 discorre sobre o fenômeno turístico em Alter do Chão a partir da aceção dos turistas e moradores de Santarém, compreendendo o papel e o envolvimento desses sujeitos no desenvolvimento do turismo na vila de Alter do Chão.

O Capítulo 4 ainda discorre sobre o fenômeno turístico em Alter do Chão, porém a partir da aceção dos moradores e empreendedores turísticos de Alter do Chão, buscando também compreender o papel e o envolvimento desses sujeitos no desenvolvimento do turismo local.

No Capítulo 5 é realizada uma abordagem sobre sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e turismo sustentável, buscando analisar essas temáticas, considerando as visões dos quatro grupos envolvidos na pesquisa (moradores de Santarém, turistas, moradores e empreendedores turísticos de Alter do Chão, no intuito de compreender suas concepções e contribuições.

O Capítulo 6 aborda a sustentabilidade do turismo a partir do capital social na vila de Alter do Chão, com base nos dados obtidos junto aos empreendedores turísticos e pessoas viajantes que chegaram no local como estrangeiros, mas que atualmente são moradores da Vila. A base teórica é inspirada em Putnam (1996), Fukuyama (1996), Banco Mundial (2001) e OECD (2013) e Ignacy Sachs (2008).

No Capítulo 7 as considerações finais são apresentadas, verificando-se as hipóteses inicialmente formuladas e as recomendações são descritas a fim de melhor contribuir com a localidade estudada para um desenvolvimento do turismo que busque alternativas para a sustentabilidade de suas ações.

CAPÍTULO 2

SISTEMA DE TURISMO DE ALTER DO CHÃO



A Teoria Geral dos Sistemas, também conhecida como Abordagem Sistêmica ou Teoria dos Sistemas, teve seu aparecimento entre os anos 20 e 30 do século XX, porém só publicada anos mais tarde. Seu precursor foi Ludwig Von Bertalanffy, teórico e biólogo austríaco, que a concebeu com a finalidade de romper o paradigma científico da época, caracterizado pelo reducionismo cartesiano (VELASQUEZ e OLIVEIRA, 2016).

Segundo Beni (2003, p. 17), a Teoria Geral dos Sistemas “afirma que cada variável, em um sistema, interage com as outras variáveis de forma tão completa que causa e efeito não podem ser separados. Uma única variável pode, ao mesmo tempo, ser causa e efeito”. Nesse sentido, Beni (2003) ressalta que uma das principais contribuições da teoria de Ludwig Von Bertalanffy residiu em postular a necessidade de compreender os princípios da integridade e da auto-organização em todos os níveis.

Velasquez e Oliveira (2016) informam que a Teoria Geral dos Sistemas passou a ser absorvida pelas diversas áreas do conhecimento, promovendo uma mudança na atitude geral das concepções científicas até então existentes. Suas aplicações têm se dado desde a biofísica dos processos celulares à dinâmica das populações, dos problemas da física aos da psiquiatria, da política, das unidades culturais e, também, do turismo (BENI, 2003).

Assim, o fenômeno do turismo passou a ser investigado pelo viés da Teoria Geral dos Sistemas por inúmeros estudiosos, em diversos países. No Brasil, a concepção do sistema de turismo é atribuída ao pesquisador Mário Beni, que desenvolveu tese de doutoramento nessa linha de pesquisa, a qual culminou com a publicação do livro *Análise Estrutural do Turismo*, em 2003. Na obra, o autor dedica-se à finalidade de conhecer a estrutura do fenômeno turístico, abordando-o como diversos e complexos conjuntos de causas e efeitos (BENI, 2003).

Inspirado pelas vertentes teóricas e investigativas ora demonstradas, este capítulo tem o objetivo de apresentar os principais elementos que constituem o sistema de turismo de Alter do Chão, locus delimitado desta pesquisa. Trata-se, pois, da identificação e da descrição dos componentes do referido sistema como ponto de partida para o desenvolvimento de reflexões posteriores com vistas a sistematizar conhecimentos de uma dada realidade.

Para proceder à tarefa proposta neste capítulo, aliaram-se pesquisas documental e bibliográfica com entrevistas semiestruturadas realizadas em campo, observando que essas últimas, de acordo com Triviños (1987, p. 146):

[...] parte[m] de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e [...] em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Inicialmente, a revisão do Inventário da Oferta Turística do Município de Santarém (2015, 2018) permitiu identificar os recursos e atrativos turísticos (naturais, históricos, culturais, religiosos) de Alter do Chão; os estabelecimentos de hospedagem (hotéis, pousadas e *hostels*) e alimentação (bares e restaurantes); os meios transportes disponíveis na localidade e as agências de turismo que nela operam. Os dados contidos no Relatório Socioambiental de Alter do Chão, elaborado por Vasconcelos (2010) no âmbito do Projeto Agenda Cidadã, também subsidiaram o processo de construção do histórico do turismo em Alter do Chão.

As entrevistas foram realizadas com o senhor Donaldo Lobato de Sousa, morador de Alter do Chão, que contribuiu para uma breve caracterização do turismo na Vila, e com o senhor Diego Pinho Caldeira, atual Secretário Municipal de Turismo de Santarém (SEMTUR), cuja informações contribuíram para a elaboração do componente Superestrutura, do sistema turístico de Alter do Chão.

Ressalta-se que a intenção, aqui, não é de realizar uma caracterização minuciosa de cada componente identificado no sistema turístico de Alter do Chão, mas apenas identificar o panorama geral desse sistema para melhor compreensão das bases sobre as quais os capítulos subsequentes se desenvolvem. Logo, partindo de uma breve revisão da Teoria Geral dos Sistemas, serão apresentados os dados sobre o turismo no mundo, Brasil, estado do Pará e Santarém, além das características gerais do turismo em Alter do Chão e, destacadamente, dos principais componentes que serão considerados nesta tese.

TEORIA GERAL DOS SISTEMAS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Na ciência do século XX, a ênfase no todo ou perspectiva holística tornou-se conhecida como sistêmica, e a maneira de pensar como pensamento sistêmico. Sua principal característica emergiu simultaneamente em várias disciplinas na primeira metade do século, especialmente na década de 1920. Os pioneiros no desenvolvimento dessa perspectiva foram os biólogos, que enfatizavam a concepção dos organismos vivos como totalidades integradas. Seus estudos foram posteriormente enriquecidos pela psicologia da Gestalt e pela nova ciência da ecologia (CAPRA, 1996).

De acordo com Capra (1996), Ludwig von Bertalanffy é reconhecido como o autor da primeira formulação de um arcabouço teórico abrangente descrevendo os princípios de organização dos sistemas. Porém, de acordo com esse autor, entre vinte e trinta anos antes de seus primeiros artigos sobre o assunto, Alexander Bogdanov, um pesquisador médico, filósofo e economista russo, já havia desenvolvido uma teoria sistêmica de igual sofisticação e alcance,

a qual ainda é pouco conhecida fora da Rússia. Essa teoria foi nomeada de tectologia, ou seja, ciência das estruturas, cujo principal objetivo era o de esclarecer e generalizar os princípios de organização de todas as estruturas vivas e não-vivas (CAPRA, 1996).

Bertalanffy, na década de 1920, ficou intrigado com as evidentes lacunas existentes na pesquisa e na teoria da biologia. O enfoque mecanicista, até então prevalecente, parecia desprezar ou negar de todo exatamente aquilo que é essencial nos fenômenos da vida, isto é, uma concepção organísmica que acentuasse a consideração do organismo como totalidade ou sistema, tomando como principal objetivo das ciências biológicas a descoberta dos princípios de organização em seus vários níveis (BERTALANFFY, 2015).

Velasquez e Oliveira (2016) afirmam que, não tendo sido aceita prontamente por inúmeros cientistas, a Teoria Geral dos Sistemas enfrentou diversos entraves no processo de desenvolvimento. Isso fez, por vezes, com que se apoiasse em bases epistemológicas reducionistas e, por outras vezes, retornando ao seu próprio cerne, ou seja, a compreensão da complexidade resultante das inúmeras interrelações entre os elementos componentes de um todo.

Para o próprio Bertalanffy (2015, p. 62), a Teoria Geral dos Sistemas apresentava-se como “uma ciência geral da ‘totalidade’ considerada, até aquele momento, um conceito vago, nebuloso e semimetafísico”. Porém, em sua defesa, o pesquisador assinala:

- 1) Há uma tendência geral no sentido da integração nas várias ciências, naturais e sociais.
- 2) Esta integração parece centralizar-se em uma teoria geral dos sistemas.
- 3) Esta teoria pode ser um importante meio para alcançar uma teoria exata nos campos não físicos da ciência.
- 4) Desenvolvendo princípios unificadores que atravessam “verticalmente” o universo das ciências individuais, esta teoria aproxima-nos da meta da unidade da ciência.
- 5) Isto pode conduzir à integração muito necessária na educação científica (BERTALANFFY, 2015, p. 63).

Capra (1996, p. 46) resume, em dois critérios científicos, as características-chave do pensamento sistêmico:

O primeiro critério, e o mais geral, é a mudança das partes para o todo. Os sistemas vivos são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às partes menores. Suas propriedades essenciais, ou “sistêmicas”, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das “relações de organização” das partes — isto é, de uma configuração de relações ordenadas que é característica dessa determinada classe de organismos ou sistemas. As propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado em elementos isolados. Outro critério-chave é sua capacidade de deslocar a própria atenção de um lado para o outro em níveis sistêmicos [...], diferentes níveis sistêmicos representam níveis de diferente complexidade. Em cada nível, os fenômenos observados exibem propriedades que não existem em níveis inferiores [...].

Segundo Capra (1996), na mudança do pensamento mecanicista para o pensamento sistêmico, a relação entre as partes e o todo foi invertida, pois a ciência cartesiana propagava que, em qualquer sistema complexo, o comportamento do todo poderia ser analisado pelas propriedades de suas partes. Porém, a ciência sistêmica vem mostrar que as propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior.

Bertalanffy (2015) ainda chama atenção para o fato de que o objeto da Teoria Geral dos Sistemas é a formulação de princípios válidos para os sistemas em geral, quaisquer que sejam a natureza dos seus elementos e as relações existentes entre eles.

Para Velasquez e Oliveira (2016), o cerne da Teoria Geral dos Sistemas está em buscar compreender realidades abstratas e compostas por uma infinidade de elementos conectados em rede, com relações múltiplas, permitindo o equilíbrio e sobrevivência do todo, assumindo que totalidades integradas não podem ser reduzidas em partes menores. Nessa concepção, a sobrevivência do todo advém das relações de organização das partes, ou seja, de relações ordenadas que são características da classe de organismos ou sistemas. Deste modo, sendo o sistema caracterizado por um conjunto de elementos interconectados, responsável pela geração de processos contínuos, o mesmo pode ser representado, ainda que de maneira objetiva, por um ambiente que, além de ser influenciado pelo macro ambiente no qual se insere, também o influencia, tamanha a riqueza de conexões.

Cabe aqui uma nota em relação à diferenciação dos sistemas fechados e sistemas abertos. Bertalanffy (2015) considera que um sistema é fechado quando está isolado de seu ambiente. À guisa de exemplo, observe-se que, de acordo com o segundo princípio da termodinâmica, uma certa quantidade chamada entropia deve crescer até o máximo e finalmente o processo para em um estado de equilíbrio térmico.

No entanto, há sistemas abertos, como os organismos vivos, que se mantêm em um contínuo fluxo de entrada e de saída de matéria e energia extraídas do seu meio ambiente para permanecer vivos (CAPRA, 1996). Os sistemas abertos, então, conservam-se mediante a construção e a decomposição de componentes, nunca estando, enquanto vivo, em um estado de equilíbrio químico e termodinâmico, mas mantendo-se no estado estacionário, caracterizado por fluxo e mudanças contínuas.

Diante do exposto, entendendo ser o turismo um sistema aberto, na medida em que se apropria do espaço geográfico (meio ambiente), dinamiza a criação de infraestruturas e superestruturas turísticas geridas por indivíduos que se ocupam da recepção de outros (turistas ou viajantes), realizando trocas contínuas com o meio que o circunda (VELASQUEZ;

OLIVEIRA, 2016), doravante pretendemos desenvolver um estudo sistêmico do fenômeno turístico, explorando suas características.

SISTEMA TURÍSTICO

Um sistema é definido por Beni (2003, p. 23) como “um conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio”, ou ainda, como um “conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo”. Analisando outras definições de sistema de autores como Bancal, Hall e Fagen; Thornes e Brunsden; e Miller, Beni (2003, p. 23-24) assinala que um sistema deve conter os seguintes elementos:

1. **Meio Ambiente** - refere-se ao conjunto de todos os objetos que não fazem parte do sistema em questão, mas exercem influências sobre a operação do mesmo;
2. **Elementos ou unidades** – as partes componentes do sistema;
3. **Relações** – os elementos integrantes do sistema encontram-se inter-relacionados, uns dependendo dos outros, através de ligações que denunciam os fluxos;
4. **Atributos** – são as qualidades que se atribuem aos elementos ou ao sistema, a fim de caracterizá-los;
5. **Entrada** (*input*) – constituída por aquilo que o sistema recebe. Cada sistema é alimentado por determinados tipos de entradas;
6. **Saída** (*output*) – produto final dos processos de transformação a que se submete o conteúdo da entrada;
7. **Realimentação** (*feedback*) – processo de controle para manter o sistema em equilíbrio;
8. **Modelo** – é a representação do sistema. Constitui uma abstração baseada em informações obtidas da realidade através da observação e/ou da medição. Criado para facilitar o projeto e/ou análise do sistema, é utilizado por dois motivos básicos: porque simplifica o estudo do sistema, permitindo a análise de causa e efeito entre os seus elementos para conclusões de maior precisão; e pela impossibilidade de abranger a complexa totalidade das características e aspectos da realidade objeto de estudo.

Quanto ao turismo, na linguagem da Teoria Geral de Sistemas, conforme Beni (2003), ele deve ser considerado um sistema aberto, permitindo a identificação de suas características básicas, que se tornam os elementos do sistema.

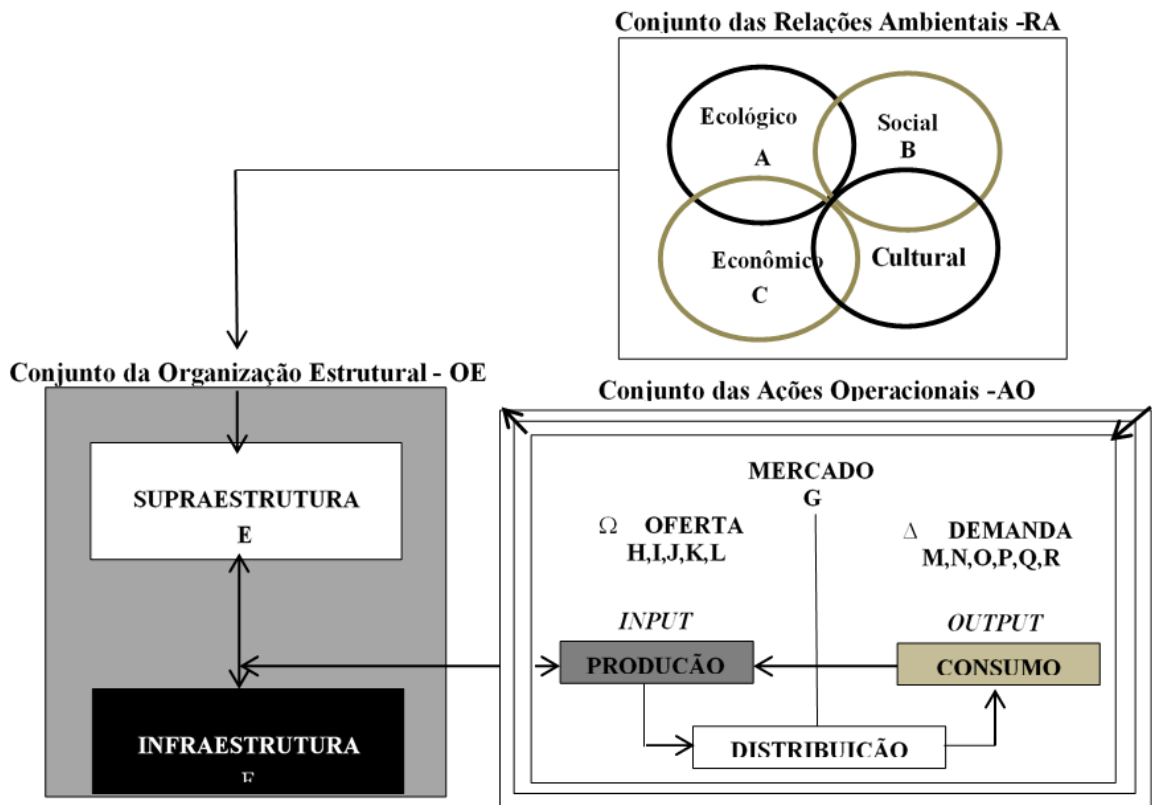
Portanto, o Sistema de Turismo — Sistur, é considerado por Beni (2003) um sistema aberto, que realiza trocas com o meio que o circunda e, interdependente, porque nunca autossuficiente. Ou seja, não se caracteriza por estruturas e funções estáticas, mantendo um processo contínuo de relações dialéticas de conflito e colaboração com o meio circundante.

Os objetivos, de maneira geral, do Sistur consistem em organizar o plano de estudos do turismo; fundamentar as hipóteses de trabalho; justificar posturas e princípios científicos; aperfeiçoar e padronizar conceitos e definições; consolidar condutas de investigação para instrumentar análises e ampliar a pesquisa. No Sistur, o ambiente não só está fora do controle do sistema, como também determina em parte seu funcionamento. Da mesma forma, o subsistema econômico, visto sob a ótica do turismo, integra o Sistur, porém isso não quer dizer que o Sistur vá determinar o sistema econômico, que é mais amplo e tem no turismo apenas um segmento (BENI, 2003).

No que cabe aos recursos do Sistur, estes são o reservatório geral a partir do qual as ações específicas do sistema podem ser formadas, considerando-se os meios que utiliza para desempenhar suas tarefas. Quanto aos componentes, Beni (2003), afirma que são os subsistemas identificados nos conjuntos das Relações Ambientais, da Organização Estrutural e das Ações Operacionais do Sistur, tais como: os subsistemas ecológico, econômico, social e cultural, da superestrutura, da infraestrutura, do mercado, da oferta, da demanda, de produção, de distribuição e de consumo. Por fim, a administração do Sistur consta da criação de planos que envolvam os objetivos globais, o ambiente, a utilização dos recursos, e os componentes, isto é, o processo de controle de seu rendimento.

O diagrama de contexto do Sistema de Turismo idealizado por Beni permite visualizar três grandes conjuntos: o das Relações Ambientais, o da Organização Estrutural e o das Ações Operacionais, bem como seus componentes básicos e as funções primárias atuantes em cada um dos conjuntos e em interação no sistema total (Figura 2).

Figura 2 - SISTUR



Fonte: Beni (2003)

Cada componente dos três conjuntos pode ser considerado um subsistema em si, pois apresenta funções próprias e específicas, possuindo características individualizadas. Essas funções, quando organizadas para explicar e justificar o fenômeno do turismo, delineiam o arcabouço do sistema com objetivos em si.

O subsistema Ecológico, de acordo com Beni (2003), tem como principal elemento a contemplação e o contato com a natureza, matéria-prima do turismo. Nesse subsistema são analisados os seguintes fatores: espaço turístico natural e urbano, e seu planejamento territorial; atrativos turísticos; e as consequências do turismo sobre o meio ambiente, preservação da flora, fauna e paisagens, compreendendo todas as funções, variáveis e regras de consistência de cada um desses fatores.

No subsistema Social tem-se como principal elemento a estrutura e mobilidade social e seus efeitos. São analisados fatores tais como: população autóctone no processo de contato social nas áreas de ocupação turística; perfil psico-sociológico do turista; motivações, expectativas e necessidades do turista; e estratificação social dos grupos de turistas.

O principal elemento do subsistema Econômico é a contribuição econômica para o desenvolvimento nacional. Analisam-se estes fatores: ingresso de divisas; receita nacional e geração de empregos; formação do Produto Interno Bruto; e efeito multiplicador da economia.

O Subsistema Cultural tem como principal elemento a herança e o patrimônio cultural do país. Os seguintes fatores são analisados: patrimônio etnográfico; legado histórico, arqueológico, arquitetônico e monumental; patrimônio artístico, folclórico e artesanal; e usos e costumes diferenciados.

No subsistema da Superestrutura o principal elemento é o ordenamento jurídico-administrativo de gestão e controle do Sístur. São analisados fatores como: planificação estratégica do turismo; indicadores macroeconômicos; e normatização e fiscalização dos agentes operadores do turismo.

O estudo das condições de acessibilidade à área de destinação turística e dos serviços é o principal elemento do subsistema da Infraestrutura, que tem como fatores analisados: saneamento básico; energia e comunicações; serviços de apoio; sistema viário e de transportes; e organização territorial urbana.

O Conjunto das Ações Operacionais representa o subsistema do Mercado, que compreende oferta e demanda, e os processos de produção, distribuição e consumo. Analisam-se, nesse subsistema, os seguintes fatores: áreas de captação dos consumidores (origem dos turistas); localização, concentração, estrutura e características do tráfego turístico; caracterização, classificação e evolução dos fluxos turísticos; expansão ou retração de fluxos; variação estacional da demanda; oferta e ocupação de equipamentos hoteleiros e extra hoteleiros; avaliação dos produtos turísticos; avaliação e rentabilidade dos investimentos necessários à evolução da demanda e da renda nacional; avaliação das unidades produtivas de bens e serviços turísticos; circuitos distributivos e estratégias de distribuição de bens e serviços turísticos; processo de decisão de compras; e consumo turístico e efeitos sobre a renda nacional.

Beni (s/d) ressalta que o Sistema não precisaria ser dividido em componentes. Isso acontece, principalmente, para proporcionar ao analista o tipo de informação de que necessita para verificar se o Sistema está operando corretamente, bem como o que deveria ser feito para aperfeiçoá-lo. No caso do Sistema de Turismo, a necessidade dessa divisão em componentes remete às inúmeras inter-relações observadas em cada um dos conjuntos de subsistemas que também interagem entre si no sistema total.

Para Beni e Moesch (2017), os elementos constitutivos de um sistema podem ser qualquer coisa, desde que haja entre eles uma ordem, uma interdependência, um caráter relacional. A noção de sistema não remete a uma coisa, mas a uma ordem de coisas entre

acontecimentos, fenômenos, variáveis. Portanto, a ordem que caracteriza o sistema dizer respeito antes de tudo às relações entre as propriedades de seus elementos, suas qualidades ou seus estados, não entre unidades concretas como tais. Um sistema pode ser definido pela existência de fortes interações ou de interações não triviais.

Segundo Valduga (2008, p. 5), embora Beni não se refira claramente ao turismo como indústria, ele não a separa do turismo durante sua abordagem ao descrever o modelo Sistur, usando expressões como “matéria-prima do turismo” ou “o produto não viaja até o consumidor, mas este para aquele”².

Atualmente, Moesch e Beni (2015) propõem uma nova concepção de estudos voltados ao turismo, a partir da Teoria da Complexidade e da transdisciplinaridade. Os autores argumentam que a tradição dos estudos monodisciplinares trouxe ao turismo um reducionismo na compreensão de sua episteme, banalizando a compreensão desse fenômeno como indústria, negócio, atividade, setor, entre outras, devido à falta de diálogo entre as disciplinas e à apropriação metodológica de cada campo disciplinar.

Para eles, o estudo do turismo hoje requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico, ou seja, o saber turístico é e será objeto de desconstrução permanente. Portanto, é preciso construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas, e isto pode ser alcançado por uma conquista transdisciplinar em que a cada momento é, concomitantemente, produzido o conhecimento e o produtor da ação desse conhecimento, numa recursão organizacional, na qual a parte está no todo e o todo está na parte. Partindo desse novo entendimento acerca do fenômeno turístico, Moesch e Beni (2015) apresentam o Sistur, os princípios dialógicos e hologramáticos e o Ecosistema Turístico a partir da teoria da complexidade com base em Edgar Morin (Figuras 3 e 4).

Beni e Moesch (2017) enfatizam ainda que o Sistur, reconstruído a partir da teoria da complexidade, representa sair do modelo explicativo da ciência rigorosa ou modelo da Biologia, e passar a reconstruí-lo por um modelo histórico-cultural, aceitando a questão global da existência do fenômeno turístico, abrindo-se a uma pesquisa e a um debate em uma linguagem elaborada, iniciando uma busca de sentido, o que vem a ser estruturante no turismo.

² Em outro trabalho divulgado por Valduga e Moesch (2005), afirma-se que Beni reconstrói sua posição inicial de conceituar o turismo uma indústria, alegando que o fenômeno turístico não pode ser assim considerado, porque não há transformação de matéria-prima no processo turístico. É salutar destacar que a primeira visão do Sistur foi dada pelo autor em 1988, tendo a mesma se modificado com o progresso dos estudos sobre o turismo. Como afirmam Moesch e Beni (2015, p. 1) “o saber de Turismo não é linear. Não há evolução, mas “revolução”, progredindo por reformulações, por refusões em seu corpo teórico, por retificações de seus princípios básicos”.

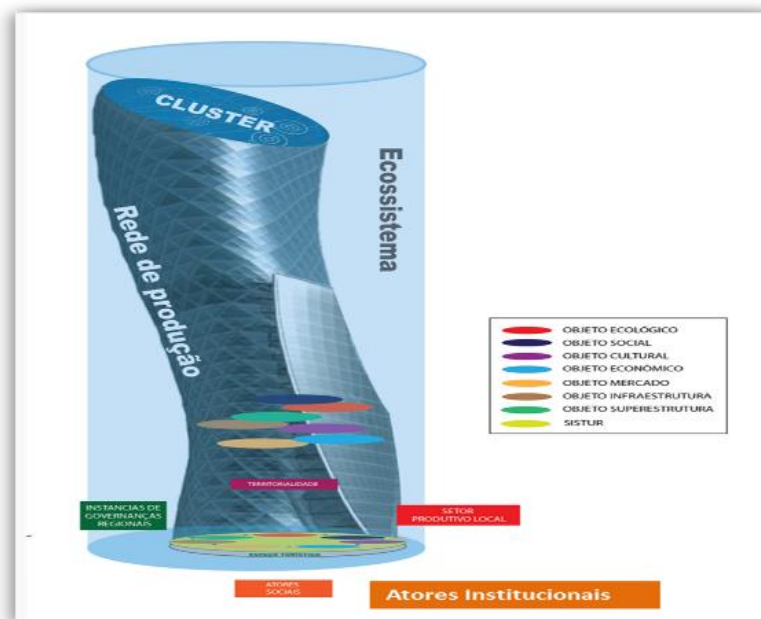
Figura 3 - SISTUR e os princípios dialógicos e hologramáticos a partir da teoria da complexidade



Fonte: Moesch e Beni (2015)

Na figura 3 os autores explicam a necessidade de reconstrução do sistema turístico, “onde a dinâmica da realidade impôs uma revisão de seus conjuntos de sistemas e subsistemas como partes de um todo, de um “modelo explicativo”, em um totalidades/partes do todo” (MOESCH; BENI, 2015, p. 11). O que significa sair do modelo explicativo da ciência rigorosa e passar a reconstruir o turismo por um modelo histórico-cultural.

Figura 4 - Ecosistema Turístico



Fonte: Moesch e Beni (2015)

Na figura 4 Moesch e Beni propõem a reconstrução do modelo Sistur pela teoria da complexidade. Nesta concepção, o turismo é apreendido como sistema vivo, que se auto-

organiza e autoproduz, ao mesmo tempo que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois está envolvido em um ambiente externo que se encontra integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema. Percebem-se, assim, trocas energéticas, materiais e informacionais que ocorrem entre o sistema e o ambiente, permitindo que ele internalize tudo o que necessita para manter sua organização e estrutura em funcionamento (MOESCH; BENI, 2015).

São as relações sociais que configuram ao ecossistema turístico sua energia, sua força dinamizadora como humana. Segundo Moesch e Beni (2015) é o sujeito turístico que permite a existência deste sistema e não inverso. A energia humana causada pelo desejo de transumância, o nomadismo na contemporaneidade, gera um sistema auto-eco-organizador, de tal modo que o turista é produtor do objeto turístico; mas, também, numa dinâmica sistêmica auto-recursiva, é reprodutor do próprio sistema turístico ao consumir os objetos produzidos nos territórios visitados. Esse sistema é aberto, orgânico, e não pode ser estudado como uma entidade radicalmente isolada. Daí seu conteúdo interdisciplinar e transdisciplinar, exigindo-se estudá-lo a partir da teoria da complexidade.

Valduga (2008) explica que a partir do entendimento do turismo de forma não industrial, compreende-se que este fenômeno é uma constante organização/desorganização. Deste modo, pode-se propor a ruptura com os determinismos sistêmicos industriais e abre-se uma possibilidade para entendê-lo a partir da teoria da complexidade.

Para Soares (1999) a noção de complexidade, em Edgar Morin explicita-se por meio da transdisciplinaridade, integrando as ciências humanas e as ciências da natureza, concebendo a unidade e a diferenciação das ciências não apenas segundo a natureza material de seu objeto mas, também, segundo os tipos de associação/organização. Segundo Morin (2005) a palavra *Complexus* significa “aquilo que é tecido junto”. Para este autor:

O universo de fenômenos é inseparavelmente tecido de ordem, de desordem e de organização. Essas noções são complementares e, no que se refere à ordem e desordem, são antagonistas, até mesmo contraditórias. Isso nos mostra que a complexidade é uma noção lógica, que une um e multiplica-o em *unitas mul-tiplax* do *complexus*, complementar e antagonista na unidade dialógica, ou, como querem alguns, na dialética (MORIN, 2005, p. 215).

Conforme Morin (2005), pode-se usar constância, regularidade, repetição, etc para a palavra ordem; e irregularidade, turbilhão, agitação, desvio para a desordem tanto no nível biológico, social quanto no nível humano. Porém, os tipos de ordem, de desordem e de organização variam do físico para o biológico, deste para o antropossocial e, no campo antropossocial, ou seja, de sociedade para sociedade. Para esse autor, “o pensamento complexo é o pensamento que, equipado com os princípios de ordem, leis, algoritmos, certezas e ideias

claras, patrulha o nevoeiro, o incerto, o confuso, o indizível, o indecidível” (MORIN, 2005, p. 231).

Soares (1999) descreve que o pensamento complexo não recusa a clareza, a ordem, o determinismo, apenas considera-os insuficientes, porque, em qualquer situação, pode ocorrer o incerto, o novo. Valduga (2008) enfatiza que Morin (2000) trata da complexidade a partir de alguns princípios, sendo eles: o princípio sistêmico ou organizacional; o princípio hologramático; o princípio da auto-eco-organização e; o princípio dialógico e o da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento.

Na proposta de Moesch e Beni (2015, p. 16) o pensamento complexo é colocado como “o pensamento que integra a incerteza e que é capaz de conceber a organização. Que é capaz de unir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo reconhecer o singular e o concreto”. No que se refere à complexidade sistêmica, Morin (2005, p 291 a 292) ensina:

Manifesta-se, sobretudo, no fato de que o todo possui qualidades e propriedades que não se encontram no nível das partes consideradas isoladas e, inversamente, no fato de que as partes possuem qualidades e propriedades que desaparecem sob o efeito das coações organizacionais do sistema. A complexidade sistêmica aumenta, por um lado, com o aumento do número e da diversidade dos elementos, e, por outro, com o caráter cada vez mais flexível, cada vez mais complicado, cada vez menos determinista (pelo menos para um observador) das inter-relações (interações, retroações, interferências etc).

Uma nova ordem de complexidade surge quando o sistema é aberto, e isso ocorre quando sua existência e a manutenção de sua diversidade são inerentes de inter-relações com o ambiente, através das quais o sistema tira do externo matéria/energia e, em grau superior de complexidade, informação (MORIN, 2005).

Para Moesch e Beni (2015), o conceito de sistema aberto complexo abre a porta a uma teoria da evolução, que não pode derivar mais que de interações entre sistema e ecossistema e que, em seus laços mais notáveis, do ponto de vista de análise do turismo, este pode ser concebido como um transbordo do sistema em um metassistema ou ecossistema turístico.

DADOS SOBRE O TURISMO NO MUNDO, BRASIL, PARÁ E SANTARÉM

Segundo dados do *World Travel & Tourism Council* (WTTC) divulgados no início de 2018, o turismo é responsável por 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, e gera 313 milhões de postos de trabalho, ou seja, uma em cada 10 vagas no mercado global é oferecida pelo turismo (LINHARES, 2018).

Para Linhares (2018, p. 18), “ao longo das últimas décadas, o turismo tornou-se um dos setores econômicos que mais crescem no mundo, transformando-se em um fator chave para o

progresso socioeconômico de diversos países”. O autor ainda enfatiza que o volume de negócios do turismo é igual ou até mesmo supera as exportações de petróleo, alimentos ou automóveis, representando uma das maiores fontes de receita para muitos países em desenvolvimento.

Porém, para a OMT (2018) o turismo ocupa a terceira posição, atrás de produtos químicos e combustíveis e a frente do automóvel. Em muitos países em vias de desenvolvimento, o turismo é o principal setor de exportação.

De acordo com a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas – Fapespa (2017), com mais de um bilhão de pessoas viajando pelo mundo por ano, o turismo vem se tornando uma força econômica, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um dos principais setores na geração de emprego que, além de oferecer novas oportunidades de emprego e de negócios, ajuda a reduzir a pobreza e direciona atividades produtivas locais para o desenvolvimento e inclusão no mercado de trabalho com geração de renda.

As chegadas de turistas internacionais aumentaram de 25 milhões em todo o mundo em 1950 para 278 milhões em 1980, 674 milhões em 2000 e mais de 1 bilhão em 2015 (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO, 2017).

No ano de 2017, segundo a OMT (2018), as chegadas internacionais de turistas cresceu 7,0% , o maior aumento desde a crise econômica global de 2009 e bem acima da previsão de longo prazo de UNWTO de 3,8% ao ano para o período de 2010 a 2020. Um total de 1.326 milhões de chegadas de turistas internacionais em destinos de todo o mundo, cerca de 86 milhões a mais do que em 2016 que atingiu o patamar de 1.240 de turistas.

E a estimativa até 2020 é de crescimento, conforme a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (2017) que assinala que os turistas no mundo gastarão mais de US\$ 2 trilhões ao ano e, até 2030, serão mais de 1,8 bilhão de turistas internacionais.

A recuperação da demanda de viagens no Brasil e na Federação Russa, após alguns anos de declínio, bem como o aumento contínuo da Índia, também contribuiu para o crescimento Turismo receptor em muitos destinos (OMT, 2018).

O Brasil, eleito pelo Fórum Econômico Mundial como o país com maior potencial turístico em recursos naturais do mundo, é hoje a nona economia turística do planeta. A Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 aumentaram a visibilidade do País no exterior e espera-se que, em 2024, o impacto do turismo na economia do Brasil deverá alcançar 10,3% do PIB (R\$ 700 bilhões), segundo o WTTC (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO, 2017).

Porém, apesar da sua importância, os números do turismo no Brasil não são proporcionais aos índices internacionais. Mesmo sendo uma nação continental, com imensa diversidade natural e cultural, o setor ainda representa apenas 2,9% do PIB nacional, gerando 2,6% dos empregos diretos, com investimentos que não chegaram a R\$ 20 bilhões em 2017. Esses dados, segundo Turismo em Pauta (2018), sugerem a necessidade primária de repensar o papel do Estado no país, tornando-o um facilitador, agindo com agilidade e firmeza na adequação do ambiente regulatório às mudanças que estão ocorrendo pelo mundo, de forma que haja um estímulo ao crescimento do setor.

No Pará, de acordo com a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas – Fapespa (2018), foi registrado uma retração pelo segundo ano consecutivo, totalizando fluxo de 1.004.011 turistas em 2017, correspondendo um declínio de 2,56%. Conforme essa Fundação, o comportamento desfavorável do número de turistas que visitou o estado é resultante do momento de dificuldades da economia do país, sobretudo com o impacto do desemprego e da redução da renda das famílias. Esse cenário foi decisivo para que houvesse diminuição no total de visitantes, isso porque a instabilidade econômica atingiu especificamente os turistas nacionais, que apresentaram redução de 3%, ou 27.488 visitantes a menos. Por outro lado, o quantitativo de turistas internacionais cresceu 0,10%, encerrando 2017 com 115.232 visitantes.

O Polo Tapajós, onde localiza-se o município de Santarém e, conseqüentemente a vila de Alter do Chão, respondeu por 17,39% dos turistas que visitaram o Pará em 2017, o equivalente a 174.586 visitantes (FAPESPA, 2018).

A Secretaria Estadual de Turismo do Pará – SETUR investigou o perfil do turismo no período entre novembro e agosto de 2017, nas cidades paraenses de Altamira, Belém, Bragança, Capanema, Marabá, Salinópolis, Salvaterra, Santarém e Soure, para obter as avaliações dos turistas quanto aos atrativos e aos equipamentos turísticos, e à infraestrutura urbana na baixa estação do turismo no Pará. A pesquisa mostrou que 48% dos turistas são homens e 52% são mulheres, sendo que 94,6% vieram sem os serviços de agência de turismo. Quanto ao meio de transporte, 58,5% chegou ao Pará de ônibus, 25,4% por meio de avião, 4,7% de carro próprio, 4,5% de barco e 1,1% por outros meios. A maioria dos turistas, 59%, viajou sozinha, 15,8% com a família e 7,5% com amigos. A hospedagem utilizada mostrou que 51,2% ficaram na casa de parentes, 30,9% em hotéis, 5,9% em casas alugadas e 12% optaram por outras acomodações (FAPESPA, 2018).

Outra dimensão do perfil de turista em visita ao Pará, revelada pela pesquisa, diz respeito às motivações dos turistas. 32,8% dos entrevistados declararam estar visitando amigos,

enquanto que 26,6% informaram estar em negócio/trabalho, e 23,5% em atividade de lazer/turismo, enquanto que 17,4% declararam ter outras motivações. Segundo a SETUR-PA, estima-se que a renda gerada pelo turismo no Pará alcançou, em 2017, o valor de US\$ 209,518 milhões, 3% menor do que o registrado em 2016. Cabe destacar que essa retração é a segunda nos últimos três anos, ocorrendo em uma conjuntura marcada pelo declínio do consumo com rebatimento no turismo (FAPESPA, 2018).

Em relação a Santarém, de acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos Escritório Regional do Pará – DIEESE; Santarém e Pará (2018), o fluxo de turistas nacionais e internacionais no ano de 2016 foi de 214.807 e 4.837 respectivamente. No ano de 2017, o total de turistas nacionais que visitaram Santarém foi de 207.289, uma variação de **-3,5 %**; e de turistas internacionais foi de 4.861 com variação de **0,5%**.

No que se refere a receita gerada por turistas nacionais em visita a Santarém ficou em torno de R\$ 129.744.873,00 em 2016 e de R\$ 127.149.975,00 em 2017, com variação de -2,0%. Quanto a receita gerada pelos turistas internacionais foi 2.793.467,00 em 2016 e em 2017 foi de 2.821.401,00, uma variação de 1,0%.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NA VILA DE ALTER DO CHÃO

Em 6 de março de 1758, no território habitado pelos indígenas Borari,³ o então governador do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, fundou a Vila de Alter do Chão, cumprindo a determinação de seu irmão, o marquês de Pombal, de criar e nomear vilas amazônicas com topônimos lusitanos (VASCONCELOS, 2010). Mais de dois séculos depois, a Vila foi consagrada por ter a praia de água doce mais bonita do mundo (*The Guardian*, 2009), sendo chamada de “Caribe Brasileiro”.

Com efeito, como demonstra Pereira (2007 *apud* GUEDES, 2010, p.51), Alter do Chão adquiriu, ao longo de sua história, notória importância no turismo local, nacional e internacional:

A vila é parte integrante de roteiros das mais importantes operadoras de ecoturismo do país, além dos roteiros propostos pelo Governo Federal através do Ministério do Turismo, além de ser ponto de parada previsto nas rotas de cruzeiros internacionais que transitam pelo rio Amazonas (PEREIRA 2007 *apud* GUEDES, 2010, p.51)

³ Pouco se sabe da história local anterior à fundação da vila. Possivelmente outros povos indígenas além dos Borari habitaram a localidade, onde ainda se encontra grande quantidade de fragmentos de cerâmicas, em forma de cabeça de urubu, círculos com furo no meio, cachimbos, machados com pedra polida, entre outros vestígios arqueológicos. Quanto aos Borari, hoje em dia reivindicam a demarcação do seu território étnico.

Contudo, o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão é relativamente recente, de acordo com informações obtidas em fontes primárias (entrevistas em campo) e secundárias (bibliográficas e documentais). A trajetória desse fenômeno remonta à segunda metade do século XX, tendo como marco a construção da estrada que liga a Vila à cidade de Santarém — a Rodovia Everaldo Martins, PA-147— nos anos 1970.

Como Vasconcelos (2010) demonstrou a partir de relatos registrados junto a moradores, até a década de 1960 todo o transporte era realizado por canoas a vela, e posteriormente por embarcações a motores. Foi somente a partir da década de 1970 com a abertura da referida rodovia, que surgiu na Vila o primeiro carro. Por fim, com o asfaltamento da estrada, na década de 1990, o acesso à Vila foi facilitado e Alter do Chão sofreu uma explosão demográfica (VASCONCELOS, 2010).

Donaldo Lobato de Sousa narra que, antes da abertura da rodovia, os primeiros visitantes, provenientes da cidade de Santarém, chegaram a Alter do Chão por meio de embarcações. Como não havia um local para fazer refeições, procuravam seu pai, um senhor conhecido como Mingote, proprietário de um comércio, incentivando-o a implantar um restaurante na Vila. Assim surgiu, há 35 ou 40 anos, o primeiro estabelecimento de alimentação no local, uma espécie de maloca que, com algumas dificuldades, fornecia refeições aos visitantes.

Uma das maiores dificuldades de estabelecimento advinha do fato de não haver fornecimento regular de energia elétrica na época, de modo que toda energia consumida era gerada por um motor que funcionava apenas das 18 às 21 horas. Logo, tudo era armazenado em caixas de isopor com gelo (peixes, galinhas caipiras, caças, etc). Mesmo assim, aqueles primeiros frequentadores de Alter do Chão achavam a Vila bonita e começaram a fazer divulgação boca a boca da localidade.

Nesse período, a população local solicitou a construção de um cais de arrimo como medida para impedir o assoreamento do rio. No dia da inauguração da obra, o governador do estado do Pará, senhor Fernando Guilhon, encontrava-se na cidade de Santarém e foi convidado a participar de tal evento. Chegou à comunidade por via fluvial, até então, o meio de acesso mais utilizado. A partir dessa ocasião, o referido governador, quando em visita a Santarém, habituou-se a ir também para Alter do Chão. Em um desses momentos, a população aproveitou o ensejo para solicitar a abertura e construção da rodovia que liga Santarém à Vila. A estrada foi aberta, primeiramente com piçarra e pontes de madeiras, mas, cerca de dez anos após a construção, recebeu pavimentação e pontes de concreto.

Os visitantes mais frequentes da Vila continuavam vindo de Santarém, mas aos poucos cresceria a visitação de pessoas de cidades próximas como Manaus, por exemplo. Pelo fato de Santarém ser um polo comercial e receber bastantes pessoas de outras regiões, essa dinâmica influenciou o fluxo para Alter do Chão, e a Vila passou a ser cada vez mais divulgada e procurada. Com o aumento do fluxo de visitantes, houve a necessidade de implantação de mais um restaurante, cujo proprietário foi o irmão do senhor Mingote. Em paralelo, foi instalado o primeiro meio de hospedagem, a pousada Alter do Chão, do senhor Carlos Magno.

Quando os visitantes que chegavam por via terrestre começaram a deslocar-se para a praia conhecida como “Ilha do Amor”, percebeu-se a necessidade de implantação de barracas de alimentação no local, e duas ou três delas foram construídas. Com o passar dos anos e o fluxo de visitantes cada vez maior, outras barracas foram construídas, e hoje são dezoito no total.

Com o desenvolvimento do turismo na Vila, visitantes de diversas regiões do Brasil e do exterior fixaram residência na localidade, iniciando novos empreendimentos turísticos. O crescimento de empreendimentos (pousadas, hotéis, restaurantes, comércios) voltados para esse segmento, por sua vez, atraiu moradores das regiões dos rios Tapajós e Arapiuns, que começaram a migração para Alter do Chão em busca de emprego. Também se intensificou a ocupação por moradores (em geral santarenos) de segunda residência, que construíram ou adquiriram casas de veraneio na Vila.

Recentemente, uma notícia que contribuiu significativamente para o aumento do fluxo de visitantes e turistas em Alter do Chão veio do jornal inglês The Guardian. Em 2009, esse jornal divulgou a Vila como uma das praias mais bonita do Brasil e a praia de rio mais bonita do mundo, chamando-a de “Caribe brasileiro”.

Com relação a Alter do Chão antes e depois do desenvolvimento do turismo, o senhor Donaldo Lobato de Sousa narra a seguinte situação:

Tem um lado bom daquela época e lado ruim. O lado ruim é que a gente quase não tinha nada aqui, era tudo difícil para conseguir, não tinha trabalho. Então com a chegada do turismo, mesmo as pessoas que faziam roças, quem plantavam mandioca, vendiam farinha, viviam de fazer roça, da caça, de tirar madeira, então hoje, hoje é proibido caçar, hoje é proibido tirar madeira, proibido desmatar, então veio na hora certo o turismo. Hoje em Alter do Chão, 95% das pessoas passaram a viver do turismo. Então, por esse lado foi bom. E se for buscar umas fotos daqui a 30 anos atrás vai ver que as casinhas todas, todas muito simples de palha, de barro. E hoje a gente fica feliz que as pessoas mudaram de vida, a gente ver as casas, as pessoas melhorando, compraram uma televisão, uma geladeira, fogão. Então o turismo vem trazendo tudo isso, mas, por outro lado, traz também, essa parte da insegurança, você ainda dormia com janela aberta antes. Hoje você tem que ter o cuidado, até dorme, mas tem que ter o cuidado porque uma hora pode, pode ser roubado. Mas, Alter do Chão ainda é um lugar muito diferenciado de outros, as pessoas vem aqui se apaixonam não só pela beleza, também por isso, porque você vai lá na praia, você deixa as coisas em cima da

mesa, você vai mergulhar, você volta está lá, você anda a noite com o celular, falando no celular, ainda é muito seguro, muito diferente de lugares que você chega lá, o guia logo diz, deixa o celular, tire relógio, aqui não. Aqui acontece, as vezes a pessoa, o ladrão vem lá de moto de Santarém é até mesmo daqui, já aconteceu, mas é muito difícil. Então nem se compara com outras praias, eu até digo que agradeço por Alter do Chão ser próxima de Santarém que é uma cidade de porte médio, porque se fosse próxima de Belém ou de Manaus que têm dois milhões e meio de habitantes então Alter do Chão estava muito perigoso, assim como no caso Mosqueiro, essas cidades de praias mais próximo de grandes centros. Então Alter do Chão a gente dá, sai aqui, quem não quer ficar no meio do povo aqui no centro, onde tem estrutura, na ilha do amor por exemplo, a pessoa pega um barco, uma canoa, com uns cinco minutos, uns dez minutos você está sozinho numa praia, na outra praia. Você pega uma lancha dá uma volta no lago, você ver muita natureza, você não ver casa, você ainda ver tudo natural, então esse é o grande diferencial ainda. Então, o turismo trouxe mais coisas boas do que coisas ruins (DONALDO LOBATO DE SOUSA, 2018).

Outro fato, segundo o entrevistado, que também contribuiu significativamente para a divulgação de Alter do Chão foi a instalação do Museu do Índio, propriedade do senhor Davi, um norte-americano. Ele divulgava a atração e conseqüentemente, Alter do Chão, nos Estados Unidos, Europa, e para os navios de cruzeiros marítimos que começaram a fazer paradas na Vila para visitar o Museu e a própria localidade. Isso ocorreu por volta de 20 anos. Hoje, o Museu não existe mais.

Quanto a intensificação da divulgação de Alter do Chão, o senhor Donaldo relatou:

Se intensificou exatamente, eu sempre falo que os gringos descobriram primeiro Alter do Chão que o brasileiro. É um negócio bem interessante isso daí. Hoje, lá em São Paulo se alguém falar, eu vou para Alter do Chão, já tem gente que já sabe “Ah, Alter do Chão é no Pará”, mas os que não sabem vão puxar hoje na internet, vai ver. Vai ter relato tudinho, então quando eles chegam aqui, eles já vem quase sabendo mais que a gente que é daqui, porque eles vão pesquisando, eles vem para um lugar desconhecido, eles pesquisam tudo. E então, quando eles chegam aqui, eles já sabem que tem os passeios, tem isso, tem aquilo, ficam em hotel, muito embora a divulgação de Alter do Chão só mostra a praia, não mostra a vila, então ainda tem gente que chega lá no aeroporto e também acha que porque é Amazônia tudo é atrasado. Já teve gente que chegou comigo, “Ah, pensei que você vinha me buscar num fusquinha, e a estrada é de chão? Não, já é asfalto, tal”. E quando chega aqui se espanta, porque tem hotéis, tem essas coisas (DONALDO LOBATO DE SOUSA, 2018).

O Tropical Hotel, quando instalado em Santarém, conforme os relatos do entrevistado, influenciou significativamente no fluxo de visitação para Alter do Chão. A propósito, mesmo antes da construção da rodovia, o hotel já encaminhava turistas via embarcações.

Com o passar dos tempos, os empresários locais foram se organizando para receber os turistas e visitantes. Conforme o entrevistado, por exemplo, os barraqueiros na praia foram melhorando a estrutura de suas barracas, porque antes eram cobertas com lona; hoje já há a padronização de coberturas de palha. Os catraeiros organizaram-se também, pintaram suas canoas, passaram a utilizar camisas padronizadas, a disponibilizar coletes salva-vidas para os passageiros e criaram uma associação. Quantos aos lancheiros (proprietários ou responsáveis

pelas lanchas), mais recentes, também formaram associação para aprimorar a prestação de serviços. Os meios de hospedagem, conforme as necessidades, vêm ampliando os seus estabelecimentos.

Um fator importante é a disponibilidade de uma máquina de cartão de crédito para facilitar as vendas dos produtos e serviços. Outro destaque em relação à organização dos empresários do turismo é a formalização de suas iniciativas como pequena empresa, empresa individual ou outra.

Uma observação feita por Donaldo Lobato, que merece atenção, é a sazonalidade que afeta o turismo em Alter do Chão.

Ainda é assim, já melhorou, mas eu sempre falo que a gente parece formiguinha, juntar no verão, juntar comida para comer no inverno, porque fica muito fraco o turismo. Então o que os donos de pousadas e hotéis, o que eles fazem nesse período ruim que fica a partir, depois do carnaval, março, abril, maio e junho, para mim esses quatro meses são os piores. Então diminui muito o turismo, porque o turista brasileiro ele quer vir pela praia, o turista estrangeiro não, ele vem para caminhar na mata, ver os animais e então, e quando está muito frio na terra dele, ele vem para cá. Então o que aguenta mais ou menos aqui nesse período. Porque o brasileiro começa a vir a partir de julho que é férias e o rio já começou a baixar, mas as praias só começam a aparecer agora em agosto. Agosto, então o período forte vai ficar agora para setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro e uma parte de fevereiro. Então nesse período aqui se você não fechar reserva você não consegue para final do ano, se você não reservou até agora não vai conseguir mais, você vai ter que alugar uma casa ou ficar em Santarém e vem todo dia para cá, está assim, mas as pessoas, ai dizem assim, mas porque não fazem mais hotéis, porque é justamente isso, a sazonalidade (DONALDO LOBATO DE SOUSA, 2018).

Sobre esse aspecto, o entrevistado continua com um exemplo:

Tem um hotel ali, o dono construiu primeiro 30 apartamentos, 40 apartamentos, então chega nessa época tem a necessidade, depois ele construiu mais um bloco com 30, quando chega no período ruim, ele fecha esse bloco de 30 e fica só funcionando só com aquele primeiro. Com o mesmo pessoal, quando chega na época da necessidade ele abre o outro para não ter despesa com dois blocos, também não aumenta o número de funcionários, então o pessoal está começando a aprender a fazer isso aí nessa época, está ruim, dá férias para os funcionários, fecha a pousada para não ter gasto, porque é o período que fica muito ruim (DONALDO LOBATO DE SOUSA, 2018).

Atualmente, os empresários do turismo estão aprendendo a lidar melhor com a sazonalidade, mostrando outras opções para os turistas e visitantes quando visitam Alter do Chão no período da cheia do rio. Segundo o entrevistado:

Por incrível que pareça ainda vem muito brasileiro, às vezes desavisado, porque aqui como é uma praia de rio, não tem maré, o rio enche e vaza uma vez por ano e eles tem na cabeça que praia geralmente é de mar, e no mar tem maré, tem praia todo dia. Então eles chegam aqui no período que está cheio, e não tem nada, mas como eles já estão aqui, eles vão passear e ver que tem outros atrativos que antes as pousadas e hotéis não ofereciam esses passeios, simplesmente diziam olha nessa época não tem praia, não tem nada aqui para o turista ver. Então como o rio enche em média de seis a sete metros de diferença, então geralmente o rio entra na floresta, formam os igapós, aquelas florestas inundadas, então esse é um

dos passeios que fazem, trilhas, região de várzea (DONALDO LOBATO DE SOUSA, 2018).

Vale ressaltar que as trilhas e as regiões de várzea ficam em localidades próximas a Alter do Chão, como Floresta Nacional do Tapajós, Canal do Jari, região do Arapiuns. Portanto, Alter do Chão tem esse papel de polo irradiador para outras comunidades com atrativos e recursos turísticos. No espaço geográfico da Vila, de acordo com o entrevistado, no período da cheia, tem-se a opção de passeios de canoas ou lanchas em igapós, sendo o mais conhecido deles chamado de Floresta Encantada. As trilhas podem ser feitas para o Morro de Alter do Chão e para a comunidade de Pontas de Pedras.

Também existem outras opções de passeios, porém menos exploradas, como por exemplo, para a serra do Caruari, a região do Jacundá, que possui uma vegetação do tipo savana. Outra alternativa é a serra do Mocotó.

Alter do Chão atualmente é dividida em bairros conforme a dinâmica própria estabelecida pelos moradores, e não por medida oficial do governo municipal. Considerando que a vila turística corresponde ao centro de Alter do Chão, perguntou-se ao entrevistado o seu ponto de vista sobre as relações dessa área com os outros bairros. Em relação ao turismo e à visitação nesses bairros, Donaldo Lobato foi categórico:

Não, não tem até mesmo porque não tem estrutura nenhuma, não tem asfalto, não tem iluminação, é precária, bairros novos que surgiram, só não é invasão porque tem as ruas separadas, travessa tal, mas são bairros muito novos. Então a gente prefere deixar o turista aqui no centro onde é mais limpinho, mais bonitinho, asfalto e até tem turista que pede para fazer um vila tour, a gente sai roda mostra alguma coisinha, mas não tem estrutura nenhuma, o turista não sai daqui, ele vem do hotel, exemplo lá do Belo Alter, ele vem aqui no centro na nossa loja de artesanato, dá uma volta aqui e só, ele não vai lá para trás, as vezes ele volta e não sabe que existem aqueles bairros e são diferentes como eu estava falando. Lá como são bairros de muita gente que veio de outras comunidades do interior do Tapajós, Arapiuns, então até mesmo os costumes deles é diferente. Se você tem uma festa lá, um torneio de futebol é como você estivesse assistindo lá na comunidade, lá no Tapajós, se tiver um torneio, uma festa aqui no centro já é diferente, já parece uma festa da cidade já vem pessoas assim de fora (DONALDO LOBATO DE SOUSA, 2018).

Para o entrevistado, é como existissem “duas Alter do Chão”, uma turística, que fica localizada no centro, e outra dos bairros, onde moram os funcionários dos hotéis, das pousadas e aqueles que trabalham nas catraias, no comércio local e em demais atividades que podem ou não se relacionar com o mercado turístico.

Quanto aos estabelecimentos turísticos, o entrevistado acredita que cerca de 80% são de pessoas oriundas de Alter do Chão e comunidades vizinhas e que as mesmas passaram a melhorar seus estabelecimentos a partir da visão de empresários oriundos de outras regiões do Brasil e outros países que fixaram residência na Vila e implantaram um empreendimento

voltado para atendimento ao turista. Com relação a esses empresários externos, o entrevistado relata que:

Hoje o povo aqui já está entendendo que é bom se juntar para ficar mais forte, porque antes quando as pessoas chegavam aqui de fora e queriam montar alguma coisa, sabe aquela coisa de comunidade “aí ele nem é daqui, ele vem aqui querer botar as coisas”, tipo assim, para passar a gente para trás, mas esse que é bom, porque ele vem com uma visão diferente, ele monta e faz com que as pessoas daqui também melhorem. Isso logo no início, até mesmo depois que eles viram que as pessoas que montam empreendimento aqui dão emprego para as pessoas daqui. Então hoje não tem mais muito isso não. Até mesmo porque as pessoas que vem para cá, são pessoas que viajam muito, viajam o mundo inteiro, então elas tem visão, então nos passeios, nas conversas elas sempre vão falando, “olha aqui devia ter isso, devia ser assim, porque nos grandes centros turísticos tem coisas que dão certo, então vamos copiar as coisas que deram certo”, apesar de estar muito atrasado ainda o turismo aqui em termos de organização tudo mais, mas está cada vez melhorando muito (DONALDO LOBATO DE SOUSA, 2018).

COMPONENTES DO SISTEMA TURÍSTICO DE ALTER DO CHÃO

COMPONENTE ECOLÓGICO

O componente ecológico tem como principal elemento a contemplação e o contato com a natureza (BENI, 2003) como atrativos turísticos.

Segundo Santos, Silva e Pastana (1999, p. 6), a vila de Alter do Chão situa-se em uma pequena enseada, na confluência do rio Tapajós com o lago Verde (Figura 5):

A separação entre esses dois acidentes geográficos é efetuada através de uma "barra fluvial", de direção noroeste-sudeste, emersa durante o verão e submersa durante o período das cheias (janeiro a julho). Quando totalmente exposta, a "barra" atinge 1 km de comprimento e apresenta-se cercada por praias, recebendo a denominação de "ilha, pela qual é conhecida na região.

Figura 5 - Barra fluvial chamada “Ilha do Amor” pela população local



Fonte: Autora (2015)

Lago Verde

O lago Verde, de acordo com os mesmos autores, contorna as porções norte e leste da vila de Alter do Chão. É constituído por dois cursos d'água convergentes, que se interceptam em frente à Vila, formando, no conjunto, um corpo d'água com uma geometria peculiar, em forma de "V", cujo vértice está voltado para oeste, desaguando diretamente no rio Tapajós (Figura 6). A drenagem maior tem 5 km de extensão e largura máxima de 1 km, corre de nordeste para sudoeste e representa o baixo curso do igarapé do Macaco. O outro curso d'água é um pouco menos extenso (4km), corre de sudeste para noroeste e constitui o baixo curso do igarapé Cuicuera, atingindo uma largura máxima de 1 km (SANTOS, SILVA; PASTANA, 1999).

Figura 6 - Alter do Chão e o Lago Verde



Fonte: Imagem LANDSAT WRS 227/062 apud Santos, Silva e Pastana (1999)

Os igarapés do Macaco e Cuicuera apresentam larguras extrapoladas, em relação às respectivas extensões, caracterizando drenagens afogadas por um curso d'água de maior parte (o rio Tapajós); tal fato parece indicativo de que o lago Verde constitui, na realidade, uma "ria fluvial". Além dos dois igarapés, vários outros, de menor porte, também deságuam no lago Verde, geralmente em pequenas enseadas. Durante o período de verão, com o decréscimo do nível das águas, o lago Verde apresenta-se, localmente, seccionado por pequenas "barras" ou estreitos cordões de areia, originando "lagos" menores, alguns dos quais recebem denominações

próprias, como os "lagos" Miritiapina, Pirarucuri e Carauari, entre outros (SANTOS, SILVA; PASTANA, 1999).

Segundo Carvalho (2016a), ao longo do rio Tapajós, a montante e a jusante, existem outros lagos (Jacundá, Jucuruí, Mangueira, Caxambu e lago da Ponta das Pedras), praias e enseadas que conformam um conjunto de paisagens na vila de Alter do Chão.

Na época das cheias, o lago Verde passa a constituir um único corpo d'água, a partir do desaparecimento parcial da "ilha" e das demais "barras" e cordões de areia ; as praias, em sua grande maioria, ficam submersas, dando lugar a uma nova paisagem, na qual se destacam as belas áreas de igapó, dispostas ao longo das margens do lago (Figura 7).

Figura 7 - Praia "Ilha do Amor" (época da cheia)



Fonte: Autora (2017)

Serra Piroca ou Morro de Alter do Chão

Em relação a geomorfologia, Santos, Silva e Pastana (1999) destacam que o Planalto Rebaixado da Amazônia é a feição geomorfológica dominante, bem caracterizado em todo o entorno da vila de Alter do Chão, especialmente a nordeste do lago Verde e ao sul da rodovia PA-457. Apresentam-se duas paisagens principais, situadas em níveis topográficos distintos. O nível mais elevado, situado em altitudes médias entre 80 e 100 metros, corresponde a elevações isoladas, de topo plano a suavemente convexo, em forma de platô, bem caracterizadas, entre outras, pela Serra da Piroca ou Morro de Alter do Chão (figura 8), além dos morros do Mingote, Esfria e Carauari, todos localizados próximo à Vila. Esses platôs apresentam bordas escarpadas,

intensamente ravinadas, estando relacionados a rochas arenosas, com intercalações argilosas; a cobertura vegetal está representada por floresta, savana e capoeira.

No topo da Serra Piroca foi fixada uma cruz, simbolizando o período das missões religiosas dos jesuítas na região, que teve nesse lugar um ponto estratégico. O acesso à serra ocorre a partir da vila de Alter do Chão, realizando-se uma travessia de catraia (embarcação típica do local, espécie de canoa) para a praia “Ilha do Amor”, com duração aproximada de três minutos. Depois segue-se caminhando por uma trilha em floresta secundária, com duração aproximada de uma hora. Atualmente, a prática turística de visitação à serra é constante entre os turistas que visitam Alter do Chão, principalmente com o objetivo de contemplação da paisagem (SANTARÉM, 2015a).

Figura 8 - Ao fundo Serra Piroca



Fonte: Autora (2017)

Ponta do Cururu

É uma praia localizada na margem direita do rio Tapajós, nas proximidades da vila de Alter do Chão. O acesso a esse local é feito exclusivamente por via fluvial através do rio Tapajós. Embora não disponha de infraestrutura turística, a Ponta do Cururu faz parte do roteiro de visitação a Alter do Chão, por ser um local dotado de beleza cênica, onde os turistas podem apreciar o pôr do sol, além da observação de botos e pássaros (SANTARÉM, 2015a) (Figura 9).

Figura 9 - Praia Ponta do Cururu/Alter do Chão



Fonte: Jane Nejm (2016)

Outro fator natural que chama atenção, principalmente de pesquisadores, é a formação florestal de Alter do Chão. Conforme Lobato et al. (1996 *apud* SANTOS, SILVA; PASTANA, 1999) ocorrem, predominantemente, dois grandes conjuntos florestais, representados pelas áreas de cerrado ou savana localizadas a norte do logo Verde, e pelas áreas relacionadas à Floresta Aberta com Palmeiras, situadas a sul da vila de Alter do Chão.

COMPONENTE ECONÔMICO

O principal elemento deste componente é a contribuição econômica para o desenvolvimento nacional (BENI, 2003). Dentre os fatores analisados, o autor cita o efeito multiplicador da economia.

Carvalho (2016a) comenta que no início do século XX a população de Alter do Chão vivia basicamente da agricultura e do extrativismo, principalmente de borracha. O látex era extraído em Belterra e Fordlândia (cidades localizadas rio acima) e era transportado para Alter do Chão. Nesse período, os moradores locais experimentaram algum desenvolvimento econômico.

A partir da década de 1950, com a decadência do extrativismo de borracha, a incipiente economia de Alter do Chão foi abalada. Sua população teve de se manter com base em atividades de subsistência como a pesca, a caça, a extração de gêneros florestais e os trabalhos agrícolas em pequena escala no cultivo de arroz, milho, feijão e mandioca (CARVALHO, 2016a).

A autora ainda relata que foi somente a partir da década de 1970 que Alter do Chão começou a receber fluxos turísticos consideráveis, e a importância econômica do turismo aumentaria muito dos anos 1990 em diante. Atualmente a economia do local é primordialmente dependente do turismo. Este se divide em quatro segmentos: o turismo de fim de semana, o de férias, o de navios internacionais e o das grandes festas. Assim, uma série de atividades direta ou indiretamente relacionadas ao turismo cria postos de trabalho e gera renda na vila. Não se trata apenas da renda direta obtida pelos comerciantes locais e pelos moradores que tomam conta das casas de veraneio na vila. O turismo também gera renda para Santarém, onde ficam os fornecedores das mercadorias comercializadas, as empresas de ônibus que fazem o transporte local, as agências que intermediam a vinda dos navios e outros estabelecimentos.

Rente (2006) também afirma que a vila tem como base econômica o turismo e este se constitui em fator de grande importância para a economia da região, contribuindo para a irradiação de demandas de abastecimento de produtos alimentícios e de serviços em geral. Essas demandas acabam por movimentar outras atividades econômicas como a agricultura familiar, o extrativismo, o artesanato e o setor de serviço de uma forma geral, dentro e fora da Vila.

Os impactos do turismo na economia de Alter do Chão e, conseqüentemente na economia de Santarém, são analisados principalmente a partir de dois eventos, a festa Sairé ou Çairé⁴ e o Carnaval (SANTARÉM, 2015b). Nas festividades do Çairé as atividades econômicas estão voltadas especificamente para o turismo, onde predominam os segmentos comercial e de serviços, com concentração em: hotelaria; serviços de bares, restaurantes e lanchonetes; passeios turísticos; transporte; comércio de doces, licores e compotas produzidos na vila; comércio de artesanatos com temas específicos do Çairé, além de outros produtos e serviços.

A análise para medir o grau de importância do Çairé na economia do município de Santarém foi realizada pelo Produto Interno Bruto⁵ específico para o período das festividades realizadas sempre no mês de setembro, no período de 2013-2015, computando-se os valores agregados nos três setores da economia (primário⁶, secundário⁷ e terciário⁸).

⁴ A polêmica sobre a grafia do nome da festa envolve argumentos técnicos e políticos. Alguns defendem a grafia com “Ç” porque se trata de palavra proveniente do nheengatu (língua geral indígena), o que valorizaria as raízes indígenas da festa. Por outro lado, os usuários da inicial “S” realçam que a língua portuguesa não admite palavra iniciada com “Ç”, defendendo que a grafia de acordo com a norma cultura pode ampliar a divulgação da festa em circuitos turísticos. Aqui será respeitada a grafia adotada em cada obra que venha a ser citada.

⁵ Produto Interno Bruto representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos em uma determinada região, durante um período determinado (SANTARÉM, 2015b).

⁶ Setor Primário é formado por atividades inerentes à agricultura, à pecuária e ao extrativismo;

⁷ Setor Secundário é formado por atividades inerentes à indústria de transformação e;

⁸ Setor Terciário é formado por atividades inerentes ao comércio e ao serviço (SANTARÉM, 2015b).

Para o cálculo do PIB relativo às festividades do Sairé, no período de 2013 a 2015, foi utilizada a seguinte Equação 1:

$$\text{PIB} = \text{C} + \text{I}_1 + \text{I}_2 + \text{G} + \text{X} - \text{M} \quad (1)$$

Onde:

C = Consumo das famílias (turistas e população local)

I₁ = Investimentos públicos

I₂ = Investimentos privados

G = Gastos do governo

X = Exportações

M = Importações

Levando-se em conta a Equação 1, chegou-se aos valores que foram agregados, resultando no PIB relativo às festividades do Çairé período de 2013 a 2015 (Tabela 1).

Tabela 1 - Produto Interno Bruto das Festividades do Çairé 2013-2015

Descrição	2013	2014	%	2015	%
N dos valores agregados					
1 Consumo Total	18.325.416,20	21.719.342,63	18,52	25.447.051,48	17,16
Investimentos					
2 Governo	2.962.967,00	1.679.312,09	-43,32	1.387.450,00	-17,38
Investimentos					
3 Privados	3.661.387,25	4.397.408,80	20,10	6.439.004,00	46,43
4 Gastos do Governo	4.268,74	4.690,00	9,87	5.740,00	22,39
5 Exportações	33.547,80	62.338,45	85,82	146.823,55	135,53
6 Importações	-46.910,61	-60.699,93	-29,39	-67.297,24	-10,87
PIB	24.942.689,38	27.804.406,04	11,47	33.360.786,79	19,98

Fonte: Santarém/Secretaria Municipal de Planejamento - SEMPLAN (2015) *apud* Santarém/Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Turismo - SEMDETUR (2015b).

O consumo total está relacionado ao consumo dos turistas e da população local, referentes a hospedagem, alimentação, bebidas, artesanato, combustíveis, comunicação, aquisição de doces, sorvetes e compotas, entretenimentos, espetáculos pirotécnicos, locação de veículos, transporte e outros serviços.

Os investimentos do governo referem-se à construção de galpões em 2013 (Estado), repasse financeiro para agremiações locais (grupos de botos) e infraestrutura em 2013, 2014 e 2015 (Estado); repasses para os grupos de botos em 2013, 2014 e 2015 (Municipal); investimento em infraestrutura em 2013, 2014 e 2015 (Municipal). Com relação aos investimentos privados nos três últimos anos destacam-se: patrocínios diversos, propaganda &

publicidade, construção de barracas, Banco da Amazônia- Amazônia Florescer, Banco do Brasil - MPO, Banpará: patrocínio do banco, contrapartida da coordenação do Çairé, Investimento em fibra óptica - WSP Telecom, equipamentos de cartão de crédito, alegorias dos botos, compra de ônibus para transporte coletivo, serviço de som.

Os gastos do governo relacionam-se a alimentação, material de expediente, combustíveis e lubrificantes, material de consumo, comunicação, etc. As exportações foram: matéria de jornalismo, peças de artesanato, doces e compotas e etc. Nas importações destacam-se: equipamentos informática e de telecomunicações e materiais de consumo utilizados pelos botos.

Na Festividade do Çairé 2017, de acordo com Santarém (2017) estima-se uma movimentação com gastos pelos 9 mil turistas que visitaram Alter do Chão, na ordem de R\$ 7,5 milhões nos cinco dias da festividade, com gasto médio de R\$ 951,65 (R\$ 190,33 por dia) para turistas que procuraram os meios de hospedagem (61%) e de R\$ 598,64 (R\$ 119,64 por dia) para turistas sem hospedagem (31%), representando assim, um incremento de 12,5% em relação à movimentação no ano de 2016 (Quadro 1).

Quadro 1 – Média de gastos na estadia de cinco dias nas Festividades do Çairé 2017

MÉDIA DE GASTOS NA ESTADA (05 DIAS)	R\$/PÚBLICO
Gasto Total Médio do turista com Hospedagem (61%)	R\$ 951,65
Gasto Total Médio do turista sem Hospedagem (31%)	R\$ 598,64
Público Estimado (Fluxo de Pessoas nos 05 dias)	120.000 (Público)
Público Estimado de Turistas	9.000 (Turistas)
Receita Turística Estimada no Çairé 2017.	R\$ 7.500,000,000

Fonte: Santarém (2017)

COMPONENTE SOCIAL

Neste componente tem-se como principal elemento a estrutura e mobilidade social e seus efeitos (BENI, 2003). Dentre os fatores analisados estão o perfil psicossociológico do turista, suas motivações, expectativas e necessidades.

Em relação à vila de Alter do Chão, são apresentados alguns dados referentes a: evolução da população e de turistas nas festividades do Çairé, no período de 2007 a 2015 (Tabela 2); o perfil do turista do Sairé 2013 a 2015 (Tabela 3); e o perfil do turista do CARNALTER, uma média dos anos 2013, 2014, 2015 e 2016 (Tabela 4).

Tabela 2 - Evolução da população e turistas nas Festividades do Çairé 2007-2015

Anos	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
População	4.441	4.746	4.856	8.078	9.730	10.023	10.389	10.631	10.849
Incremento (%)	10,53	6,87	2,32	66,35	20,45	3,01	3,65	2,33	2,04
Turistas	97.845	104.584	105.045	109.857	108.128	115.879	127.250	134.257	139.874
Incremento (%)	5,89	6,89	0,44	4,58	-1,57	7,17	9,81	5,51	4,18

Fonte: Santarém/SEMPLAN (2015) *apud* Santarém/SEMDETUR (2015b).

Tabela 3 - Perfil do turista do Çairé 2013-2015

DESCRIÇÃO	RESULTADOS	%
Gênero	Masculino	53
Atividade Profissional	Funcionário Público	27
Faixa Etária	Entre 26 e 45 anos	55
Estado Civil	Solteiro	50
Nível de Instrução	Superior Completo	38
Renda	1 a 5 salários mínimos	54
Procedência (Região)	Estado do Pará	46
Frequência	1ª Vez	54
Acompanhado	Famílias e Amigos	62
Total de pessoas (Média)	3 Pessoas	49
Hospedagem	Casa de Parentes e Amigos	33
Transporte (chegada)	Avião	68
Transporte Utilizado	Carro Alugado	38
Principal Motivo	Çairé	64
Obtenção de Informação	Indicação Amigos/Parentes	60
Tempo Permanência	5 Dias	45
Visitou Ponto Turístico	Sim	53
Visitou Alguma Cidade	Não	90
O que mais gostou em Santarém	Praias	43
O que menos gostou	Infraestrutura Urbana	45
Gostaria de Voltar	Sim	99
Indicaria Santarém como Destino	Sim	99

Fonte: Santarém/SEMDETUR (2015b).

Tabela 4 - Perfil do turista do CARNALTER, média dos anos 2013, 2014, 2015, 2016

DESCRIÇÃO	RESULTADOS	%
Gênero	Feminino	51
Atividade Profissional	Profissional Liberal	35
Faixa Etária	36 a 45 Anos	29
Estado Civil	Casado	51
Nível de Instrução	Superior Completo	43
Renda	3 a 5 Salários	57
Cidade de Origem	Manaus	27
Frequência	1ª Vez	58
Acompanhante de Viagem	Família	50
Tipo de Hospedagem	Pousada	37
Meio de Transporte	Avião	65
Transporte Utilizado	Carro Alugado	46
Motivo	Carnaval	36
Indicação	Parentes/Amigos	67
Compra	Artesanato	56
Visitou Pontos Turísticos	Sim	95
Qual?	Alter do Chão	71
O que mais agradou	Alter do Chão	35
O que menos agradou	Saneamento Básico	28
O que destacaria em Santarém	Alter do Chão	83
Gasto Total Médio	R\$ 984,80	
Média de Permanência	4 dias	

Fonte: Santarém/SEMDETUR (2015c).

No Çairé 2017, a coordenação do festival do Çairé, composta pela Secretaria Municipal de Cultura –SEMC, estimou um número de 120 mil visitantes nos cinco dias de evento. O perfil do turista do Çairé 2017 pode ser observado na tabela 5 (SANTARÉM, 2017).

Tabela 5 - Perfil do turista do Çairé 2017

DESCRIÇÃO	RESULTADOS	%
Gênero	Masculino	53
Atividade Profissional	Profissionais Liberais	24
Faixa Etária	Entre 55 e 65 anos	25
Estado Civil	Casados	53
Nível de Instrução	Superior Completo	59
Renda	5 a 10 salários mínimos	25
Procedência (Região)	Estado do Pará	29

Frequência	1ª Vez	57
Acompanhado	Famílias	44
Hospedagem	Casa de Parentes e Amigos	34
Transporte (chegada)	Avião	77
Transporte Utilizado	Carro Alugado	37
Principal Motivo	Çairé	64
Obtenção de Informação	Internet	49
O que mais gostou em Santarém	Praias	67
O que menos gostou	Altos Preços	22
Gostaria de Voltar	Sim	99
Indicaria Santarém como Destino	Sim	99

Fonte: Santarém (2017)

COMPONENTE CULTURAL

Os recursos turísticos são produtos diretos das manifestações culturais de uma determinada localidade (BENI, 2003). Segundo este autor, a organização dos bens culturais, posta para a apreciação do turista, em termos gerais, podem contemplar: a) o acervo dos monumentos históricos e os registros dos legados que expressam os valores da sociedade; b) os museus e as galerias de arte, que reúnem as várias modalidades de expressão artística; c) as manifestações populares de caráter religioso e profano; d) o folclore que retrata numa reconstituição cênica de ambiência histórica, as etnias formadoras de populações; e) a cultura popular, que mais efetivamente evidencia o presente de cada área.

Quanto à vila de Alter do Chão, aqui são apresentadas informações de algumas manifestações populares de caráter religioso e profano e monumento histórico.

No que se refere a cultura de Alter do Chão, Rente (2006, p. 58) ressalta que:

É um atrativo a mais da vila de Alter do Chão. Intensamente baseada nos conhecimentos e costumes indígenas, ribeirinhos e caboclos amazônicos, esta se apresenta através de ritos religiosos, manifestações folclóricas, artesanato e comidas típicas a base de frutos, peixes e mandioca. O respeito a esta cultura local, por parte da comunidade se manifesta pela sua preocupação em repassá-la e mantê-la por gerações.

Festa do Çairé

Segundo Reis (1979 *apud* CARVALHO, 2016a), em alguns relatos, a origem da festa do Çairé está associada com uma espécie de alegoria da chegada e fixação dos colonizadores portugueses no rio Tapajós. Para outros cronistas, teria sido criada pelos jesuítas com a finalidade de auxiliar na catequese dos indígenas. Apesar das divergências, o que é recorrente

é a referência às relações ambivalentes entre indígenas Borari e europeus como experiências constitutivas da festa.

Para Figueira (2011)⁹ o Sairé é uma manifestação cultural que ocorre em Alter do Chão e foi proibida pela Igreja Católica na década de 1940 e reorganizado por moradores em 1973. O Sairé é representado por personagens que teatralizam a tradição na procissão, na ladainha, nos mastros e nas danças folclóricas (Figura 10). Em 1996, o poder público propôs mudanças na festa quando incluiu o Festival dos Botos.

Figura 10 - Procissão de abertura da Festa do Çairé



Fonte: Santarém (2015a)

Com relação à grafia do vocábulo Çairé e/ou Sairé, Carvalho (2016a) afirma que tem sido objeto de acaloradas discussões e controvérsias entre literatos e populares, em especial os festeiros de Alter do Chão. A autora informa que, ao longo dos três séculos de história, esse termo já foi escrito de diferentes maneiras, mas os debates mais acirrados em torno do assunto se dão pela escolha entre as iniciais “S” e “Ç”.

Neste trabalho não cabe adentrar nessa discussão da escrita do vocábulo, pois o intuito é apresentar de maneira geral, como resultado preliminar, o que é a Festa do Çairé/Sairé. Portanto, ambas escritas serão citadas, de acordo com seus autores.

Carvalho (2016b) descreve que em menos de três décadas, a partir de 1970, o Sairé tornou-se o maior evento festivo e turístico do Baixo Amazonas paraense, incluindo em sua programação um festival protagonizado por duas agremiações de botos que se apresentam em uma espécie de arena de espetáculo, ao estilo dos bois-bumbás de Parintins. Atualmente, a festa

⁹ A escrita da palavra Sairé adotada por esta autora é com “S”

realiza-se em setembro, apresentando-se como uma celebração do Divino Espírito Santo que associa e articula, em múltiplos planos, ritos do catolicismo popular com formas tradicionais de expressão oral, musical e coreográfica, frequentemente designadas como folclóricas, mas também inspiradas em espetáculos de massa. Organizada em torno de dois espaços principais – o barracão e o Lago dos Botos.

A autora relata ainda que o Sairé nem sempre esteve associado ao Divino Espírito Santo, pois nos registros mais antigos, a homenageada no ritual de Alter do Chão é Nossa Senhora da Saúde, padroeira da vila. Informa também que, em outras localidades, são referidas execuções do Sairé como expressão de devoção a outros santos.

A partir de 1997 modificações ocorreram surgindo uma nova concepção da Festa do Çairé. Esta passou a incorporar novos elementos, dentre eles o Festival dos Botos Tucuxi e Cor-de-Rosa, dois grupos que dramatizam a lenda do boto (CARVALHO, 2016a).

Outros investimentos foram realizados a partir dessa mudança, como a construção da Praça do Çairé, que passou a congregar o barracão, área para barraquinhas de comidas e bebidas, e um espaço próprio para a disputa festiva dos botos com arquibancadas e camarotes, acessíveis apenas mediante pagamentos ou cessão de ingresso pelos organizadores da festa (CARVALHO, 2016a).

Para Carvalho (2016a, p.51) no plano simbólico:

Houve um reposicionamento dos universos festivos concebidos como sagrado ou profano. Além disso, a ocupação da praça do Çairé demandou mudanças significativas nas formas de composição e apresentação dos grupos organizadores da procissão, das músicas e das danças que faziam parte da celebração. Os grupos folclóricos locais recorreram à adoção de indumentárias padronizadas que valorizassem a visualidade e a plasticidade em suas apresentações. Os botos, em especial, introduziram no seu festival um rol de personagens, fantasias, adereços, alegorias, coreografias e dramaticidade espetaculares. O novo espaço da festa acentuou a distinção entre festeiros, atores e espectadores.

Festival Borari

Segundo Santarém (2015a), a Vila de Alter do Chão era, até o século XVII, a antiga aldeia dos índios Borari, uma das seis tribos que constituíam a poderosa Nação Tupaiçu. Em 1661, o Padre João Felipe Bettendorf, considerado o fundador de Santarém, criou a Missão do Tapajós, da qual os índios Borari faziam parte. Em razão da grande distância entre Santarém e Alter do Chão, anos mais tarde, a Missão do Tapajós seria dividida, culminando com a criação da Missão de Nossa Senhora da Purificação ou Nossa Senhora da Saúde, que viria a tornar-se padroeira da nova missão na aldeia dos Borari.

Em 1693, a missão de Nossa Senhora da Purificação dos índios Borari já era uma das mais desenvolvidas da região do Tapajós e, em razão do seu desenvolvimento expressivo, seria elevada à categoria de vila no dia 06 de março de 1758, pelo então governador da província do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Na ocasião, houve a alteração do nome da Missão de Nossa Senhora da Purificação para Vila de Alter de Chão, conforme medida adotada pelo governo português de substituir, em vários lugares da Amazônia, os primitivos nomes das missões por nomes de cidades portuguesas.

O Festival Borari surgiu em fins do século XX com o objetivo de resgatar os valores culturais, costumes e tradições desse povo. O evento reflete o culto sagrado do homem indígena desta região preservada e defendida pela luta daqueles que acreditam no valor de suas raízes e resistem com dignidade e sabedoria às agressões que a vida moderna lhes impõe (SANTARÉM, 2015a).

No ano de 1994, foi realizado o primeiro Festival Borari, no período da Semana da Pátria. Porém, devido à mudança da data do Çairé para o mês de setembro, a partir de 1997, o Festival Borari também teve alterada a sua data de realização, passando para o mês de julho, aproveitando assim o período das férias escolares. É realizado durante três dias, com apresentações folclóricas, show cultural, competições, dentre outras atividades (SANTOS, SILVA; PASTANA, 1999).

Festa de Nossa Senhora da Saúde

A festividade de Nossa Senhora da Saúde começa na véspera do Círio, quando acontece a transladação da Imagem da Santa para a comunidade de Caranazal, de onde a romaria, na manhã seguinte, sai para a vila até a Igreja de Nossa Senhora da Saúde. A festividade se inicia na última semana de dezembro, estendendo-se até o dia 06 de janeiro, quando se dá o encerramento das comemorações em homenagem à padroeira da Vila, Nossa Senhora da Saúde, com festa, arraial e fogos de artifício (SANTOS, SILVA; PASTANA) (Figura 11).

Figura 11 - Festividade de Nossa Senhora da Saúde



Fonte: Autora (2017)

Vale ressaltar que outros eventos ocorrem na localidade, como o Carnaval chamado popularmente de CARNALTER e o *Réveillon*. Ambos atraem uma quantidade significativa de turistas a Alter do Chão.

Rente (2006) destaca outros dois aspectos culturais que ajudam a incrementar os eventos em Alter do Chão: o artesanato e a gastronomia. O artesanato tem por base produtos extraídos da natureza como flores, frutos, troncos, raízes, sementes, barro, cordas, etc., que são transformados em peças artesanais e utilitárias como: ventarolas, abajur, cinzeiro, vasos, bolsas, cestos, etc. A culinária da Vila tem como base o peixe, as aves (frangos e patos), os frutos locais (caju - *Anacardium occidentale*, murici - *Byrsonima crassifolia*, cupuaçu - *Theobroma grandiflorum*, jenipapo - *Genipa americana*, araçá - *Psidium cattleianum*, goiaba - *Psidium guajava*, e açaí - *Euterpe oleracea*) e a mandioca (farinha e tucupi). Desses produtos saem pratos típicos como a caldeirada de peixe, o pato no tucupi, o tacacá, os licores e os doces.

Igreja de Nossa Senhora da Saúde

A igreja data do século XIX. Sua construção, em estilo colonial foi iniciada em 1886 e inaugurada em 1906 (Figura 12). É dedicada à Nossa Senhora da Saúde, padroeira de Alter do Chão, sendo o seu Círio realizado em 26 de dezembro, e a Festa em 06 de janeiro (SANTOS, SILVA; PASTANA, 1999).

Figura 12 - Igreja de Nossa Senhora da Saúde



Fonte: Autora (2016)

COMPONENTE DA SUPERESTRUTURA

Esse componente refere-se à complexa organização tanto pública quanto privada que permite harmonizar a produção e a venda de diferentes serviços do Sistor. Envolve a política oficial de turismo e sua ordenação jurídico-administrativa que se manifesta no conjunto de medidas de organização e de promoção dos órgãos e instituições oficiais, e estratégias governamentais que interferem no setor (BENI, 2003). Este autor define política de turismo como:

O conjunto de fatores condicionantes e de diretrizes básicas que expressam os caminhos para atingir os objetivos globais para o turismo do país; determinam as prioridades da ação executiva, supletiva ou assistencial do Estado; facilitam o planejamento das empresas do setor quanto aos empreendimentos e às atividades mais suscetíveis de receber apoio estatal. Ela deverá nortear-se por três grandes condicionamentos – o cultural, o social e o econômico – por mais simples ou ambiciosos que sejam os programas, os projetos e as atividades a desenvolver; por menores ou maiores que sejam as áreas geográficas em que devam ocorrer; quaisquer que sejam suas motivações principais ou os setores econômicos aos quais possam interessar (BENI, 2003, p. 101).

Em Santarém, e conseqüentemente em Alter do Chão, a gestão do turismo é realizada na estrutura do poder executivo municipal desde 1996, quando foi criado o primeiro órgão oficial de turismo, a Coordenadoria Municipal de Turismo - COMTUR. Posteriormente, havendo modificações na estrutura municipal, o órgão recebeu as seguintes denominações: em 2000 passou a se chamar Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santarém - SANTUR; em 2005, Secretaria Municipal de Turismo e Integração Social – SEMTUR; em 2013, Secretaria Municipal de Turismo – SEMTUR; em 2015, Secretaria Municipal de

Desenvolvimento e Turismo – SEMDETUR (CHIAS MARKETING, 2015). Em 2017, Secretaria Municipal de Turismo – SEMTUR.

O município conta ainda com o Conselho Municipal de Turismo de Santarém – COMTUR e o Fundo Municipal de Turismo - FUMTUR, instituídos pela Lei nº 18.515 de 14 de dezembro de 2010. O conselho é um órgão colegiado de composição paritária entre o poder público e a sociedade civil, com função consultiva, normativa, fiscalizadora e deliberativa. O Conselho Comunitário de Alter do Chão tem uma representação no COMTUR. Em 2014, foi aprovada a lei municipal de turismo de Santarém, Lei nº 19.611/2014, que estabelece a Política Municipal de Turismo e define as diretrizes para o desenvolvimento e o marketing do destino (CHIAS MARKETING, 2015).

As ações que contemplam uma política de turismo para Alter do Chão estão relacionadas, principalmente, aos programas federais e estaduais como o Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal – PROECOTUR, em 1999 e o Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável – PDTIS, 2008.

Sobre o PROECOTUR, apoiado em Brasil (2004), Nóbrega (2012, p. 72) informa que ele tinha como objetivo “promover o desenvolvimento sustentável da região amazônica por meio do ecoturismo, estabelecendo diretrizes e meios de implementação de infraestrutura turística básica em uma área de abrangência nos nove estados da Amazônia Legal Brasileira”.

Nóbrega (2012) relata, ainda, que as parcerias financeiras do PROECOTUR decorriam de organismos internacionais e bancos de desenvolvimento, como o BID. Para implementar as ações delineadas no PROECOTUR, o BID previa a alocação de recursos da OEA, através de acordos de Cooperação Internacional; da ONU, por meio do PNUD; de bancos nacionais de financiamento como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); e do setor privado.

No que refere ao PDTIS, Nóbrega (2012, p. 220) afirma que:

Na região do Oeste do Estado do Pará, os esforços foram voltados à consolidação de um roteiro denominado “Amazônia Selva e História”. A intenção é que as agências de turismo receptivo contemplassem pontos turísticos e incorporassem serviços que reproduzem a naturalidade da identidade do povo do Oeste do Pará. Nessa lógica, os produtos deveriam seguir os preceitos da regionalização turística, ou seja, através de pacotes turísticos que contemplassem o desenvolvimento de atividades nos municípios de Belém, Santarém e Belterra, sempre ressaltando os valores culturais e ambientais, representativos da realidade da região e considerando a viabilidade operacional.

Abaixo, apresenta-se o quadro 02 com o resumo das ações/atividades contempladas nos programas voltados para o desenvolvimento do turismo na vila de Alter do Chão.

Quadro 2 – Síntese das ações/atividades contempladas nos planos/programas para Alter do Chão

AÇÕES/ATIVIDADES/METAS	PLANO/PROGRAMA	SITUAÇÃO
Projeto e Implantação do Terminal Fluvial Turístico (TFT) em Alter do Chão	PROECOTUR	Concluído
Projeto e Implantação do Centro de Atendimento ao Turista (CAT) em Alter do Chão	PROECOTUR	Concluído
Projetos Básicos de rede de água potável, esgoto e tratamento de lixo em Alter do Chão	PROECOTUR	Não realizado
Sinalização turística na rodovia Fernando Guilhon, acesso ao aeroporto Maestro Wilson Fonseca e em toda área urbana de Santarém até o eixo forte de Alter do Chão (não foi definido prazo)	PDTIS	Em andamento pelo Governo Municipal
Urbanização, ampliação e contenção da Orla de Alter do Chão até o centro de apoio ao turista (CAT) no município de Santarém (não foi definido prazo)	PDTIS	Sem andamento
Padronização das Barracas dos Vendedores Ambulantes de Alter do Chão no Município de Santarém – Prazo para 2013	PDTIS	Não realizado
Meta – Realizar ordenamento turístico da praia de Alter do Chão em Santarém	Plano Plurianual 2016-2019 – Governo do Pará	Não informado

Fontes: Nóbrega (2012); Cordovil (2017); Caldeira (Secretário de Turismo de Santarém), informação verbal, (2018)

Algumas informações sobre o componente da superestrutura também foram obtidas a partir da entrevista realizada com o senhor Diego Pinho Caldeira, atual secretário de turismo do município de Santarém.

No que se refere ao planejamento e à gestão do turismo em Alter do Chão pela Secretaria Municipal de Turismo de Santarém, o secretário informou haver um agente distrital responsável pela administração da Vila no que se refere as ações governamentais. De responsabilidade da Secretaria de Turismo, onde concentra suas ações, tem-se o Centro de Atendimento ao Turista

– CAT. Atualmente, o CAT precisa passar por uma reforma, tanto no que se refere à sua estrutura física como no quadro de funcionários.

Quanto às parcerias entre as secretarias municipais cujas ações afetam direta ou indiretamente o desenvolvimento do turismo, segundo o entrevistado, houve uma reunião da SEMTUR com as secretarias de Cultura, Abastecimento e Infraestrutura para planejarem algumas ações pontuais para o período do Sairé, mas também para o ano todo. As secretarias de Meio Ambiente e Saúde não se fizeram presentes.

Com relação às parcerias junto a associações, conselho comunitário e iniciativa privada de Alter do Chão, de acordo com o secretário, ao longo dos meses do primeiro semestre de 2018 essas iniciativas foram se estreitando cada vez mais. O primeiro contato foi com o conselho comunitário. Então, segundo ele, são parcerias que estão sendo construídas; o mesmo acredita que está em torno de 30% a 40% as aproximações.

No que tange à organização e à promoção institucional do turismo para Alter do Chão junto aos mercados emissores, o secretário explica:

Nós temos a grande missão de cada vez mais de estar divulgando o destino, então como eu disse a gente tem uma grande dificuldade na questão de orçamento, então você acaba buscando alternativas. O primeiro passo foi que a prefeitura mudou o seu canal de comunicação, ela reformulou o seu *site*, inclusive deu uma atenção direcionada ao turismo que ainda não está 100%, mas estamos trabalhando para melhorar. Porque, de acordo, inclusive com o relatório “Plano Encontro” ele mostra que as pessoas dificilmente vão buscar informações em *site* institucional ligado a prefeitura, então, pois elas associam que tenha informações de cunho político. É como não é esse o nosso interesse de trabalhar com as ações políticas partidárias e sim de defesa ao turismo, nós entramos em contato inclusive com uns meios de comunicações. Hoje, aqui dentro de Santarém existe dois blocos que trabalham com a promoção do turismo, é de forma espontânea, acabamos trabalhando com essa publicidade. Através de ações de eventos também conseguimos trazer de forma espontânea também a vinda de grupo de jornalistas em Santarém, como o caso da Folha de São Paulo, Estadão, o canal GNT também que ele buscou dá destaque à gastronomia e esse evento que ocorreu em junho ele tinha como objetivo justamente mostrar que Santarém ela tem também um apelo para gastronomia e tornar esse evento em um evento anual para ser realizado no primeiro semestre dando essa atenção para nossa gastronomia (DIEGO PINHO CALDEIRA, 2018).

O evento a que o secretário se refere chamou-se Festival Gastronômico Cozinha Tapajós, realizado no período 14 a 16 de junho de 2018, na Praça 7 de Setembro, em Alter do Chão. A escolha de Alter do Chão para sediar o evento, conforme explica o secretário, deu-se porque o primeiro nome que remete ao Tapajós é Alter do Chão e, também, porque o apelo pelo turismo de sol e praia é forte, além do fato de o local ser o cartão postal de Santarém, quando se trata de turismo.

Uma ferramenta, plataforma digital para celular, desenvolvida pelo próprio secretário e que está em fase de teste, é um aplicativo chamado Visite o Tapajós, onde Alter do Chão também estará sendo divulgada.

Quando questionado sobre as políticas públicas municipais voltadas para o turismo em Alter do Chão, o entrevistado respondeu da seguinte maneira:

Hoje especificamente para Alter do Chão nós não temos nenhum programa, mas temos planejado, uma vez que eu tenho como objetivo, eu tenho como responsabilidade de desenvolver o turismo de forma sustentável sem que atraia os especuladores e interessados em explorar a área de forma irresponsável, então eu tenho esse trabalho de fazer com que possamos desenvolver essas ações de forma sustentável, então com essa preocupação nós estamos ainda em planejamento, mas em execução nenhuma ainda (DIEGO PINHO CALDEIRA, 2018).

Também foi feito o seguinte questionamento ao secretário: Quais os investimentos de infraestrutura, créditos e incentivos (tributários, creditícios) que existem no governo municipal, estadual e federal para o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão?

Não, não tem incentivo, mas existe uma grande luta que vai ser entregue nesse ano que é justamente ligado ao saneamento, que é justamente essa entrega da obra, construção da Balsa Banheiro, dando essa atenção, inclusive foi uma demanda apresentada pela própria comunidade da necessidade de ser construída essa obra de infraestrutura, ligada ao saneamento que é um convênio entre o estado e o município. É como eu disse, e também um trabalho de revitalização na estrutura que hoje tem o CAT, que hoje ela está deteriorada e ela vai passar por uma revitalização, diretamente ligada ao turismo (DIEGO PINHO CALDEIRA, 2018).

Para os empreendedores do turismo, de acordo com o entrevistado, também não há incentivo de crédito financeiro, de modo geral, mas pretende-se apresentar junto ao Conselho Municipal de Turismo uma proposta para que possa ser implantada uma taxa para esse incentivo financeiro. A outra ação seria na implantação de políticas ligadas ao artesanato.

No que diz respeito às medidas governamentais para proteger e ordenar o uso dos atrativos naturais e culturais dos possíveis impactos negativos do turismo na vila de Alter do Chão, conforme o entrevistado, algumas propostas ainda estão sendo trabalhadas, até porque existe uma grande discussão envolvendo a construção de edifícios verticalizados.

As pesquisas e os estudos realizados pela SEMTUR sobre a contribuição que o turismo traz ao desenvolvimento de Alter do Chão, bem como sobre os aspectos negativos que poderão se manifestar como consequência de seu desenvolvimento, de acordo com o secretário municipal de turismo, estão direcionadas para os eventos Carnalter e Sairé. A partir de um evento que aconteceu em março desse ano, para apresentar o relatório do turismo do balanço de 2017, com a presença dos representantes do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE e da Secretaria de Estado de Turismo – SETUR, onde o

secretário de turismo de Santarém foi questionado por uma moradora de Alter do Chão sobre a os dados da localidade, com exceção dos eventos Carnalter e Sairé, decidiu-se então, começar a realização de pesquisas na Vila, com intuito de obter dados sobre o turismo durante o ano todo.

No que se refere ao monitoramento do turismo em Alter do Chão pela SEMTUR, segundo o secretário, ele é realizado através das pesquisas da Secretaria e detecta pontos frágeis indicados, principalmente, pelos turistas, para tentar solucioná-los.

Quanto às estratégias governamentais desenvolvidas para um turismo sustentável em Alter do Chão, especificamente para esse local, conforme o secretário, ainda não ocorre, porém, planeja-se com o desenvolvimento do turismo de base comunitária ligado à gastronomia, na região do Eixo Forte, chegar até Alter do Chão, para que o foco na Vila não seja somente no turismo de sol e praia, mas que amplie o leque de opções de atividades turísticas nessa comunidade.

COMPONENTE DA INFRAESTRUTURA

O que se analisa em maior detalhe neste componente, segundo Beni (2003), é a infraestrutura de acesso com seus elementos viário e de transportes e a infraestrutura urbana.

O acesso terrestre à vila de Alter do Chão dá-se pela PA-457 (Rodovia Estadual Everaldo Martins), com pavimentação asfáltica e sinalização. A empresa responsável pelo transporte e a Transportes Urbanos Eixo Forte.

Tenório (2012 *apud* CARVALHO, 2016a), destaca que Alter do Chão possui: centro de saúde com atendimento de emergência e assistência ambulatorial básica 24 horas; segurança pública sob responsabilidade da Polícia Militar e Polícia Civil; posto de serviço da Empresa de Correios e Telégrafos; serviço de telefonia fixa operacionalizado pela Companhia Oi e por empresas que prestam serviços de telefonia celular.

Em relação à infraestrutura e à expansão imobiliária em Alter do Chão, vale ressaltar uma constatação de Carvalho (2016a, p.63):

Destaca-se no contexto atual a expansão imobiliária na vila — com a segregação de muitos antigos moradores que vendem seus terrenos a novos ocupantes e se transferem para áreas periféricas. Como esses processos não são acompanhados da implantação de serviços básicos nem de infraestrutura mínima para comportar o rápido inchaço populacional, vêm resultando em diversos problemas próprios do crescimento urbano desordenado. Por exemplo, o acesso regular à energia elétrica só veio a se estabelecer na vila como resultado do projeto Tramoeste, concluído em 1999. E, por ironia, apesar de viverem sobre aquele que é considerado o maior depósito de água subterrânea potável do mundo, os moradores da localidade sofrem constantemente com falta d'água, principalmente nos períodos de férias e da festa do Çairé.

No quadro 3 observa-se outros serviços e infraestrutura de apoio ao turismo na vila de Alter do Chão.

Quadro 3 – Síntese dos serviços/infraestrutura de apoio ao turismo na vila de Alter do Chão

SERVIÇO/INFRAESTRUTURA	RESPONSÁVEL	OBSERVAÇÕES
Abastecimento de Água	Companhia de Saneamento do Pará – COSANPA	Microsistema comunitário como forma alternativa de abastecimento de água; e poços particulares.
Fornecimento de Energia	Centrais Elétricas do Pará – CELPA	Algumas empresas turísticas utilizam além da energia fornecida pela CELPA, alternativas, como energia solar e gerador.
Coleta de Lixo	Empresa Terraplena Ltda	Os dias de coleta em Alter do Chão são: Segunda\Quarta\Sexta.
Transporte Coletivo	Transportes Urbanos Eixo Forte	Linha: Aeroporto, Alter do Chão, Cucurunã, Pajuçara Aeroporto e Vila Nova.
Comunicação – Agência Postal	Agência de Correios – Alter do Chão	End. Trav. Copacabana, s/n.
Sistema de Saúde	Centro de Saúde de Alter do Chão (ESF)- 24h	End. Rua Lauro Sodré, s/n.
Bancário	Banpará- Agência Alter do Chão	End: Trav. Copacabana, SN, Esquina c/ Dom Macedo Costa.
Centro de Atendimento ao Turista- CAT	Secretaria Municipal de Turismo	Em sua estrutura dispõe de um ponto para atracação de barcos e lanchas para passeios turísticos. No seu interior atendimento ao turista e exposição e venda de artesanato.

Fonte: Santarém (2018) – Inventário da Oferta Turística de Santarém

COMPONENTE DO MERCADO

Este componente compreende oferta e demanda, e os processos de produção, distribuição e consumo (BENI, 2003).

A oferta básica turística é definida por Beni (2003, p. 159) como “o conjunto de equipamentos, bens e serviços de alojamento, de alimentação, de recreação e lazer, de caráter artístico, cultural, social ou de outros tipos, capaz de atrair e assentar numa determinada região, durante um período determinado de tempo, um público visitante”.

Os dados aqui apresentados estão relacionados a uma parte da oferta turística em Alter do Chão, considerando-se os equipamentos, bens e serviços de alojamento, de alimentação (quadros 4 e 5), bem como a capacidade da oferta hoteleira e taxa de ocupação nos meios de hospedagem (Tabelas 6 e 7).

Quadro 4 - Meios de hospedagem em Alter do Chão

EQUIPAMENTO/SERVIÇO	QUANTIDADE	UHS	LEITOS
Hotéis	4	165	409
<i>Hostels</i> e Pousadas	29	286	852
Casas de Aluguéis	05	30	133
Total	38	481	1.394

Fonte: Santarém (2018) – Inventário da Oferta Turística de Santarém

Quadro 5 - Serviços e Equipamentos de Gastronomia na Vila de Alter do Chão

EQUIPAMENTO/SERVIÇO	QUANTIDADE
Restaurantes	12
Lachonetes e Pizzarias	4
Quiosques/ Barracas	20
Total	36

Fonte: Santarém (2018) – Inventário da Oferta Turística de Santarém; pesquisa de campo

Quanto aos serviços de agenciamento de turismo, de acordo com, a Vila dispõe de 04 (quatro) agências de turismo (SANTARÉM, 2018). Nos serviços e equipamentos para eventos, Alter do Chão pode contar com o auditório do hotel Mirante, com capacidade para 200 cadeiras. As lojas de artesanato e *suvenires* são no total de 08 (oito).

No quadro 6 são apresentados os empreendimentos de Alter do Chão cadastrados no Cadastur, “o Sistema de Cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam na cadeia produtiva do turismo, executado pelo Ministério do Turismo (MTUR), em parceria com órgãos oficiais de turismo nos 26 estados e no DF” (SANTARÉM, 2018, p. 124). Vale destacar que o cadastro garante diversas vantagens e oportunidades de negócios aos seus cadastrados, além de se tornar uma importante fonte de consulta para o turista.

Quadro 6 - Empreendimentos de Alter do Chão Cadastrados no Cadastur- 2018.

EMPREENHIMENTO	QUANTIDADE
Meios de Hospedagem	9
Prestador Especial em Segmento Turístico	1
Restaurante	1
Transportadora Turística	1
Agência de Turismo	1
Organizadora de Eventos	1
Total	14

Fonte: Santarém (2018) – Inventário da Oferta Turística do Município de Santarém

No que diz respeito à capacidade da oferta hoteleira, preços médios das diárias e a taxa de ocupação dos meios de hospedagem de Alter do Chão, tem-se os seguintes dados (Tabelas 6 e 7).

Tabela 6 - Capacidade da oferta hoteleira e preços médios das diárias - Ano 2015

MEIO DE HOSPEDAGEM	QUANT	UH'S	TOTAL LEITOS	TOTAL FUNC.	MÉDIA PREÇOS
Hotéis	4	161	409	83	R\$173,28
Pousadas	31	264	918	82	R\$127,80

Fonte: Santarém (2015d).

Tabela 7 - Taxa de ocupação meios de hospedagem de Alter do Chão - Ano 2015

Mês	UH's Disponíveis	UH's Ocupadas	Hóspedes	Pernoites Gerados	Taxa Ocup. p/UH (%)	Permanência Média (%)
Janeiro	2.790	1.518	1.203	2.771	54,41	1,99
Fevereiro	2.520	660	574	1.221	26,19	1,89
Março	2.790	530	552	855	19	1,46
Abril	2.700	376	419	786	13,93	1,83
Maiο	2.790	338	317	609	12,11	1,79
Junho	2.700	909	882	2.050	33,67	2,3
Julho	2.700	789	799	1.828	29,22	2,25
Agosto	2.790	1.413	1.168	2.814	50,65	2,23
Setembro	2.700	1.775	1.125	3.639	65,74	3,06
Outubro	2.790	1.863	1.364	4.088	66,77	2,8
Novembro	2.700	1.464	1.067	3.007	54,22	2,39
Dezembro	-	-	-	-	-	-
Total/Média	29.970	11.635	9.470	23.668	38,72	2,00

Fonte: Santarém (2015d).

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

O estudo do turismo a partir da teoria do sistema propicia identificar, descrever e analisar objetivamente seus componentes e assim ampliar as possibilidades de estudos sobre outras temáticas, como por exemplo, a sustentabilidade do fenômeno.

Mediante o estudo realizado em Alter do Chão para descrever os principais componentes do Sistur, tendo como base a abordagem de Beni (2003), publicações da Prefeitura Municipal de Santarém e visitas de campo, apresentam-se a seguir algumas considerações e recomendações.

- As políticas públicas voltadas para o turismo em Alter do Chão são muito limitadas e incipientes, provenientes de algumas ações do governo estadual ou federal. O município precisa desenvolver um planejamento mais direcionado para a localidade, determinando as políticas, os planos, programas e projetos que visem o desenvolvimento do turismo, a partir de uma visão sistêmica do fenômeno.
- Compreender o turismo de maneira fragmentada ocasiona uma maior concentração de importância em um ou dois componentes do Sistur. Logo, é necessário conhecer o que é o Sistur e suas estruturas, de maneira a assegurar um equilíbrio entre todos os seus componentes a fim de otimizar a dinâmica do sistema e, conseqüentemente, propiciar benefícios tanto econômicos, sociais, culturais, ecológicos, como estruturais (políticas e infraestruturas). Em Alter do Chão, observa-se uma ênfase maior nos componentes ecológicos (como atrativos majoritários) e econômicos (como geração de renda), principalmente pelos meios midiáticos.
- Devido à sazonalidade do turismo na localidade, deve-se buscar a diversificação de serviços e produtos voltados para os outros componentes do sistema, como o cultural e o social, além de potencializar os atrativos que surgem no período da cheia das águas.
- A Secretaria Municipal de Turismo, em parceria com as instituições de ensino, deve desenvolver mais estudos relacionados a oferta, demanda e mercado pertinentes ao turismo. Uma das dificuldades encontradas para realizar este estudo foi justamente a falta de dados relacionados aos componentes do Sistur de Alter do Chão, principalmente, econômico e superestrutura.

As considerações e recomendações aqui sugeridas visam proporcionar um melhor direcionamento e fomento do turismo em Alter do Chão, com vista a compreensão da

complexidade que tem o fenômeno, bem como propiciar futuros benefícios para a área do conhecimento, além de poder contribuir para um desenvolvimento do turismo, cujas funções interagem e se correlacionem, buscando o equilíbrio e a sustentabilidade do sistema.

CAPÍTULO 3

PERCEPÇÕES DE TURISTAS E MORADORES DE SANTARÉM ACERCA DO TURISMO EM ALTER DO CHÃO



O turismo é uma prática social emergente em condições históricas próprias em inúmeras sociedades humanas. Enquanto fenômeno social, é dinâmico e, atualmente, postulado no cotidiano de milhões de pessoas (MOESCH, 2002). Caracterizado pela viagem com intenção de retorno e motivada pela prática do lazer, o turismo se transformou em um dos principais tipos de deslocamento humano na modernidade (FIGUEIREDO, 2014) e se tornou um pilar da pós-modernidade (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004). Em suma, passou a ser, “em realidade, uma forma de viagem relativa a um certo estilo de vida, de uma sociedade que se consolida mundialmente” (FIGUEIREDO, 2014, p. 298).

É certo que o turismo sempre esteve relacionado à ideia de viagem, mas não se resume a ela nem contempla qualquer tipo de deslocamento (BARRETO, 1995). Conforme Barreto (1995, p.43) o “conceito surge no século XVII na Inglaterra, referindo-se a um tipo especial de viagem. A palavra *tour* é de origem francesa e quer dizer *volta* e tem seu equivalente no inglês *turn*, e no latim *tornare*”. Essa autora argumenta que o turismo inclui a viagem, mas não é sinônimo dela. Adverte, ainda, que existem muitas viagens que não são de turismo, como, por exemplo, as viagens de negócios, de estudo ou para visitar parentes em ocasiões especiais como doença ou morte. Essas viagens tendem a ser motivadas, mais que pela busca de prazer, por compromissos sociais, e não apresentam características essenciais do turismo propriamente dito.

Segundo Xavier (2006), o advento do turismo na escala da humanidade está associado à necessidade sentida por indivíduos em diversas sociedades de conhecer e encontrar pessoas de diferentes culturas. Isso porque a qualidade e as realizações da vida moderna passam pelo trabalho, mas também pelo lazer e entretenimento implicado no ato de se distanciar de seu meio e de seu cotidiano para buscar o bem-estar em outra localidade (CAMPINAS 2000 *apud* MAIELA, 2013). Esse pensamento é corroborado por Tribe (1997), para quem o turismo é essencialmente uma atividade envolvida por seres humanos que apresenta como pressupostos o ato de viajar de um lugar para o outro, um conjunto particular de motivos (excluindo o trabalho) e o envolvimento em determinadas atividades no destino visitado.

O turismo é um composto de atividades, serviços e setores que proporcionam uma experiência de viagem: estabelecimentos de transporte, hospedagem, alimentação, compras, entretenimento, locais para atividades e outros serviços de hospitalidade disponíveis para indivíduos ou grupos que estejam viajando para longe de onde vivem (GOELDNER, RITCHIE; McINTOSH, 2002, p. 23).

Porém, como sustenta Barreto (2003, p. 21), enquanto uma “atividade realizada pelos homens em sociedade [...] não podemos pensar no conceito de turismo se pensarmos num homem isolado”. Nesse sentido, assim como há sociedades humanas diversas, há também tipos

de turismo e turistas distintos. Logo, diante da diversidade de acepções e formas de realização do turismo — variáveis conforme as escolas teórico-metodológicas e as interpretações dos estudiosos do fenômeno, mas também de acordo com as percepções daqueles que o concretizam em ato —, importa compreender o fenômeno turístico a partir da experiência e do ponto de vista dos sujeitos que nele são diretamente envolvidos. Nesse sentido, acompanha-se Borges (2003) quanto à importância do conhecimento sobre a motivação e a percepção do turista sobre determinado local, fundamental para que seja melhor atendido e, conseqüentemente, volte, fique ou gaste mais.

Partindo dessa premissa, o presente capítulo tem dois objetivos principais: i) averiguar com quais concepções de turismo lidam, especificamente, duas classes de sujeitos envolvidos no fenômeno turístico em Alter do Chão, os moradores de Santarém e os turistas propriamente ditos; e ii) sistematizar as percepções desses dois grupos acerca do turismo na vila.

Partindo de uma breve revisão de conceitos como turismo, sujeito turístico e turista, a discussão é norteadada por indagações que pretendem qualificar a percepção e a experiência dos participantes da pesquisa no que se refere a: ser ou não ser turista em Alter do Chão; atividades que praticam durante o tempo de permanência na vila; satisfação e avaliação do lugar turístico quanto a aspectos naturais e culturais; impactos ocasionados pelo turismo em Alter do Chão, entre outros itens.

As indagações foram dissecadas em questões abertas e fechadas nos formulários (apêndice 1) e questionários (apêndice 2) respectivamente aplicados para os moradores de Santarém e para os turistas. Contendo questões relacionadas ao conhecimento do turismo de maneira geral à realidade específica de Alter do Chão, ambos os instrumentos foram utilizados em campo da seguinte maneira:

Moradores de Santarém – junto a esse grupo a pesquisa de campo foi realizada nos finais de semana no período compreendido de setembro de 2016 a fevereiro de 2017, especificamente na praia popularmente denominada “Ilha do Amor”, na Praça Central da Vila e no Terminal Rodoviário. Foram entrevistados 138 moradores de Santarém que estavam visitando Alter do Chão no período da pesquisa.

Para seleção dos entrevistados foi utilizada a amostragem não probabilística por conveniência ou acessibilidade, considerando-se a disponibilidade do sujeito que se encaixasse no perfil de morador de Santarém, em visita a Alter do Chão, para participar da pesquisa. Este processo, segundo Gil (2008, p. 94) “constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituído de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona

os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo”.

Turistas – a pesquisa junto a turistas brasileiros e estrangeiros foi realizada no período de setembro de 2016 a fevereiro de 2017 com apoio de hotéis, pousadas e *hostels* nos quais eles se hospedaram. Para aplicação dos questionários junto a esse grupo também foi utilizada a amostragem não probabilística por conveniência ou acessibilidade.

Inicialmente, 30 estabelecimentos foram selecionados, com base no Inventário da Oferta Turística do Município de Santarém de 2016, para integrar a pesquisa. Em seguida, os proprietários, gerentes ou administradores foram procurados pela autora com a finalidade de lhes apresentar os objetivos do estudo e formalizar o pedido de colaboração. No total, 25 deles aceitaram contribuir.¹⁰ A esses estabelecimentos, então, foi solicitado que entregassem os questionários aos hóspedes na véspera ou no dia do seu *check out*. Vale ressaltar, contudo, que apenas 15 retornaram à autora os questionários preenchidos, no total de 134.

Os dados relativos às questões fechadas foram armazenados nos formulários do Google Drive e, posteriormente, exportados para o programa Excel Office 365 da Microsoft, gerando tabelas e gráficos a partir do qual a interpretação dos resultados se pautou pelo método estatístico descritivo. No que diz respeito às questões abertas, as mesmas foram tratadas no *software* livre Iramuteq.

AS MÚLTIPLAS REALIDADES DO TURISMO

Conforme Carvalho e Moesch (2013), a preocupação em definir o turismo não é exclusiva de pesquisadores da área acadêmica. Por ser uma prática social com potencial econômico, o mercado também produz conceitos com a intenção de explicar e ordenar esse fenômeno. Para melhor compreensão do fenômeno contemporâneo das viagens turísticas, portanto, o próprio conceito de turismo vem sofrendo alterações que acompanham os processos de mudanças socioculturais na pós-modernidade (FIGUEIREDO; NÓBREGA, 2015).

A primeira tentativa de definição remonta a 1911, quando o economista austríaco Hermann von Schullern zu Schattenhofen escreveu que “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (BARRETO,

¹⁰ Alguns se recusaram expressamente a colaborar. Em outros estabelecimentos, alegou-se que somente os proprietários poderiam responder sobre o assunto, mas estes nunca foram encontrados nas diversas vezes em que foram procurados.

1995, p. 9). Segundo a OMT (2001, p. 03), “o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros”. Para a OMT, trata-se de uma conceituação ampla e flexível que concretiza assim as características mais importantes do turismo. São elas:

- Introdução dos possíveis elementos motivadores de viagem: lazer, negócios ou outros;
- Nota temporária do período por um ano, período realmente amplo, máximo se comparado com o tempo normal de duração dos vistos de viagem para turismo dados pelos governos – três meses – ou com a periodicidade prevista por algumas legislações para delimitar o que se considera habitual – seis meses;
- Delimitação da atividade desenvolvida antes e durante o período de estada;
- Localização da atividade turística como a atividade realizada “fora do seu entorno habitual” (OMT, 2001, p. 38).

Com respeito a essa última característica e num intento de precisar o que se entende por entorno habitual, a OMT (2001, p.38) esclarece que: “o entorno habitual de uma pessoa consiste em certa área que circunda sua residência mais todos aqueles lugares que visita frequentemente”.

Contudo, observa-se que os estudos realizados pela OMT até o presente permaneceram, quase que essencialmente, voltados à produção de estatísticas das demandas e ofertas que fizeram com que o turismo, nas últimas décadas do século XX, despontasse como um fator especialmente relevante na balança comercial de alguns países. Nota-se, em consonância com esse direcionamento, que o conceito de turismo adotado em tais estudos o reduz a uma atividade econômica, de caráter comercial e ofuscando a natureza eminentemente social do fenômeno, abstendo-se, ainda, de qualquer preocupação com as implicações sociais que o turismo gera (CARVALHO; MOESCH, 2013).

Em outra conceituação de turismo, Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p. 470) afirmam que “é todo o setor mundial de viagens, hotéis, transporte, e todos os outros componentes, incluindo a promoção, que atende às necessidades e os desejos dos viajantes”. Também na concepção de Barreto (1995) a dimensão do desejo do viajante é imprescindível característica do turismo; para a autora, trata-se de uma atividade em que a pessoa procura prazer por livre e espontânea vontade. Logo, o reconhecimento da prerrogativa de escolha é fundamental no estudo desse fenômeno.

Brito (2000) resume o entendimento do turismo assim:

1. O turismo é um fenômeno humano, caracteristicamente social, que pressupõe deslocamento temporário e limitado no tempo, sem que se verifique transferência do local de residência;

2. O deslocamento é efetuado por razões motivacionais, podendo ser de diversas origens, desde que não de âmbito econômico;
3. Pressupõe, no viajante, a descoberta de elementos socioculturais diversos diferentes do seu local de origem, podendo verificar-se processos de aculturação;
4. Traduz-se na relação entre o visitante e o meio ambiente natural;
5. É uma atividade que implica uma relação entre produção e o consumo com a consequente troca entre quem visita e quem recebe.

Enfim, segundo Moesch (2013), o turismo é uma prática social que se dissemina de formas diferenciadas, a partir de subjetividades diversas e de vivências múltiplas dos sujeitos que as exercem, em um mundo cada vez mais globalizado.

O turismo é visto então como uma prática social da vida humana, preparada para o chamamento mais radical (que exige uma opção fundamental) que nos orienta para a superação e encontra seu dinamismo enraizado numa experiência ontológica do nomadismo e anseio de superação. Nessa perspectiva, o ser humano é movimento, comunicação, presença (MOESCH, 2013, p. 19).

O turismo pode ser classificado, de acordo com Ignarra (2007), como turismo individualizado ou de massa. Essa divisão está relacionada com o volume de turistas, mas esses termos têm sido utilizados também para classificar o padrão de gastos dos turistas. O turismo individualizado seria o praticado por aqueles que consomem mais e de forma mais seletiva, e o turismo de massa seria mais econômico e mais coletivo.

O SUJEITO TURÍSTICO

Moesch (2000) demonstra que, nas análises mais frequentes do turismo, o sujeito tem sido restritivamente associado ao *homo economicus*, como participante ativo do fenômeno ou consumidor potencial a ser despertado por uma publicidade eficiente. Na perspectiva da autora, porém, as conceituações de turismo e turista devem ser compreendidas para além de uma visão exclusivamente técnico-institucional influenciada, principalmente, pela perspectiva econômica. Nesse sentido, é que as propostas de Moesch e outros autores buscam construir uma Epistemologia Social do Turismo, rompendo assim com o modo de produção dos conhecimentos turísticos até então predominantemente utilizados.

Na concepção de Barreto (2003), analisar o turismo somente com os paradigmas econômicos leva ao esquecimento da dimensão antropológica, leva a enxergar os turistas não como pessoas, mas como simples portadores de dinheiro. Contudo, tratar o turismo somente a partir da dimensão socioantropológica e ambiental leva ao esquecimento das suas derivações

no plano econômico, o que pode levar a uma visão romântica deslocada das atuais condições históricas.

Pinto e Moesch (2005) destacam que, para o desenvolvimento de uma nova teoria do turismo, é importante que as concepções no campo rompam a lógica econômica, onde o objeto é um produto originado de uma “indústria sem chaminé” (*grifo das autoras*), para uma lógica mais humana, onde o sujeito é o objeto central deste fenômeno. Para Moesch (2013), é importante se ater ao papel dos sujeitos consumidores e produtores envolvidos e todas as implicações que este fenômeno complexo estabelece.

Sampaio (2007) ressalta que o turismo é uma dinâmica humana, entre deslocar-se e permanecer. Por ser um processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico. O turismo encontra-se ligado às culturas, segundo Moesch e Beni (2015), pois o ato de receber um visitante é enraizado no código da tradição. E o ato de encontrar pessoas passa pelo sujeito turístico que, em sua transumância, se move e comunica seus desejos mais íntimos, em processos objetivos de fluxos (deslocamento/viagem/transporte), de fixos (estada, hospedagem, alimentação, acolhimento e segurança), e de prazer (o encontro cultural, a diversão), que só se estabelece se houver o encontro possibilitado pela hospitalidade.

Afirma Moesch (2000, p. 134-135):

O turismo é um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer.

Contudo, para Figueiredo (2016), o encontro entre culturas é a principal razão do turismo ocorrer e, portanto, essa é uma forma de entendê-lo como fenômeno social, uma prática que se origina na possibilidade de trocas, comunicações e relações humanas.

Para Fratucci (2000, p. 130) “é o revigoramento do conceito do turismo enquanto momento de encontro de alteridades, onde é possível a troca de experiências socioculturais e do enriquecimento pessoal, tanto do turista como do anfitrião”.

Moesch e Beni (2015) afirmam que não se nega a contingência material do turismo em sua expressão econômica, porém ela ocorre de maneira histórica, em espaços e tempos diferenciados, cultural e tecnologicamente construídos, a ser irrigado com o desejo de um sujeito biológico, nômade em sua essência. O sujeito turístico é objetivado, fundamental para a compreensão do fenômeno como prática social, e subjetivado em ideologias, imaginários e necessidade de diversão e encontro (MOESCH; BENI, 2015).

Moesch (2000, p. 119), ao se referir ao turista, corrobora com a afirmação de que “ao participar de férias em espaço coletivizado, o turista integra um conjunto que lhe permite, ao mesmo tempo, viver e entrar em correspondência com os outros”, ou seja, sequência de co-presenças, favorecendo o tocar o outro.

O entendimento de Moesch (2000) sobre o sujeito protagonista do fenômeno turístico tem uma noção subjetiva e biológica, destarte, humanista. Não é só *economicus* e político, mas também afetivo e lúdico, dimensões consideradas essenciais de sua existência. O sujeito é multidimensional, não de maneira harmoniosa, complementar, passível de classificação, mas no conflito, na contradição, no jogo de papéis de máscaras que o turismo possa lhe estabelecer.

Vale destacar que o sujeito turístico é também indutor da produção e da reprodução do espaço turístico ao estabelecer relação turística com o local visitado. A existência de meios de hospedagens, transportes, serviços de alimentação, etc, só é possível em consequência do desejo do sujeito em se deslocar, conhecer e chegar àquele lugar. E, também, ele contribui na reprodução daquele espaço ao estabelecer vínculos de relação ao querer retornar, ao querer dar continuidade àquela relação estabelecida com os sujeitos da localidade visitada, seja um empreendedor turístico ou a população autóctone em geral.

Como ressalta Moesch (2004), o turismo é realizado pelas interações entre os sujeitos que o constituem: os turistas e a comunidade local. Não está o turista em uma parte, e o turismo em outra, ou seja, humanidade de um lado, o sujeito nômade de outro; ou a empresa turística com seus programas de metas e organograma, de um lado, e do outro, seus problemas de relações humanas, de relacionamento com seu público. Os dois processos são inseparáveis e interdependentes.

CONCEITOS DE TURISTAS E VISITANTES

Os conceitos criados para dar conta da realidade produziram classificações de acordo com o tipo de prática turística e de distinção dos grupos. Dessa forma classificam-se turistas, excursionistas, turistas de segunda residência, turistas de sol e praia, visitantes, veranistas, etc., indicando a diversidade de nomenclaturas de acordo com a concepção de seus autores e instituições que as utilizam para fins estatísticos, como é o caso da Organização Mundial do Turismo (UNWTO/OMT).

Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p. 469-470) conceituam turista como sendo “a pessoa que viaja de um lugar para outro por razões não profissionais”. Excursionista para estes autores “é o viajante que passa menos de 24 horas em uma destinação”. O turista de segunda

residência é aquele que mantém “um tipo de hospedagem vinculada ao turismo de fins de semana e de temporadas de férias” (ASSIS, 2003, p. 110).

De acordo com Cunha (2010), oficialmente, a primeira tentativa de definição de turista surge em 1937, pela Sociedade das Nações Unidas, referindo-se às pessoas que viajam com duração de 24 horas ou mais num país diferente daquele onde tem a sua residência habitual.

Cunha (2010, p. 4) também comenta que a Comissão de Estatísticas da ONU, substituindo a Sociedade das Nações Unidas em 1953, decidiu introduzir o termo “visitante” com a seguinte definição: “não residente tendo a intenção de permanecer no país durante um ano no máximo, sem aí exercer uma profissão remunerada”. O autor expõe que, no decorrer dos anos, várias outras definições de turista foram estabelecidas ou alteradas em convenções, conferências, comissões estatísticas, etc.

Em 2003, a OMT lança o Guia de Desenvolvimento Sustentável, delineando o conceito de turista:

- Visitante internacional – por razões estatísticas, o termo “visitante internacional” é utilizado para descrever qualquer pessoa que viaje para um país no qual não possua residência usual e que esteja fora de seu ambiente normal, por um período que não ultrapasse 12 meses, e cujo objetivo principal da visita não seja o exercício de uma atividade remunerada dentro do país visitado.
- Visitante doméstico – por razões estatísticas, o termo “visitante doméstico” é utilizado para descrever qualquer pessoa que resida em um país e viaje para um lugar dentro dos limites do território e fora de seu ambiente usual, por um período que não ultrapasse 12 meses, e cujo objetivo principal da visita não seja o exercício de uma atividade remunerada no local visitado.
- Visitante de pernoite – qualquer visitante que permaneça, no mínimo, uma noite em acomodações coletivas ou privativas no local visitado.
- Visitante de um dia – qualquer visitante que não pernoite em acomodações coletivas ou privativas no local visitado. Nesta definição, estão incluídos os passageiros de cruzeiros marítimos que entram no país em um navio de cruzeiro e retornam ao navio à noite para dormir a bordo, mesmo que o navio permaneça no porto por vários dias. Pertencem também a este grupo, por extensão, os proprietários ou passageiros de iates e os passageiros de grupos de viagem hospedados em trens. (OMT, 2003, p.20 -21).

Corroborando com as definições da OMT, Ignarra (2007) ressalta que, quando o visitante não pernoita em uma localidade turística, é considerado excursionista ou turista de um dia, ou seja, aquele que viaja e permanece menos de 24 horas em localidade que não seja a de sua residência fixa ou habitual, com as mesmas finalidades que caracterizam os turistas.

Seja como turista, excursionista, visitante, importa dentro desse contexto, ponderar sobre como esses agentes percebem o lugar turístico, como contribuem para a produção desse lugar e como este é formado a partir da percepção de seus visitantes e moradores, pois para Carlos (2007, p. 17) “é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões”, onde se permite “pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno”.

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida (CARLOS, 2007, p. 22).

Para Cravidão (2004), o lugar faz parte da essência do ser humano, pois o ser humano que conhece outros lugares, ao regressar, faz uma diferente leitura do seu próprio lugar. O lugar, qualquer que seja sua dimensão, é na sua essência uma produção humana, pois é nele que se constroem as relações sociais e, é nele que se (re)cria a identidade, a singularidade cultural.

Correlacionando lugar ao turismo, Snepencer *et al.* (2007, p. 310) afirmam que “os lugares são locais para as experiências em turismo, o contexto para a interação social e psicológica e o fenômeno pelo qual este comportamento pode ser descrito, explicado e previsto”.

Todo lugar em que houver a presença de turista é considerado um lugar turístico, cuja caracterização em primeira instância se dá pela existência de um fluxo de pessoas que se desenvolve aliado à implementação de infraestrutura de hospedagem e equipamentos de lazer (SOBRINHO, 2004).

O lugar turístico, para Marujo e Cravidão (2012, p. 283), “é entendido como um aglomerado de lugares que produz experiências para as diferentes tipologias dos turistas” e este deve valorizar a singularidade de um determinado local. É no lugar turístico que o fenômeno se materializa por meio dos atrativos turísticos, equipamentos e serviços turísticos (meios de hospedagem, serviços de alimentação, agentes receptivos, guias de turismo, locais e instalações para entretenimentos, etc.) e infraestrutura de apoio (serviços de comunicações, transportes, segurança, etc.) (FRATUCCI, 2000). O lugar turístico é, então:

É o território onde o turismo se realiza, e onde há a ocorrência de interações e inter-relações temporárias entre o anfitrião e o turista, aos quais irão permitir um contato direto, sem barreiras (físicas ou simbólicas) entre eles e o reconhecimento da existência do outro, recíproca e simultaneamente. Para o turista essa experiência irá trazer um crescimento pessoal e a satisfação das expectativas, sonhos e ansiedades que o levaram a estabelecer sua viagem. A viagem torna-se um momento de aprendizado, de crescimento. Para o habitante, o anfitrião, a experiência irá propiciar, além do seu crescimento pessoal interior, a consolidação da sua identidade com o seu lugar e a consciência de todas as possibilidades do seu cotidiano. A interação com o turista, nômade, torna-se um fator de fortalecimento e de recriação da sua noção de pertencimento ao lugar. (FRATUCCI, 2000, p. 131).

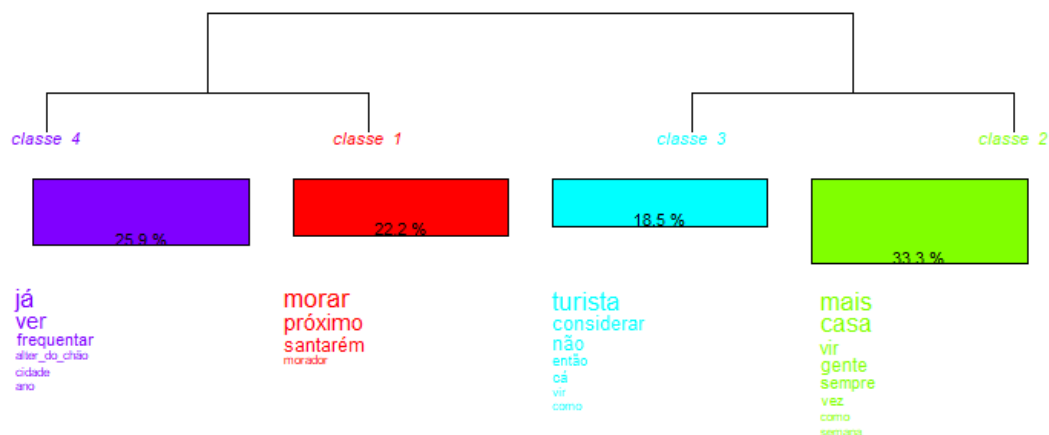
PRÁTICAS TURÍSTICAS DOS MORADORES DE SANTAREM EM ALTER DO CHÃO

Ser ou não ser turista em Alter do Chão

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito ao modo como os moradores de Santarém se definem em relação a Alter do Chão. No cenário descritivo elaborado a partir dos 138 entrevistados, o maior percentual apresentado (53%) revela que o morador de Santarém não se considera um turista em Alter do Chão, contra 47% que se consideram turistas ao visitar a localidade.

A partir da análise dos dados realizada pelo Iramuteq com relação às respostas abertas para a questão: “Por que não se considera turista ao visitar Alter do Chão?”, o corpus geral foi constituído por 72 textos, ou seja, 72 respostas, separadas em 72 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 54 textos classificados (75%). Obteve-se 602 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), das quais 193 são palavras distintas que aparecem no texto, sendo que 105 (54,40%) aparecem uma única vez no corpus. O conteúdo analisado no Iramuteq gerou 2 eixos, categorizado em 4 classes: Classe 1, com 12 ST (22,2%); Classe 2, com 18 ST (33,3%); Classe 3, com 10 ST (18,5%); e Classe 4, com 14 ST (25,9%) No dendrograma pode-se observar a lista de palavras de cada classe geradas a partir do teste qui-quadrado. Cada classe apresenta as palavras que mais se destacam, as que apresentam vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferentes das outras classes (Figura 13).

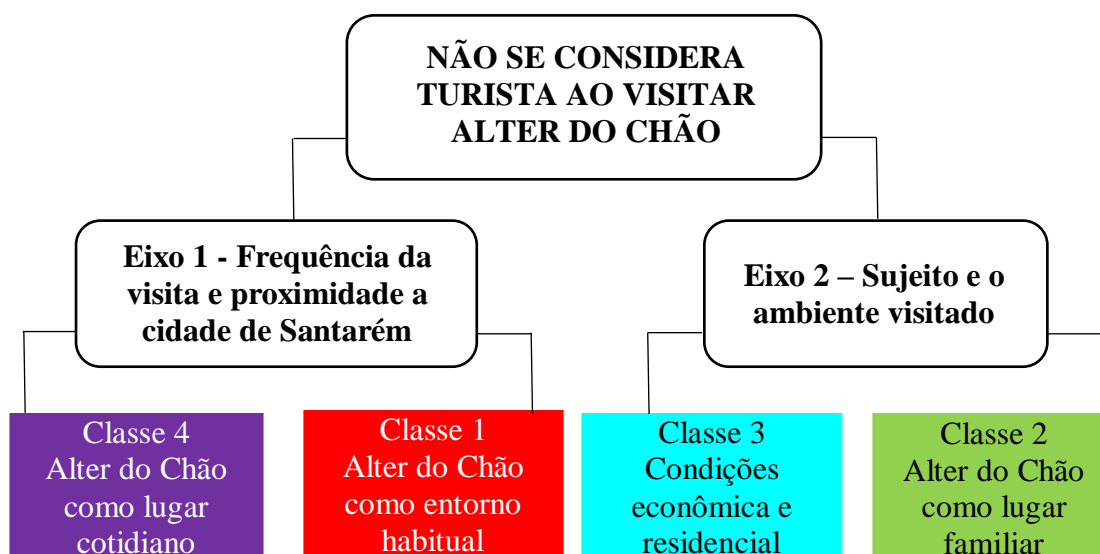
Figura 13 – Análise do corpus temático “não ser turista em Alter do Chão”



Fonte: Dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

Para uma melhor visualização das classes emergidas na Classificação Hierárquica Descendente, elaborou-se um organograma com a nomeação dos eixos e classes (Figura 14).

Figura 14 – Categorizações a partir do corpus temático “não ser turista em Alter do Chão



Fonte: Elaborado pela autora a partir do dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

Com relação ao Eixo 1, de acordo com a análise realizada a partir das respostas dos entrevistados, Alter do Chão pertence ao município de Santarém e é próxima da cidade (aproximadamente 27 km de distância); logo, visitar Alter do Chão faz parte do cotidiano dessas pessoas, que fazem visitas semanais ou mensais à Vila para aproveitar, principalmente, as suas praias, como demonstrado pelas declarações reproduzidas abaixo:

P. 01: “Já faz parte do meu cotidiano esse lazer vir para Alter do Chão”.

P. 24: “Por ser uma praia próxima a minha residência já que moro em Santarém e venho aqui constantemente”.

Em se tratando do Eixo 2 os entrevistados entenderam que a condição de turista está relacionada ao deslocamento para outro lugar que não o de sua residência habitual — no caso, Alter do Chão é considerada um lugar familiar, onde alguns moradores de Santarém possuem, inclusive, imóvel destinado à segunda residência — e às condições econômicas do sujeito. Nesse entendimento, é turista aquele que se desloca de outros estados, de outras localidades, em suma, é uma pessoa de longe e tem “condição econômica”, isto é, gasta dinheiro, tem uma boa renda. As falas dos entrevistados elucidam essas afirmativas.

P. 40: “É turista só quem é de fora”.

P. 14: “Turista gosta de gastar dinheiro”.

P. 60: “É uma visita que a gente faz mais por diversão é um ambiente bem familiar e mais uma visita para gente se divertir”.

Citando uma pesquisa realizada na Aldeia das Montanhas Suíças, Krippendorf (2009) relata que seus habitantes diferenciam os “turistas” dos “hóspedes”. Para eles, os hóspedes são aqueles visitantes que permanecem mais tempo, e os turistas são aqueles que têm apenas uma

breve permanência, os excursionistas de um dia e os desportistas de fins de semana. No caso de Alter do Chão, os turistas são os que permanecem mais tempo, enquanto que os moradores da cidade de Santarém apenas passam um dia ou finais de semana na Vila. Mas a afirmação demonstra ainda o reconhecimento de grupos diferentes no mesmo destino turístico e da distinção de classes ou grupos, percebidos pelos moradores que “atendem” turistas, ou seja, aqueles que trabalham no setor ou se relacionam diretamente com esses grupos. A distinção social, portanto, indica tipos de visitantes e suas práticas.

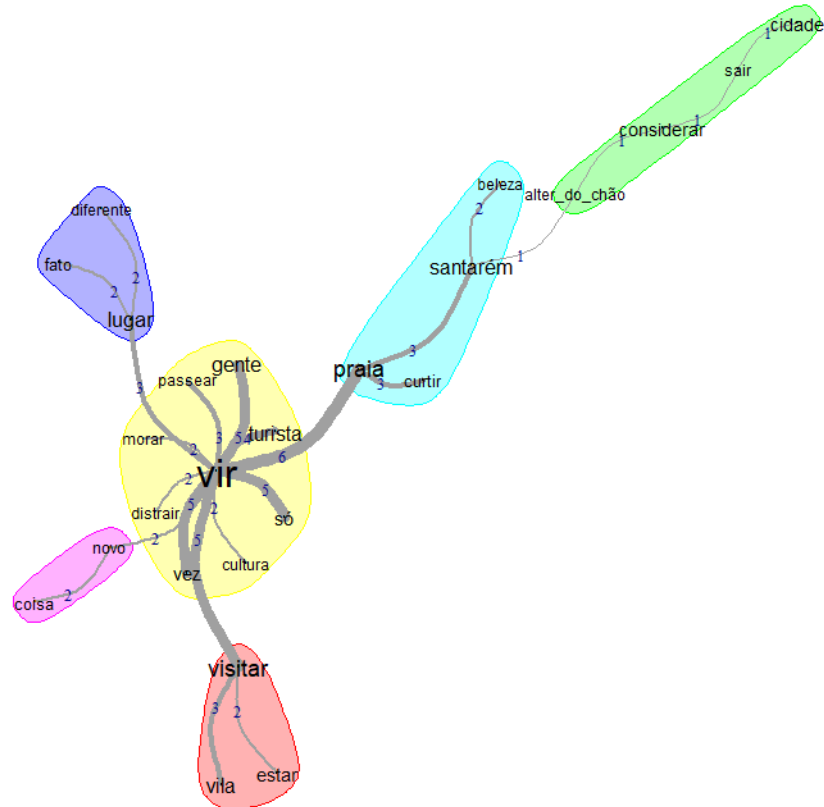
Analisando ainda as respostas dos moradores de Santarém, constata-se que os entrevistados acionam diversos conceitos de turismo e turista, já estabelecidos por diversos autores, instituições, organizações. Destacam-se, entre as ideias que têm do turismo e da experiência do turista, pareceres do tipo: o turismo são deslocamentos e estadas em lugares diferentes do seu cotidiano, fora do seu entorno habitual¹¹; o lugar turístico é aquele que é distante¹² do local de moradia; e o turismo é prática que requer um alto poder aquisitivo e que funciona como gerador de renda para as localidades visitadas.

Para os 47% dos entrevistados que “se consideram turistas ao visitar Alter do Chão”, obteve-se 64 textos, separados em 64 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 42 textos classificados (65,62%). Obteve-se 695 ocorrências, das quais 250 são palavras distintas que aparecem no texto, sendo que 149 (59,60%) aparecem uma única vez no corpus. Devido a CHD apresentar uma classificação inferior a 70%, a mesma não pôde ser considerada uma análise adequada, pois forneceu uma classificação parcial. Portanto, optou em demonstrar o resultado em análise de similitude que evidencia a conectividade entre os termos mais expressivos. As arestas ligam os termos que apresentam conexão, cuja importância é contabilizada pela soma dos números sobre as arestas, os quais indicam as vezes em que houve ocorrência destes termos em uma mesma frase. Os termos de maior conectividade são “vir”, “visitar”, “praia”, “gente” e “lugar” (Figura 15).

¹¹ A OMT (2001) esclarece que o entorno habitual de uma pessoa engloba tanto a certa área que circunda sua residência quanto todos aqueles lugares que visita frequentemente.

¹² Mais uma vez assinalamos a complexidade da noção de distância, que envolve dimensões física, psicológica e social (VELHO, 1981, p. 126).

Figura 15 – Análise do corpus temático “ser turista em Alter do Chão”



Fonte: Análise de similitude gerado pelo Iramuteq (2018)

Exemplos das falas dos entrevistados podem ilustrar que os motivos principais pelos quais o morador de Santarém se considera turista estão relacionados ao deslocamento para visitar Alter do Chão; as experiências relacionadas a diversão, lazer e apreciação das paisagens naturais da Vila; Alter do Chão por ser um lugar apropriado para apreciar a paisagem natural, principalmente as praias, praticar lazer e ter diversão; e perceber Alter do Chão como “outro” lugar, já que não faz parte da vida cotidiana e é visitada com pouca frequência.

- P. 06: “A gente vem aqui para passear para curtir a gente curte o lugar, curte a paisagem, o momento em que a paisagem se encontra”.
- P. 21: “Venho curtir a praia me divertir distrair”.
- P. 31: “Vim para consumir na praia e curtir os lazeres que o lugar proporciona”.
- P. 32: “Pelo fato de se deslocar de minha casa para outro lugar”.
- P. 33: “Não moro na vila e acaba sendo turista”.
- P. 38: “Moro distante e não é todo o tempo que venho”.
- P. 60: “Como Alter do Chão tem deslocamento então me considero”.

Nesses casos, observa-se que os entrevistados têm em mente concepções de turista que enfatizam as experiências de deslocamento e de visitaçao de lugares distintos daquele de moradia. Aproximam-se, assim, da definição de turista estabelecida no dicionário *Le Grand Robert de La Langue Française*, que é citada por Figueiredo (2010, p. 245): “pessoa que se

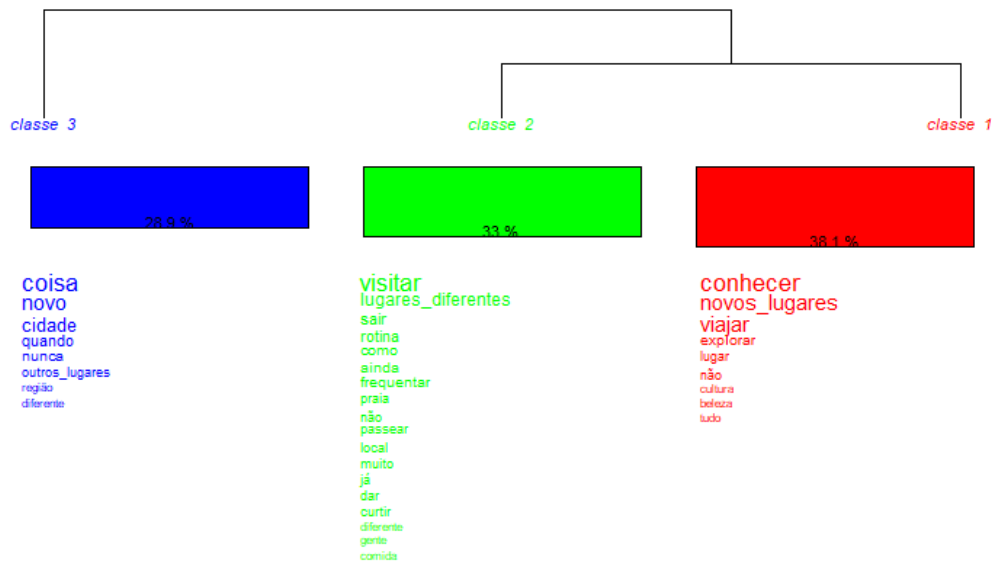
desloca, que viaja pelo seu prazer. E fazer turismo é fazer uma viagem por prazer (para se distrair, adquirir cultura etc) a um outro lugar, onde não se mora habitualmente”.

“O que é Turismo” para os entrevistados

À questão objetivamente formulada como “O que é turismo para você?”, que leva à indagação sobre as práticas turísticas, observou-se a recorrência de algumas ideias entre os entrevistados, que são analisadas a partir da Classificação Hierárquica Descendente gerada pelo Iramuteq.

No corpus geral foram estabelecidos 138 textos, separados em 138 ST, com aproveitamento de 97 textos classificados (70,29%). O número de ocorrências corresponde a 1.181, sendo que dessas 337 são palavras distintas e 211 (62,61%) aparecem uma única vez no corpus. Foram gerados 2 eixos, categorizados em 3 classes: Classe 1, com 37 ST (38,1%); Classe 2, com 32 ST (33%); Classe 3, com 28 ST (28,9%) (Figura 16).

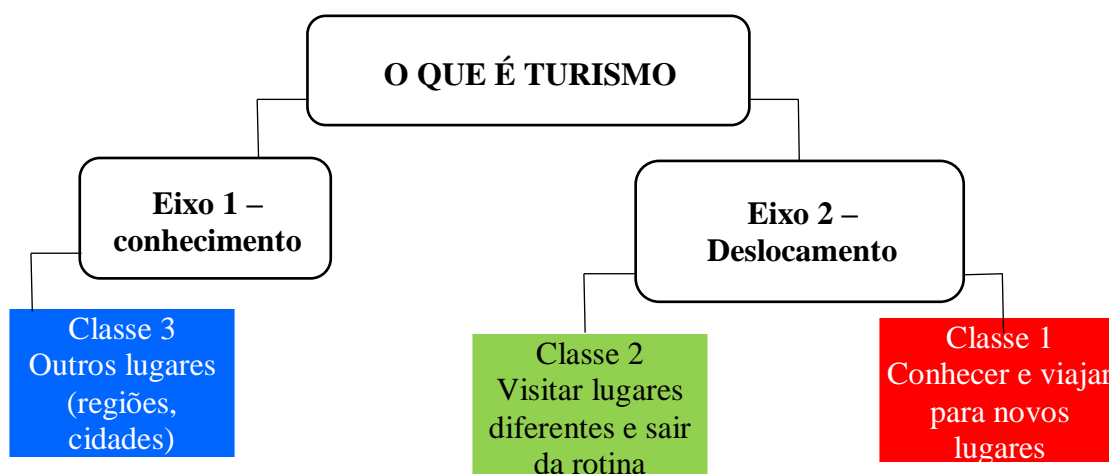
Figura 16 – Análise do corpus temático “O que é turismo”



Fonte: Dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

A partir da análise do dendrograma gerado pelo Iramuteq, foi possível nomear os eixos e classes segundo as conceituações dos entrevistados (Figura 17).

Figura 17 – Categorizações a partir do corpus temático “o que é turismo”



Fonte: Elaborado pela autora a partir do dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

O eixo 1 é representado pelo desejo dos entrevistados em conhecer outros lugares (regiões, cidades), conforme as falas dos respondentes abaixo:

P. 82: “Conhecer outros lugares, conhecer coisas novas”.

P. 111: “Conhecer outros lugares, compartilhar outras culturas, conhecer outras pessoas que têm pensamentos diferentes”.

Observaram-se as seguintes falas no eixo 2.

P. 01: “Visitar lugares e culturas diferentes da sua como já tem a vivência de Santarém e de Alter do Chão”.

P. 07: “Viajar e conhecer novos lugares que a gente não conhece e curtir”.

P. 08: “Conhecer lugares que você ainda não tinha o conhecimento sobre como era qual a cultura e o que você poderia encontrar”.

P. 22: “Conhecer novos lugares que não estão na rotina”.

P. 51: “Passear conhecer outras pessoas e viajar”.

P. 56: Frequentar lugares diferentes mais distantes lugares onde ainda não fui”.

P. 104: “Fazer uma viagem para algum lugar legal para passear”.

Com efeito, o fenômeno turístico é muito mais que um simples deslocamento que pressuponha um determinado tempo de permanência em um ambiente não usual. O turismo envolve uma gama de atividades complexas, cujo eixo central é o sujeito dotado de subjetividade, desejos, necessidades e conhecimentos. É esse sujeito, livre das definições oficiais que embasam as estatísticas do fenômeno, que determina o que ele mesmo é, a partir de como ele se vê, e se interpreta: turista, excursionista, turista de segunda residência, turista de sol e praia, veranista ou apenas um morador fazendo lazer em um ambiente que considera cotidiano.

Por fim, em relação às conceituações do que é turismo, tais como formuladas pelos entrevistados, percebe-se que algumas delas estão imbuídas do atrelamento do conceito de

turismo aos conceitos de viagem, turista e viajante, para o qual Figueiredo (2010) chamou atenção. Segundo o autor, o conceito de turismo — originado na divisão temporal das atividades humanas — supõe uma separação muito tênue entre as diversas atividades implicadas nas viagens turísticas. Nesse sentido, ele afirma que “a linha entre as atividades na viagem é muito tênue, e implica em uma parte considerável, na posição do viajante como turista ou do morador de uma cidade ou país como turista também” (FIGUEIREDO, 2010, p. 244).

Atividades praticadas durante o tempo de permanência em Alter do Chão

No que concerne às atividades praticadas durante o tempo de permanência em Alter do Chão, os entrevistados responderam à seguinte questão: “Como você utiliza seu tempo de permanência em Alter do Chão?”. A tabela 8 consolida a distribuição das respostas obtidas e classifica-as de acordo com os fatores avaliados nos formulários. Observa-se que o número de respostas é superior ao número de entrevistados por se tratar de uma questão que permitiu múltiplas escolhas.

Tabela 8 – Como você utiliza seu tempo de permanência em Alter do Chão?

Fatores Avaliados	F	%
Diversão	119	30%
Cooperando com alguma ação social, ambiental e cultural	32	8%
Interagindo com os moradores locais para conhecer sua cultura	46	12%
Visitando os lugares naturais da Vila (praias, lagos, morro, etc)	115	29%
Apreciando/prestigiando eventos culturais	77	19%
Outros	8	2%
Total de Respostas	397	100%

Número de Pesquisados: 138

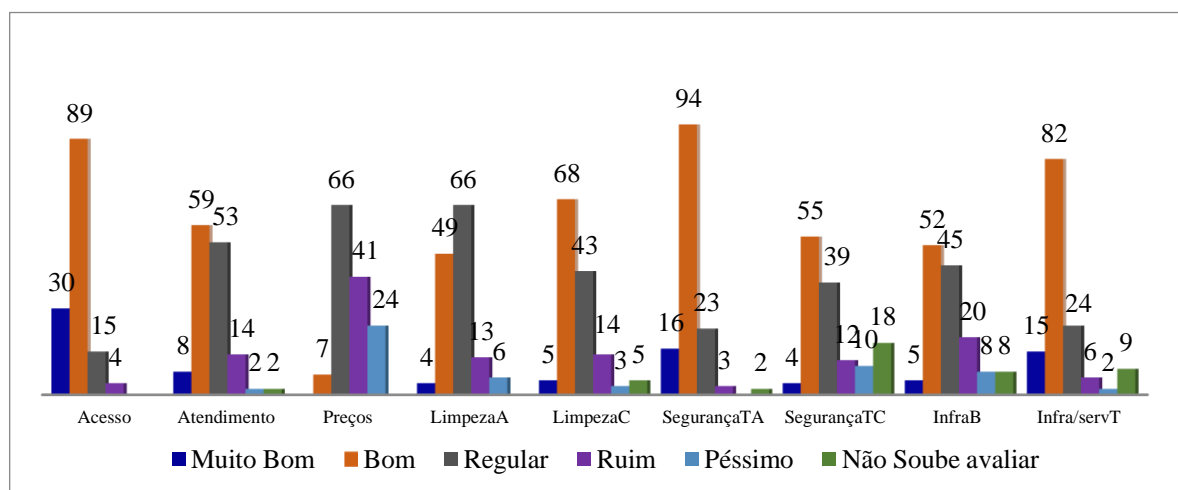
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Os fatores “Diversão” e “Visitando os lugares naturais da Vila”, com 30% e 29% de respostas, respectivamente, demonstram que os moradores de Santarém preferem contato maior com a natureza e aproveitar as oportunidades de diversão (festas, bares, atividades náuticas, etc) quando visitam a vila. A cooperação com ações de caráter social, ambiental e cultural, atividades dentro da chave do voluntarismo, desperta baixo interesse nos entrevistados. Atualmente, o fator maior de indução de fluxo para Alter do Chão são as praias, por apresentarem características atrativas (água doce e com temperatura agradável, areias brancas) tanto para o morador de Santarém quanto para os outros turistas.

Avaliação geral e turística realizada pelos moradores de Santarém

A partir da questão principal, relativa às percepções dos frequentadores acerca do ambiente, foi possível coletar informações para uma avaliação geral da experiência turística em Alter do Chão, como se poderá ver no gráfico 1. Esclarecendo que: LimpezaA = limpeza dos atrativos; LimpezaC = limpeza da comunidade; Segurança TA = Segurança dos transportes para os atrativos (catraias, lanchas); SegurançaTC = Segurança dos transportes coletivos para a vila de Alter do Chão; InfraB = Infraestrutura básica da Vila (ruas, esgotos, água, luz, etc); Infra/servT = Infraestrutura e serviços dos hotéis, restaurantes e barracas.

Gráfico 1 – Avaliação geral turística de Alter do Chão de acordo com os entrevistados



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Uma parcela significativa dos respondentes afirmou que os acessos à vila de Alter do Chão, tanto por via terrestre como por via fluvial, são bons. Também a segurança aos atrativos turísticos da localidade foi avaliada como boa, bem como a infraestrutura e serviços dos hotéis, restaurantes e barracas.

Porém, quanto aos itens preços e limpeza dos atrativos, sua pontuação foi regular. Vale destacar alguns comentários feitos pelos respondentes, para os quais, de modo geral, os preços além de serem considerados altos, também não estão compatíveis com a qualidade dos serviços prestados. Em relação às barracas de alimentação que existem nas praias, a opinião é de que deveriam oferecer mais atrativos aos visitantes.

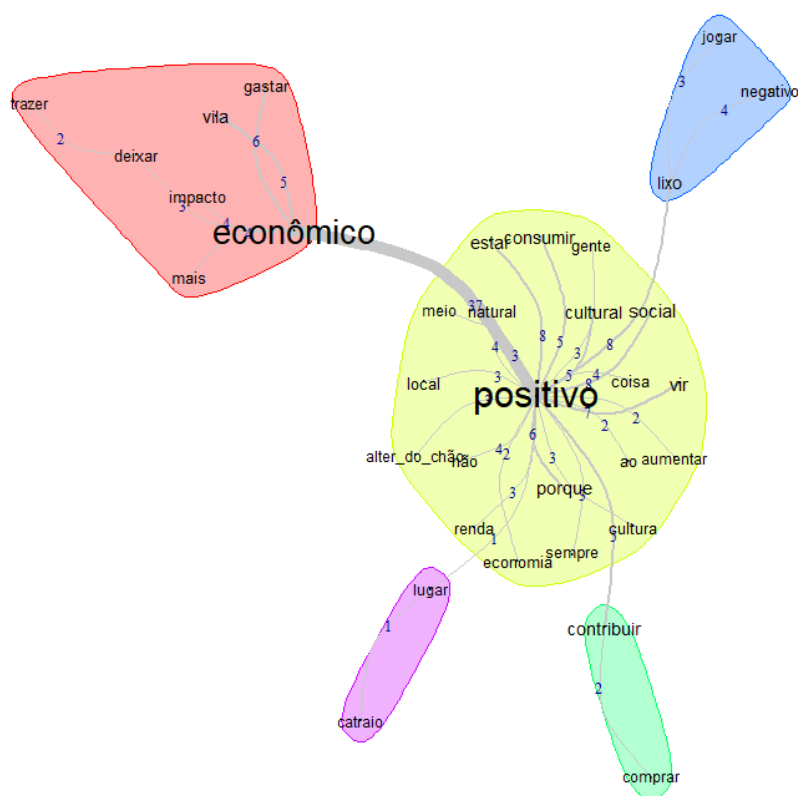
A partir das avaliações realizadas pelos entrevistados sobre o ambiente natural e turístico de Alter do Chão, percebe-se que os mesmos observam a diferença de pertencimento a lugares como o de morador de Santarém em relação ao lugar Alter do Chão, contribuindo,

portanto, para ratificar a fala dos entrevistados que afirmaram se considerar turistas ao visitar a Vila.

Impactos ocasionados com a visitação em Alter do Chão

A partir da análise dos dados realizada pelo Iramuteq foram obtidos 108 textos, bem como 108 ST, com aproveitamento de 66 textos classificados (61,11%), não ocorrendo o aproveitamento de pelo menos 70% dos textos. Foram 763 ocorrências registradas, sendo que dessas 268 são palavras distintas e 168 (62,69%) aparecem uma única vez no corpus. A CHD ofereceu uma classificação com retenção inferior a 70% nessa análise, portanto considerada inadequada por fornecer uma classificação parcial. Assim, optou-se em apresentar esse resultado a partir da análise de similitude, para uma melhor visualização dos dados obtidos (Figura 18).

Figura 18 – Análise do corpus temático “impactos com a visitação”



Fonte: Análise de similitude gerado pelo Iramuteq (2018)

A partir dessa análise, baseada na teoria dos grafos, observa-se a ocorrência das palavras e a conexão entre as mesmas, obtidas por meio dos discursos dos participantes. Percebe-se que há duas palavras que mais evidenciam conectividade entre os termos que são “positivo” e

“econômico”, mostrando que para os entrevistados, os impactos gerados com a sua visita em Alter do Chão estão associados ao aspecto econômico, contribuindo positivamente para a economia local. Porém, em ramificação oposta, no canto acima a direita da palavra “positivo”, aparecem em menor proporção os impactos negativos gerados pela visita dos entrevistados, relacionados, principalmente ao lixo.

Satisfação com a experiência de visita em Alter do Chão

O gráfico 2 mostra a satisfação com a experiência de visita em Alter do Chão. A grande maioria declarou-se satisfeito devido, principalmente, à paisagem natural, à praia, ao bom atendimento e à diversão que o local proporciona, conforme se pode perceber nos relatos abaixo:

P. 02: “Eu gosto da vila, as belezas naturais são maravilhosas, local muito agradável, o pessoal recebe muito bem”.

P. 05: “Só vir passar alguns momentos nesta praia tomar um banho no rio é gratificante”.

P. 19: “As pessoas tratam bem a gente, além disso sabem entender quando as pessoas estão na pior”.

P. 74: “Venho me divertir na praia”.

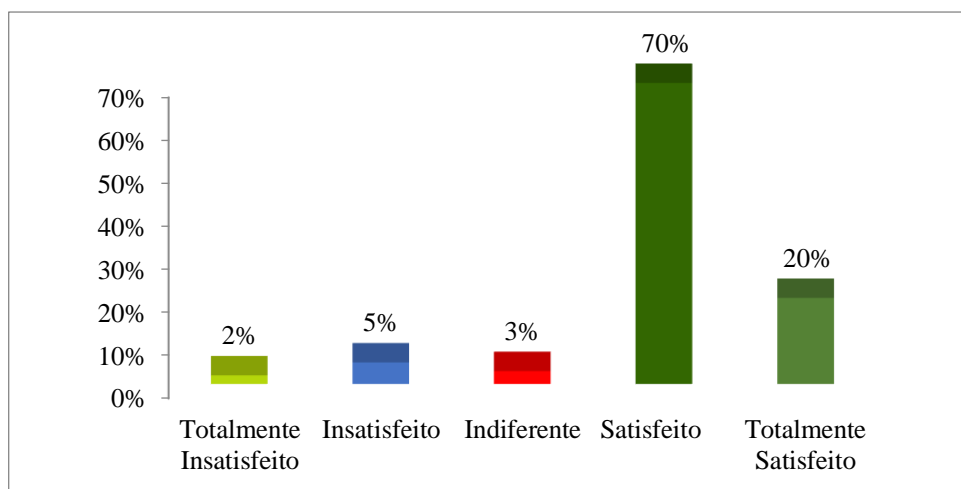
Alguns sujeitos ponderaram suas colocações com pontos positivos e negativos quanto a:

P. 13: “Tem coisas que agradam e desagradam, não é perfeito”.

P. 38: “Falta melhorar em alguns aspectos; os preços influenciam a satisfação do cliente, o atendimento é bom, porém o preço deixa muito a desejar”.

P. 72: “Só não é totalmente satisfeito por causa do lixo e esgoto na frente”.

Gráfico 2 – Avaliação da satisfação com a experiência de visita



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

As respostas dos entrevistados totalmente satisfeitos não se diferenciam dos satisfeitos, destacando a hospitalidade e atendimento; a beleza natural; o acesso fácil à Vila; a natureza e a cultura local.

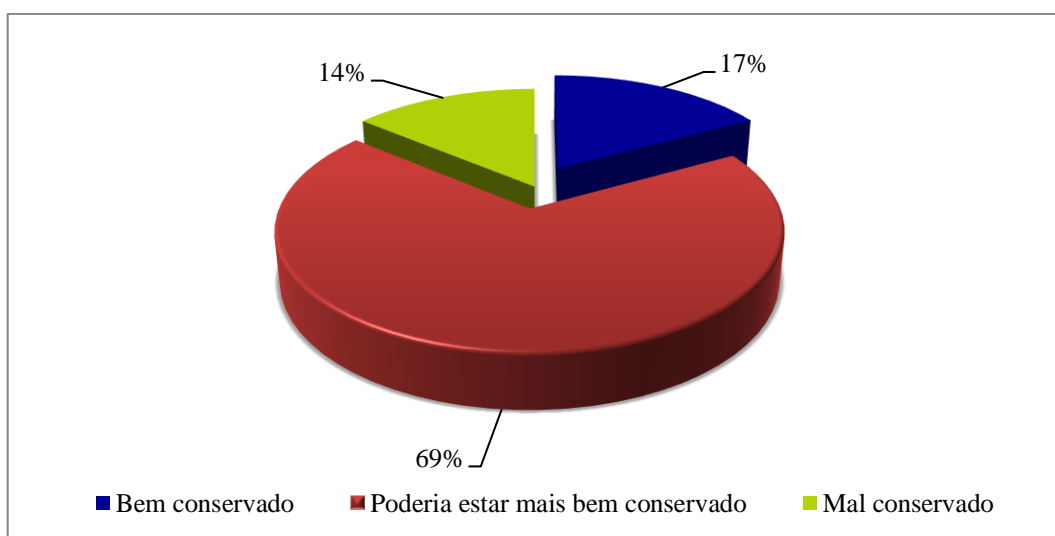
Quanto aos insatisfeitos e totalmente insatisfeitos, os mesmos enfatizaram os seguintes fatores: atendimento ruim dos garçons, demonstrando falta de educação; poucos banheiros químicos e sem limpeza diária; poucas lixeiras; preços abusivos; falta limpeza na praias; ausência de esgotos e de bom atendimento nas barracas; o povo local não é hospitaleiro; desrespeito dos barraqueiros com os visitantes, cobrando pelo uso mesa, caso não haja consumo; falta de investimentos em infraestrutura na Vila e qualificação das pessoas.

Mesmo que as percentagens dos não satisfeitos e totalmente não satisfeitos estejam significativamente abaixo dos satisfeitos, pondera-se que sejam de suma importância as suas observações por parte do poder público municipal, por intermédio de seu representante em Alter do Chão, o administrador da Vila, para que medidas cabíveis sejam efetivadas no sentido de extinguir ou amenizar os problemas ressaltados pelos entrevistados.

Percepções dos moradores de Santarém sobre o ambiente natural de Alter do Chão

Com relação ao ambiente natural de Alter do Chão, a maioria dos entrevistados (69%) declarou que ele poderia estar mais bem conservado. Para 17% o ambiente está bem conservado e 14% consideram mal conservado (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Percepções dos entrevistados sobre o ambiente natural de Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Entre os fatores negativos citados para apoiar a declaração de que o ambiente natural poderia estar mais bem conservado, destacam-se: o número de estabelecimentos comerciais e

habitações instalados em áreas impróprias; a ocorrência de queimadas; a poluição visual; a erosão de solo nas margens do rio Tapajós e dos lagos; nas trilhas, o desmatamento; a poluição das águas pelos esgotos e óleos lançados pelas embarcações; a permanência de embarcações próximas aos banhistas; e, principalmente, o acúmulo de lixo nas praias e nas ruas da vila, atraindo animais como insetos e roedores (Figura 19). Esse problema, particularmente, se intensifica nos períodos de festividades como o Sairé e o Carnaval, entre outras.

Nota-se que, embora a existência de lixo nas praias seja um fator negativo percebido pelos respondentes, os responsáveis por essa atitude são os próprios visitantes do local. Há lixeiras ao longo das barracas de alimentação que ficam localizadas nas praias, algumas disponíveis nas próprias mesas de refeição, contudo, muitos frequentadores não as utilizam para o descarte de objetos, perfazendo um cenário de expectativas negativas quanto à localidade e à sustentabilidade do turismo.

Figura 19 – Conjunto de imagens sobre o ambiente em Alter do Chão que reflete a opinião dos entrevistados



Fonte: A autora (2017)

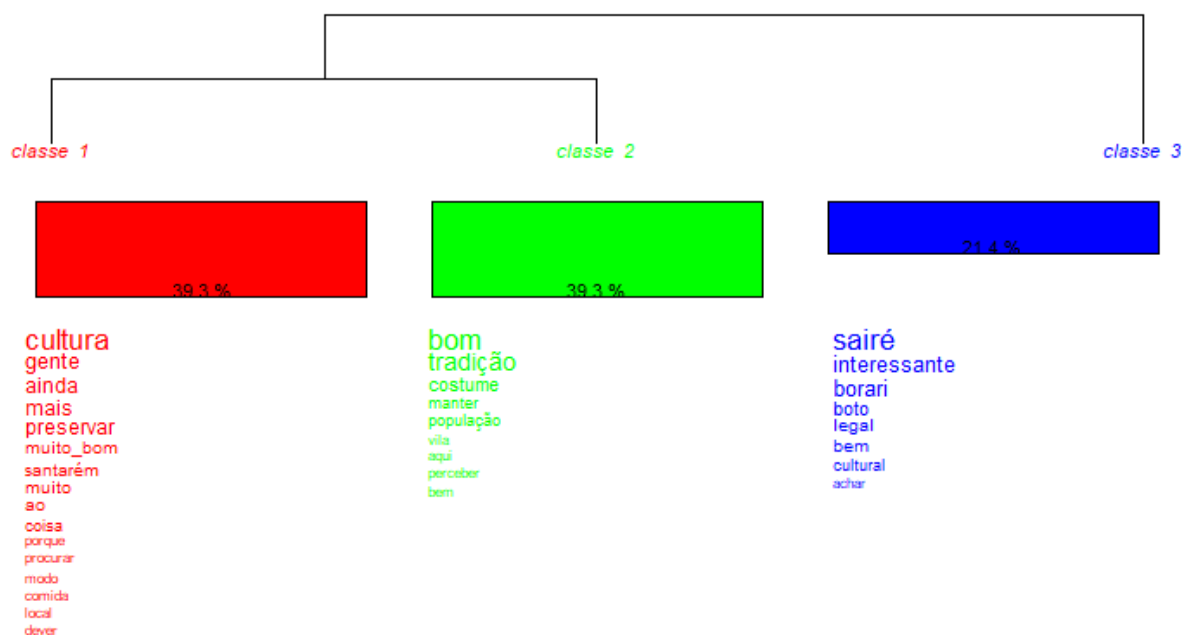
Tendo como base de referência os dados disponibilizados por Santarém (2018), através da Secretaria Municipal de Infraestrutura, no demonstrativo da coleta de resíduos domiciliares para o ano de 2016 calculou-se que a população de Alter produziu por dia 3.817,256 quilos, correspondendo aproximadamente 14 toneladas por ano. No ano de 2017, a geração de resíduos correspondeu a 4.393,344 quilos por dia, no total de 16 toneladas ano. Constata-se assim, que as percepções dos moradores de Santarém condizem com a realidade encontrada pelo órgão responsável pela gestão dos resíduos em Santarém.

Percepções dos moradores de Santarém sobre os costumes, tradições, modo de vida da população local

Foi solicitado aos entrevistados que, a partir de sua experiência de visitação a Alter do Chão, emitissem suas opiniões acerca dos costumes, tradi es, modo de vida da popula o local.

Quanto aos costumes, tradi es e modo de vida da popula o de Alter do Chão, as principais observa es dos respondentes foram analisadas no Iramuteq a partir da Classifica o Hierárquica Descendente. Foram gerados 125 textos, separados em 125 ST, com aproveitamento de 89 textos classificados (71,20%). O número de ocorrências   de 1.251, sendo que 463 são palavras distintas e 309 (66,74%) aparecem uma única vez. Foram gerados 2 eixos, categorizados em 3 classes: Classe 1, com 35 ST (39,3%); Classe 2, com 35 ST (39,3%); Classe 3, com 19 ST (21,4%) (Figura 20).

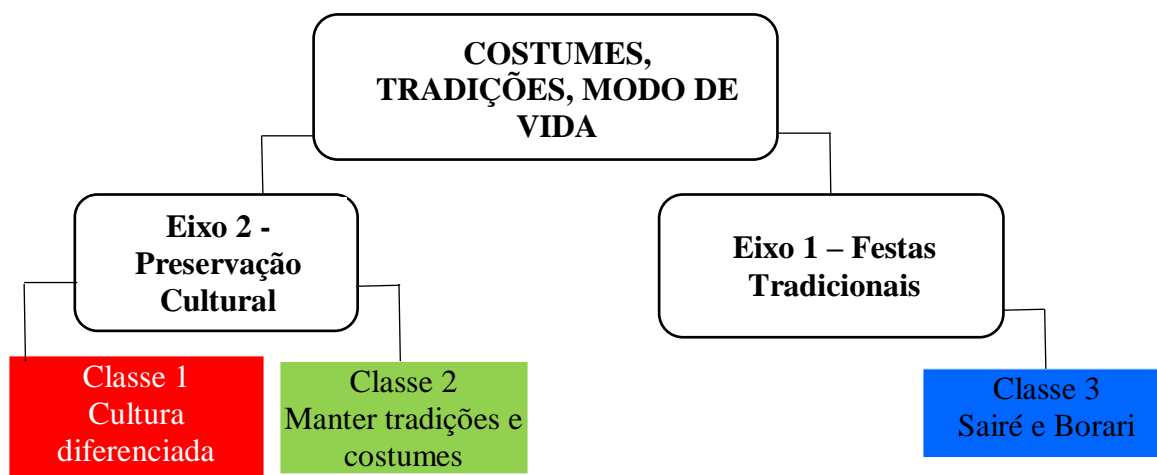
Figura 20 – Análise do corpus temático “Costumes, tradi es, modo de vida da popula o local”



Fonte: Dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

Os eixos e classes podem ser observados na figura 21.

Figura 21 – Categorizações a partir do corpus temático “Costumes, tradições e modo de vida”



Fonte: Elaborado pela autora a partir do dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

O eixo 1 destaca o Sairé e festival Borari como principais festas tradicionais. As lendas dos botos, o carimbó e o carnaval também são destacadas pelos entrevistados. Estes depoimentos ilustram essas afirmativas:

- P. 05: “Têm festas culturais Sairé, Borari, têm as catraias que é algo antigo e interessante”.
- P. 48: “A cultura do boto e do sairé e religiosa que estão meio se acabando”.
- P. 71: “Bonito eles fazem as festas do sairé do boto carnaval”.
- P. 104: “A cultura e os artesanatos chamam atenção e as festividades também”

No eixo 2 os entrevistados destacam as seguintes opiniões.

- P. 02: “Tem se perdido o espaço da tradição da vila os jovens poderiam e são responsáveis por manter toda tradição na vila”.
- P. 04: “bem visível a população manter as tradições”.
- P. 07: “Muito bom pois ter sua própria tradição e costumes suas lendas lenda dos botos, do Sairé”.
- P. 14: “Bom o povo tem uma identidade”.
- P. 47: “Bem interessante muito diferente da cultura de Santarém, é um pouco mais indígena”.
- P. 51: “Tem diversidade de cultura”.
- P. 67: “as tradições estão se perdendo em vista dos modelos como o boi etc deveriam ser mais autênticos e preservar mais a cultura e as tradições”.
- P. 90: “Normal parecido com Santarém, mas aqui mora mais indígenas ribeirinhos muitos turistas e hippies”.
- P. 91: “Não possuem mais costume regional nativo nem tradição tem muitas pessoas fora”.
- P. 103: “A população é muito acomodada poderiam estar melhor”.

Nota-se, nas observações realizadas pelos entrevistados, que os costumes, o modo de vida e as tradições da vila de Alter do Chão são claramente percebidos, conhecidos e apreciados, e são considerados preservados e valorizados pelos moradores locais em festivais, danças, culinária e artesanato. Nota-se, ainda, a ênfase em suas características indígenas. Todavia, os relatos também apontam para não valorização e preservação da cultura tradicional por parte da

população local, que é considerada acomodada e influenciada por pessoas oriundas de outras regiões e países, que se estabeleceram como moradores no local. Nesse sentido, avaliam que se perdeu a “autenticidade” das tradições.

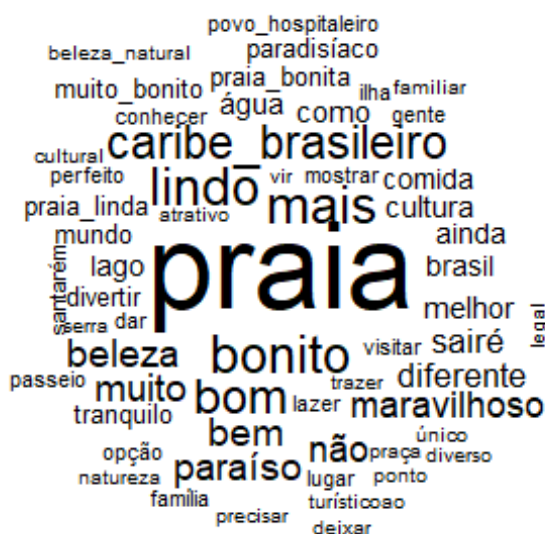
É notório que, apesar de emitirem avaliações divergentes sobre o tema, os respondentes compartilham a ideia de que a população de Alter do Chão detém uma determinada cultura dotada de elementos característicos referidos à indianidade — manifestados especialmente no artesanato, na culinária, nas lendas e festividades, segundo eles. Supõem, ainda, a autenticidade dos elementos “indígenas”, em oposição a inovações culturais geradas em contextos de troca — sob alegada influência de “pessoas oriundas de outras regiões e países”. Nessa visão, os supostos traços culturais indígenas estariam associados às tradições que importaria preservar, enquanto que as inovações culturais corresponderiam à deterioração dos costumes e dos modos de vida locais, acentuada pela intensificação do contato com pessoas de fora da localidade — potencialmente, “turistas e *hippies*”, que, aparentemente, maculam a experiência cultural que os visitantes demonstram esperar ter em Alter do Chão¹³.

Alter do Chão como lugar turístico

Quando os entrevistados puderam descrever Alter do Chão como lugar turístico, uma menção de destaque foi “Caribe Brasileiro”. Pela análise do Iramuteq foram gerados 137 textos, separados em 137 ST, com aproveitamento de 103 segmentos classificados (75,18%). As ocorrências foram 1.171, com 429 palavras distintas e 280 (65,27%) aparecendo uma única vez. O dendrograma foi gerado, porém optou-se por mostrar o resultado em forma de nuvem de palavras, pois esta análise mostra as palavras estruturadas com tamanhos diferentes, onde as palavras maiores são aquelas que detém certa importância no corpus textual (Figura 22).

¹³ Cultura é o ponto nodal de infindáveis debates na antropologia, e não é o caso de estendê-los aqui. Contudo, cabe assinalar algumas perspectivas interessantes para futuro aprofundamento da análise das percepções dos moradores de Santarém acerca da cultura local de Alter do Chão. Nesse sentido, destacam-se contribuições de Sapir (2012), Handler; Linnekin (1984) e Gonçalves (2001) acerca da ideia de autenticidade da cultura, bem como a ideia de “invenção da tradição” de Hobsbawn (2002).

Figura 22 – Análise do corpus temático “Alter do Chão como lugar turístico”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Verifica-se que as palavras mais evocadas foram: “praia”, “bonito”, “lindo”, “bom”, “maravilhoso”, “beleza”, “paraíso”, “caribe brasileiro”.

Algumas declarações, na íntegra, são a seguir expostas, enfatizando-se as palavras mais destacadas, conforme os entrevistados:

- P. 02: “Uma praia linda, de águas claras, de árvores maravilhosas, um local hospitaleiro”.
- P. 04: “Lugar lindo, com pessoas legais, com praias e lagos”.
- P. 08: “Belas praias, povo hospitaleiro, cultura incrível!”.
- P. 11: “Uma das melhores praias de Santarém, é considerada o caribe brasileiro, é maravilhoso”.
- P. 16: “Bonito e aconchegante”.
- P. 31: “É um povo hospitaleiro, humilde”.
- P. 33: “Maravilhoso que tem uma praia linda, o rio Tapajós, lagos, serviços de passeios”.
- P. 35: “Danças folclóricas, Sairé, uma das praias mais belas”.
- P. 38: “O coração de Santarém, maravilhoso”.
- P. 51: “Aqui é um paraíso, gostei muito, o caribe brasileiro, aqui é excelente”.
- P. 58: “Vila tranquila para trazer a família e se divertir tranquilamente”.
- P. 105: “Melhor praia do Brasil, bom e familiar”.
- P. 115: “Lindo, maravilhoso, beleza natural”.
- P. 124: “Calmo, nós temos uma certa segurança com relação ao roubo bonito”.
- P. 129: “Tem praia bonita, tem opções para divertir, não tem só a praia tem a ilha, os lagos, a cultura preservada”.

Percebe-se que, mesmo detectando pontos negativos em outras questões acima mencionadas, quando se trata de descrever Alter do Chão como lugar turístico, os sujeitos da pesquisa não mediram elogios, tanto em relação às paisagens naturais, como à cultura, à hospitalidade e à tranquilidade do lugar, ressaltando assim, alguns aspectos que são primordiais para a atratividade de um lugar turístico.

AS EXPERIÊNCIAS DOS TURISTAS EM ALTER DO CHÃO

Procedência dos turistas

A nacionalidade predominante dos entrevistados foi a brasileira, correspondendo a 91%. Dos países estrangeiros, a França destacou-se com 2%. Quanto aos estados que mais enviaram turistas para Alter do Chão, sobressaem-se São Paulo (17%), Pará (15%) e Distrito Federal (11%). Em relação as cidades, São Paulo foi representada por 12% dos entrevistados, Brasília por 10% e Manaus por 8% (Tabela 9).

Tabela 9 – Procedência dos turistas

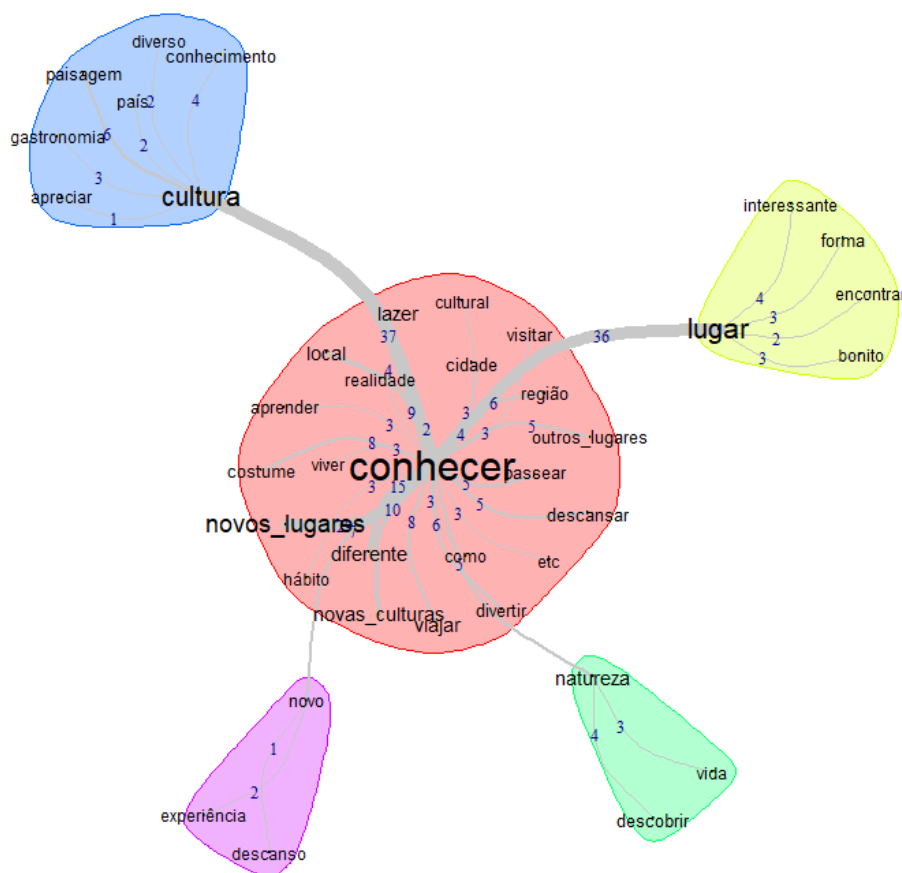
País	%	Estado	%	Cidade	%
Alemanha	1%	Amapá	5%	Altamira	3%
Brasil	90%	Amazonas	6%	Belém	5%
França	3%	Distrito Federal	12%	Brasília	11%
Holanda	1%	Mato Grosso	6%	Macapá	4%
Inglaterra	1%	Minas Gerais	5%	Manaus	6%
Outros	4%	Pará	15%	Palmas	3%
		Rio de Janeiro	9%	Rio de Janeiro	8%
		São Paulo	18%	São Paulo	13%
		Outros	16%	Outros	47%
		Não especificado	8%		
Total	100%		100%		100%

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

“O que é Turismo” para os entrevistados

Com relação à questão: “O que é turismo para você?”, o corpus geral foi constituído por 131 textos, separados em 131 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 88 segmentos classificados (67,18%), inferior a 70%, optando assim em apresentar esse resultado através da análise de similitude que evidencia a conectividade entre os termos mais expressivos. Obteve-se 975 palavras, sendo 279 distintas e 177 (63,44%) aparecendo uma única vez no corpus. As palavras que apresentam maiores conectividades são “conhecer”, “lugar” e “cultura” (Figura 23).

Figura 23 – Análise do corpus temático “O que é turismo”



Fonte: Análise de similitude gerado pelo Iramuteq (2018)

Os entrevistados ressaltam, principalmente, a importância do conhecimento de novos lugares, pessoas e novas culturas, exemplificados pelas seguintes falas:

- P. 09: “Conhecer novos lugares, costumes, maneiras de viver e sobretudo pessoas de diferente opinião”.
- P. 17: “Conhecer lugares e cultura diferentes”.
- P. 84: “Conhecer pessoas, culturas, locais diferentes”.
- P. 119: “Conhecer lugares e culturas diferentes da minha para me enriquecer enquanto ser humano”.

As falas dos entrevistados também elucidam à busca de experiências culturais.

- P. 14: “Conhecer divertir e interagir com diferentes culturas”.
- P. 56: “Experienciar novas culturas e conhecer pessoas”.
- P. 104: “É se divertir e conhecer novas culturas”
- P. 126: “Aprender novas culturas e costumes”

Assim como os moradores de Santarém, os turistas de outras regiões e de outros países, ao serem indagados sobre “o que é fazer turismo”, apresentaram concepções relacionadas ao lazer, à natureza, à cultura e a lugares não usuais do seu cotidiano, que configurem novas experiências de conhecer novas pessoas, etc. Sintetizaram, assim, as diversas conceituações

encontradas no meio acadêmico, que enfatizam principalmente a complexidade do fenômeno turístico, o qual, segundo Fratucci (2000, p. 123) “é composto por um elenco relativamente grande de componentes que se relacionam e inter-relacionam constante e simultaneamente, dentro de uma lógica que inclui muitas incertezas e casualidades”.

Imaginário sobre Alter do Chão

Segundo Gastal (2005), as pessoas têm sentimentos alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levam a procurar, para turismo, locais românticos, perigosos, bonitos ou civilizados. A esses sentimentos construídos Gastal (2005) chama de imaginários. Para essa autora, o turismo trabalha não apenas com produtos concretos, mas com imaginários e estes são dinâmicos, havendo imaginários tradicionais aliados às viagens, ou seja, a ideia de ir para um paraíso, de buscar cultura, e até de adquirir *status*.

O turismo não somente é feito de ritos, mas é, ainda, um imaginário do espaço. E é este imaginário que dá sentido à circulação turística e constitui sua diferença em relação a outras formas de mobilidade. O turista almeja o encontro com os espaços mentais, aqueles elaborados na sua imaginação, em torno de uma paisagem e cenários preconcebidos, e com os espaços de desejos, causadores de motivações que movem as pessoas a buscarem outros (ALMEIDA, 2009).

Nesta pesquisa, dados a respeito do imaginário de Alter do Chão foram analisados no Iramuteq, obtendo-se 129 textos, ou seja, dos 134 respondentes, 129 responderam à questão. Os textos foram separados em 129 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 65 segmentos classificados (50,39%). As ocorrências foram 923 palavras, sendo 406 distintas e 285 (50,39%) aparecendo uma única vez no corpus. O dendrograma foi gerado, todavia apresenta-se o resultado em forma de nuvem de palavras por considerar que as palavras mais evocadas pelos entrevistados mostram um conjunto do imaginário que os respondentes tinham de Alter do Chão antes de sua visita ao local (Figura 24).

Figura 24 – Análise do corpus temático “Imaginário de Alter do Chão”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Alguns relatos dos turistas sobre o imaginário que tinham sobre Alter do Chão, são ilustrados abaixo:

- P. 17: “Um lugar preservado pela natureza, sem nenhuma destruição pelo homem”.
- P. 20: “Uma comunidade mais simples e natural”.
- P. 26: “Um lugar bonito, mas ao contrário do que imaginei é lindo encantador”.
- P. 51: “Um ambiente com muita natureza, mas sem muita degradação”.
- P. 58: “Maior, com diversão cultural, mais infraestrutura básica.
- P. 60: “Bem menor, onde só teria praia”.
- P. 71: “Como uma cidade com uma identidade arquitetônica mais típica da vila de pescadores”.
- P. 78: “Uma praia mais cuidada, acho uma pena encontrar sujeira dentro do rio”.
- P. 79: “Com menos estrutura para os turistas e mais pessoas visitando”.
- P. 84: “Como uma localidade mais nativa e menor”.
- P. 85: “Praias limpas, preços mais acessíveis, restaurantes funcionando até no mínimo meia noite, mais bancos 24 horas, menos pessoas ditas artesãs morando na rua.
- P. 89: “Aldeia vivendo de forma tradicional e sustentada com mercadorias transportadas pelo rio”.
- P. 92: “Pequena aldeia autêntica e turística com uma praia ao longo do rio”.
- P. 98: Um lugar simples, uma praia sem muitas opções de diversão com uma estrutura simples”.
- P. 115: “Simples sem muita infraestrutura e não muito explorado”.

Sete (07) entrevistados afirmaram não criar nenhum imaginário em relação ao lugar visitado.

Em pesquisa realizada por Pereira, Anjos e Vieira (2012) na vila de Alter do Chão, sobre destinações turísticas na Amazônia e as relações entre morfologia urbana e atratividade da destinação, os autores afirmam que o imaginário dos turistas sobre as destinações amazônicas aparece relacionando características tais como áreas naturais preservadas, pequenos

aglomerados urbanos ribeirinhos, características rústicas, pequena densidade populacional, construções em materiais regionais, dentre outros.

Após relatarem o imaginário que tinham sobre Alter do Chão antes de sua viagem, os entrevistados responderam se “esse imaginário correspondeu à realidade encontrada”. Para 52% dos turistas o imaginário correspondeu à realidade encontrada no local visitado, porém 39% confirmaram não corresponder ao que foi vivenciado em Alter do Chão. Não responderam ao questionamento 9% dos respondentes.

- P. 02: “Superou muito minhas expectativas”.
- P. 04: “Porque há residências e mais habitantes que eu imaginava e não é ilha”.
- P. 07: “Pois além das belezas naturais, encontrei boa infraestrutura para turistas”.
- P. 12: “Encontrei uma vila organizada, limpa e estruturada”.
- P. 15: “Em partes, apesar de encontrar o paraíso natural, não esperava encontrar um lugar tão pouco explorado, rústico e deserto, o que aumenta a nossa satisfação”.
- P. 20: “Local muito mais explorado do que imaginava”.
- P. 23: “Pouca atividade pesqueira. Nenhum cuidado lixo e saneamento”.
- P. 25: “Muito lixo, poluição nas ruas e rios”.
- P. 28: “Porque é mais calma e melhor do que imaginava”.
- P. 31: “Praias sujas, “hippies” sujos e fazendo necessidade na praça, pessoas morando nas praias, preços altos”.
- P. 32: “Nada realmente parecido com um lugar remoto. Muitos prédios de concreto e estradas de asfaltos”.
- P. 43: “Me assustei com a quantidade de mansões e carros de grande porte pela cidade. Nenhum deles dialoga com a paisagem”.
- P. 47: “Vi que o esgoto vai para o rio e ruas têm muito lixo”.

Algumas respostas ratificam as afirmações de Pereira, Anjos e Vieira (2012) ao observarem o imaginário dos turistas sobre as destinações amazônicas como lugares pequenos e com pouca infraestrutura. Porém, para outros turistas, o fato de Alter do Chão apresentar infraestrutura e hoteleira requintada, prédios, asfaltos, veículos de grande porte e pouca atividade pesqueira contradizem o imaginário que tinham do local antes de sua visita.

Um fato importante e merecedor de atenção é a citação quanto à presença de muito lixo, poluição nas ruas, esgotos lançados no rio e preços altos, que não eram imaginados pelos entrevistados quando escolheram esse destino turístico. Ainda assim, vale destacar que também foi relatado que o local superou as expectativas e o imaginário que se tinha de Alter do Chão, principalmente em relação à natureza. Para Almeida (2009), a natureza é o que mais se presta a atender os apelos do imaginário do homem citadino.

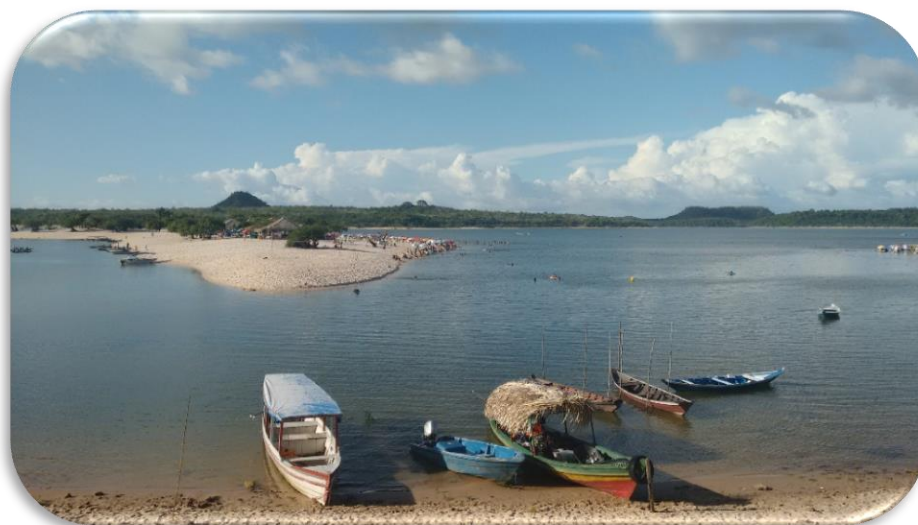
Em sua pesquisa, Pereira, Anjo e Vieira (2012, p.432) concluem que:

No caso de Alter do Chão como uma destinação amazônica, tornou-se perceptível que não havia um imaginário específico da Vila, mas sim uma expectativa relacionada à Amazônia em geral. Desta maneira, a percepção do ambiente amazônico como majoritariamente natural, ocupado por populações indígenas ou caboclas que convivem e integram-se harmonicamente ao meio natural, determinam um imaginário de urbanidade mais simples, esparsa, rústica, mais suave e imbricada às características naturais. Nesse sentido, o papel do alcance das campanhas publicitárias, das mídias e

do material de divulgação produzido parece ter papel relevante tanto no que diz respeito à formação do imaginário sobre a Amazônia, quanto na ausência de um imaginário específico sobre a vila de Alter do Chão.

De maneira geral, visualiza-se mais nos materiais publicitários sobre Alter do Chão a imagem da “Ilha do Amor”, repassando assim, uma ideia de um lugar mais rústico, simples, com natureza predominante (Figura 25).

Figura 25 – Imagem “Ilha do Amor”



Fonte: A autora (2017)

Atividades praticadas pelos turistas em Alter do Chão

No que diz respeito às atividades praticadas durante o tempo de permanência em Alter do Chão, os entrevistados responderam à seguinte questão: “Como você utiliza seu tempo de permanência em Alter do Chão?”. A tabela 10 apresenta a distribuição das respostas obtidas.

Os fatores “visitando os lugares naturais da Vila” e “diversão”, com 34% e 28% de respostas, respectivamente, demonstram que os turistas preferem contato maior com a natureza e aproveitar as oportunidades de diversão (festas, bares, atividades náuticas, etc) quando visitam a Vila. Esse resultado difere dos resultados encontrados junto aos moradores de Santarém, onde a diversão foi o primeiro item de preferência dos entrevistados. A cooperação com ações de caráter social, ambiental e cultural, atividades dentro da chave do voluntarismo, assim como entre os moradores de Santarém, desperta baixo interesse nos turistas de outras regiões.

Tabela 10 – Como você utiliza seu tempo de permanência em Alter do Chão?

Fatores Avaliados	F	%
Diversão	97	28%
Cooperando com alguma ação social, ambiental e cultural	13	4%
Interagindo com os moradores locais para conhecer sua cultura	60	18%
Visitando os lugares naturais da Vila (praias, lagos, morro, etc)	117	34%
Apreciando/prestigiando eventos culturais	43	13%
Outros	12	3%
Total de Respostas	342	100%

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo (n=134)

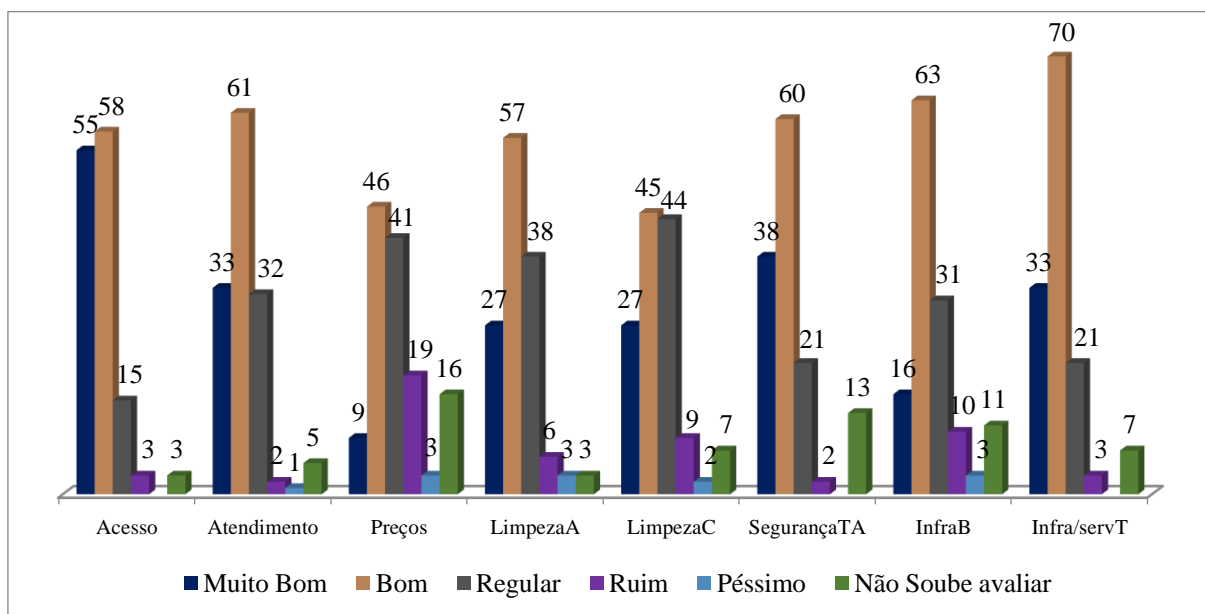
Pereira, Anjos e Vieira (2012) identificaram que, dentre os elementos da paisagem que mais identificam Alter do Chão para os turistas, destaca-se a “Ilha do Amor”, com sua praia e o morro da Serra Piroca ao fundo, bem como o restante do conjunto cênico formado pelo Lago Verde e pela enseada do rio Tapajós.

Interagir com os moradores locais para conhecer sua cultura correspondeu a 18% das atividades praticadas pelos turistas durante sua permanência em Alter do Chão, resultado esse ratificado pelas observações de Pereira, Anjos e Vieira (2012), que constataram que, por diversas vezes, as fotos dos turistas entrevistados por eles, apresentavam traços marcantes da cultura local entre as quais, redes, barcos, malocas, lavagem de roupa no rio, lazer das crianças e das famílias nos igarapés e nas praias da região. Esses registros das vivências e experiências junto à população local se dá num esforço de registrar, coletar amostras da vida local, de seu ritmo e de capturar as sensações descritas, como paz, tranquilidade, clima receptivo e amigável, dentre outros.

Avaliação geral e turística realizada pelos turistas

Novamente a partir da questão principal, relativa às percepções dos frequentadores acerca do ambiente, foi possível coletar informações para uma avaliação geral da experiência turística em Alter do Chão, como se observa no gráfico 4.

Gráfico 4 – Avaliação geral e turística de Alter do Chão de acordo com os entrevistados



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Atendimento, segurança dos transportes para os atrativos, infraestrutura básica da Vila e infraestrutura e serviços dos hotéis, restaurantes e barracas obtiveram avaliação dos turistas, como “bons”, destacando que foram itens avaliados por 60 ou mais dos entrevistados.

Os preços dos produtos e serviços adquiridos em Alter do Chão receberam pontuação mais elevada quando referidos ao item “ruim”. Junto aos moradores de Santarém, para esse item foi atribuída a pontuação “regular”.

De acordo com Fortuna e Ferreira (1996), o turista é um observador que faz do olhar um instrumento de extrema eficácia na aprovação dos objetos e dos lugares que observa e visita, portanto é difícil condicioná-lo e evitar que veja aquilo que melhor entenda, bem como é difícil condicionar o modo como o turista interpreta aquilo que vê.

Impactos ocasionados com a visitação em Alter do Chão

A partir da análise dos dados realizada pelo Iramuteq foram obtidos 60 textos, bem como 60 ST, com aproveitamento de 33 textos classificados (55%), inferior a 70%. Foram 524 ocorrências registradas, sendo que dessas 258 são palavras distintas e 185 (71,71%) aparecem uma única vez no corpus. Optou-se também em evidenciar o resultado em forma de nuvem de palavras, mostrando que, para os entrevistados, o fator econômico (22 vezes citado)   o gerador que causa maior impacto positivo com sua visitação, assim como para os moradores de Santarém. Os impactos social, cultural e natural também foram citados 8, 7 e 7 vezes,

respectivamente. Com relação aos impactos negativos, os mesmos foram citados aliados, principalmente ao lixo. (Figura 26).

Figura 26 – Análise do corpus temático “impactos com a visitação”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018)

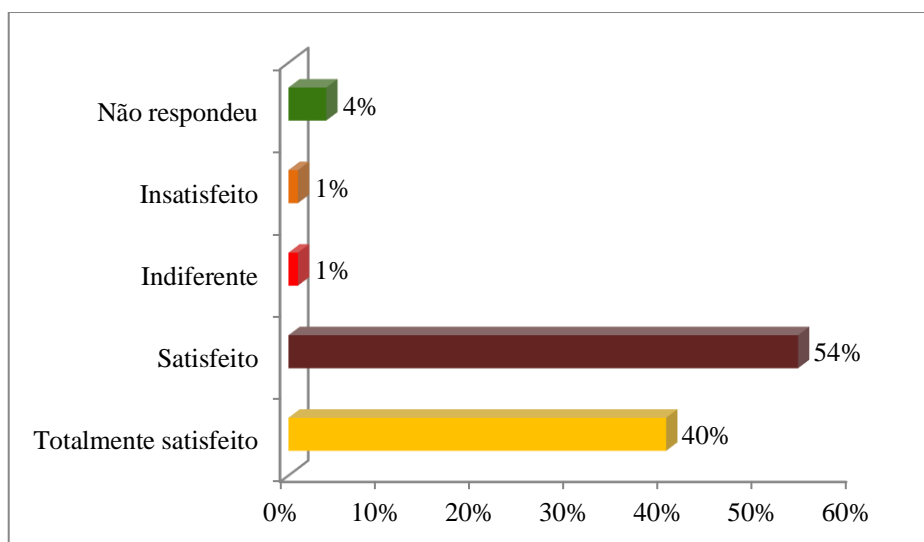
Vale ressaltar que dos 134 entrevistados, 50% afirmaram ter ocasionado impactos com sua visitação, sendo que destes somente 60 responderam quais foram os impactos. Responderam que não ocasionaram nenhum impacto 38%, e não responderam à questão 12%.

Satisfação dos entrevistados com a experiência turística vivenciada em Alter do Chão

No que diz respeito ao grau de satisfação com a experiência de visitação em Alter do Chão, mais da metade (54%) declarou-se satisfeito devido aos seguintes aspectos: as belezas naturais do local; bom acolhimento e atendimento das pessoas; lugar tranquilo e relativamente seguro e de fácil acesso; local que proporciona descanso e diversão; ambiente com boas pousadas, hotéis e boa gastronomia. Porém, apesar de alguns entrevistados afirmarem estar satisfeitos com a sua experiência turística vivenciada em Alter do Chão, citaram alguns aspectos que, se supõe, foram fatores limitantes, para que os mesmos ficassem totalmente satisfeitos, tais como: comida e passeios turísticos caros; pequenas limitações em relação a alimentação, ou seja, faltam mais opções de restaurantes, padarias que ofereçam um café mais sofisticado; falta mais diversificação de bebidas; faltam mapas mais detalhados da região; exploração nos valores dos passeios turísticos; custo de vida muito alto; presença de lixo e enorme quantidade de urubus; praias sujas e presença de “hippies” na praça principal da Vila, obrigando as pessoas a

comprarem seus materiais e crianças pedintes, e precariedade nos serviços bancários (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Avaliação da satisfação com a experiência de visitação



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Quanto aos turistas totalmente satisfeitos (40%), suas respostas condizem com as seguintes afirmações: Local maravilhoso, povo hospitaleiro e amável, natureza preservada com belas praias de águas límpidas e excelente temperatura; hospedagem e serviços com preços acessíveis; Paisagens exuberantes, pessoas simpáticas, costumes e hábitos de comunidades inalteradas pela cidade grande; tem opções de lugares para visitar; lugar de energia boa, que faz superar qualquer conflito que possa ter surgido ao longo da viagem; local próximo de outros atrativos, como a Floresta Nacional do Tapajós, que fica localizada no município de Belterra, indício esse de que Alter do Chão é um lugar turístico indutor para outras localidades que recebem visitantes.

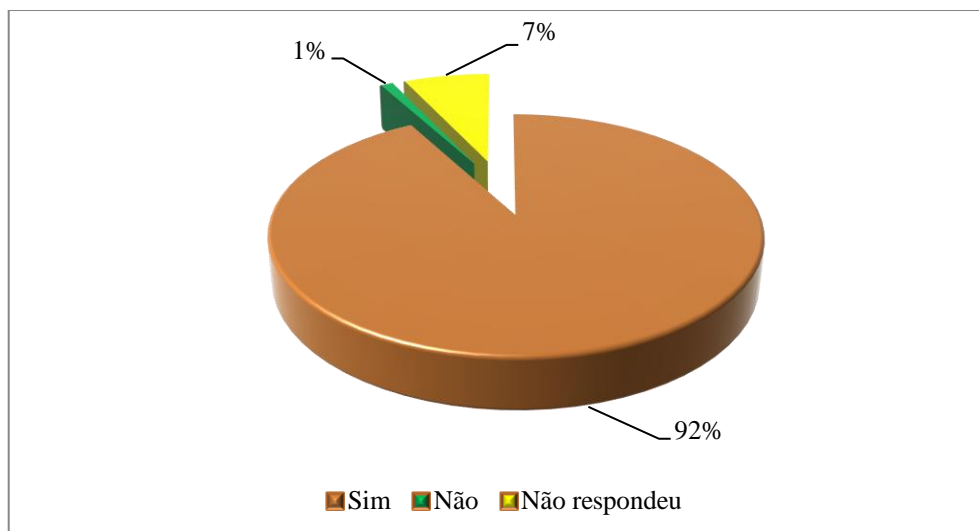
Em relação às respostas dos entrevistados insatisfeitos (1%), os mesmos enfatizaram que o atendimento nas barracas da praia, o caixa eletrônico e as músicas ficaram muito a desejar. Diferentemente dos moradores de Santarém, não houve totalmente insatisfeitos entre os turistas de outras regiões.

Indicação da experiência turística em Alter do Chão para os amigos/parentes

Foi perguntado aos entrevistados se indicaria a experiência turística vivenciada em Alter do Chão para seus amigos e parentes. A grande maioria (92%) respondeu positivamente, enquanto que somente 1% não indicaria Alter do Chão para seus amigos e parentes, pelo fato

de ser distante do seu local de origem, São Paulo, e porque não poderia colocar em risco a integridade das pessoas que ama (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Indicação da experiência turística em Alter do Chão para amigos/parentes

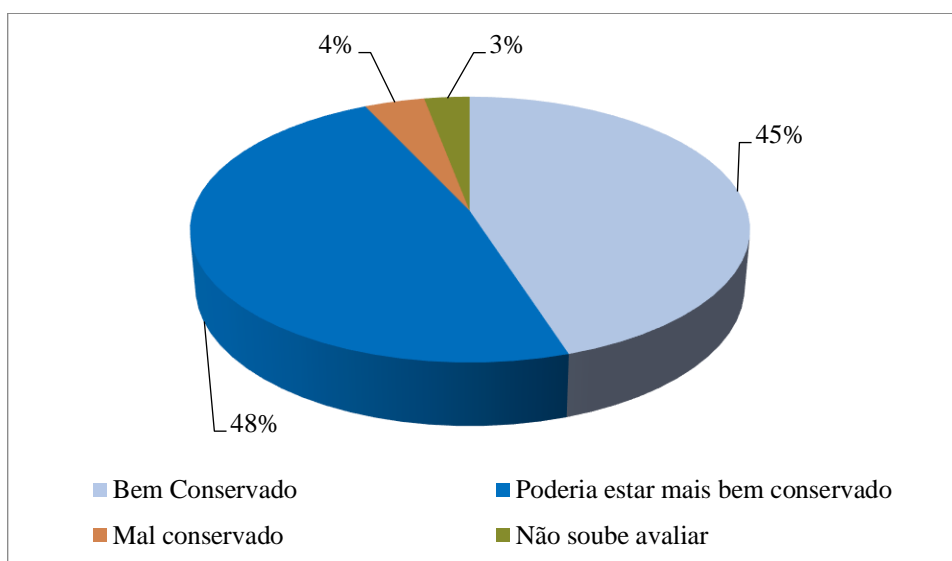


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Percepções dos turistas sobre o ambiente natural de Alter do Chão

Com relação ao ambiente natural de Alter do Chão, 45% dos turistas entrevistados declararam que está bem conservado, e 48% consideraram que o mesmo poderia estar mais bem conservado (Gráfico 7). Resultado esse que difere consideravelmente em relação aos moradores de Santarém, dos quais 69% afirmaram que o ambiente natural poderia estar mais bem conservado e somente 17% avaliaram-no como bem conservado.

Gráfico 7 – Percepções dos entrevistados sobre o ambiente natural de Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

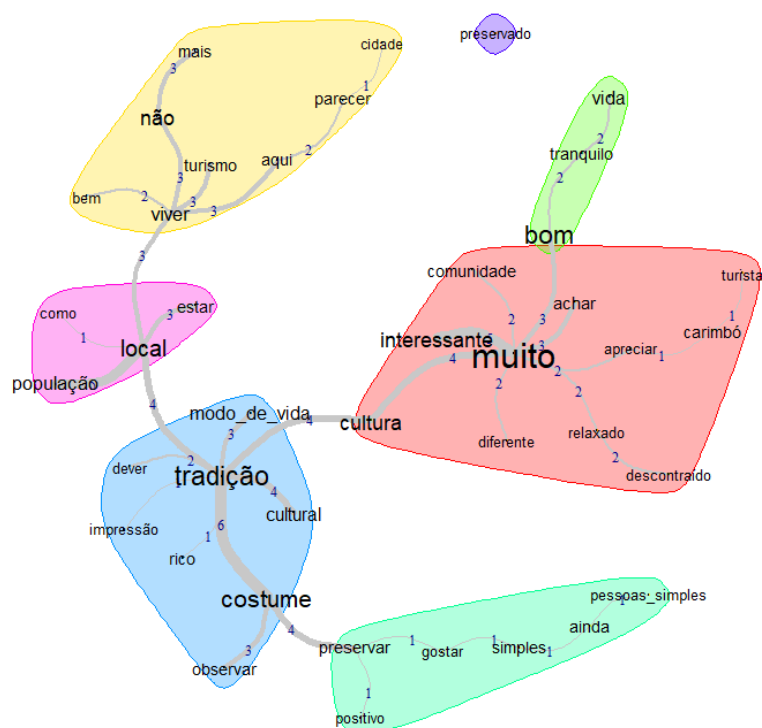
Entre os argumentos proferidos para declarar que o ambiente natural poderia estar mais bem conservado destacam-se: principalmente, a presença de lixo nas praias, lagos e ruas da Vila; estabelecimentos comerciais e habitações instalados em áreas impróprias; ocorrência de queimadas; erosão de solo nas margens do rio Tapajós e nas trilhas; poluição visual; desmatamento e esgotos para o rio.

Percepções dos turistas sobre os costumes, tradições, modo de vida da população local

Foi solicitado aos entrevistados que, a partir de sua experiência de visitação a Alter do Chão, emitissem suas opiniões acerca dos costumes, tradi es e modo de vida da popula o.

Pela análise do Iramuteq foram gerados 114 textos, ou seja, dos 134 pesquisados, 114 responderam   pergunta. Obteve-se também 114 ST, com aproveitamento de 57 textos classificados (50%). As ocorrências foram 1.067, com 475 palavras distintas e 345 (72,63%) aparecendo uma única vez. Observou-se que alguns relatos diferenciados e recorrentes em algumas falas dos entrevistados não foram aproveitados na CHD, como por exemplo, modo de vida simples. Supõe-se que esse fato está relacionado ao aproveitamento de textos inferior a 70% e uma classifica o parcial da CHD. O resultado   apresentado pela análise de similitude (Figura 27).

Figura 27 – Análise do corpus temático “costumes, tradi es e modo de vida”



Fonte: Análise de similitude gerado pelo Iramuteq (2018)

“Tradição”, “muito”, “costume” e “local” foram os termos que apresentaram maiores conectividades. Para os turistas, os costumes, tradições e modo de vida da população de Alter, de modo geral, são muito interessantes, destacando uma vida tranquila, diferente e a apreciação do carimbó. As tradições foram observadas como um fator rico do modo de vida do povo local sofrido, e os costumes foram percebidos como preservados por pessoas simples vivendo naquela localidade. Alguns relatos enfatizam essas percepções:

- P. 09: “Culturalmente rica a tradição com o Sairé, muito tranquilo”.
- P. 12: “Achei legal pela tentativa de preservar a cultura, apesar de muitos imigrantes”.
- P. 15: “Modo de vida sofrido”.
- P. 18: “Achei o povo bem hospitaleiro e simpático com uma vida aparentemente tranquila”.
- P. 19: “Uma cultura bastante rica, porém com uma simplicidade encantadora”.
- P. 23: “Muito interessante a atividade cultural dos botos, mas a população parece muito pobre e sacrificada”.
- P. 27: “Vejo que já existe uma miscigenação muito acentuada, mas ainda pude apreciar várias pessoas que zelam pela cultura dos caboclos e descendentes de indígenas”.
- P. 42: “Pessoas de vida simples procuram preservar ainda alguns costumes da terra, isso é positivo”.
- P. 47: “Simples e cordiais com consciência da importância do turismo”.
- P. 71: Pessoas simples, estão sendo impactadas pela atividade turística, mas ainda mantêm costumes e tradições”.
- P. 73: “Dos costumes pouco se observa, nada é produzido aqui, das tradições, apresentações sendo engolidas por outra cultura, modo de vida simplória”.

O que chama atenção nos relatos dos turistas é a constante afirmação de um modo de vida simples que a população de Alter do chão apresenta, às vezes referindo-se como simples a uma vida pobre e sacrificada. Essa discussão mereceria um cuidado analítico especial para futuros debates, o que não é o objeto nesse estudo, de que nem sempre o simples significa pobreza e uma vida sacrificada, com carências. Outro fato que também se destaca é a presença de imigrantes na localidade, que acabam influenciando os costumes, as tradições e o modo de vida da população local, segundo os entrevistados.

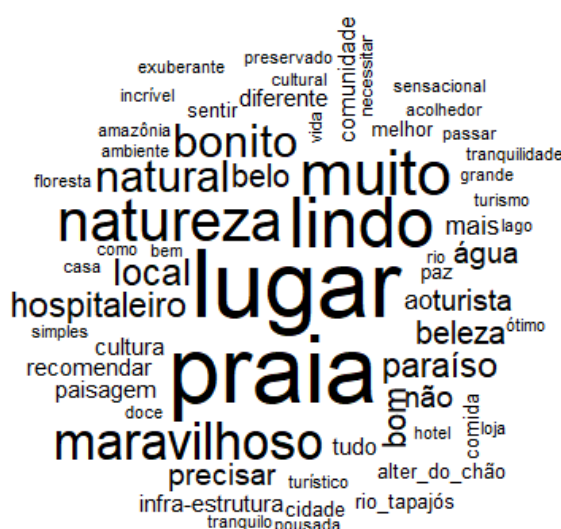
Pereira, Anjos e Vieira (2012,) confirmaram em sua pesquisa que os turistas entrevistados por eles demonstraram interesse pelo ritmo de vida menos apressado e estressado da Vila, pela simplicidade das construções e do modo de viver da população local, valorizando e reconhecendo na comunidade esse esforço de resgatar e fortalecer sua cultura, entre outras coisas, por meio das festas e do artesanato.

Alter do Chão como lugar turístico

Dos 134 turistas entrevistados, 111 responderam à questão solicitada. Portanto, o Iramuteq gerou 111 textos, separados em 116 ST, com aproveitamento de 66 segmentos

classificados (56,90%). Foram registradas 1.215 ocorrências, com 497 palavras distintas e 335 (67,40%) que aparecem uma única vez. Optou-se em mostrar o resultado em forma de nuvem de palavras para destacar as principais palavras evocadas pelos respondentes da pesquisa. (Figura 28).

Figura 28 – Análise do corpus temático “Alter do Chão como lugar turístico”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Verifica-se que as palavras mais evocadas foram: “lugar”, “praia”, “natureza”, “lindo”, “maravilhoso”, “bonito”, “Hospitaleiro”, “paraíso”, “beleza”.

Algumas descrições na íntegra são a seguir descritas enfatizando as palavras mais destacadas, conforme os entrevistados:

- P. 03: “Lugar que todos devem conhecer”.
- P. 04: “Lugar maravilhoso e ponto”.
- P. 11: “Um paraíso, de belas praias, um lugar para se vir muitas vezes”.
- P. 19: “Lugar lindo e relativamente tranquilo”.
- P. 25: “Um lugar maravilhoso, natureza exuberante, praias lindas”.
- P. 27: “Belo, belezas naturais, povo hospitaleiro, necessitando adequação de modo geral para o seu bem-estar em primeiro lugar para depois passar esta vivência ao turista que aí chegam”.
- P. 39: “Praias excelentes comidas nota 10”.
- P. 47: “Um lugar de beleza ímpar, diferente pela grandiosidade do rio e suas formações, uma natureza bonita de se ver e conservar”.
- P. 66: “Maravilhoso, povo hospitaleiro, quero voltar sempre”.
- P. 75: “Muito bonito, vale a pena conhecer, indicarei a familiares e amigos, lugar de beleza natural exuberante”.

Outras descrições foram feitas, porém com algumas ressalvas, tais como:

- P. 14: “Alter do Chão me pareceu muito diferente dos demais, sou turista veterana, senti um misticismo forte até agressivo, recomendaria uma reciclagem no aspecto do ambiente das lojas e hotéis mais claros e menos fechados. Recomendaria uma infraestrutura melhor na orla, porto para estacionar as catraias e padronização das barracas, enfim gostei muito e como tudo no país precisa melhorar”.

P. 36: “Um local com paisagens lindas que precisam ser preservadas, uma comunidade com saber que necessita ter continuidade em outras gerações, um polo turístico que precisa ser organizado para que os turistas não se sintam explorados.

P. 63: “Lugar de muito potencial, mas infelizmente degradado pelo povo local, se eu morasse aqui eu brigaria pela descontaminação do local”.

P. 69: “Fantástico, de fácil acesso, necessita de pessoas mais qualificadas para atender os turistas, principalmente internacionais, precisa buscar um equilíbrio entre a atividade turística e o meio ambiente”.

P. 73: “Alter do Chão tem praias belas, natureza limpa, porém maltratada pelo poder público e por alguns frequentadores moradores, em especial os que não tem nenhum vínculo com nada”.

P. 85: “Cheio de praias, com restaurantes, mas com o preço alto”.

P. 103: “Paisagens incríveis que em alguns casos são apagadas pelos turistas trilionários, que ligam os seus aparelhos de som ao máximo e fazem disputas de jet ski”.

P. 111: “Praias lindas, povo hospitaleiro, clima ótimo e o que falta é uma boa infraestrutura de caixa eletrônico, ou seja, tem que vir com dinheiro”.

Avalia-se que as ressalvas destacadas pelos turistas merecem uma atenção especial, primeiramente pela população local e posteriormente pelo poder público. Por se tratar de um destino turístico bastante frequentado tanto pelos visitantes moradores de Santarém, quanto por turistas de outras regiões e países, bem como ser um polo irradiador de visitação a outros atrativos da região, fazer uma reavaliação desses pontos e buscar conjuntamente as correções ou mudanças de atitudes torna-se primordial para um lugar turístico que pretende ser sustentável. A responsabilidade é de todos, o trabalho em parceria nesse momento irá conduzir para rumos diferenciados aos detectados pelos turistas entrevistados. Alter do Chão precisa de um olhar diferente e atitudes diferentes imediatamente para que o cenário futuro do turismo realmente inclua ações e atitudes sustentáveis.

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

É importante refletir o turismo como fenômeno social e a ressignificação de suas conceituações, dos sujeitos que praticam atividades de turismo e atividades em lugares turísticos. Verificar as percepções dos moradores de Santarém, dos turistas de outras regiões do Brasil e outros países e seus pareceres sobre o ambiente natural e turístico, bem como a cultura da vila de Alter do Chão, a partir das suas vivências nesse local é buscar, também, entender que o turismo não é meramente uma atividade econômica. Assume que o sujeito turístico, como reafirmam Moesch e Beni (2015), é um sujeito objetivado e fundamental para a compreensão do turismo como prática social, por mais que o sujeito que pratica o turismo indique que sua visitação impacta mais economicamente o local, como foi o caso dos sujeitos participantes dessa pesquisa.

A partir das entrevistas realizadas junto aos moradores de Santarém, dos quais pouco menos da metade se considera turista ao visitar Alter do Chão, tem-se que suas observações são relevantes para a compreensão da Vila como lugar turístico. Afinal, esses sujeitos fazem parte direta ou indiretamente da dinâmica econômica, social e cultural da localidade. Conseqüentemente, são sujeitos que precisam ser considerados como elementos ativos no fenômeno turístico em Alter do Chão, seja como moradores comuns, visitantes, veranistas, turistas de segunda residência, turistas de sol e praia ou simplesmente turistas. Seu papel é tão importante quanto o dos demais atores sociais que participam do sistema turístico da Vila.

O morador de Santarém possui afinidades com Alter do Chão, mas, apesar da metade dos pesquisados considerarem-se próximos, como não turistas, compreender Alter do Chão como outro lugar, a cultura de Alter do Chão como outra cultura, portanto, são turistas visitando a Vila, como excursionistas, turistas de segunda residência e veranistas, cujos conceitos trazem elementos híbridos, destoando do clássico turista. Não conseguem se ver como turistas porque, para eles, turistas são pessoas de fora do Estado que vem de lugares mais distantes, outras cidades, estados e até países.

Sendo assim, é de suma importância considerar as impressões que esses sujeitos constroem a partir de sua visita, pois suas expectativas, segundo Pereira, Anjos e Vieira (2012), criam uma imagem sobre a localidade a ser visitada, que não é necessariamente a imagem real, mas, muitas vezes, uma imagem projetada segundo anseios do visitante, perpassada por informações difundidas nos meios de comunicação. Essa imagem projetada é confrontada com a imagem real do destino que só chega ao visitante por meio da percepção *in loco*, provocando, assim, muitas vezes equívocos no que se refere à localidade, aos seus serviços e demais componentes do sistema turístico.

A partir dos resultados relacionados aos turistas de outras regiões do Brasil e outros países, constatou-se a afirmação de Pereira, Anjos e Vieira quando alguns turistas responderam que o imaginário que tinham sobre Alter do Chão não correspondeu à realidade encontrada, ora por superar esse imaginário, ora pela localidade apresentar aspectos totalmente opostos ao esperado e desejado.

Turismo, para os entrevistados dessa pesquisa está muito relacionado ao conhecimento, principalmente de pessoas e novos lugares. Para os moradores de Santarém, o Sairé e o Festival Borari são mais destacados em relação aos costumes, tradições e modo de vida da população de Alter do Chão, porém os turistas citaram o carimbó, assim como um modo de vida simples da localidade. Isso pode estar relacionado as constantes visitas que o morador de Santarém faz à Vila, tendo mais oportunidades para vivenciar e presenciar as festas tradicionais citadas.

Entender os processos desencadeados pelo fenômeno turístico e todos os sujeitos sociais envolvidos com suas expectativas, desejos, sonhos, interesses e necessidades, é buscar compreender toda a complexidade que envolve o turismo e suas interrelações. É perceber que o turismo é muito mais que uma atividade econômica. Portanto, tem-se como recomendações:

- Cabe uma maior compreensão da comunidade receptora para não distinguir no ato do atendimento e acolhimento quem é do próprio Município ou de outras localidades, pois o sujeito que visita um lugar turístico é imbuído de desejos por experiências socioculturais ou simplesmente naturais;
- Estudos relacionados a experiência da viagem pelo turista podem vir a contribuir de maneira significativa para um conhecimento mais aprofundado do sistema turístico de Alter do Chão e assim colaborar para um cenário mais organizado e condizente com o divulgado pelos meios de comunicação, pois conforme Figueiredo (2010) citado por Azevedo *et al.* (2013), o estudo das trocas e motivações dos turistas em localidades receptoras, do encontro entre visitantes e visitados, contribui para o entendimento do “espaço” e do “tempo” turístico, e principalmente da produção de relações humanas, produzidas no seio da prática social que surge da viagem para lazer, bem como a produção de diversos tipos de práticas e representações.
- Fomentar investimentos públicos e iniciativas particulares em infraestrutura básica, principalmente em saneamento, referente a limpeza urbana, coleta e tratamento de esgoto e o manejo de resíduos sólidos, pois foram fatores observados tanto pelos moradores de Santarém como pelos turistas, com destaque para a quantidade de lixo encontrada nas praias e ruas da Vila;
- Verificar, manter e melhorar as condições dos produtos e serviços ofertados, através da continuidade da realização de cursos de capacitação técnica em turismo, principalmente em atendimento e preços, itens destacados pelos entrevistados, que tiveram mais baixa pontuação;
- A comunidade buscar meios para um maior envolvimento dos visitantes, no que se refere a conhecer os projetos, programas sociais, ambientais e culturais realizados na localidade, para captar futuros cooperadores, pois só se coopera quando se estimula a conhecer e participar, constituindo-se a partir daí interações sociais e culturais com a população de Alter do Chão.

CAPÍTULO 4

O TURISMO NA VISÃO LOCAL DOS MORADORES DE ALTER DO CHÃO



O turismo é uma ferramenta de desenvolvimento usada por muitas comunidades para promover o desenvolvimento econômico local. Logo, os líderes comunitários desempenham um papel vital na abordagem do turismo (AREF *et al.*, 2010), bem como todos os moradores envolvidos direta e indiretamente com esse fenômeno. Nesse sentido, estudar a compreensão e a percepção dos residentes sobre o turismo é de fundamental importância, pois revela as opiniões e ideias daqueles que são diretamente mobilizados, envolvidos e afetados pelas dinâmicas promovidas pelo turismo na comunidade.

Cabe ressaltar que, mesmo no contexto local ou, em outras palavras, no interior do grupo social autóctone, existem partes que apresentam interesses e pontos de vista variados e diferenciados. A intenção, neste capítulo, é especialmente conhecer os papéis que dois grupos da comunidade local — os moradores e os empreendedores turísticos da vila de Alter do Chão — assumem em relação ao turismo, bem como entender de que maneiras esses grupos se envolvem com o fenômeno turístico em suas várias dimensões e como concebem os próprios papéis que desempenham.

Para Meimand *et al.* (2017), o conhecimento dos moradores locais sobre o turismo requer mais investigação, especialmente nos países em desenvolvimento, onde o nível de conhecimento é diferente do dos países desenvolvidos, e os moradores locais podem ter percepções diferentes do desenvolvimento do turismo. Acompanhamos esse pensamento e, também, o de Almeida-García (2016), que é enfático ao afirmar que conhecer as opiniões dos moradores é necessário no processo de planejamento e governança dos destinos. Considerando que este é um aspecto que resta inexplorado nos estudos acadêmicos sobre o turismo em Alter do Chão, espera-se que o enfoque aqui adotado propicie uma melhor compreensão da situação do turismo nesse destino sob o ponto de vista daqueles atores sociais.

Entendemos, ainda, que o envolvimento das comunidades locais no desenvolvimento do turismo não pode ser negligenciado devido a seus papéis cruciais (MUGANDA, SIRIMA; EZRA, 2013). Então, se os responsáveis pelo segmento puderem conhecer e aceitar as percepções da comunidade local, podem melhor envolvê-la tanto na própria operacionalização dos processos quanto na melhor repartição de benefícios do turismo. Espera-se, por fim, que as informações aqui apresentadas podem ser úteis à formulação de estratégias para o turismo em Alter do Chão, considerando as opiniões de residentes que, estejam ou não envolvidos diretamente nesse setor, são afetadas por todas as suas consequências, sejam positivas ou negativas.

Para produção das informações apresentadas, utilizou-se formulários com questões abertas e questões fechadas aplicáveis aos moradores de Alter do Chão e empreendedores

turísticos instalados na localidade (apêndices 3, 4, respectivamente). A aplicação dos formulários foi realizada da seguinte maneira:

Moradores de Alter do Chão – junto a esse grupo a pesquisa de campo foi realizada no período de abril a maio de 2017, em dias intercalados, de acordo com a disponibilidade de tempo dos pesquisadores. Os respondentes, no total de 279 entrevistados, foram abordados em suas residências, distribuídas de maneira proporcional nos seguintes bairros da vila de Alter do Chão: Jacundá, União I, União 2, Carauari, Centro, Amizade, Jardim das Seringueiras. O formulário foi aplicado junto ao chefe da família ou outro membro com idade a partir de 15 anos.

Foi utilizada a Amostragem Aleatória Simples, processo no qual todos os elementos da população têm igual probabilidade de serem escolhidos, não só antes de ser iniciado, como até completar-se o processo de coleta (COSTA, 2015). O tamanho mínimo da amostra aleatória simples pode ser determinado através do cálculo de n_0 , considerado uma primeira aproximação para o cálculo do tamanho da amostra, dado por:

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2} \quad (I)$$

sendo E_0 o erro amostral tolerável.

A expressão acima apresentada mantém fixo o nível de confiança de 95% e a variância populacional no caso de maior heterogeneidade da população, ou seja, quando a proporção do evento na população em estudo é de 0,5. A fixação da proporção populacional do evento em 0,5 deve-se ao fato de ser esta a pior situação possível em termos de variabilidade populacional. Assim, pode-se considerar que a expressão (I) destina-se a três situações: a primeira, na qual não se conhece a estimativa da proporção do evento na população em estudo, uma vez que qualquer que seja o valor da proporção, este dá origem a uma variabilidade menor que aquela vinculada à proporção 0,5. Observa-se que, nesse caso, é preciso maior cuidado com a determinação da amostra e, conseqüentemente, a quantidade de elementos que a comporão. Uma segunda situação na qual o valor de uma estimativa preliminar para a proporção do evento estudado é igual a 0,5 e, a última situação, na qual o estudo se destina à estimação da proporção de vários eventos da população, com pelo menos um dos eventos sem presença de uma estimativa anterior de sua proporção na população.

Empreendedores Turísticos de Alter do Chão – a pesquisa de campo foi realizada no período de outubro de 2016 a julho de 2017 junto aos proprietários dos meios de hospedagem (hotéis, pousadas e *hostels*), restaurantes, barracas de alimentação localizadas na praia “Ilha do

Amor”, lojas de artesanatos e agências de turismo receptivo. Foram selecionados empreendimentos mencionados no Inventário da Oferta Turística do Município de Santarém 2016.

Foi utilizada a amostragem não aleatória por julgamento, na qual “os elementos escolhidos são aqueles julgados como típicos da população que se deseja estudar” (BARBETTA, 2004, p. 56). A intenção inicial era pesquisar todos os proprietários dos estabelecimentos supracitados, porém alguns se recusaram expressamente a participar da pesquisa ou não receberam a pesquisadora, mesmo com data e horários agendados por diversas vezes. Abaixo apresenta-se o quadro 7, baseado no Inventário da Oferta Turística do Município de Santarém, 2016 que visualiza o universo total de cada estabelecimento e a amostra pesquisada.

Quadro 7 – Estabelecimentos citados no Inventário da oferta Turística e total de amostragem pesquisada

Estabelecimentos		Amostra Pesquisada
Hotéis	4	3
Pousadas	25	15
Albergues	1	1
Restaurantes	12	7
Barracas da Praia “Ilha do Amor”	17	12
Lojas de Artesanato	8	3
Agências de Turismo	4	2
Total	71	43

Fontes: Inventário da Oferta Turística do Município de Santarém (2016); pesquisa de campo (2016-2017)

As informações oriundas das questões fechadas dos formulários foram tratadas com auxílio do programa Excel Office 365 da Microsoft, a partir do qual a interpretação dos dados se pautou pelo método estatístico descritivo. Já as informações obtidas por meio de questões abertas foram tratadas no *software* livre Iramuteq.

Do ponto de vista conceitual, os dois grupos estudados são tomados como grupos sociais autóctones, nos termos de Krippendorf (2009), para quem estes se referem aos seres humanos que estão “do outro lado” do turismo, isto é, a população dos países e das regiões visitadas, os anfitriões voluntários ou involuntários.

GRUPO SOCIAL AUTÓCTONE

“O sujeito produtor só é produtivo se a sua criação for consumida de forma simbólica, para manter uma eterna reificação junto ao sujeito consumidor” (MOESCH, 2000, p. 108). Ou seja, para Moesch (2000), a razão da existência de uma loja de *souvenirs* estrategicamente situada no final de cada atrativo na *Disney's Animal Kingdom Theme Park* é o fato de haver consumidores — ou atores sociais em situação de encontro e convívio, abertos para trocas (FIGUEIREDO; NÓBREGA, 2015) — dispostos a adquirí-los como elementos capazes e simbolizar e propiciar a rememoração das experiências ali vivenciadas.

No caso do turismo, o sujeito produtor está representado por uma comunidade local ou autóctone, que está disposta a receber e estabelecer relações mais ou menos próximas com turistas e viajantes em seu meio. Essa comunidade é, também, um sujeito reprodutor, na medida em que reproduz na relação com o turista indicações de melhoramento de um hotel, de um restaurante, de uma gestão voltada para melhores serviços públicos ao turista, etc.

Logo, entende-se como grupo social autóctone, no turismo, aquele que é composto dos proprietários ou administradoras dos equipamentos turístico-receptivos; dos funcionários dessas instalações, sejam eles nativos do local receptor ou forasteiros estabelecidos na comunidade; de trabalhadores locais que estão mais ou menos diretamente relacionadas com o turismo através de empresas prestadoras de serviços, do comércio, da construção, do exercício de profissões liberais e outros; e, ainda, daquelas pessoas que, sem estar ligadas profissionalmente ao turismo, têm algum tipo de contato com o fenômeno (BENI, 2003). Segundo caracterização de Beni (2003, p. 84), trata-se:

[d]aquele coletivo humano que recebe uma dupla corrente migratória: a turística e laboral; influi sobre ambas e se vê afetado por elas. É uma coletividade de pessoas que compartilha uma área territorial limitada, que lhe serve de base para realizar a maior parte de suas atividades cotidianas; participa de uma cultura comum; acha-se ordenada em uma determinada estrutura social; revela como ciência de sua unicidade e identidade própria como grupo. Em poucas palavras, é um povo arraigado a sua terra, com sua história, cultura, língua, tradições, costumes, valores e contra-valores.

Como Beni (2003) ressalta, trata-se de um grupo largamente heterogêneo que pode ser subdividido em grupos distintos. O primeiro compreenderia os profissionais que estão em contato permanente e direto com os turistas: o pessoal dos meios de hospedagem, dos meios de transporte turístico e do comércio, os guias de turismo, etc. Eles dependem do turismo e, sem ele, talvez estivessem desempregados.

Com relação a esse primeiro grupo, Abreu e Costa (2014), informam que a iniciativa privada compreende os prestadores de serviços turísticos em micros, pequenas, médias ou

grandes empresas. Os serviços mais tradicionais que oferecem estão relacionados à hospedagem (hotéis, pousadas, *hostel*/albergues), serviços de transportes (companhias áreas, navios/ cruzeiros, barcos); setor de alimentos e bebidas (bares, restaurantes, lanchonetes); Agências e operadores; entretenimentos (parques temáticos, casas de shows, boates) centros de convenções; lojas de *souvenirs* e artesanatos, casas de câmbios entre outras.

O segundo grupo de autóctones é formado pelos proprietários de empresas turísticas e pela indústria local, sem contato permanente com os turistas, como a construção civil, por exemplo.

O terceiro grupo se refere aos habitantes que também mantêm contatos diretos e frequentes com os turistas, mas que tiram apenas uma parte de seus ganhos do turismo, pois têm outra atividade.

O quarto grupo é formado pelo grande número de autóctones que nunca ou quase nunca se encontra com os turistas. Eles manifestam as mais diversas atitudes, que vão do apoio ao repúdio, passando pela ignorância e indiferença, sendo esta última a mais frequente.

Os homens políticos e os artífices de opiniões constituem um quinto grupo. Seu desejo é, antes de mais nada, elevar o nível de vida dos concidadãos.

Nesses grupos interagem múltiplos atores envolvidos no desenvolvimento do turismo, ou seja, diferentes indivíduos ou grupos que têm um interesse claro no desenvolvimento do turismo em determinado destino (AMARAL, 2014).

O conceito de “*ator no turismo*” é normalmente considerado de uma forma geral. Este ator é uma associação ou uma empresa, financiada pelo setor público e pelo setor privado e que tem um contato direto com os turistas no destino, oferecendo um serviço durante a estada. (AMARAL, 2014, p. 63).

Para o sucesso do turismo, Abreu e Costa (2014) enfatizam a importância de quatro atores principais: o poder público, a iniciativa privada, o terceiro setor e a sociedade civil organizada. Além destes, as próprias comunidades locais — definidas por Aref *et al.* (2010) como um grupo de pessoas que vivem ou trabalham dentro da mesma área geográfica, gozando de culturas compartilhadas ou interesses comuns — constituem um ativo importante no desenvolvimento do turismo, pois é dentro de suas instalações que as atividades turísticas acontecem (MUGANDA, SIRIMA; EZRA, 2013).

A falta de um dos componentes do sistema do turismo, ou a má integração entre eles, pode causar perdas ao destino, levando à baixa produtividade, ao comprometimento da qualidade de vida dos moradores e a impactos negativos sobre a cultura e o ambiente natural.

Com relação a esse aspecto, dos impactos ocasionados pelo turismo, tanto positivos como negativos, Petrić e Pivčević (2016) afirmam que são mais evidentes do ponto de vista dos membros da comunidade, pois são eles que colhem ou sofrem suas consequências. Quanto aos impactos negativos, os mesmos autores relatam que ocorrem frequentemente devido à falta de controle sobre o desenvolvimento do turismo por parte dos habitantes locais.

Assim, dentro do sistema do turismo, a comunidade local — incluindo todos os habitantes da localidade, quer tenham ou não envolvimento com o turismo — é o ator mais impactado pela atividade turística, tanto mais negativamente quanto mais baixo for seu nível de participação no setor (ABREU; COSTA, 2014).

Com efeito, os impactos do turismo nas regiões de destino são sentidos primeiramente pela comunidade local, conforme Quadros (2016). De acordo com essa autora, os impactos econômicos são os primeiros a serem percebidos pela comunidade local e os mais fáceis de identificar e classificar. Já os impactos socioculturais são os mais difíceis de serem percebidos e identificados, devido à sua complexidade e porque resultam, principalmente das alterações do cotidiano da comunidade local. Os impactos ambientais, na maioria das vezes, são percebidos apenas quando se tornam visíveis, e os negativos são os que são identificados em primeiro lugar.

Quadros (2016, p. 18-22) menciona alguns dos principais impactos positivos e negativos do turismo: **a) impactos econômicos positivos** (aumento das oportunidades de emprego para os residentes; aumento da produção dos produtos locais; contribuição para o aumento do rendimento das famílias; aumento do empreendedorismo nos destinos, etc); **b) impactos econômicos negativos** (aumento da inflação; dependência do turismo; aumento dos custos dos inputs primários; efeitos nocivos em outras atividades económicas, etc); **c) impactos socioculturais positivos** (aumento do orgulho dos residentes na cultura local; Preservação da identidade cultural e do património; criação de novas atividades de animação e lazer, etc); **d) impactos socioculturais negativos** (agravamento de desigualdades sociais; perda da autenticidade da comunidade; postos de trabalho ocupados por estrangeiros; aumento da insegurança e criminalidade; alterações das atividades tradicionais, etc); **e) impactos ambientais positivos** (conservação e proteção dos espaços físicos; aumento da consciencialização ambiental; criação e manutenção de parques naturais, etc.); **f) impactos ambientais negativos** (contaminação do ar e da água; poluição sonora e visual; desaparecimento da fauna e da flora; escassez dos recursos naturais, etc).

A autora conclui que:

Se os impactos percebidos pela comunidade local forem positivos para a qualidade de vida dos residentes (comunidade local) estes tendem a aceitar o desenvolvimento do turismo e a participar nele, mas, se os residentes sentirem que os impactos do turismo

são negativos para a sua qualidade de vida e bem-estar, poderão rejeitar o desenvolvimento do turismo e, conseqüentemente, gerar hostilidade para com os turistas (QUADROS, 2016, p. 23).

O envolvimento no processo de desenvolvimento do turismo pode melhorar a conscientização dos moradores sobre os benefícios e custos desse ramo de atividade, influenciando-os para o apoio ao desenvolvimento do fenômeno (RASOOLIMANESH *et al.*, 2017).

Muganda (2009) ressalta que é importante observar que a participação da comunidade na tomada de decisões não é apenas desejável, mas também necessária, de modo a maximizar os benefícios socioeconômicos do turismo para ela mesma. Para esse autor, o papel apropriado dos moradores locais no desenvolvimento do turismo pressupõe que: i) a população local deve ser consultada quando as políticas de turismo estão sendo realizadas; ii) a população local deve ter voz no processo de tomada de decisão do turismo local; iii) a população local deve assumir o papel de liderança como empreendedores; iv) população local deve assumir o papel de liderança como trabalhadores em todos os níveis.

Outro papel da comunidade que merece ser destacado é o ato da hospitalidade, que implica saber receber e ser anfitriã, o qual recai, principalmente, mas não exclusivamente, na iniciativa privada, estendendo-se à toda a comunidade autóctone enquanto sujeito produtor. Nesse sentido, cogitando sobre o encontro possibilitado pelo turismo como uma forma de nomadismo, Moesch (2004) menciona que não poderá manter-se apenas em sua objetivação mercantilista, e sim reencontrar a sua essência, “o saber cuidar” (*grifo da autora*).

Na compreensão de Wada (2012), os atos de hospitalidade podem ser complementos a processos de inclusão, já que agregam o outro a determinado grupo social. Porém, quando a hospitalidade é tratada de forma superficial, confunde-se com ações óbvias, como sorrir ou depositar flores nos ambientes.

Avena (2006) prefere trabalhar com o sentido de acolhimento ao invés de hospitalidade, na medida em que o primeiro abrangeria uma variedade de elementos, entre os quais o reconhecimento, a própria hospitalidade e o cuidado.

A palavra “acolher” vem do verbo “colher” como o prefixo “a” e nela há a ideia de ação e de vontade e, como na colheita, o acolhimento é um ato voluntário. No sentido figurado ele significa, também, concordar, aceitar e está muito próximo do sentido da palavra recolher. Na ideia de acolher/acolhimento existe a de reunião, hospitalidade e de caridade (AVENA, 2006, p. 140).

Acolher alguém na sua casa ou na sua empresa, para Avena (2006), implica, portanto, em preocupar-se com o seu conforto, que inclui a sua salvaguarda. O cliente espera que o

acolhedor, aquele que hospeda, faça tudo para protegê-lo, mesmo se estiver fora do local onde está hospedado.

PERCEPÇÕES DOS MORADORES DE ALTER DO CHÃO SOBRE TURISMO

Dados Demográficos dos Entrevistados

O quadro 8 apresenta uma visão geral do perfil dos entrevistados em relação a sexo, idade e nível de escolaridade. O resultado demonstra que mais da metade dos entrevistados (60%) é do sexo feminino, em comparação com o sexo masculino (40%). A idade dos respondentes variou entre 15 e mais de 65 anos, com uma percentagem expressiva dentro da faixa etária de 15 a 54 anos, considerado um público relativamente jovem. Quanto ao nível de escolaridade, 36% das pessoas entrevistadas tinha ensino médio completo e um número significativo tinha o ensino fundamental incompleto (23%).

Quadro 8 - Dados Demográficos dos Entrevistados

SEXO	TOTAL EM %
Masculino	40%
Feminino	60%
IDADE	
De 15 a 24 anos	21%
De 25 a 34 anos	23%
De 35 a 54 anos	35%
De 55 a 65 anos	13%
Mais de 65 anos	8%
ESCOLARIDADE	
Ensino Fundamental Incompleto	23%
Ensino Fundamental Completo	8%
Ensino Médio Incompleto	14%
Ensino Médio Completo	36%
Ensino Superior Incompleto	7%
Ensino Superior Completo	10%
Pós-Graduado	1%
Não informado	1%

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

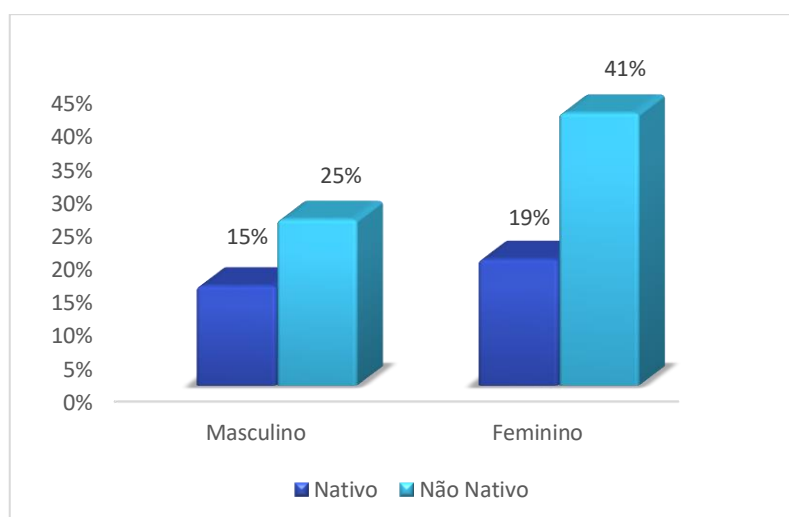
Em seu estudo para conhecer o envolvimento e a participação da comunidade no desenvolvimento do turismo no Zimbabwe, Moyo e Tichaawa (2017) descrevem que também

a maioria dos entrevistados era do sexo feminino, com uma percentagem bem mais expressiva que Alter do Chão, 70,4%. Porém, vale destacar que o total da amostragem trabalhada pelos autores era maior (n=384) em relação a trabalhada em Alter do Chão (n=279). Em relação à idade dos entrevistados, os dados de ambas as pesquisas se aproximaram, visto que a faixa etária com maior predominância encontrada pelos autores ficou entre 18 a 54 anos e em Alter do Chão foi entre 15 a 54 anos.

Origem dos Moradores de Alter do Chão

As pessoas consideradas nativas da vila de Alter do Chão totalizaram 34% do grupo. Entretanto, as pessoas procedentes de outros locais alcançaram 66% dos entrevistados (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Origem dos moradores de Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

O tempo de moradia dos residentes não nativo em Alter do Chão variou bastante, de três meses a 57 anos.

Com relação ao gênero, percebeu-se que 41% das mulheres e 25% dos homens entrevistados são oriundos de outros locais, e os principais motivos os que levaram a optarem por morar em Alter do Chão foram: família; trabalho; estudos para os filhos; casamento; tranquilidade do local; estava a passeio e gostou do lugar; qualidade de vida da localidade.

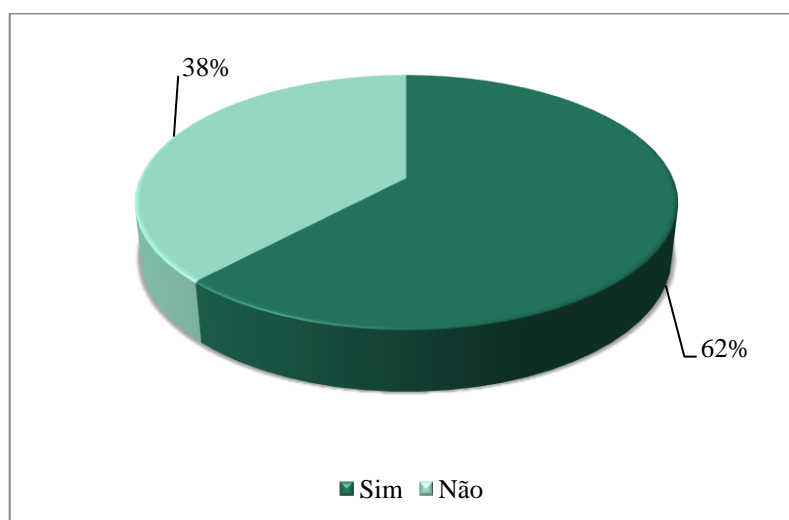
Esses resultados encontrados em Alter do Chão aproximam-se dos constatados por Silva (2005) em uma pesquisa realizada na comunidade de Maguari, Floresta Nacional do Tapajós, no município de Belterra-Pará, onde a autora constatou que 58,1% dos moradores entrevistados não eram nativos da localidade, sendo que 32,6% eram do sexo feminino e 25,6% masculino.

Entre os principais motivos para estabelecerem-se em Maguari também se apresentaram o casamento, o trabalho e a busca de estudo para os filhos.

Trabalho

Do total de entrevistados em Alter do Chão, 62% (n=174) exercem alguma atividade profissional (Gráfico 9). Desses, 20% (n=34) estão desenvolvendo alguma atividade relacionada mais diretamente ao turismo, como garçons, garçonetes, cozinheiras, em restaurantes, barracas localizadas na praia e praça central da Vila (doces). Também estão trabalhando em meios de hospedagem (pousadas e hotéis) como recepcionistas, camareiras, cozinheiras, gerente. Outras atividades estão sendo desenvolvidas em meios de transporte (catraia), produzindo artesanatos, prestando serviços de guia de turismo e em agência de turismo.

Gráfico 9 – Atividade Trabalhista



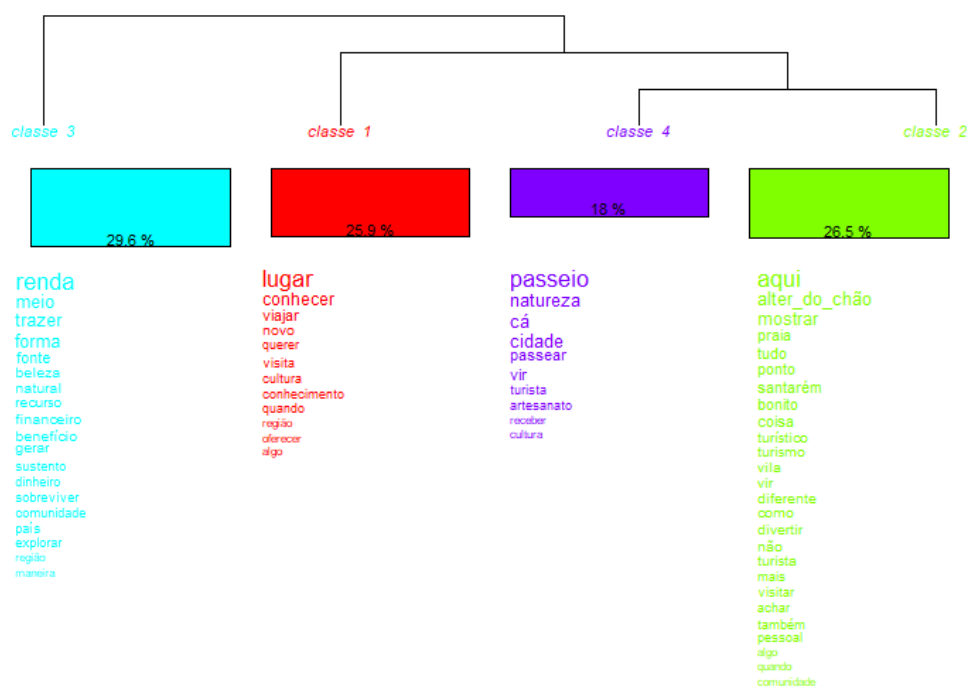
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Dentre as demais atividades desenvolvidas pelos entrevistados, que não estão relacionadas diretamente ao turismo, tem-se: ajudante em construção civil; diarista; motorista de ônibus escolar; autônoma (costureira); caseira e diarista; funcionário público municipal; professor da rede municipal; serviços gerais; babá; motorista; comerciante; empregada doméstica; pedreiro; agricultor; moto taxista; professora; vigilante noturno, etc.

“O que é Turismo” para os entrevistados

As respostas à questão “O que é turismo para você?” foram analisadas a partir da Classificação Hierárquica Descendente gerada pelo Iramuteq. No corpus geral foram estabelecidos 237 textos, ou seja, dos 279 entrevistados, 237 responderam ao questionamento. Esses textos foram separados em 238 ST, com aproveitamento de 189 textos classificados (79,41%). O número de ocorrências corresponde a 2429, sendo que dessas 488 são palavras distintas e 277 (56,76%) aparecem uma única vez no corpus. Foram gerados também 3 eixos, categorizados em 4 classes: Classe 1, com 49 ST (25,9%); Classe 2, com 50 ST (26,5%); Classe 3, com 56 ST (29,6%); Classe 4, com 34 ST (18%) (Figura 29).

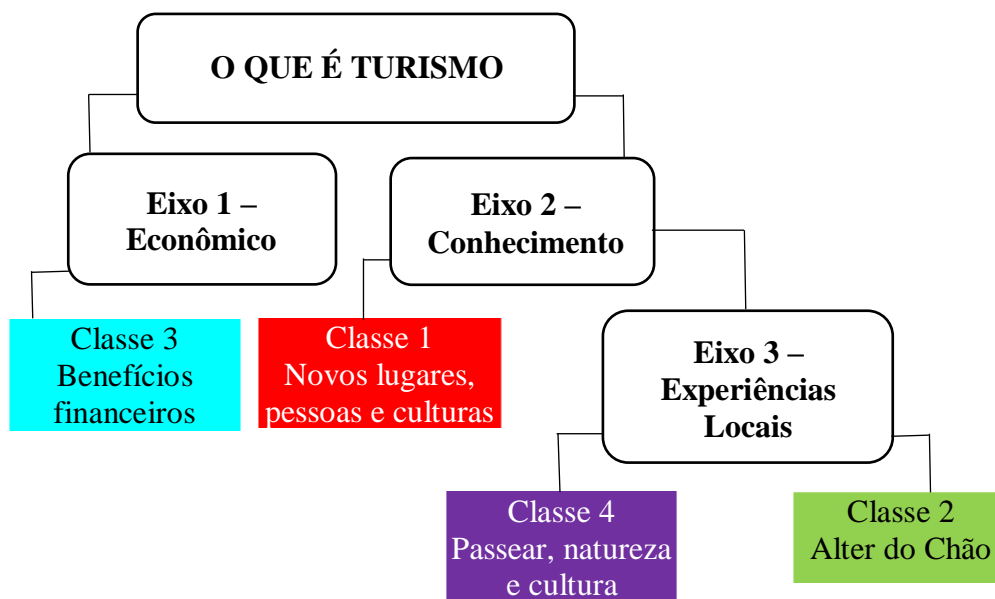
Figura 29 – Análise do corpus temático “O que é turismo”



Fonte: Dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

A partir da análise do dendrograma gerado pelo Iramuteq, foi possível nomear os eixos e classes segundo as conceituações dos entrevistados (Figura 30).

Figura 30 – Categorizações a partir do corpus temático “o que é turismo”



Fonte: Elaborado pela autora a partir do dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

O eixo 1 representa a percepção que os comunitários entrevistados de Alter do Chão têm sobre o turismo enquanto fenômeno econômico, gerador de renda, de benefícios financeiros. Essa visão está muito relacionada ao que eles percebem em relação a Vila, ou seja, o conhecimento do turismo está atrelado à experiência local, conforme observa-se nas falas dos respondentes:

- P. 04: “Renda que o turista deixa na comunidade”.
- P. 22: “Pessoas estrangeiras que vêm para cá que de alguma forma trazem dinheiro, a que visam o turismo como uma questão financeira”.
- P. 28: “Meio utilizado pelos nativos para ganho financeiro usando o lugar”.
- P. 33: “É o lugar onde vivemos e as pessoas vêm visitar e trazem renda”.
- P. 38: “Traz um benefício, um pouco do sustento, do financeiro”.
- P. 53: “Meio de sobrevivência para os moradores da região”.
- P. 99: “Representa a forma de sustentabilidade e quem pesca ganha mais dinheiro”.
- P. 142: “Pessoas que vêm de outro país que trazem renda para nossa vila”.
- P. 154: “Uma forma de ganhar dinheiro”.
- P. 177: “Pessoas que vêm de fora passear, trazer ganho de benefícios para as pessoas, rendimentos para a comunidade”.
- P. 224: “Uma fonte de renda na época de praia e onde tiramos o nosso sustento”.

No eixo 2, as falas dos entrevistados estão mais direcionadas ao conhecimento de novos lugares, pessoas e culturas:

- P. 40: “Visitar lugares que a gente não conhece conhecer a cultura os costumes”.
- P. 97: “Viajar para conhecer outro lugar”.
- P. 104: “Algo que a pessoa quer descobrir conhecer novos lugares”.
- P. 143: “Oportunidades de estar em lugares que não conhece a sua cultura”.
- P. 144: “Pessoas conhecerem novos lugares novas pessoas”.
- P. 158: “Uma atividade onde as pessoas vão conhecer novos lugares”.
- P. 227: “Passeio conhecimento conhecer novos lugares praias florestas trilhas conhecer nova cultura”.

P. 237: “Uma forma de conhecer novos lugares”.

No eixo 3, percebe-se também, que as falas estão muito relacionadas ao local, às experiências que o turista vivencia, na visão dos moradores entrevistados:

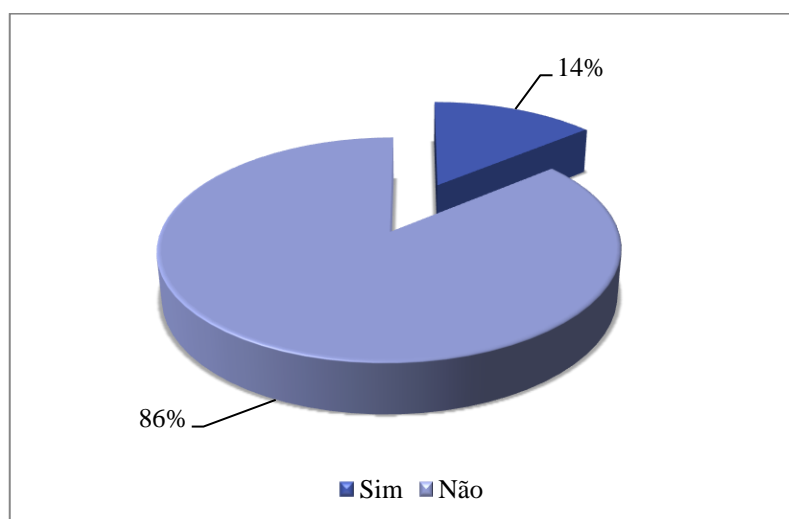
- P. 30: “Turistas que vêm passear, comprar”.
- P. 42: “Pessoas que fazem passeio que vêm de fora”.
- P. 48: “São pessoas que vêm de fora conhecer as pessoas aqui da comunidade”.
- P. 71: “É o que a gente tem as praias e o que tem na vila”.
- P. 81: “São outras pessoas de outras localidades que vêm conhecer a vila”.
- P. 100: “São pessoas que vêm fazer passeios, conhecer a cultura através da natureza”.
- P. 124: “São as pessoas que vêm de fora para usufruir da natureza”.
- P. 157: “Seria tudo que nos rodeia em Alter do Chão, cultura, manifestações folclóricas”.

Em um estudo realizado por Meimand *et al.* (2017) junto aos moradores da Malásia, detectou-se que o conhecimento sobre o turismo estava relacionado aos benefícios e custos gerados pelo fenômeno, principalmente os socioculturais. Já em Alter do Chão, a partir das falas dos respondentes, percebe-se que o conhecimento sobre o turismo está mais relacionado aos seus benefícios econômicos.

Consulta sobre o desejo de receber turista em Alter do Chão

Foi feita aos entrevistados a seguinte pergunta: “Você foi ou é consultado sobre o seu desejo de receber turista em sua comunidade?” De acordo com 86% dos entrevistados, nunca foram consultados (Gráfico 10).

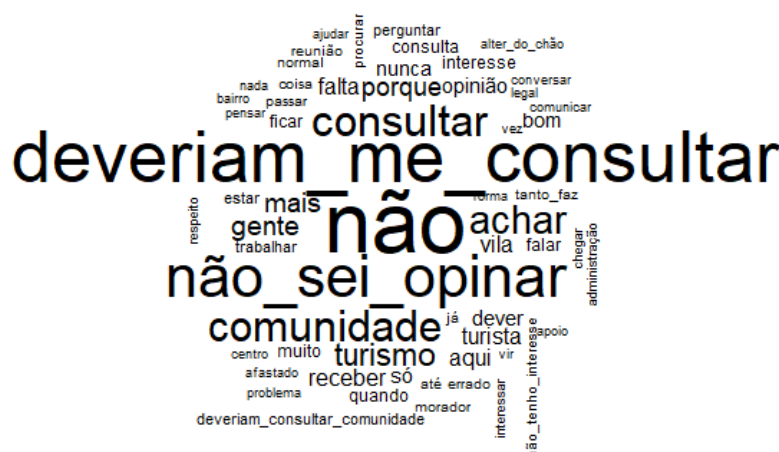
Gráfico 10 – Consulta aos moradores de Alter do Chão sobre desejo de receber turistas



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Dos 141 entrevistados que responderam que não foram consultados, 40 indivíduos afirmaram que os dirigentes da comunidade deveriam tê-los consultados, e 32 não souberam opinar. Para visualizar a ênfase a essas opiniões, abaixo a figura nuvem de palavras gerado pelo programa Iramuteq (Figura 31).

Figura 31 – Análise do corpus temático “Entrevistado não foi consultado sobre desejo de receber turistas ”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Abaixo tem-se algumas falas dos demais respondentes (n=69) que também não foram consultados:

- P. 04: “No momento a comunidade não se interessa em descobrir o que eu acho”.
- P. 09: “Os membros da organização não comunicam a população”.
- P. 12: “Considero uma falta de respeito em não ser comunicada e ficar sabendo o que ocorre na comunidade”.
- P. 18: “Não há um pensamento de consultar o indivíduo, seria melhor se fossemos ouvidos”.
- P. 24: “São consultadas as pessoas mais próximas ao centro ou as pessoas que são empreendedoras no turismo ou trabalham com turismo”.
- P. 34: “Muitas pessoas pensam pelo lado pessoal em si próprio, não pensam pelo lado da comunidade de ouvir nossa opinião”.
- P. 37: “Desinteresse da coordenação da vila”.
- P. 76: “Administração não tem diálogo, é só um grupo que decide, não tem diálogo com a comunidade”.
- P. 106: “Esse é o problema, acho errado, os membros geralmente são as pessoas tradicionais da vila”.

Para os 14% que responderam que foram consultados, perguntou-se quem fez a consulta. A essa questão, os mesmos indicaram que teriam sido consultados por alguns discentes da Universidade Federal do Oeste do Para; pela Associação do Bairro em que mora; por pessoas de fora da comunidade que fazem pesquisa; por repórteres; pelo Sebrae; e por moradores da localidade. Alguns não lembraram quem teria sido o autor da consulta.

Retomando Aref *et al.* (2010), para quem os moradores locais sempre deveriam ser consultados, já que são um dos componentes mais importantes do desenvolvimento do turismo

local, observa-se que em seu próprio estudo, realizado em algumas comunidades de Shiraz, os entrevistados indicaram que a tomada de decisão para desenvolver o turismo não era uma decisão da comunidade, da mesma forma que foi percebido nas falas dos entrevistados em Alter do Chão.

Na Aldeia de Barabarani, Mto wa Mbu (Tanzânia), Muganda, Sirima e Ezra (2013), ao questionarem os comunitários sobre qual deveria ser o papel apropriado das pessoas locais no desenvolvimento do turismo, as principais respostas indicavam que a população local deve ser consultada quando as políticas de turismo estão sendo elaboradas e deve ter voz no processo de tomada de decisão do desenvolvimento do turismo local.

Tosun (2006) também encontrou resultado semelhante em uma comunidade da Turquia, cujos entrevistados tinham uma tendência a apoiar a ideia de que as pessoas locais deveriam ser consultadas sobre questões relacionadas ao desenvolvimento do turismo naquela localidade.

Presença de turistas em Alter do Chão

Os pesquisados responderam ao seguinte questionamento: “O que você acha da presença de turistas em Alter do Chão?”. Entre as respostas: “Os turistas trazem recursos financeiros”; “dá alegria”; e “trazem novos conhecimentos” foram os fatores mais destacados pelos entrevistados, com 24%, 23% e 22% respectivamente (Tabela 11).

Tabela 11 – O que você acha da presença de turistas em Alter do Chão?

Fatores Avaliados	F	%
Incomoda	15	1%
Dá alegria	239	23%
Trazem drogas	122	11%
Trazem crimes/violência	66	6%
Trazem recursos financeiros	257	24%
Dá medo	48	5%
Fazem barulho	73	7%
Trazem novos conhecimentos	232	22%
Outros	10	1%
Total de Respostas	1062	100%

Número de Pesquisados (n= 279)

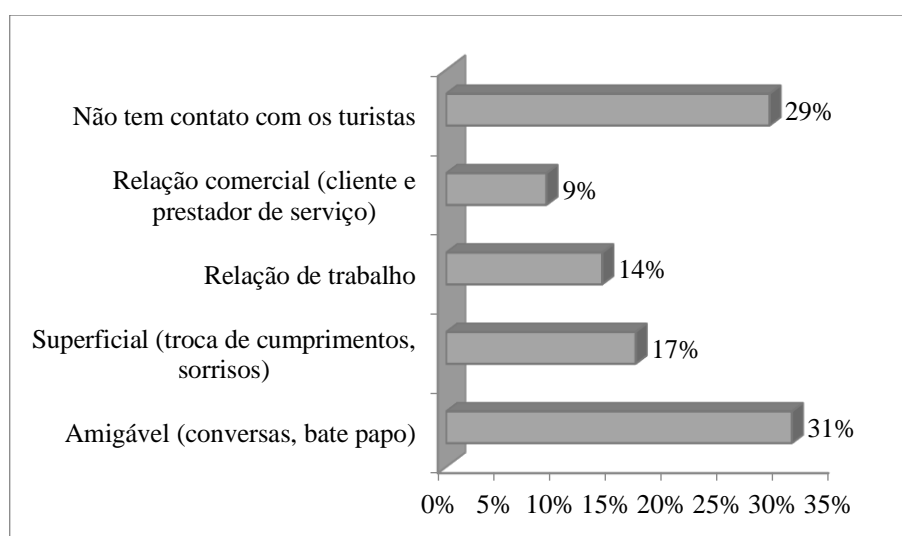
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Nota-se mais uma vez que, o aspecto financeiro se sobrepõe aos demais quando o turismo é observado sob o ponto de vista dos moradores de Alter do Chão.

Relação/contato dos entrevistados com os turistas que visitam Alter do Chão

Perguntou-se aos entrevistados qual sua relação/contato com os turistas que visitam sua comunidade. De acordo com 31% dos respondentes, consideram-se amigáveis com os turistas, pois conversam, aproximam-se dos mesmos. Porém, 29% deles não mantêm contatos com os turistas, e, para 17% dos entrevistados, o contato é superficial, através de trocas de cumprimentos e sorrisos (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Relação/Contato com os turistas



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Silva (2005) também detectou que, na comunidade de Maguari, na Floresta Nacional do Tapajós, que recebe um fluxo bastante significativo de turistas provenientes de Alter do Chão, 58,1% dos moradores entrevistados em 2004, consideraram-se igualmente amigáveis com os turistas que os visitavam, um número bem mais significativo do que o encontrado em Alter do Chão.

Vale observar, com mais atenção, o percentual dos moradores entrevistados de Alter do Chão que não mantêm contato com os turistas (29%). Uma hipótese para isso pode estar relacionada às pessoas que moram nos bairros mais afastados e que não recebem a visita dos turistas em suas áreas, já que a concentração dos atrativos se encontra mais na área central da comunidade.

Também é pertinente ressaltar que, entre as opções de resposta, havia a possibilidade de indicar “relação de hostilidade”, todavia nenhum respondente marcou essa opção.

Mudanças/impactos em Alter do Chão com o desenvolvimento do turismo

Os impactos do turismo, tanto positivos como negativos, segundo Petrić e Pivčević (2016), são mais aparentes no nível local. Quanto à ocorrência dos impactos negativos, esses autores os atribuem à falta de controle sobre o desenvolvimento do turismo por parte dos habitantes locais.

Com o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão, 10% dos entrevistados observaram que ocorreu uma diversificação de serviços e comércio, proporcionando assim, também à população local, oportunidades de melhor escolher os produtos e adquirir os serviços necessários com mais facilidade e preços mais acessíveis. Outras mudanças e/ou impactos mais destacados foram: Mais oportunidades de emprego; Aumento de renda da população local, Aumento de lixo na comunidade, apresentando 9% dos respondentes, respectivamente. Custo de vida aumentou foi indicado por 8% dos entrevistados (Tabela 12).

Tabela 12 – Mudanças/impactos ocorridos em Alter do Chão com o turismo

Fatores Avaliados	F	%
Acabou a tranquilidade	112	4%
Diversificação de serviços e comércio	235	10%
Mais oportunidades de emprego	218	9%
Mais locais de lazer	141	6%
Trouxe mais infraestrutura	121	5%
Poluição e degradação da natureza	171	7%
Aumento de renda da população local	212	9%
Aumento de habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias	176	7%
Aumento de lixo na comunidade	222	9%
Custo de vida aumentou	198	8%
Alteração da cultura local	116	5%
Qualidade de vida melhorou	174	7%
Mais cuidado com a natureza	159	6%
Aumento do desmatamento	181	7%
Outros	11	1%
Total de Respostas	2447	100%

Número de Pesquisados (n= 279)

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Petrić e Pivčević (2016) relatam que, na comunidade de Split, na Croácia, os moradores pesquisados indicaram que o turismo criou mais empregos e que o padrão de vida da população

local aumentou significativamente devido ao turismo. Contudo, esses autores afirmam que o maior grau de benefício percebido é atribuído ao impacto sociocultural.

Os resultados encontrados em Alter do Chão ratificam o que Quadros (2016) enfatizou, quando afirma que os impactos econômicos são os primeiros a serem percebidos pela comunidade local, considerando os dados analisados a partir das indicações dos entrevistados em Alter do Chão, os quais estão mais diretamente relacionados à economia local (diversificação de serviços e comércio; mais oportunidades de emprego; aumento de renda da população local, custo de vida aumentou).

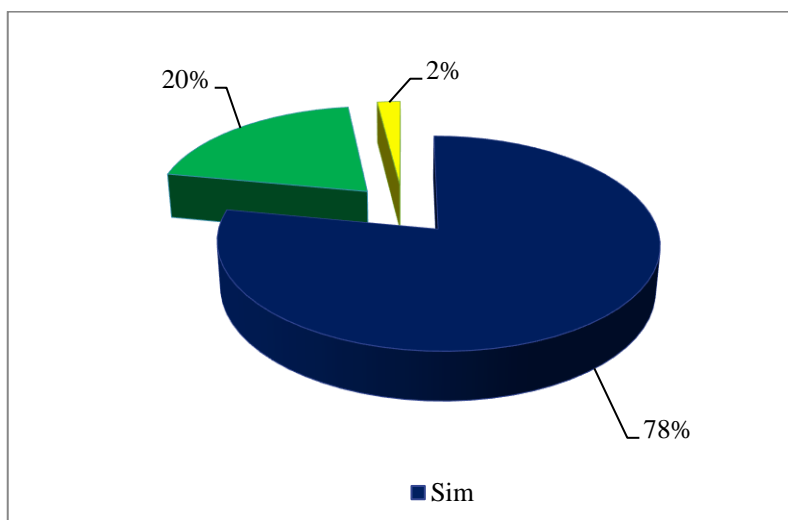
Em Maguari, um dos impactos positivos que 30,2% dos entrevistados relataram foi a geração de emprego (SILVA, 2005), confirmando assim o exposto por Quadros (2016).

Um impacto negativo indicado nos relatos dos moradores de Alter do Chão, que ratifica os comentários tanto dos turistas de outras regiões quanto dos moradores de Santarém que visitam a localidade, é o aumento de lixo na comunidade, fato esse que precisa de uma atenção especial por parte de políticas públicas e da administração local da Vila. Medidas precisam ser desenvolvidas em parceria com todos os atores da comunidade, envolvidos diretamente ou não com o turismo. Essa responsabilidade é conjunta, pois todos sentem-se incomodados. O lixo é um fator destoante da paisagem natural que é o principal atrativo da localidade, além de viabilizar a propagação de doenças a partir de vetores.

Migração da população de Alter do Chão para as áreas periféricas com o desenvolvimento do turismo

Quando questionados se houve migração da população de Alter do Chão para as áreas periféricas com o desenvolvimento do turismo, 78% dos inquiridos responderam positivamente, 20% responderam negativamente e 2% não souberam avaliar a pergunta (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Migração da população de Alter do Chão para as áreas periféricas



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Em sua pesquisa em Alter do Chão, Pereira, Anjos e Vieira (2012, p.428) constataram dentro do contexto do turismo a seguinte situação:

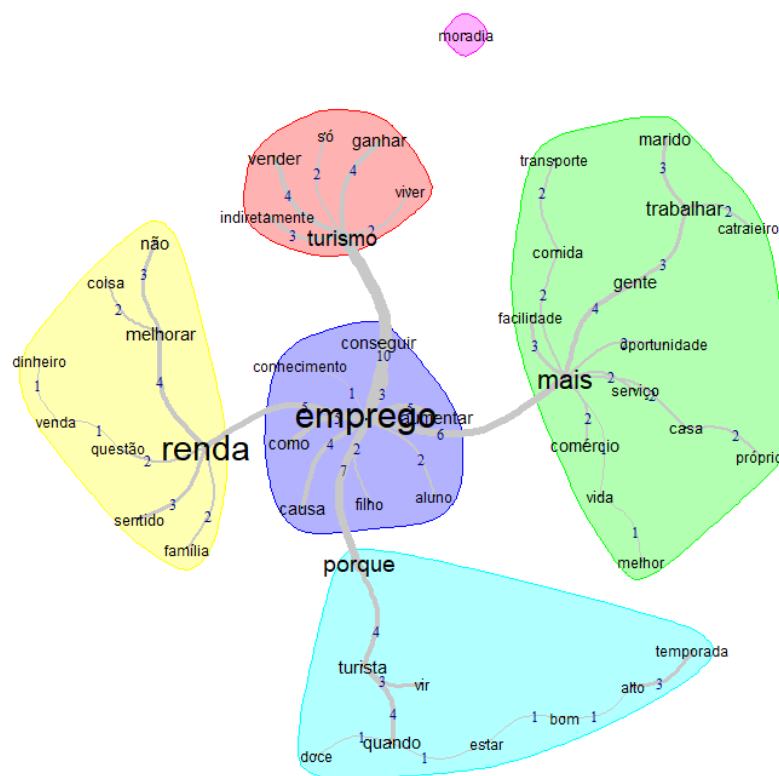
Pode-se observar o início de um movimento da população local em direção à periferia da Vila, com menos infraestrutura urbana, induzindo o surgimento de novos bairros que mais se assemelham a favelas. Essas outras comunidades são formadas basicamente por antigos moradores de Alter do Chão que venderam suas propriedades e compraram outros terrenos ao longo da rodovia, distantes das margens do rio [...].

Portanto, a presente pesquisa ratifica as observações desses autores, constatando que novas áreas foram fundadas a partir dos antigos moradores de Alter do Chão, segundo os entrevistados, e que as principais áreas para as quais houve migração são os seguintes bairros: União (União I); Nova União (União II); Jacundá; Jacundá 2; Caranazal; Laranjal; Amizade.

Condições de vida melhor com o desenvolvimento do turismo

Sobre a questão: “A sua vida melhorou com o desenvolvimento do turismo?”, 60% dos respondentes da pesquisa declararam que houve melhoras, principalmente em relação ao emprego e à geração de renda, citados por 51 e 46 pessoas, respectivamente. Observa-se na imagem gerada pelo programa Iramuteq, a ênfase nesses termos (Figura 32).

Figura 32 – Análise do corpus temático “Condições de vida melhorou com o desenvolvimento do turismo ”



Fonte: Análise de similaridade gerado pelo Iramuteq (2018)

Porém, para 39% dos inquiridos não houve melhorias em suas condições de vida, e 1% não soube responder o questionamento.

Para os entrevistados que responderam positivamente à pergunta, solicitou-se descrever em que aspecto ocorreu a melhora. Alguns exemplos abaixo podem ser visualizados:

- P. 11: “Na questão de emprego e renda”.
- P. 20: “Renda indiretamente, pois o catraieiro ganha com o turista e gasta no meu ateliê e outras pessoas que trabalham com o turismo”.
- P. 24: “O meu marido arranhou emprego na pousada”.
- P. 69: “Tenho emprego em uma distribuidora que vende para a população que ganha também com o turismo”.
- P. 70: “Tenho emprego como pedreiro e já recebo o dinheiro da pessoa que já trabalha com turismo”.
- P. 73: “Emprego na construção civil que aumentou com o turismo”.
- P. 98: “O meu marido trabalha no fim de semana como catraieiro”.
- P. 115: “Melhorou na renda, pois tenho emprego, meu marido tem emprego como piloto de balsinha para passeios”.
- P. 137: “Antigamente só quem ganhava era o meu marido e eu me reuni com um grupo para trabalhar, agora sou vendedora de doce”.

Vale destacar que quatro entrevistados, os de números 20, 69, 70 e 73, declararam ter percebido a melhora em suas condições de vida de maneira indireta. Essa percepção ratifica teorias que afirmam o efeito multiplicador do turismo, como a de Beni (2003), para quem o

turismo provoca o desenvolvimento intersetorial em função do efeito multiplicador do investimento e dos fortes crescimentos da demanda interna e receptiva; ou seja, por efeito do aumento da oferta turística (alojamentos, estabelecimentos de alimentação, indústrias complementares e outros), eleva a demanda de emprego, repercutindo na diminuição da mão-de-obra subutilizada ou desempregada.

Silva (2005) encontrou resultado aproximado dos dados de Alter do Chão, com 62,8% dos entrevistados de Maguari afirmando que, com a chegada do turismo na comunidade, sua condição de vida melhorou, pois passaram a vender artesanato aos turistas, prestavam serviços de condutores, hospedagem e alimentação.

Participação no planejamento e nas discussões sobre o turismo em Alter do Chão

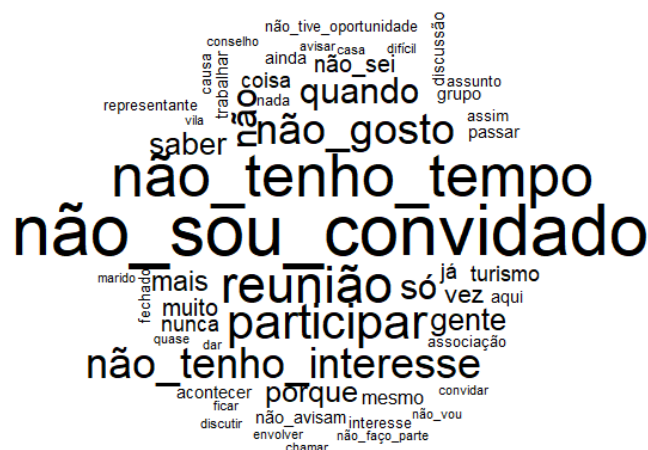
O planejamento turístico contemporâneo reconhece que uma abordagem de desenvolvimento integrado e sustentável inclui a participação de comunidades locais e residentes (MOYO e TICHAAWA, 2017).

Para Abreu e Costa (2014), a articulação da comunidade é fundamental para o fortalecimento do turismo, e todos os interessados devem se unir para organizar a atividade, elaborar um planejamento para direcionar as tomadas de decisões com base em dados concretos e, desta maneira, apoiar o turismo na forma de um sistema. Para essas autoras “planejar em turismo é utilizar os recursos e meios disponíveis para se desenvolver um destino, torná-lo acessível ao consumidor, sendo uma alternativa de renda para as áreas receptoras, além ser uma maneira de associar comunidade, empresários e setor público” (ABREU; COSTA, 2014, p. 4)

Foi perguntado aos moradores de Alter do Chão se participam do planejamento e das discussões sobre o turismo na localidade. A grande maioria, de 85% dos respondentes, não participa dessas esferas. Apenas, 14% responderam positivamente à questão, e 1% não soube responder.

Os entrevistados puderam justificar por que não participam do planejamento e das discussões sobre o turismo em Alter do Chão. As principais justificativas estão relacionadas a: “não sou convidado”, com 32 afirmações; “não tenho tempo”, com 26 vezes citado; as palavras “reunião” (22 vezes) e “participar” (21 vezes) estão relacionadas ao discurso de não gostar de participar ou não serem convidados para as reuniões; “não tenho interesse” e “não gosto” com 18 afirmações, respectivamente. Na figura 33, gerada pelo programa Iramuteq é perceptível a ênfase dada a essas palavras que se apresentam em tamanho destacado.

Figura 33 – Análise do corpus temático “Participação no planejamento e nas discussões sobre o turismo”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

As principais falas dos entrevistados que ratificam esse resultado, são destacadas a seguir:

- P. 01: “Eles não avisam para o povo só para os representantes”.
- P. 08: “Eles não convidam para as reuniões”.
- P. 10: “Não gosto e acho que não tem planejamento”.
- P. 26: “Não sou convidado, tem uma cúpula que só participa”.
- P. 35: “Não tenho tempo e são mais os dirigentes da vila”.
- P. 41: “Não sou convidado, quando tem alguma coisa, tem que procurar saber, porque as pessoas não avisam nada”.
- P. 78: “Não gosto muito de participar”.
- P. 86: “Eles nunca anunciam para as pessoas, a gente nem fica sabendo”.
- P. 91: “Quando tem não dá tempo, eles até avisam, mas o presidente do bairro repassa depois”.
- P. 95: “Aqui tem uma panelinha e só eles que participam e tomam decisões”.
- P. 99: “Nunca convidaram e nunca tive interesse”.
- P. 102: “Quando é feito planejamento ou tem as discussões são no horário de trabalho”.
- P. 133: “As reuniões não divulgam, somente as lideranças que se envolvem que participam, que sabem”.
- P. 184: “Não sou convidado, as pessoas vindas de fora são excluídas”.

Constata-se, a partir das respostas, que as discussões sobre o turismo em Alter do Chão, concentram-se mais junto aos dirigentes da Vila, não havendo divulgação das mesmas para o restante da população. Todavia, percebe-se, também, que há uma falta de interesse em participar das reuniões, encontros, bem como falta de tempo.

Na comunidade de Zimbabwe, Moyo e Tichaawa (2017) constataram que, dos 384 respondentes da pesquisa, 72% indicaram que não tiveram nenhuma influência sobre o planejamento do turismo.

Para Abreu e Costa (2014), o planejamento do turismo deve ser feito em conjunto, entretanto cabe ao setor público o dever e as responsabilidades de conduzir e de incentivar a

participação de todos os grupos envolvidos na cadeia produtiva do turismo. As autoras enfatizam que não basta planejar; é preciso acompanhar e avaliar a execução, e que o planejamento seja adequado à realidade do destino turístico.

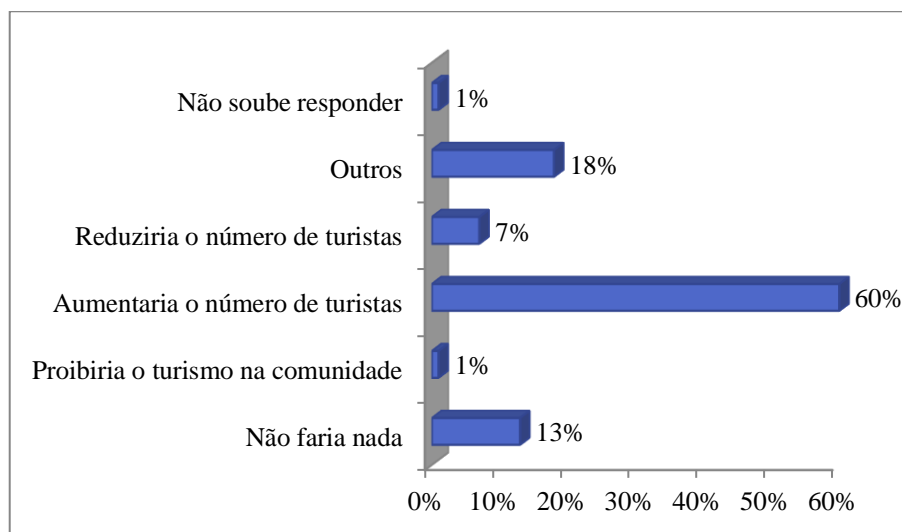
No processo de planejamento turístico participativo, a comunidade deverá opinar a respeito da implantação dos procedimentos que poderão afetar diretamente seu modo de vida, e esse será o momento em que a população local terá vez e voz (ABREU; COSTA, 2014).

Os 14% dos inquiridos que responderam participar do planejamento e das discussões sobre o turismo em Alter do Chão afirmaram que suas participações ocorrem nas reuniões do Conselho Comunitário, na Associação dos Catraieiros, no Grupo Folclórico e demais reuniões que ocorrem na Vila.

Opinião dos comunitários quanto ao turismo em Alter do Chão

Mais da metade dos entrevistados (60%), ao serem questionados sobre o que fariam se pudessem opinar ou mudar o turismo em sua comunidade, respondeu que aumentaria o número de turistas na Vila. Mas, 13% não fariam nada e 7% reduziriam o número de turistas no local (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Opinião dos comunitários quanto ao turismo em Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Para 18% dos moradores entrevistados o que deveria ser feito seria: “Estipular normas para ficar mais organizado o turismo em Alter do Chão”; “Assistência médica ao turista, explorar menos o turista em Alter do Chão, mudaria o atendimento às pessoas, diversidade de alimentação”; “Capacitação, educação ambiental, fundo ambiental, museu de Alter do Chão”;

“Conscientizar mais os turistas”; “Conscientizava primeiro o pessoal de Alter do Chão porque não estão preparados para receber os turistas”; “Controlaria o número de turistas”; “Deveria haver uma cota de turistas para visitar Alter do Chão”; “Encontrar um equilíbrio do turismo entre o período da cheia e da seca, entre os eventos grandes e a natureza”; “Encontrar uma solução para não depender muito da alta e baixa temporada”; “Estruturar melhor estabelecimentos e a estrutura urbanística”; “Faria cursos para melhorar o atendimento, idiomas”; “Mais divulgação e baratear os custos”; “Manter o público atual, pois o turismo em massa prejudica muito, degradação maior”; “Melhorar o relacionamento da vila com o turista”; “Dificuldades no inglês das pessoas que trabalham com turismo. Deveria ter pessoas para informar mais os turistas”; “Profissionalização das pessoas que atendem o turista”; “Proibiria a estadia permanente de alguns que chegam, como turistas (*hippies*)”; “Uma nova política para o turismo”; “Uma organização adequada do Turismo aqui, falta muita coisa ainda”; “Verificar primeiro qual o tipo de turismo que a comunidade deseja aqui”. Esta última fala é bastante pertinente, pois o primeiro passo do planejamento é conhecer a potencialidade turística do local e saber qual tipo de turismo e tipo de turista se deseja desenvolver e receber naquela localidade.

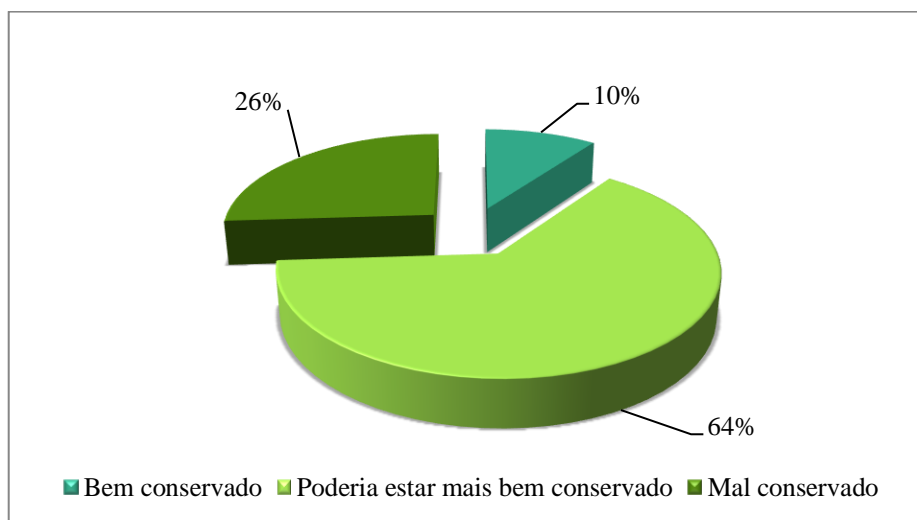
Percebe-se, diante das respostas, o quanto a comunidade de maneira geral tem a contribuir para o desenvolvimento do turismo, pois são atores envolvidos de maneira direta ou indireta nesse fenômeno, e que receberão todas as suas consequências.

Em Maguari, Silva (2005) também constatou que a grande maioria dos entrevistados (90,7%) aumentaria o turismo no local, ou seja, a quantidade de pessoas visitando a localidade.

Percepções dos moradores de Alter do Chão sobre o ambiente natural

Com relação ao ambiente natural de Alter do Chão, mais da metade dos entrevistados (64%) declarou que ele poderia estar mais bem conservado, resultado esse que se aproxima das respostas dos moradores de Santarém que visitam Alter do Chão, onde 69% também afirmaram que o ambiente natural poderia estar mais bem conservado. Para 26% o ambiente está malconservado, e 10% o consideram bem conservado (Gráfico 14).

Gráfico 14 – Percepções dos entrevistados sobre o ambiente natural de Alter do Chão



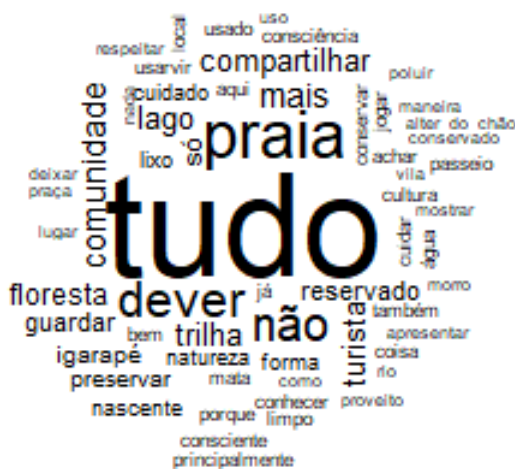
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Quanto ao ambiente malconservado, a quantidade de resposta foi superior aos dados obtidos junto aos moradores de Santarém e turistas de outras regiões. Entre os fatores negativos citados destacam-se: habitações instaladas em áreas impróprias; a ocorrência de queimadas; a erosão de solo, o desmatamento; a poluição visual e sonora; esgoto; assoreamento e, principalmente, o acúmulo de lixo nas praias e nas ruas da vila. Assim como os moradores de Santarém e turistas de outras regiões, o próprio morador de Alter do Chão enfatizou a grande quantidade de lixo que se percebe na localidade.

Natureza (as praias, trilhas, florestas, lagos, morros) de Alter do Chão: compartilhar com os turistas ou reservar?

“Em relação a natureza (as praias, trilhas, florestas, lagos, morros) o que deve ser compartilhado com os turistas e o que deve ser reservado para sua guarda e proveito próprio?” A essa questão, 257 dos 279 moradores entrevistados, responderam, e 22 pessoas não souberam responder. Observa-se na nuvem de palavras a seguir que os tópicos mais enfatizados pelos entrevistados foram: tudo deve ser compartilhado (142 repetições), um número bem significativo; praia (54 vezes citada); comunidade (21 vezes); trilha (19 repetições); lago (18 vezes); e floresta (16 repetições) (Figura 34).

Figura 34 – Análise do corpus temático “Natureza de Alter do Chão - o que deve ser compartilhado com os turistas e o que deve ser reservado ”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Constatou-se que, em algumas falas, há ressalvas quanto ao uso de alguns recursos naturais de Alter do Chão pelos turistas, conforme são destacadas abaixo:

- P. 02: “As praias mais afastadas para proveito da comunidade, as praças da comunidade deveriam ser mais respeitadas”.
- P. 09: “Para a comunidade os lagos para o uso e coleta de alimento, compartilhar as tribos e as praias”.
- P. 10: “Praias, os morros, os lagos compartilhar, mas as nascentes são para a comunidade mesmo”.
- P. 30: “Muitas florestas que só a comunidade deveria ter acesso”.
- P. 39: “Os igarapés deveriam ser só as pessoas da comunidade”.
- P. 40: “Reservado os lagos e o morro”.
- P. 82: “A floresta deve ser reservada”.
- P. 112: “Algumas praias deveriam ser reservadas só para a população local”.
- P. 247: “Igarapé, nascente de rio, devem ser guardados, compartilhando as praias, florestas, no caso das trilhas”.

Ressalta-se que, por mais que a metade dos entrevistados responda que compartilharia tudo, devem ser consideradas as observações supracitadas em relação ao uso dos recursos naturais, aos cuidados necessários e às particularidades da comunidade, principalmente, no que se refere aos lagos, igarapés, às nascentes e algumas praias. Por isso, mas uma vez, a participação da comunidade no processo de discussões a respeito do turismo é fundamental.

Hábitos, costumes e tradições locais (festas, danças folclóricas, músicas, etc) que devem compartilhados com os turistas

Perguntou-se também aos entrevistados: “Em relação aos hábitos, costumes e tradições locais (festas, danças folclóricas, músicas, etc) o que seria importante compartilhar com o

turista?” Dos 279 entrevistados, 268 responderam à pergunta e 11 não souberam responder. As principais palavras usadas pelos entrevistados nas respostas podem ser observadas na nuvem de palavras a seguir: tudo deve ser compartilhado (88 repetições); cultura (41 vezes citada); Sairé (31 vezes); dança (30 repetições); festa (25 vezes); e carimbó (20 repetições) (Figura 35).

Figura 35 – Análise do corpus temático “Hábitos, costumes e tradições - o que deve ser compartilhado com os turistas ”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Abaixo, as declarações dos entrevistados para ilustrar alguns dos destaques na imagem nuvem de palavras:

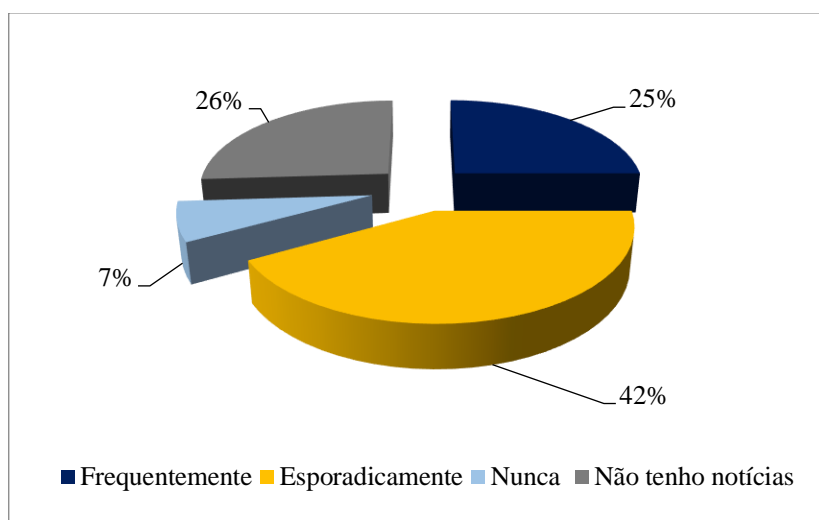
- P. 04: “O carimbó da vila que os turistas gostam muito”.
- P. 12: “Mostrar as danças para os turistas”.
- P. 20: “Tudo, pois essas tradições são muito importantes e precisam ser conhecidas por outros lugares”.
- P. 51: “Carimbó, rituais indígenas borari”.
- P. 53: “Carimbó, desfeiteira, marambiré”
- P. 136: “Comidas, cultura dos índios que viviam aqui e respeitar”.
- P. 182: “Piracaia, carimbo, confecção de farinha”.
- P. 216: “Muitas coisas, por exemplo, as tradições do quebra macaxeira que é no final do Sairé”.
- P. 268: “Mostrar os costumes, mostrar como é a vivência do pessoal da comunidade, a cultura”.

Trabalho de sensibilização da comunidade sobre o valor e a importância de preservar a cultura local

O conhecimento e a valorização da cultura de um povo, no processo de desenvolvimento do turismo, é fundamental para garantir a sustentabilidade de suas crenças, valores e comportamentos e, ao mesmo tempo, evitar um processo de aculturação da sociedade (SILVA, 2005).

No que se refere à realização de trabalhos de sensibilização da comunidade sobre o valor e a importância de preservar a cultural local, 42% dos entrevistados confirmaram que esporadicamente isso tem sido realizado. Uma parcela de 26% não tinha notícias sobre a realização de ações dessa natureza; 25% afirmaram que esse tipo de trabalho frequentemente é realizado; e 7% foram contundentes ao afirmar que nunca se realizou trabalho de sensibilização para preservar a cultura da localidade (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Trabalho de sensibilização da comunidade sobre o valor e a importância de preservar a cultura local



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Na comunidade de Maguari, Silva (2005) constatou que mais da metade das pessoas entrevistadas (58,2%) afirmou que esporadicamente se realizava algum trabalho de sensibilização da comunidade sobre o valor e a importância de preservar a cultura local. Uma percentagem um pouco mais elevada do que a encontrada em Alter do Chão. Porém, destaca-se que a quantidade de pessoas entrevistadas em Alter do Chão é bem mais significativa que as de Maguari, 279 e 43, respectivamente.

Atividades praticadas durante o tempo livre

Foi solicitado aos entrevistados que respondessem ao seguinte questionamento: “Como você utiliza seu tempo livre em Alter do Chão?”. Os fatores “Interagindo com seus familiares”, “Visitando os lugares naturais da Vila”, e “Interagindo com os outros moradores locais”, com 17%, 15% e 14% de respostas, respectivamente, demonstram que os moradores de Alter do Chão preferem contato maior com as pessoas próximas a sua convivência e com a natureza do local quando estão com tempo livre (Tabela 13).

Tabela 13 – Como você utiliza seu tempo livre em Alter do Chão?

Fatores Avaliados	F	%
Diversão	137	10%
Cooperando com alguma ação social, ambiental e cultural	132	9%
Interagindo com os outros moradores locais	198	14%
Visitando os lugares naturais da Vila (praias, lagos, morro, etc)	207	15%
Apreciando/prestigiando eventos culturais	191	13%
Interagindo com seus familiares	243	17%
Interagindo com os turistas que visitam o local	142	10%
Interagindo com os moradores de segunda residência	145	10%
Outros	23	2%
Total de Respostas	1418	100%

Número de Pesquisados (n= 279)

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Para os moradores de Alter do Chão, a cooperação com ações de caráter social, ambiental e cultural, atividades dentro da chave do voluntarismo, não desperta interesse maior, resultado também observado junto aos moradores de Santarém e turistas de outras regiões.

Alter do Chão como lugar de residência

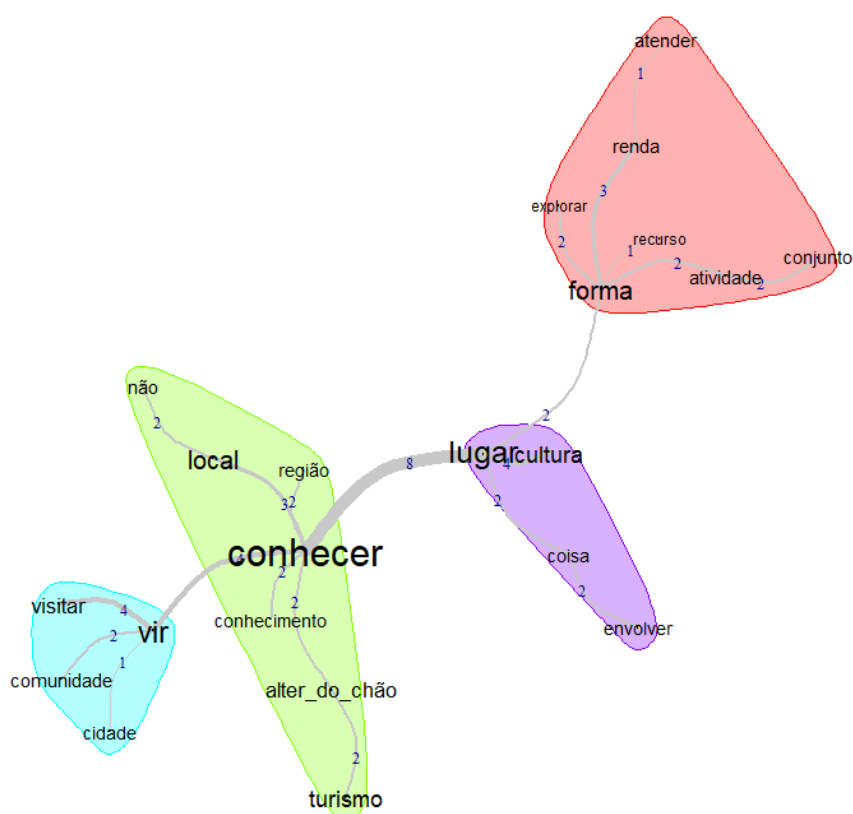
Dos 279 moradores entrevistados, todos responderam à questão solicitada. Portanto, o Iramuteq gerou 279 textos, separados em 284 ST, com aproveitamento de 209 segmentos classificados (73,59%). Foram registradas 2.466 ocorrências, com 617 palavras distintas e 375 (60,78%) que aparecem uma única vez. O dendrograma foi gerado, porém optou-se também em mostrar o resultado em forma de nuvem de palavras para destacar as principais palavras evocadas pelos respondentes da pesquisa, quais sejam: “bom” (91 repetições); “tranquilo” (84); “morar” (59); “viver” (35); “tranquilidade” (25); e paraíso (24) (Figura 36).

PERCEPÇÕES DOS EMPREENDEDORES DE ALTER DO CHÃO SOBRE TURISMO

“O que é Turismo” para os entrevistados

A questão “O que é turismo para você?” para os empreendedores turísticos de Alter do Chão também foi analisada a partir da análise de similitude gerada pelo Iramuteq, pois não houve um aproveitamento mínimo ou superior a 70% dos textos avaliados, havendo aproveitamento de somente 24 textos classificados (55,81%). No corpus geral foram estabelecidos 43 textos, ou seja, dos 43 entrevistados, todos souberam responder o questionamento. Esses textos foram separados em 44 ST. O número de ocorrências corresponde a 578, sendo que dessas 230 são palavras distintas e 158 (68,70%) aparecem uma única vez no corpus. As palavras com mais conectividades foram: “conhecer”, “lugar”, “vir”, “local” e “forma” (Figura 37).

Figura 37 – Análise do corpus temático “O que é turismo”



Fonte: Análise de similitude gerado pelo Iramuteq (2018)

A partir da análise de similitude e das falas dos entrevistados, observa-se que a percepção que os empreendedores turísticos de Alter do Chão tem sobre o turismo é uma maneira de atendimento a pessoa que pratica o turismo, conforme constata-se abaixo:

P. 21: “É uma fonte de renda para Alter do Chão, saber atender o turista”.

P. 33: “Pessoas virem para o local e serem bem atendidas”.

Também está relacionado ao que eles percebem em relação à Vila, ou seja, o conhecimento do turismo atrelado à visão local, conforme as seguintes falas:

P. 01: “Segmento que as pessoas vêm para conhecer culturalmente hábitos e conhecer fauna e flora”.

P. 03: “Pessoas que vêm conhecer o local para fazer pesquisa conhecer Alter do Chão”.

P. 06: “Pessoa que vem de fora para conhecer nossa região e o que ela oferece”.

P. 08: “Forma de as pessoas não conhecer só lugares, mas compreender a cultura do local”.

P. 20: “São as pessoas que visitam Alter do Chão e vem conhecer a praia pessoas que vêm de fora”.

P. 24: “Pessoas saírem para conhecer os lugares, conhecimento dos lugares”.

P. 27: “Esse povo que vem para cá fica com a gente”.

P. 29: “Pessoas que se deslocam de outras cidades para conhecer os costumes daqui”.

P. 39: “Pessoa viajar, conhecer lugares novos, novas culturas diversão”.

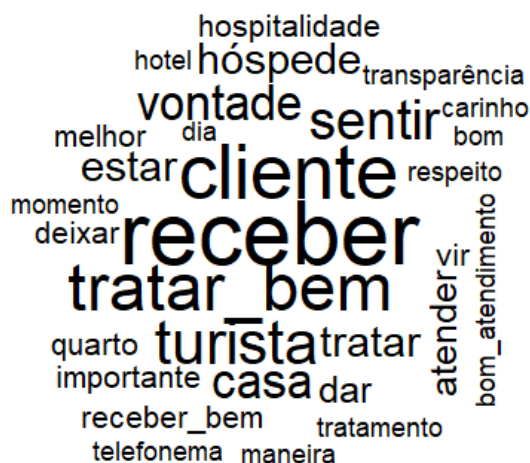
P. 40: “Algo da região que serviria de atrativo para trazer pessoas de outros lugares e conhecer a região e sua cultura”.

Para Bernardo (2013), o turismo enquanto prática social está balizado por várias premissas. É uma prática opcional ou não quotidiana que exige um deslocamento ou viagem num movimento de retorno. Dado que parte dos envolvidos, os receptores, se encontram em trabalho (ou pelo menos não se enquadram numa situação de lazer), a interação entre estes e os turistas tende a permitir contato com diferentes culturas e diferentes ocupações.

Entendimento sobre Hospitalidade

Foi questionado aos empreendedores “qual o seu entendimento sobre hospitalidade e como é trabalhada em seu empreendimento?”. O resultado é apresentado em imagem de nuvem de palavras, neste caso, não por opção, mas porque a classificação hierárquica descendente (CHD) não foi gerada pelo programa Iramuteq. A hipótese mais provável para isso ter ocorrido, pode estar relacionada ao fato de que as respostas sejam muito variadas para o programa seguir essa análise. As palavras mais evocadas pelos entrevistados foram: receber (14 repetições); cliente (12); tratar bem (10); turista (9); sentir (8); casa (7); vontade (7) (Figura 38).

Figura 38 – Análise do corpus temático “Entendimento sobre hospitalidade”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Algumas declarações são reproduzidas abaixo, enfatizando as palavras mais destacadas, conforme os entrevistados:

P. 03: “Receber clientes bem, com sorrisos, mostrar para as pessoas se sentirem bem. Muito importante receber bem. Para agradecer o cliente faço um café para o lanche como cortesia, faço um jantar no último dia também é cortesia, deixar a pessoa à vontade ouvir música, tomar cerveja”.

P. 04: “Receber bem. Bom atendimento, atenção, falar com a educação, sorriso, bom tratamento”.

P. 10: “Ser bem recebido, receber com todo carinho e cuidado.”.

P. 14: “Maneira de receber as pessoas, turistas, clientes. O povo Borari é muito hospitaleiro”.

P. 22: “Gentileza no tratamento. Tratamento diferenciado, ofereço um açaí, um suco, faço um *City Tour*.”.

P. 23: “Saber que o cliente se sente bem. Tratar bem.”.

P. 24: “Tratar bem as pessoas saber receber as pessoas, pois elas são os nossos patrões, orientar os funcionários e receber com respeito.”.

P. 38: “Se adequar as pessoas, respeitar o jeito de cada pessoa. Fazer a pessoa se sentir em casa, a vontade.”.

P. 41: “Atender bem as pessoas, acolher bem, ser educado”.

Na fala do entrevistado 41, o mesmo ressalta a palavra “acolher bem”. Avena (2006) enfatiza que todos os procedimentos de acolhimento que são colocados em prática devem expressar o reconhecimento, a hospitalidade e o cuidado. Esse autor ressalta que:

O hoteleiro não hospitaleiro é aquele que, mesmo vendendo a hospedagem e a alimentação com certa qualidade técnica, continua considerando o viajante como um estranho em relação ao qual tem somente o dever de fazer uma prestação de serviços tecnicamente perfeita. O hoteleiro hospitaleiro é, ao contrário, aquele que pensa que, além dos laços comerciais, existem entre ele e seu cliente laços humanos quase familiares (AVENA, 2006, p. 145).

A partir da percepção dos entrevistados em Alter do Chão sobre hospitalidade e a sugestão de Avena, percebe-se que os empreendedores turísticos estão se encaminhando nessa

proposta de acolhimento, como é destacado pelo entrevistado de número 31, proprietário de um meio de hospedagem:

A hospitalidade começa no momento que o telefone toca ou recebo um e-mail. Tudo começa ali. E na realidade, se tem algo que muda muito o resultado da tua venda e como tu atendes o telefone, como tu informas isso, e como tu não deixas que uma reserva saia a partir daquele telefonema, nunca. Aquele telefonema é acolher o cliente, é que a ele que o senhor vai ter isso aqui, isso está garantido para o senhor, o primeiro grande passo é esse. O segundo é o momento de receber o hóspede no hotel, eu faço isso em 60 por cento, eu não faço mais porque não tenho, porque de madrugada não aguentaria fisicamente, mas todo dia pela manhã eu venho no café da manhã cumprimentar os hóspedes, aqueles que eu não recebi eu venho cumprimentar pela manhã. O terceiro passo muito importante, aquilo que foi vendido tem que ter aquilo que foi ofertado para ele, ele tem que ter segurança em tudo aquilo. O quarto ponto importante, o hóspede que vem para Alter do Chão, não está nem um pouco preocupado com luxo, eu disponibilizo livros, internet gratuita, como ele não usa o hotel, ele dorme no hotel, eu tenho colchões excelentes, tenho climatização excelente, e limpeza do quarto é rigorosa, o quarto é sempre cheiroso. O ambiente faz parte de toda a hospitalidade, porque estou vendo o produto que no site estou dizendo isso, não dá para não fechar isso, não tem como não fechar. É preciso muita transparência, cordialidade. O pessoal da recepção vive sorrindo. Informar corretamente sobre os passeios da região, tudo o que ele vai ver ali. Isso é o momento importante da hospitalidade. O conceito de hospitalidade vai do primeiro telefonema ao fechamento da reserva, fundamentalmente o check in, o cumprimento e a transparência do produto que foi vendido, e você ter um check out bem feito. O nosso forte é transparência.

Difusão de informação, promoção, comercialização/distribuição e venda dos serviços/produtos

Quanto à difusão de informação, à promoção, à comercialização/distribuição e à venda dos serviços/produtos do empreendimento, 33% dos entrevistados utilizam as redes sociais para realizar divulgar o seu negócio; e 22% usam mais material impresso como folhetos, *folders*, mapas, etc. Somente 1% ainda faz uso de DVD institucional do empreendimento (Tabela 14).

Tabela 14 – Divulgação do empreendimento

Fatores avaliados	F	%
Site institucional do empreendimento	11	13%
Redes Sociais (Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, etc.)	28	33%
Folhetos, folders, mapas, etc.	18	22%
DVD institucional do empreendimento	1	1%
Participação em Feiras, Congressos	5	6%
E-mail marketing	11	13%
Outros	10	12%
Total de Respostas	84	100%

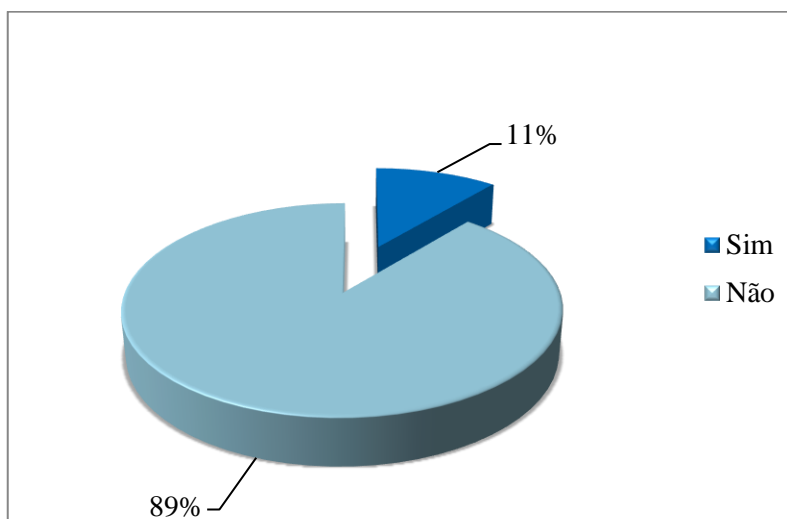
Número de Pesquisados (n=43)

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Dentre os outros, foram citados a rádio local, divulgação boca a boca, os amigos que divulgam na *internet*, *site* de Alter do Chão.

Foi perguntando se a divulgação é realizada em parceria com outros empreendimentos turísticos de Alter do Chão, e constatou-se que 89% dos respondentes não buscam parcerias locais, realizando sua divulgação individualmente (Gráfico 16).

Gráfico 16 – Parceria com outros empreendimentos turísticos



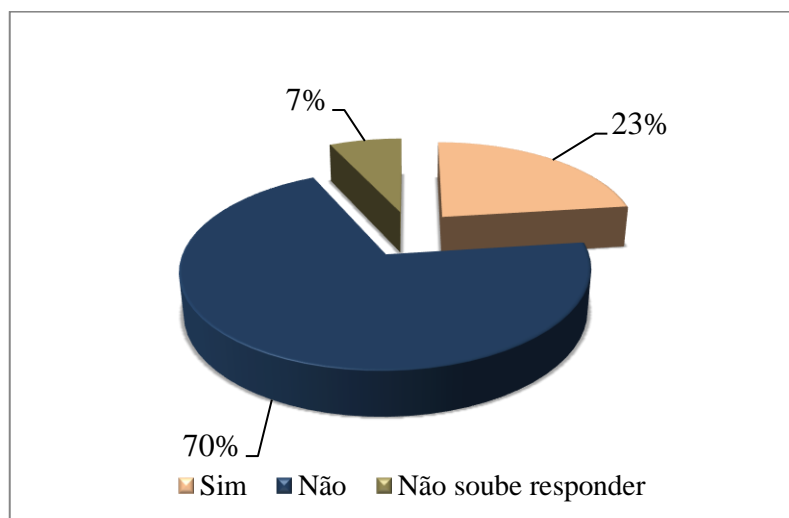
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Entre pesquisados que responderam negativamente à questão, os principais motivos de não realizar parcerias são: não se teve ainda acordo; quando anseiam fazer parceria só há exploração; o empreendimento é pequeno e prefere trabalhar do jeito que sempre fez e individualmente mesmo; as iniciativas de trabalho promocional conjuntamente não lograram êxito por falta de parceria; tem parceria com uma empresa da cidade de Santarém; ainda não fez procura para realizar tal ação; prefere trabalhar sozinho; não tem parceria, porém não tem problema em fazer.

Relação de cooperação entre a iniciativa privada, associações, administração pública e demais sujeitos sociais que atuam no turismo em Alter do Chão

Foi solicitado aos entrevistados que respondessem à seguinte pergunta: “Existe relação de cooperação entre a iniciativa privada, associações, administração pública e demais sujeitos sociais que atuam no turismo em Alter do Chão?” A maioria (70%) afirmou que não há cooperação entre os empreendedores turísticos e entre estes e as associações locais, a administração pública e demais pessoas que estão envolvidas com o turismo na Vila (Gráfico 17).

Gráfico 17 – Cooperação entre a iniciativa privada, associações e demais sujeitos



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Esse resultado ratifica a questão anterior relacionada à parceria para divulgação dos empreendimentos turísticos, pois como afirma Amaral (2014), as parcerias são, reconhecidamente, formas de cooperação. Segundo essa autora, a cooperação é “uma relação entre vários atores no sentido de, em conjunto, atingirem um objetivo comum, e que normalmente está associado a um problema partilhado por todos” (AMARAL, p. 60, 2014).

Para os entrevistados que responderam negativamente às questões, as razões para não haver cooperação é devido:

- P. 01: “As pessoas não são unidas, falta de união entre as entidades”.
- P. 05: “Pessoas novas que chegam têm dificuldades de se relacionar com os moradores e esses não recebem”.
- P. 06: “Desunião, os nativos são fechados, é difícil socializar com eles”.
- P. 08: “Falta união até mesmo entre os empresários”.
- P. 11: “É difícil conviver com o povo local”.
- P. 13: “Quando existe, só uma panelinha é chamada”.
- P. 15: “Porque os empreendimentos grandes não têm parceria, não ajudam”.
- P. 17: “Já tentaram, mas não consegue, cada um fala uma língua diferente”.
- P. 21: “Cada um por si, só os barraqueiros, a associação não se envolve com os hotéis”.
- P. 23: “Porque só visam a parte dele, prefeitura, governo do estado, e o representante do governo municipal da vila”.
- P. 29: “Muito dividido, catraia, barraca, uns derrubando o outro, quando envolve dinheiro”.
- P. 31: “Existe uma tendência que não anda, pela grande dificuldade da vila de aceitar ideias que vem de fora”.
- P. 34: “Poder administrativo é muito fechado”.
- P. 35: “Tem muita individualidade entre pessoas e entre as associações”.
- P. 37: “Não tem comunicação cada um tomando conta do seu pedacinho”.
- P. 41: “Falta união para Alter do Chão ser mais organizada, cada um por si”.

Já os 23% que responderam positivamente à questão afirmaram:

- P. 02: “Indico restaurantes na ilha, na vila, os lancheiros”.
- P. 04: “A comunidade faz reuniões com os empresários, têm palestra sobre o turismo”.

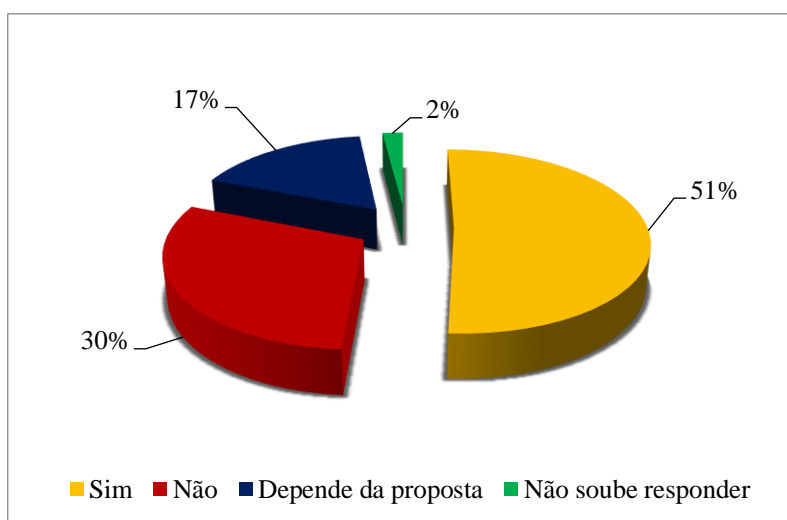
- P. 07: “Existe parcialmente precisa de mais união de 3 anos para cá não fomos mais chamados para reunião, 80% faltam cooperar”.
- P. 28: “Pouca, se juntam mais no período do Sairé”.
- P. 38: “Através da AETA que está parada estão se agregando a outro movimento amigos de Alter do Chão e o Conselho”.
- P. 43: “Indicamos pousadas, hotéis, intermediários”.

Observa-se que tanto o entrevistado 07 como o de número 08 afirmam haver cooperação, porém com algumas ressalvas, considerando uma cooperação parcial.

Participação em uma gestão compartilhada do turismo

Os participantes responderam à questão: “Você participaria de uma gestão compartilhada do turismo, incluindo participação mútua de custos entre iniciativa privada e setor público”? Mais da metade dos pesquisados (51%) afirmou que participaria; 30%, por sua vez, não participariam e, para 17%, a decisão dependeria da proposta (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Gestão compartilhada do turismo



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Os 30% que não participariam de uma gestão compartilhada do turismo ressaltaram os principais motivos para essa posição:

- P. 06: “Eu já pago os tributos e deveriam ser revestidos”.
- P. 12: “Sempre fiz as coisas sozinho, nunca tive apoio de ninguém”.
- P. 15: “Já pago imposto bastante”.
- P. 17: “É dever da Prefeitura, sem Alter do Chão, Santarém não existe”.
- P. 19: “Se tiver que melhorar é o próprio dono que faz.”.
- P. 25: “Porque já pagamos os impostos e por termos trabalho temporário.”.
- P. 29: “Porque não teria recurso.”.
- P. 31: “Não tem relação de confiança que permita isso”.
- P. 38: “Porque a sazonalidade dificulta.”.
- P. 23: “Porque só visam a parte dele, prefeitura, governo do estado, e o representante do governo municipal da vila”.

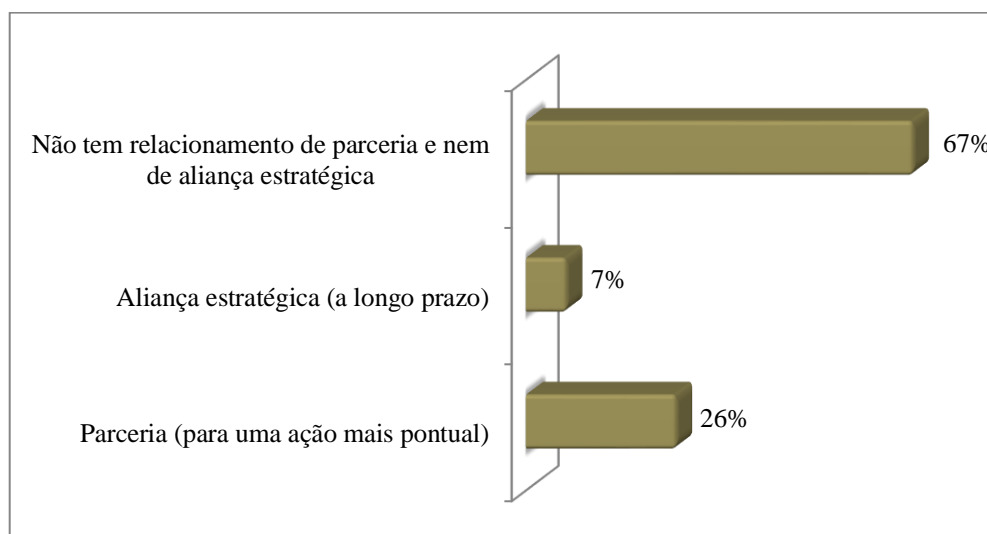
Chama atenção a fala do entrevistado 31 que remete à questão da confiança, categoria essa que será melhor discutida no capítulo 7º desta tese, onde será trabalhado o capital social.

Tosun (2006) alerta que o compromisso financeiro e empresarial das pessoas locais é necessário para uma participação efetiva, ou seja, a participação do setor empresarial em uma gestão compartilhada, incluindo custos, isto é, apoio financeiro, que é fundamental para a concretização do envolvimento no turismo.

Relacionamento entre os empreendimentos e as associações locais

No que se refere ao relacionamento do empreendimento do entrevistado com outros empreendimentos de Alter do Chão e associações locais, 67% dos respondentes afirmaram não ter relacionamento de parceria nem de aliança estratégica; 26% confirmaram que há uma parceria para uma ação mais pontual; e somente 7% têm uma aliança estratégica a longo prazo (Gráfico 19).

Gráfico 19 – Relacionamento entre os empreendimentos e associações locais



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Para os que afirmaram que há parcerias para uma ação mais pontual, elas estão relacionadas a: contribuição em algum evento cultural, ajuda financeira; colaboração na Limpeza da praia e do cemitério; encaminhar clientes aos outros empreendimentos; reunião com os moradores para verificar o que é preciso melhorar.

Quanto à aliança estratégica a longo prazo, ela está direcionada para outras pousadas, lojas, restaurantes; para melhoria do turismo, participando de reuniões.

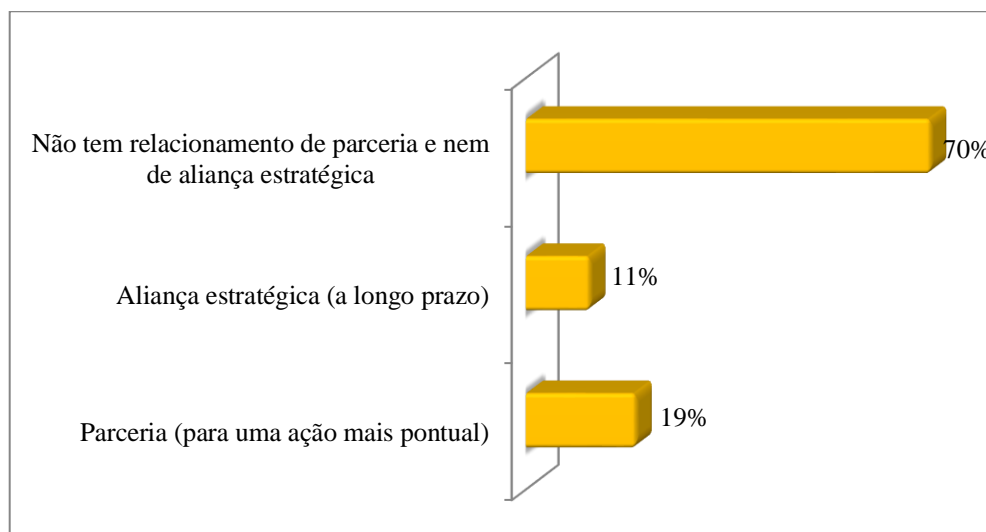
Constata-se mais uma vez a falta de um trabalho desenvolvido conjuntamente, de maneira sistemática, integrada, ou seja, o turismo em Alter do Chão é uma percepção muito mais individual do que coletivamente e esse coletivo quando se concretiza é por ações pontuais, para realizar algo mais urgente, a curto prazo.

Segundo Amaral (2014), as parcerias são, cada vez mais, assumidas como determinantes para a competitividade empresarial e regional, portanto cabe uma maior reflexão por parte dos empreendedores turísticos de Alter do Chão sobre a importância de se estabelecer parcerias e alianças a longo prazo para que objetivos comuns sejam melhor alcançados.

Relacionamento do empreendimento com moradores que não atuam no turismo

Para 70% dos pesquisados, o relacionamento do seu empreendimento com os moradores de Alter do Chão que não atuam no turismo também não é de parceria nem de aliança estratégica. Segundo 19%, a parceria é para uma ação mais pontual, e 11% mantém uma aliança mais estratégica a longo prazo (Gráfico 20). Resultado aproximado da questão anterior, no que diz respeito a não ter relacionamento de parceria e nem de aliança estratégica com outros empreendimentos.

Gráfico 20 – Relacionamento entre os empreendimentos e moradores locais



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

No que concerne à parceria para uma ação mais pontual, ela se dá através de: patrocínio para os eventos; cooperação com dinheiro para um serviço; qualquer donativo; fornecimento de dinheiro para ajudar em algum evento, por exemplo, da igreja; participação em um evento,

um bingo para ajudar alguém; ajuda na limpeza da praia, alimentação ou camisetas; apoio financeiro e mão de obra.

Quanto à aliança estratégica a longo prazo, as ações estão voltadas a: ajuda à festa do santo, igreja; fornecimento de produtos pelos moradores, troca de conhecimentos sobre comida vegetariana e ensinar população; ajuda econômica para outros assuntos.

Insumos e serviços fornecidos ao empreendimento

Foram solicitadas aos entrevistados indicações de seus fornecedores no que se refere aos insumos e serviços adquiridos para seu estabelecimento. Conforme 40% dos pesquisados, os insumos e serviços são adquiridos em Santarém, e 35% compram tanto em Santarém como em Alter do Chão, e 7% adquirem seus insumos e serviços somente em Alter do Chão (Tabela 15).

Tabela 15 – Insumos e serviços fornecidos ao empreendimento

Fatores avaliados	F	%
Alter do Chão	3	7%
Alter do Chão + Cidade de Santarém	15	35%
Alter do Chão + Cidade de Santarém + Outras localidades e regiões	2	5%
Cidade de Santarém	17	40%
Cidade de Santarém + Belém + Outras localidades e regiões	1	2%
Cidade de Santarém + Outras localidades e regiões	2	5%
Outras cidades do Oeste do Pará	1	2%
Outras localidades e regiões	1	2%
Não soube responder	1	2%
Total de Respostas	43	100%

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

As outras localidades das quais os empreendedores adquirem os seus insumos e serviços são: aldeias indígenas, comunidades ribeirinhas e quilombolas da Amazônia; comunidades do rio Tapajós (farinha, molho de tucupi e tucupi puro); e município de Belterra.

Muganda (2009) ressalta que os provedores de hospedagem devem estabelecer vínculos de fornecimento e aquisição entre os fornecedores locais. Isso pode incluir a obtenção de produtos locais que fazem parte do negócio principal, como suprimentos de alimentos, materiais de construção, decoração, entretenimento, combustível e assim por diante.

Adquirindo mais produtos locais, no próprio destino turístico, ocorre uma maior movimentação da economia, fazendo o turismo cumprir um de seus papéis destacados por Beni

(2003, p. 65), de “provoca[r] indiretamente acentuadas repercussões econômicas em outras atividades produtivas através do efeito multiplicador”.

Trocas de informações e serviços com o mercado externo

“Com quem no mercado externo o seu empreendimento realiza trocas de informações e serviços para alcançar a demanda turística potencial e como são realizadas essas trocas?” A essa pergunta, 63% dos informantes responderam que não realizam trocas de informações e serviços com o mercado externo para alcançar demanda turística potencial. Para o restante, 37% dos entrevistados, os mercados externos com quem trabalham são: Agências de viagens e turismo da região sul, São Paulo (Turismo Consciente, Quariquara Viagens e Turismo, *Freeway*, RDC Férias), Rio de Janeiro, França, Santarém Manaus, guias turísticos internacionais, Carlos Turismo, Glória Turismo, *Booking*, CVC, Decolar, *Tripadvisor*, Revista *Amazon View*.

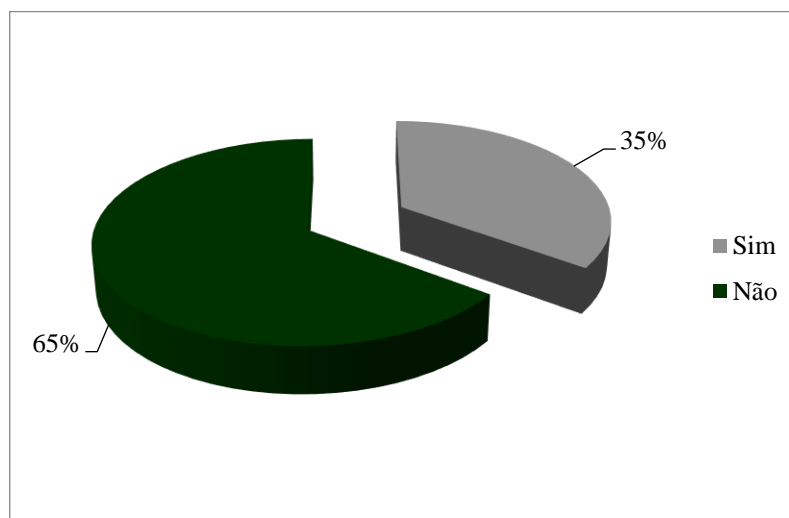
Em seguida os participantes da pesquisa foram questionados: “Há uma relação de dependência?” De acordo com 75% dos entrevistados não há, e 25% afirmaram ocorrer uma certa dependência do mercado externo para alcançar a demanda que visita o seu estabelecimento.

Mesmo que esse resultado seja positivo, de pouca ocorrência de dependência, percebe-se ainda a preferência dos empreendedores entrevistados em desenvolver suas atividades de maneira mais individualizada, sem parcerias e colaborações, observação essa feita tanto em relação ao mercado interno quanto externo.

Planejamento participativo do turismo em Alter do Chão

Foi questionado aos respondentes da pesquisa se há planejamento participativo de ações visando incrementar a atratividade, promoção, comercialização e a gestão do turismo em Alter do Chão. Conforme 65% das pessoas entrevistadas não ocorre planejamento participativo em Alter do Chão. Porém, para 35% há esse tipo ação na localidade (Gráfico 21).

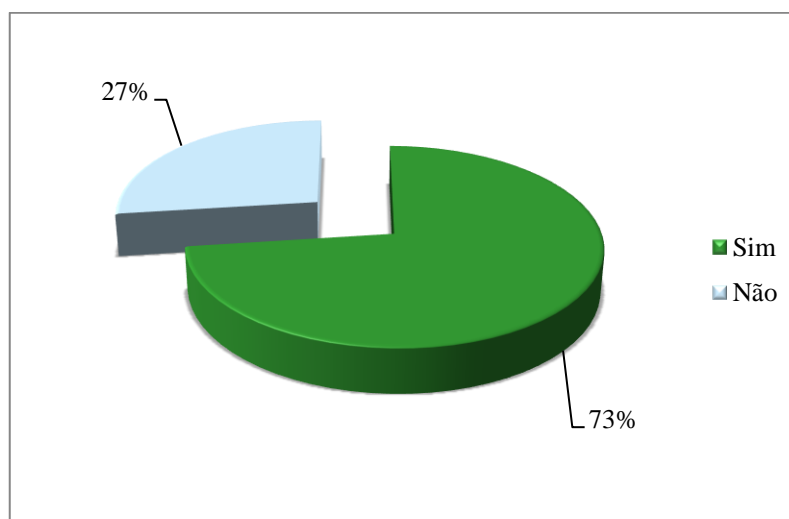
Gráfico 21 – Planejamento participativo do turismo em Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Dos 35% dos entrevistados que responderam positivamente, 73% afirmaram que já participaram desse tipo de ação, e 27% nunca participaram (Gráfico 22).

Gráfico 22 – Participação no planejamento participativo do turismo em Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Dos respondentes que afirmaram a ocorrência de planejamento participativo do turismo, mas não participaram, as suas justificativas foram:

- P. 04: “Não tenho envolvimento com a comunidade”.
- P. 07: “Dificuldade de se colocar o que se pensa”.
- P. 09: “Sei de última hora e sempre tenho outra coisa para fazer, deveria ser com antecedência o convite.”.
- P. 11: “Trabalho só, e fica difícil sair para participar, mas quando dá vou”.
- P. 13: “Sou sozinha e não dá para participar”.
- P. 23: “Antes eu me envolvia, mas hoje não tenho paciência e porque as coisas não se realizam”.

A fala do entrevistado de número 23 é bem pertinente para uma reflexão quanto à falta de participação, tanto em nível de planejamento estratégico quanto em simples reuniões para tratar do turismo, pois como as ações planejadas ou propostas não são executadas, cai-se no descrédito e automaticamente esvaziamento e desinteresse dos envolvidos diretamente com o turismo.

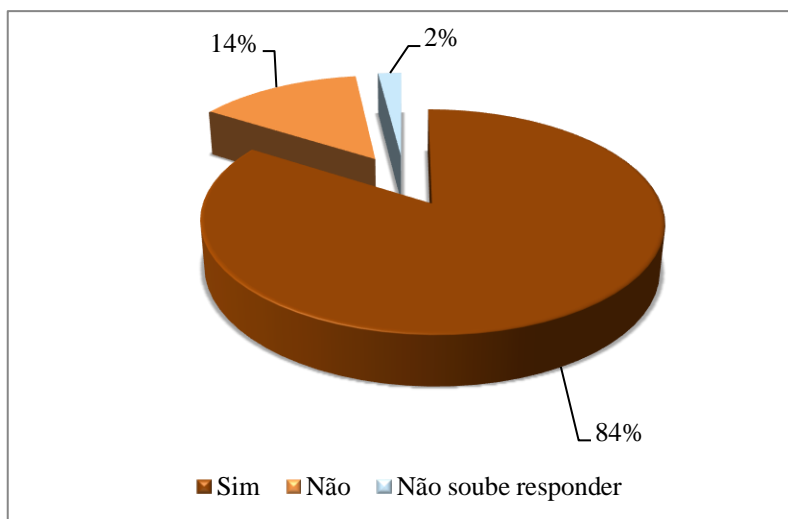
Relacionando a temática da cooperação com a do planejamento, Abreu e Costa (2014) relatam que o planejamento turístico participativo faz parte das políticas públicas de cooperação e é um processo de desenvolvimento integrado, constituindo-se em uma ferramenta de gestão democrática, centralizada nas decisões compartilhadas pelos atores da cadeia produtiva do turismo, conduzida pelo poder público, mas com participação ativa da iniciativa privada, terceiro setor e comunidade.

Portanto, é cada vez mais enfatizada a importância da parceria e cooperação entre os envolvidos direta e indiretamente com o turismo, para que elos de compromissos possam ser assumidos por todos em busca de uma gestão turística participativa, organizada, responsável e sustentável.

Impactos ao meio natural, social e cultural com a visitação de turistas em Alter do Chão

Para 84% dos empreendedores turísticos ocorrem impactos ao meio natural, social e cultural com a visitação de turistas em Alter do Chão, e somente 14% consideram que não há ocorrência desses impactos (Gráfico 23).

Gráfico 23 – Impactos ao meio natural, social e cultura com a visitação de turistas



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Os impactos tanto positivos quanto negativos que ocorrem com a visitação dos turistas são exemplificados abaixo:

- P. 02: “Social - drogas (“hippies”), Cultural - preservação, Natural – lixo”.
- P. 04: “Natural - turistas conscientes ao meio ambiente”.
- P. 05: “Impacto negativo - aumento do lixo”.
- P. 15: “Lixo na praia”.
- P. 20: “Roubo nas barracas, aconteceu assassinato (serra e entre os “hippies”). Aconteceu uma vez, um turista foi roubado na mesa na beira da praia”.
- P. 21: “Lixo, 50% das pessoas trazem as coisas delas e fica muito a sujeira”.
- P. 27: “Lixo, são as pessoas de Santarém”.
- P. 28: “Renda aumenta, lixo (povo de Santarém)”.
- P. 30: “Drogas (“hippies” e turistas), lixo (mais pessoas em Santarém)”.
- P. 32: “As pessoas que se estabelecem no local (“hippies”).
- P. 33: “Preço alto da comida”.
- P. 34: “Turista que se estabelece na vila”.
- P. 35: “Lixo, fazem fogo na praia quebram  rvores”.
- P. 36: “Turista orienta a comunidade a cuidar da praia”.
- P. 42: “Negativo, contaminação da água na época de eventos”.

Constata-se em algumas falas a ênfase maior relacionada aos impactos negativos no que se refere, por exemplo,   estadia de “hippies” na Vila, relacionando-os ao uso de drogas. Quanto ao lixo,   mais recorrente relacionar esse aspecto   visitação de moradores da cidade de Santarém.

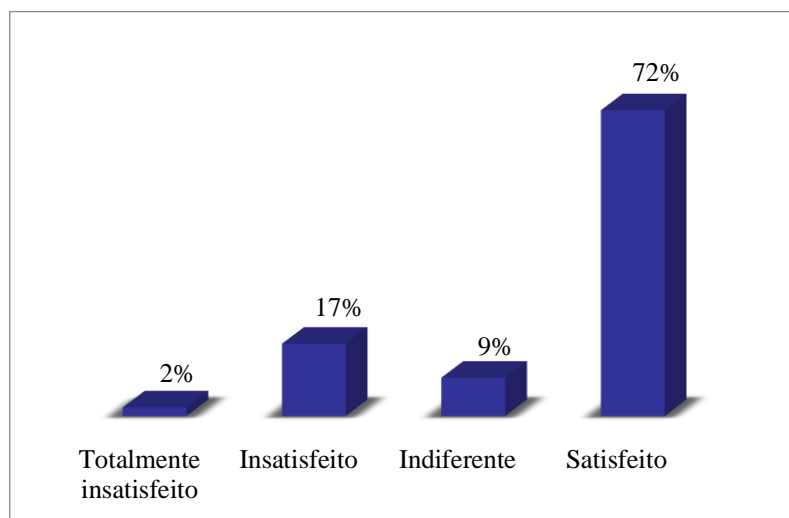
Algumas medidas precisariam ser realizadas para corrigir ou amenizar os impactos detectados pelos empreendedores a partir da visitação de pessoas na Vila. As principais medidas indicadas são:

- P. 03: “Fazer pesquisa para ver, principalmente, no meio da semana ter a o da polícia (ronda) não são no final de semana”.
- P. 05: “Mas coleta do lixo e reciclar o lixo”.
- P. 07: “Placas de conscientização, mais lixeiras, mais recolhimento do lixo, moradores têm contribuir não são na praia”.
- P. 15: “Conscientização do turista tanto de Santarém como de fora, mais de Santarém”.
- P. 22: “Orienta o para os turistas”.
- P. 31: “Ter um sistema de capacita o e entregar saco de lixo para os visitantes”.
- P. 37: “Conscientiza o do turista. Plano efetivo para o turismo em Alter do Chão   capacita o”.
- P. 40: “Ajuda da administra o pública na limpeza. Deveria ter parceria com ONGs que tratam sobre isso”.

Satisfa o com o turismo em Alter do Chão

Quanto   satisfa o com o turismo, 72% dos pesquisados disseram-se satisfeitos. Todavia, 17% encontram-se insatisfeitos (Gráfico 24).

Gráfico 24 – Satisfação com o turismo em Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

A satisfação, para os 72% dos empreendedores entrevistados, está relacionada a:

- P. 01: “Receita que o turismo deixa para o empreendimento, tem um pouquinho de lucratividade”.
- P. 05: “Consegue se sustentar com o turismo, é rentável”.
- P. 09: “É do turismo que vivemos, ganhamos, sem o turista ninguém vive”.
- P. 11: “O potencial ainda não está 100%, está em 50% a procura, mas está agradando”.
- P. 24: “Presença dos turistas, benefícios com eles, deixam renda.”.
- P. 26: “Pelo movimento, pela renda, quando vai de 1000 para frente”.
- P. 28: “Porque nesse período tem muita gente e dá dinheiro.”.
- P. 30: “Todos estão ganhando seu dinheiro”.
- P. 32: “Porque gosto de lidar com as pessoas, adquirindo conhecimento na vida, muito bem”.
- P. 39: “Vem muita gente e quando vem querem gastar dinheiro”.

Observa-se a constância na satisfação relacionada ao retorno financeiro que o turismo proporciona aos empreendedores e ao local. Chama atenção a fala do entrevistado 32, que enfatiza outro tipo de satisfação, a do relacionamento com outras pessoas, bem como o conhecimento que adquire por esse contato.

O que precisa ser feito para melhorar o turismo em Alter do Chão

O resultado dessa questão também é apresentado em imagem de nuvem de palavras, pois a classificação hierárquica descendente (CHD) não foi gerada pelo programa Iramuteq, devido ao fato de as respostas serem muito variadas. As palavras mais evocadas pelos entrevistados foram: melhorar (11 repetições); turista (8); infraestrutura (7); turismo (7); atendimento (6); curso (6) (Figura 39).

Os moradores demonstraram que gostariam de ter sido consultados quanto ao desejo de receber turistas na localidade, mas que, se pudessem fazer algo, aumentariam o número de turistas em Alter do Chão, pois perceberam que suas condições de vida melhoraram com mais emprego e renda provenientes do turismo. No que se refere à participação no planejamento do turismo, os entrevistados concordam que ela não ocorre, pois alegam que nunca foram convidados.

Os empreendedores turísticos foram enfáticos ao afirmar a falta de parceria, cooperação entre a iniciativa privada, associações, administração pública e demais sujeitos sociais que residem na Vila. Porém se houvesse uma gestão compartilhada baseada em planejamento participativo do turismo em Alter do Chão, incluindo custos, mais da metade estaria disposto a participar. Para estes não há.

A falta de parceria também se estende ao mercado externo, já que os empreendedores preferem ações mais individuais para alcançar a demanda potencial para seu estabelecimento. Mais da metade encontra-se satisfeito com o turismo de maneira em geral de Alter do Chão.

Segundo Moyo e Tichaawa (2017), os membros da comunidade devem ter permissão e ser encorajados a envolver-se mais no planejamento, na formulação de políticas e na implementação do desenvolvimento do turismo, trabalhando em conjunto com outras partes interessadas para alcançar seus objetivos comuns. O governo precisa liderar esse esforço e garantir que os membros da comunidade estejam envolvidos, pelo menos, em algum aspecto do desenvolvimento do turismo. Envolver os membros da comunidade no desenvolvimento do turismo pode agir como uma forma de aumentar seus níveis de compreensão. E essa recomendação é bastante pertinente para Alter do Chão.

Percebe-se que há uma participação e um envolvimento muito limitados e uma necessidade de desenvolvimento do turismo em Alter do Chão que deveria integrar todas as partes interessadas para resultados mais positivos. Portanto, mediante o exposto tem-se as seguintes recomendações:

- Sensibilização e educação do turismo para a população local, considerando como ela está envolvida no planejamento e implementação do turismo, estipulando estratégias que possam encorajar mais participação e envolvimento;
- Promoção de reuniões formais e informais de pequenos grupos envolvendo os líderes dos bairros, mesmo dos locais que não recebem a visitação mais frequente dos turistas, porém são afetados de maneira indireta pelo desenvolvimento do turismo;

- Políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de uma abordagem participativa, começando por um planejamento participativo do turismo;

Para Abreu e Costa (2014, p. 13) inserir a população local nos processos de elaboração e implantação do planejamento turístico, o poder público – responsável por esses processos – demonstrará valorização dos autóctones e possibilitará uma maior aceitação, por parte da comunidade, da implantação daquele tipo de planejamento. Pois, “torna-se mais fácil aceitarmos algo quando participamos e entendemos os motivos de sua elaboração”.

- A administração local e associações devem procurar melhorar a participação dos residentes nos processos de desenvolvimento do turismo e de tomada de decisões, a fim de aumentar o seu apoio;
- Iniciativa privada buscar estabelecer estratégias, como criação de rede formal de cooperação no turismo, para promover a parceria, a confiança necessária para o desenvolvimento do turismo, buscando objetivos com fins comuns e sustentáveis.

De acordo com Amaral (2014), já é uma realidade que devido à natureza fragmentada do turismo, as organizações e as empresas que operam na área procuram cada vez mais modelos de cooperação de modo a ultrapassarem, eficazmente, os constrangimentos próprios de um ambiente crescentemente caracterizado pela competitividade e por mudanças nos paradigmas, ao nível da procura turística.

- O turismo precisa ser considerado pelos sujeitos de uma forma sistêmica, onde há interdependências entre os atores (organizações, turistas, empresários, moradores, governo, instituições, etc) e cuja cooperação é fundamental para compreensão que o turismo vai além dos benefícios econômicos, é um fenômeno acima de tudo, social, que envolve pessoas com diferentes sentimentos, ideias e opiniões, essenciais para a formação e integração do conhecimento, capital social, recursos, etc.
- Empreendedores turísticos buscar investir mais na sua formação empresarial, através de treinamentos voltados à gestão, empreendedorismo, relações interpessoais (que ajudem na cooperação, parceria e confiança) e na informação sobre os mercados externos turísticos que possam firmar grandes parcerias em prol de uma demanda potencial para Alter do Chão; bem como criar condições para uma melhor competitividade do destino no mercado turístico nacional e internacional.

CAPÍTULO 5

SUSTENTABILIDADE E TURISMO NA CONCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS EM ALTER DO CHÃO



As discussões relacionadas às questões ambientais, sociais, culturais e econômicas locais e globais são cada vez mais pertinentes em uma época de preocupações com o processo de desenvolvimento e a sustentabilidade. Encontrar práticas que visem à sustentabilidade de ações relacionadas às comunidades locais, sobretudo na Amazônia, é indispensável quando se pensa e planeja um cenário melhor para as futuras gerações. Nesse contexto, o turismo surge como uma oportunidade para promover o desenvolvimento local, desde que baseado nos princípios e encaminhamentos da sustentabilidade.

Para Brasil (2007) sustentabilidade tem a ver com durabilidade, ou seja, aquilo que se sustenta por muito tempo. Para esse órgão, de maneira equivocada, por vezes, sugere-se que o turismo sustentável seja simplesmente “outro tipo” de turismo, sinônimo de ecoturismo e antônimo do turismo de massa. Porém, o conceito de sustentabilidade deve ser aplicado a qualquer segmento do turismo e em qualquer escala, desde o turismo de massa e seus grandes *resorts* até aquele desenvolvido em pequena escala e em lugares ambientalmente frágeis, de ecossistemas únicos e natureza preservada.

Em um país como o Brasil, apontado em 2015, pela terceira vez consecutiva, como o primeiro no ranking de 141 países no quesito atrativos naturais pelo Fórum Econômico Mundial, a sustentabilidade é item obrigatório na agenda prioritária. Vale destacar que a sustentabilidade no turismo é percebida de forma ampla, de maneira a garantir a conservação e preservação não apenas dos recursos naturais, mas da cultura e da integridade das comunidades visitadas (BRASIL, 2016).

Diante do rótulo de sustentável que vem sendo muito utilizado por empresas, governos, instituições públicas, ONG's, técnicos, alunos e pesquisadores vinculados à promoção e/ou à análise do turismo (CANDIOTTO, 2009), e diante das inúmeras possibilidades e encaminhamentos que diversas instituições preconizam como boas práticas para se desenvolver um turismo pautado na sustentabilidade, torna-se de fundamental importância conhecer o que pensam sobre o tema os sujeitos sociais envolvidos direta e/ou indiretamente com o desenvolvimento do turismo.

É pensando nisso que este capítulo se propõe abordar especificamente o debate em torno da sustentabilidade e do turismo sustentável, não só do ponto de vista de diversos pesquisadores e instituições, mas também dos moradores de Santarém, turistas, moradores e empreendedores turísticos de Alter do Chão. Espera-se que, melhor conhecendo suas concepções sobre o que é sustentabilidade, também se reflita sobre como cada sujeito pode contribuir para a recomendada sustentabilidade do turismo na Vila de Alter do Chão.

A pesquisa das percepções dos sujeitos envolvidos nas atividades turísticas na Vila consistiu no levantamento de informações por meio de um questionário (apêndice 2) dirigido aos turistas e de formulários aplicados junto a moradores de Santarém, moradores de Alter do Chão e empreendedores turísticos (apêndices 1, 3, 4, respectivamente), já descritos em capítulos desta tese. Da mesma forma que nas análises anteriores, o tratamento aplicado aos dados coletados pautou-se no método estatístico descritivo e na análise de conteúdo.

SUSTENTABILIDADE

Boff (2015) afirma que a palavra *Nachhaltigkeit*, que significa sustentabilidade, surgiu em 1560 na Alemanha, onde se registrou, pela primeira vez, a preocupação com o uso racional dos recursos florestais. Contudo, foi apenas em 1713, naquele mesmo país, que a palavra sustentabilidade se transformou num conceito estratégico quando Carlowitz utilizou-o para se referir à exploração de florestas cultivadas (FURLAN, 2003). Hoje, o termo é usado para expressar atitudes e posicionamentos em relação à natureza como um bem renovável.

De acordo com Fernandes (2006, p. 133), “a ideia de sustentabilidade do modelo de Desenvolvimento Sustentável é tirada do campo das ciências biológicas, onde é compreendida como a busca do prolongamento da durabilidade dos ecossistemas no tempo”.

Segundo Sachs (2009) muitas vezes, o termo sustentabilidade é utilizado para expressar a sustentabilidade ambiental, porém o conceito tem diversas outras dimensões, como a sustentabilidade social, cultural, econômica, política, etc. Para cada dimensão, Sachs (2009, p. 85-88) estabelece critérios próprios de sustentabilidade:

1. Social: alcance de um patamar razoável de homogeneidade social; distribuição de renda justa; emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida; igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais.

2. Cultural: mudanças no interior da continuidade, ou seja, equilíbrio entre respeito à tradição e inovação; capacidade de autonomia para elaboração de projetos nacionais integrados e endógeno; autoconfiança combinada com abertura para o mundo.

3. Ecológica: preservação do potencial do capital da natureza na sua produção de recursos renováveis; estipular limites ao uso dos recursos não-renováveis.

4. Ambiental: respeitar e enfatizar a capacidade dos ecossistemas naturais de se auto recuperar.

5. Territorial: configurações urbanas e rurais balanceadas; melhoria do ambiente urbano; superação das disparidades inter-regionais; estratégias seguras para áreas ecologicamente frágeis, isto é, conservação da biodiversidade pelo eco desenvolvimento.

6. Econômico: desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado; segurança alimentar; capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção com razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica; inserção soberana na economia internacional.

7. Política (nacional): democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos; desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores; um nível razoável de coesão social.

8. Política (internacional): eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, na garantia da paz e na promoção da cooperação internacional; um pacote de Norte-Sul de co-desenvolvimento, baseado no princípio de igualdade; controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios; controle institucional efetivo da aplicação do Princípio da Precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais; sistema efetivo de cooperação científica e tecnológica internacional e eliminação parcial do caráter de commodity da ciência e tecnologia, também como propriedade da herança comum da humanidade.

No Guia de Boas Práticas para o Turismo Sustentável, Rainforest Alliance e Instituto Estrada Real (S/d, p. 12) asseguram que “atividade sustentável é aquela cujos impactos econômicos, sociais e ambientais permitem atender às necessidades do presente sem limitar a habilidade de satisfazê-las com o mesmo grau de plenitude no futuro”. Para essas instituições, um desenvolvimento sustentável, ou a sustentabilidade, se alcança quando se atendem de forma balanceada a três princípios básicos:

1. Econômico: a atividade se desenvolve com base em práticas empresariais adequadas, as quais asseguram o crescimento e a manutenção no tempo da empresa, com a qual se beneficiam os proprietários, empregados e vizinhos da comunidade onde se desenvolve o negócio.
2. Ambiental: a atividade se desenvolve considerando a forma como se utilizam os recursos naturais e, idealmente, aportando a sua conservação e cuidado.
3. Sociocultural: a atividade se realiza sem prejudicar ou afetar o tecido social existente na comunidade onde se desenvolve, prevendo-se todas as ações possíveis para respeitar a cultura local, preservá-la e revitalizá-la (RAINFOREST ALLIANCE E INSTITUTO ESTRADA REAL, S/D, p. 12-13).

Furlan (2003) comenta que há certa confusão entre as expressões crescimento sustentável, desenvolvimento sustentável e uso sustentável, sendo estas empregadas como se tivessem o mesmo significado. Para a autora, o termo “crescimento sustentável” é contraditório, pois nenhum elemento físico cresce indefinidamente. “Uso sustentável” é aplicado aos recursos

renováveis, considerando que estes deverão ser utilizados de acordo com sua capacidade de regeneração. E “desenvolvimento sustentável” busca a melhoria da qualidade de vida humana, levando em consideração os limites da capacidade de suporte dos ecossistemas.

Com relação ao crescimento sustentável, a Organização Mundial do Turismo – OMT (2001) expõe que seu sentido tradicionalmente está ligado ao conceito de meio ambiente, porém, atualmente, a expressão remete a uma concepção mais global, devendo envolver outros campos de interação como os aspectos econômicos e socioculturais.

Para Faria e Carneiro (2001), o conceito de sustentabilidade perpassa por uma questão mais política que ambiental, devido aos envolvimento conflituosos de muitos atores afetados ou responsáveis pela degradação ambiental. Os autores assinalam que o Estado é um intermediador desses conflitos e poder intervir na sua resolução, exercendo seu papel de promotor do bem-estar social e ambiental da população.

O conceito de sustentabilidade envolve o meio ambiente, as pessoas e os sistemas econômicos, e deve ser desenvolvido em longo prazo e com muito planejamento (SWARBROOKE, 2000a). Também deve estar ligado a três fatores primordiais: qualidade, continuidade e equilíbrio (OMT, 2001). Ao contrário desse pensamento, Furlan (2003) afirma que não existe garantia de sustentabilidade em longo prazo, pois muitos fatores ecológicos, econômicos e sociais são ainda desconhecidos ou imprevisíveis. A autora defende que a sustentabilidade econômica deve se refletir numa sustentabilidade socioambiental.

Para Leff (2010, p. 31) a sustentabilidade aponta para o futuro e é “uma maneira de repensar a produção e o processo econômico, de abrir o fluxo do tempo a partir da reconfiguração das identidades, rompendo o cerco do mundo e o fechamento da história impostos pela globalização econômica”.

Carvalho (2006) apresenta que a sustentabilidade não se refere somente a manutenção do crescimento, mas a interação entre o uso racional dos recursos naturais renováveis e a necessidade do crescimento econômico autossustentado.

No ano de 1984, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que tinha então três objetivos principais: reexaminar questões críticas relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento, formulando propostas para enfrentá-las; propor novas formas de cooperação internacional para tratar dessas mesmas questões, que influenciassem as políticas e acontecimentos em direção às mudanças desejadas; elevar os níveis de compreensão e engajamento de indivíduos, organizações voluntárias, empresas, institutos e governos, com relação aos problemas ambientais e de desenvolvimento.

Três anos depois de constituída a Comissão, publicou-se um documento intitulado “Relatório Brundtland ou Nosso Futuro Comum” (BRASIL, 2007). Nesse relatório, o conceito de Desenvolvimento Sustentável foi definido como:

Atividade que harmoniza o imperativo do crescimento econômico com a promoção de equidade social e a preservação do patrimônio natural, garantindo assim que as necessidades das atuais gerações sejam atendidas sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras (BRASIL, 2007, p. 18).

A OMT (2001, p.245) cita a definição que a *The International Union For Conservation of Nature and Natural Resources* - IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais) elaborou sobre o desenvolvimento sustentável como sendo “o processo que permite o desenvolvimento sem degradar ou esgotar os recursos que tornam possíveis o mesmo desenvolvimento”. Isto é possível na medida em que se utiliza mais intensamente os recursos renováveis, porém de forma manejada, do que àqueles de fontes não-renováveis.

Para Lemos (1996), o desenvolvimento sustentável tem, além da questão ambiental, tecnológica e econômica, a dimensão cultural e política, que exigirá a participação democrática de todos os envolvidos na tomada de decisões para que ocorram as mudanças necessárias ao seu propósito. Para o autor, mudanças nas formas de pensar, viver, produzir e consumir serão fundamentais no nosso dia-a-dia. Em semelhante sentido, Veiga (2010) afirma que a expressão desenvolvimento sustentável tem valor similar ao seu mais nobre antepassado, a justiça social.

Sachs (2008) refere que o conceito de desenvolvimento sustentável acrescenta uma outra dimensão à sustentabilidade social que é baseada no duplo imperativo ético de solidariedade sincrônica com a geração atual e de solidariedade diacrônica com as gerações futuras. Para ele, os cinco pilares do desenvolvimento sustentável são social, ambiental, territorial, econômico e político.

Brasil (2007) contextualiza que o termo “desenvolvimento” tornou-se mais popular, e pode ser entendido como a garantia e/ou melhoria da qualidade de vida humana, sem que isso implique diminuição da capacidade de suporte dos ecossistemas que a sustentam, ou degradação e esgotamento dos recursos que tornam esse desenvolvimento possível. Este órgão relembra quais são os princípios do desenvolvimento sustentável:

Sustentabilidade ambiental - Assegura a compatibilidade do desenvolvimento com a manutenção dos processos ecológicos essenciais à diversidade dos recursos;

Sustentabilidade sociocultural - Assegura que o desenvolvimento aumente o controle das pessoas sobre suas vidas, preserve a cultura e os valores morais da população e fortaleça a identidade da comunidade. Tem por objetivo construir uma civilização mais igualitária, ou seja, com mais equidade na distribuição de renda e de bens, de modo a reduzir o abismo entre os padrões de vida dos ricos e dos pobres;

Sustentabilidade econômica - Assegura que o desenvolvimento seja economicamente eficaz, garanta a equidade na distribuição dos benefícios advindos desse desenvolvimento e gere os recursos de modo que possam suportar as necessidades das gerações futuras;

Sustentabilidade político-institucional - Assegura a solidez e continuidade das parcerias e compromissos estabelecidos entre os diversos agentes e agências governamentais dos três níveis de governo e nas três esferas de poder, além daqueles atores situados no âmbito da sociedade civil. (BRASIL, 2007, p. 20).

Os quatro princípios da sustentabilidade mantêm uma forte relação entre si e precisam ser planejados conjuntamente, pois essa é a única maneira de se conseguir a sustentabilidade (BRASIL, 2007).

Em outras perspectivas, “o conceito de desenvolvimento sustentável emergiu recentemente num esforço para abordar os problemas ambientais causados pelo crescimento econômico” (BANERJEE, 2006, p. 78). Porém, para alguns autores como Becker (2007), esse conceito ainda não é claro e operacional, pois se tornou uma bandeira de todos, e cada um atribui a ele um significado diferente. Para essa autora, um desenvolvimento de outro tipo é aquele que harmoniza crescimento econômico com inclusão social e conservação ambiental.

É importante compreender como as noções de sustentabilidade são construídas, manipuladas e representadas tanto na imprensa quanto na literatura acadêmica. Nos discursos corporativos, o foco da sustentabilidade global planetária é desviado para a sustentabilidade das estratégias de crescimento das corporações (BANERJEE, 2006).

Boff (2015) argumenta que há uma contradição entre desenvolvimento e sustentabilidade, pois o primeiro é linear e crescente, supondo a exploração da natureza, gerando profundas desigualdades e privilegiando a acumulação individual. Porém, a sustentabilidade é circular e incluyente, representa a tendência dos ecossistemas ao equilíbrio dinâmico, à cooperação e à coevolução, e responde pelas interdependências de todos com todos, garantindo a inclusão de cada um, até dos mais fracos. Portanto, segundo o autor, se esta compreensão for correta, fica claro que sustentabilidade e desenvolvimento configuram uma contradição nos próprios termos.

O questionamento do modelo de desenvolvimento sustentável como alternativa efetivamente viável inclui, pelo menos dois pontos críticos, na concepção de Fernandes (2006, p. 137):

- 1) A argumentação referente à construção de um novo projeto societário a partir da atenção dada a sustentabilidade dos ecossistemas, que substituiria não apenas no discurso, mas, no mundo real, os estilos de desenvolvimento anteriormente praticados, perde sua plausibilidade, ao serem examinadas as experiências anunciadas como de produção de desenvolvimento sustentável, em referência aos indicadores da eficiência econômica e da equidade;

- 2) A fragilidade do modelo de Desenvolvimento Sustentável como uma alternativa aos modelos anteriores de desenvolvimento, demonstrada pelo fato de que o modelo de desenvolvimento dominante, diametralmente oposto à ideia de sustentabilidade dos ecossistemas, continua sendo praticado nas áreas das quais se origina a proposta de mudança.

Ainda conforme Fernandes (2006), o discurso do desenvolvimento sustentável tem a vantagem de possibilitar, de certo modo, uma das formas mais austeras e perspicazes de dominação de povos e grupos sociais, por meio da apropriação e usufruto tanto dos recursos renováveis como os não renováveis das grandes reservas mundiais.

Em contrapartida, a utilização política da expressão desenvolvimento sustentável, segundo Boff (2015, p. 46) “representa uma armadilha do sistema imperante: assume os termos da ecologia (sustentabilidade) para esvaziá-los e assume o ideal da economia (crescimento/desenvolvimento), mascarando, porém, a pobreza que ele mesmo produz”.

Segundo Banerjee (2006), o discurso do desenvolvimento sustentável tem o foco mais nos efeitos da degradação ambiental sobre o crescimento econômico do que nas consequências negativas do mesmo. Não questiona as noções de progresso e de racionalidade econômica existentes, contudo continua a privilegiar o consumismo industrial.

Fernandes (2006, p. 136) é mais enfática ao afirmar que o desenvolvimento sustentável:

Ao nosso ver, o que se anuncia como um modelo de desenvolvimento, que sucederia as alternativas ocidentais praticadas há cerca de duzentos anos, se constitui, na verdade, numa proposta de gestão, monitoramento e controle internacional dos recursos naturais — elaborada e implementada a partir dos países do Norte.

Para Carvalho (2006), há uma grande distância entre a intenção e o gesto para que o desenvolvimento sustentável se constitua num novo paradigma e tenha embasamento teórico suficiente para sua aplicabilidade.

Apesar das dificuldades técnicas e políticas da aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável, ele tem, entre outros, o mérito de assinalar erros cometidos no passado no que se refere às formas de enfrentar o progresso, o crescimento e o desenvolvimento econômico (ALMINO, 2006).

Mediante tantos debates sobre o tema e o termo desenvolvimento sustentável, Sachs (2008) propõe um desenvolvimento incluyente, que define como oposição ao padrão de crescimento perverso, excludente (do mercado de consumo) e concentrador (de renda e riqueza). É um desenvolvimento que requer, acima de tudo, a garantia do exercício dos direitos civis, cívicos e políticos.

É nessa perspectiva de debate sobre a sustentabilidade que as regiões com potencialidade turística devem fomentar o turismo como princípio estruturador de um

desenvolvimento que seja, de acordo com Brasil (2008), produtivo, do ponto de vista econômico, justo, do ponto de vista social, e correto, do ponto de vista ambiental.

Também é válido nessa perspectiva pensar o capital social como um item indicador de sustentabilidade, considerando que é uma das dimensões apoiada na sustentabilidade social e cultural, que diz respeito a uma cultura de participação e de autonomia entre os sujeitos sociais, garantindo assim, confiabilidade, cooperação e parceria. Esse debate será melhor explanado no capítulo 6 dessa tese.

TURISMO SUSTENTÁVEL

Fennell (2002) relata que as primeiras estratégias de ação em turismo sustentável ocorreram na Conferência Globo'90, realizada na Columbia Britânica, Canadá, onde representantes da iniciativa privada, governos, organizações não-governamentais e acadêmicos debateram sobre a importância do meio ambiente para a sustentação da atividade turística.

Conforme Gortazár e Marís (1999 *apud* NIEFER, 2002), o conceito de turismo sustentável foi formulado pela primeira vez, internacionalmente, na Conferência Mundial de Turismo Sustentável, realizada na ilha de Lanzarote, no ano de 1995. Ele foi assim definido pela OMT é:

O desenvolvimento do turismo sustentável atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida (OMT, 2003, p.24).

Para a OMT (2013) a elaboração de um turismo sustentável refere-se às necessidades de:

- Fazer uso adequado dos recursos ambientais que constituem um elemento-chave no desenvolvimento do turismo, mantendo os processos ecológicos essenciais e conservando o patrimônio natural e a biodiversidade;
- Respeito a autenticidade sociocultural das comunidades locais, preservando a sua herança cultural e construída e os valores tradicionais e contribuir para a compreensão e tolerância intercultural;
- Assegurar que as operações econômicas viáveis sejam a longo prazo, proporcionando benefícios socioeconômicos para todas as partes interessadas com distribuição de forma justa, incluindo emprego estável e oportunidades de geração

de renda e serviços sociais às comunidades anfitriãs, e contribuindo para a redução da pobreza.

Para Swarbrooke, não existe uma definição de turismo sustentável que seja completamente aceita. Porém, levando em consideração o Relatório Brundtland e os elementos ambientais, sociais e econômicos do sistema do turismo, pode-se definir que turismo sustentável “significa turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local” (SWARBROOKE, 2000a, p.19).

O autor afirma ainda que “o turismo sustentável é, talvez, um sonho impossível”, pois o que pode ser desenvolvido são formas de turismo que levem em consideração os princípios da sustentabilidade. Todo debate sobre o tema “quase sempre parece estar mais baseado em julgamentos de valor do que em pesquisas empíricas ou outras evidências concretas” (SWARBROOKE, 2000a, p.35 e 63). Neste contexto, Goodall e Cater (1996 *apud* FENNELL 2002, p.35) afirmam que “o turismo sustentável provavelmente nunca será alcançado, apesar do desempenho ambiental o mais comprometido possível”.

Teles (2003) considera que “não há turismo sustentável sob a lógica do capitalismo moderno e de uma sociedade excludente”, onde as comunidades não participam das grandes decisões sobre seu próprio desenvolvimento e futuro. O turismo sustentável é apenas uma aspiração de uma parte da humanidade.

De acordo com Seabra (2001), o termo turismo sustentável atualmente é utilizado nos discursos oficiais como um meio de mascarar os impactos ambientais e socioculturais ocasionados pela implantação de grandes projetos turísticos.

O WWF Brasil – Fundo Mundial para a Natureza, observa que o ideal do turismo sustentável é ambíguo e discutível, devido ao fato de a atividade turística estar envolvida com aspectos de difícil solução, como o controle das emissões de dióxido de carbono dos transportes aéreos, por exemplo. No contexto de elaboração de uma estratégia para o alcance de sustentabilidade social, econômica e ambiental, essa Organização prefere adotar o termo “turismo responsável”, o qual conceitua como “aquele que mantém e, onde possível, valoriza as características dos recursos naturais e culturais nos destinos, sustentando-as para as futuras gerações de comunidades, visitantes e empresários” (SALVATI, 2003, p.23).

Segundo Ruschmann (1997), independentemente da designação que receba, seja “alternativo”, “responsável”, “ecológico” e, o que caracterizaria o turismo sustentável seriam:

- As viagens realizadas individualmente;
- As atividades desenvolvidas na natureza;

- A utilização de alojamentos em empreendimentos pequenos;
- Os serviços personalizados e realizados pelos próprios turistas.

O turismo sustentável é colocado por Pires (2002) como paradigma para toda e qualquer proposta turística que vá de encontro aos princípios do turismo convencional, o qual se consagrou pelos seus impactos socioambientais negativos causados aos destinos turísticos.

Sobre a sustentabilidade no turismo, Fennell (2002) relata que deve haver uma articulação de todos os segmentos envolvidos na atividade, de modo que os princípios da sustentabilidade sejam encontrados e desenvolvidos em todos os setores, já que a atividade turística apresenta um enorme grau de fragmentação.

Moniz (2006, p. 380), procurando sintetizar as ideias subjacentes à noção de sustentabilidade do turismo, afirma que:

Uma atividade turística sustentável é aquela que proporciona uma experiência de qualidade aos visitantes, enquanto contribui para a melhoria da qualidade de vida da população local e para a protecção da qualidade do ambiente; é aquela que oferece uma experiência satisfatória aos visitantes, assegurando, paralelamente, a continuidade dos recursos naturais em que se baseia e a continuidade da identidade cultural da comunidade receptora; é aquela que permite encontrar um equilíbrio entre as necessidades dos agentes que operam no sector, as necessidades de protecção ambiental e as necessidades da população local; é aquela que enfatiza a defesa dos interesses comuns e a cooperação entre os visitantes, a comunidade receptora e o destino.

Para o alcance do turismo sustentável, Swarbrooke (2000b) propõe: a) compreender bem o que é turismo sustentável; b) querer agir; c) desenvolver técnicas que sejam eficazes e que conduzam a um turismo sustentável.

Segundo a OMT (2003, p.24) “a melhor maneira de alcançar o turismo sustentável é através de um planeamento, desenvolvimento e gerenciamento cautelosos do setor turístico”. No entanto, sua manutenção requer o gerenciamento adequado dos impactos ambientais e socioeconômicos, o estabelecimento dos indicadores ambientais e a conservação da qualidade do produto e do mercado turísticos. A mesma Organização afirma que o desenvolvimento do turismo sustentável pode suprir necessidades econômicas, sociais e estéticas, se mantiver íntegras a cultura e os processos ecológicos. Esse tipo de turismo pode trazer benefícios às gerações presentes sem diminuir as possibilidades de obtenção de benefícios para as gerações futuras (OMT, 2001).

Para Candiotti (2009), a OMT mostra-se muito mais preocupada com a sustentabilidade econômica do turismo do que com a busca por um turismo sustentável em todas as suas dimensões. Em documento de 1996, essa organização posiciona-se em relação à sustentabilidade, ao afirmar que, apesar de objetivar criar benefícios sociais com o turismo

através do planejamento, suas estratégias se fundamentam na manutenção da dinâmica de funcionamento do setor turístico, caracterizada pela concentração da riqueza e pela segregação socioespacial.

Os membros da *Association Internationale d'Experts Scientifique du Tourisme*, em seu congresso anual de 1991, apontaram quatro características para o desenvolvimento sustentado da atividade turística, sendo que as três primeiras se relacionam com a oferta e a última, com o comportamento dos turistas (SEATON, 1991 *apud* RUSCHMANN, 1997, p. 112):

- Respeito ao meio ambiente natural: o turismo não pode colocar em risco ou agredir irreversivelmente as regiões nas quais se desenvolve;
- Harmonia entre a cultura e os espaços sociais da comunidade receptora, sem agredi-la ou transformá-la;
- Distribuição equitativa dos benefícios do turismo entre a comunidade receptora, os turistas e os empresários do setor;
- Um turista mais responsável e atencioso, receptivo às questões da conservação ambiental, sensível às interações com as comunidades receptoras, educado para ser menos consumista e com uma postura orientada para o entendimento e a compreensão dos povos e locais visitados.

A sustentabilidade turística depende fundamentalmente do planejamento e da maneira como se levam em conta os principais aspectos que a compõem, quais sejam: a) Ambiental (qualquer atividade socioeconômica, em especial o turismo, depende da qualidade e da proteção do meio ambiente a longo prazo); b) Econômico (eficiência econômica, competitividade e lucratividade); c) Sociocultural (princípios de uma sociedade humanizada, que possibilita às pessoas uma vida digna ter direito ao trabalho, instrução, liberdade, participação, no processo de construção de uma sociedade sustentável e produtiva); d) Político-institucional (seja redigido, aprovado e publicado dentro e fora da instituição, pautado em fundamentos éticos e políticos).

Para Brasil (2007) os aspectos da sustentabilidade turística são:

1. Sustentabilidade Ambiental – Assegura a compatibilidade do desenvolvimento com a manutenção dos processos ecológicos essenciais, bem como da diversidade dos recursos. Não é um estado fixo de harmonia, mas um processo em que há objetivos a alcançar.

2. Sustentabilidade Econômica - ligada ao conceito da eficiência econômica, competitividade e lucratividade. O turismo interage com um número expressivo de setores da economia, diante disso, as consequências são relacionadas aos seus efeitos positivos e negativos que se disseminam por grande parte dos setores econômicos.

3. Sustentabilidade Sociocultural - associa-se aos princípios de uma sociedade humanizada, que possibilita às pessoas uma vida digna, que produz e preserva riquezas e não somente acumula lucros.

4. Sustentabilidade Político-institucional refere-se à solidez e continuidade das parcerias e dos compromissos estabelecidos entre os governos e a sociedade civil.

Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) concluíram que o turismo não é nem uma bênção, nem uma praga, nem veneno, nem panaceia. Ele pode trazer muitos benefícios, mas também, problemas sociais. Segundo os autores, o turismo já foi responsabilizado pela poluição de praias, pelo aumento do custo da mão-de-obra e das mercadorias, pela destruição do campo, pela contaminação dos valores dos povos nativos, pela superlotação, pelo congestionamento, barulho, lixo, crime, pela perda da privacidade, pela geração de tensões sociais, pela deterioração ambiental, pela falta de controle sobre o futuro de uma destinação e pelo trabalho sazonal mal pago. Assim, o mundo já acumulou experiência em como aumentar os benefícios do turismo e, pelo menos, algum conhecimento em como diminuir os problemas sociais.

Para Sousa (2006), tornar o turismo sustentável não é somente controlar e gerir os impactos negativos do setor, que está igualmente numa posição especial para beneficiar as comunidades locais, tanto a nível econômico como social, e contribuir para a preservação do meio ambiente.

O turismo, quando bem planejado, gerenciado e monitorado, deve ser capaz de gerar benefícios econômicos, sociais, ambientais e culturais para as comunidades envolvidas no processo de seu desenvolvimento, mas acima de tudo promover experiências de realização pessoal e social, realização de desejos e sonhos para o sujeito turístico. E as empresas turísticas têm papel fundamental nesse processo, conforme esclarecem Rainforest Alliance e Instituto Estrada Real (S/d), aspirando a critérios globais de turismo sustentável que organizam-se em torno de quatro temas principais: o planejamento eficaz para a sustentabilidade; a maximização dos benefícios sociais e econômicos para a comunidade local; o melhoramento do patrimônio cultural; e a redução dos impactos negativos no ambiente.

Conforme as instituições acima citadas, para que a empresa turística alcance a sustentabilidade, recomenda-se aplicar as seguintes ações:

- Não usar mais recursos do que aqueles de que dispõe;
- Não utilizar os recursos econômicos, sociais e ambientais sem pensar nos demais e/ou no futuro de todos;
- Administrar a empresa por meio de um balanço dos recursos econômicos, sociais e ambientais;
- É muito importante ter presente que a sustentabilidade atende o cuidado e a administração do dinheiro, da equipe e dos equipamentos, ao mesmo tempo em que desenvolve o pessoal da empresa e cuida de sua forma de vida e

potencial de crescimento. Portanto, é indispensável: proteger o meio ambiente em que atuam o pessoal e a empresa, não dando importância somente ao dinheiro ou à propriedade particular;

- Compreender que a sustentabilidade é o resultado da integração entre o dinheiro, o ambiente e os aspectos sociais das pessoas que integram a empresa. (RAINFOREST ALLIANCE E INSTITUTO ESTRADA REAL, S/d, p. 24).

Os participantes da Cúpula Mundial sobre Turismo Sustentável (ST + 20), reunidos em Vitoria-Gasteiz, País Basco, Espanha, em 27 de novembro de 2015, fizeram as seguintes chamadas para ação Global:

1- Destinos e comunidades locais devem:

- Garantir que a governança do turismo inclua todas as partes interessadas e que o papel e as responsabilidades de cada um sejam claramente definidos;
- Capacitar as comunidades locais, além de facilitar sua participação no planejamento e desenvolvimento do turismo;
- Adotar medidas necessárias para maximizar os benefícios econômicos do turismo para a comunidade anfitriã;
- Acompanhar as mudanças, avaliar as ameaças, riscos e oportunidades;
- Promover o desenvolvimento de baixo carbono na infraestrutura turística;
- Promover um turismo inclusivo e universalmente acessível, melhorando a acessibilidade em todos os elos da cadeia do turismo;
- Considerar a capacidade de carga dos destinos;
- Preservar o conhecimento do patrimônio cultural e natural, e que este seja transmitido aos jovens como meio de integração da sustentabilidade;
- Promover atividades educacionais e de extensão sobre turismo e desenvolvimento sustentável.

2- As empresas do turismo devem:

- Contribuir para a criação, desenvolvimento e implementação de produtos e serviços turísticos sustentáveis que estimulem o uso respeitoso do patrimônio natural e cultural;
- Integrar a sustentabilidade nas políticas, operações e práticas de gestão;
- Incentivar os investidores para alcançar um setor mais verde;
- Participar na gestão do destino turístico e apoiar o bem-estar econômico, social e cultural das comunidades locais;
- Promover a capacitação em sustentabilidade do turismo;

- Aumentar a capacidade das empresas para melhorar o desempenho ambiental e a sustentabilidade por meio da inovação;
- Reduzir a geração de resíduos em atividades turísticas, por meio da redução, reciclagem e reutilização;
- Melhorar a qualidade da água, reduzindo o consumo, evitando a poluição, eliminando os resíduos e minimizando a produção de materiais perigosos e substâncias químicas;
- Implementar tecnologias e processos eco eficientes em todas as áreas da indústria do turismo;
- Promover energias renováveis;
- Utilizar e fornecer instrumentos adequados para medir, expandir e comercializar a oferta de turismo sustentável, como programas de certificação;
- Informar os consumidores sobre suas opções de viajar com responsabilidade.

3- Os consumidores devem:

- Utilizar produtos e serviços locais sustentáveis que gerem emprego e benefícios para a comunidade;
- Avaliar os impactos ambientais e socioculturais e as implicações econômicas de suas decisões;
- Escolher os produtos e serviços mais sustentáveis em relação às outras opções menos sustentáveis (SUSTAINABLE TOURISM COUNCIL; RESPONSIBLE TOURISM INSTITUTE; BASQUETOUR: TURISMOAREN EUSKAL AGENTZIA. AGENCIA VASCA DE TURISMO, 2015).

Kaplan (2015) argumenta que, embora muitos pesquisadores concordem que o turismo deva ser sustentável, existem poucos exemplos de suas aplicações, restringindo-se, principalmente, ao nível teórico, e não ao nível prático.

Candiotto (2009) faz uma crítica a OMT afirmando que por parte dessa instituição há uma idealização romântica do turismo sustentável como algo perfeito e extremamente positivo, que não gera impactos e deve ser implementado nas mais variadas localidades. Para o autor, o problema é que não existem indicações sobre como atingir esse turismo sustentável, nem problematização no que se refere às relações de poder e às contradições existentes em qualquer debate sobre sustentabilidade. O turismo sustentável não existe, nem pode existir dentro da atual lógica de acumulação capitalista, conforme afirmação categórica do referido autor:

Dentro desse contexto de posições favoráveis e contrárias à ideia do turismo sustentável, posicionamo-nos na vertente crítica, que entende esse contexto como um discurso favorável aos agentes hegemônicos do capital em qualquer escala geográfica,

desde a global até a local. Assim, além de não existir, o turismo sustentável não condiz com as experiências e as práticas atuais propagadas como sustentáveis, pois não tem preocupação com mudanças na estrutura econômica de acumulação da riqueza, com a autonomia política dos sujeitos sociais envolvidos, sobretudo das populações autóctones e de comunidades tradicionais (camponeses, indígenas, ribeirinhos, quilombolas), nem com diminuição da exploração de mais-valia e dos recursos naturais (CANDIOTTO, 2009, p. 55).

CandiOTTO (2009) ainda considera que seja relevante a tentativa de autores e instituições que buscam apontar o que deveria ser feito para se atingir o turismo sustentável, porém acredita que apenas estipulando o que deve ser feito, não se chegará à execução de práticas de turismo sustentáveis.

A sustentabilidade no turismo - assim como nos outros setores econômicos - encontra-se pautada na concepção de como o turismo deveria ser (*devir*), e não no que realmente vem acontecendo nas destinações de turismo. Outros autores também afirmam como o turismo sustentável deve ser, mas não vinculam esse debate teórico às experiências existentes que se dizem sustentáveis, nem analisam tais experiências com profundidade. Assim, o discurso sobre o turismo sustentável se torna vago e superficial, servindo apenas para os promotores do turismo, que passam a utilizar esse novo rótulo em suas ações de *marketing*, em função do apelo ambiental e social presente no termo sustentabilidade (CANDIOTTO, 2009, p. 52).

É preciso, portanto, avançar no debate acerca da viabilidade e operacionalidade em relação a esse fenômeno, ou seja, debruçar-se sobre as experiências existentes, analisando os obstáculos que dificultam a operacionalização do que vem sendo apontado como premissa no debate teórico. É fundamental uma aproximação entre teoria e prática, pois há uma relação intrínseca e dialética entre ambas.

Os alertas de CandiOTTO são pertinentes no debate sobre turismo sustentável. É preciso avançar, buscando mais constatações empíricas de experiências turísticas que buscam ou que já praticam a sustentabilidade, pois, como diz o autor, é com base na experiência que as teorias devem ser afirmadas ou refutadas, pois a teorização deve estar vinculada à realidade.

Princípios do Turismo Sustentável

No planejamento do turismo em nível local, alguns princípios são apresentados como parâmetros na busca do desenvolvimento do turismo sustentável. Para a OMT (2001), ao efetivar o processo de planejamento, o planejador local pode usar os princípios como regras básicas, tentando incorporar às políticas adotadas uma visão do turismo a longo prazo. A Organização (2003) ressalta ainda que os planos turísticos baseados nos princípios sustentáveis só podem ser implementados se receberem apoio político e se houver um comprometimento

das partes envolvidas. Os princípios difundidos pela Conferência de Globo'90 Brasil e OMT (OMT, 2001, p.247; 2003, p.24) são:

1. O planejamento do turismo e seu desenvolvimento devem ser parte das estratégias do desenvolvimento sustentável de um país, região, estado ou município, de modo a não gerar sérios problemas ambientais ou socioculturais para a área turística. Deve haver o envolvimento da população local, governo, empresários e outros interessados na atividade;
2. O turismo deve distinguir os lucros de forma equitativa entre os promotores de turismo e a população local;
3. *Trade* turístico, associações, grupos e indivíduos devem seguir princípios éticos que respeitem a cultura e o meio ambiente da área, da economia e do modo tradicional de vida, do comportamento da comunidade e dos princípios políticos;
4. Um alto nível de satisfação dos turistas é importante ser mantido para que os lugares turísticos conservem seu valor de mercado e sua popularidade e, conseqüentemente, sua sustentabilidade econômica.

Fennell (2002, p.33) destaca os princípios norteadores do turismo sustentável descritos por *Tourism Concern* (1992) como: a) manter e promover a diversidade natural, social e cultural é essencial para o turismo sustentável de longo prazo; b) o *marketing*, que proporciona informações completas e, com responsabilidade, aumenta o respeito e a satisfação dos turistas com relação ao destino visitado; e c) o turismo que apoia amplamente as diversas atividades econômicas locais e que respeita os custos/valores ambientais, protege essas economias e evita a degradação do meio ambiente. Outros princípios relatados na obra desse autor também são evidenciados pela OMT (2001, 2003):

- a. A conservação e o uso sustentável dos recursos naturais, históricos, culturais e outros voltados ao turismo é fundamental para que continuem a ser utilizados no futuro e garantir os negócios a longo prazo, bem como sem deixar de trazer benefícios para a sociedade atual;
- b. As comunidades locais devem se envolver no planejamento e no desenvolvimento do setor turístico, pois a atividade traz benefícios não só a elas e ao meio ambiente em geral, mas também melhora a qualidade da experiência do turismo;
- c. O treinamento de equipes que integram o turismo sustentável além do recrutamento de pessoal local, a realização de pesquisa e análise contínuas e a comunicação da natureza do turismo, especialmente para os moradores do local, assim como o

monitoramento da atividade turística é essencial para a resolução de problemas e melhora a qualidade do produto turístico.

No Brasil, diversas organizações vêm pesquisando e analisando formas de operacionalizar o desenvolvimento sustentável no turismo, como o Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável, que propõe sete princípios técnicos (BRASIL, 2008):

1. Respeitar a legislação vigente: o turismo deve respeitar a legislação em todos os níveis no país, bem as convenções internacionais;
2. Garantir os direitos das populações locais: o turismo deve ter como foco a responsabilidade social, ambiental e equidade econômica, incluindo a defesa dos direitos humanos de uso da terra, mantendo ou ampliando, a médio e longo prazos, a dignidade dos trabalhadores e das comunidades receptoras;
3. Conservar o meio ambiente natural e sua diversidade: o turismo deve promover práticas de mínimo impacto sobre o ambiente natural, através de monitoramento constante, de forma a contribuir para a manutenção das dinâmicas e dos processos naturais e seus impactos paisagísticos, físicos e biológicos, considerando o contexto social e econômico;
4. Considerar o patrimônio cultural e os valores locais: No desenvolvimento do turismo o respeito ao patrimônio histórico e cultural das localidades anfitriãs é imprescindível, devendo ser planejado, implementado e gerenciado em harmonia com as tradições e valores culturais;
5. Estimular o desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos: o turismo deve contribuir para o fortalecimento das economias locais, a qualificação das pessoas, a geração crescente de trabalho, emprego e renda e o fomento do empreendedorismo turístico;
6. Garantir a qualidade dos produtos, processos e atitudes: o turismo deve avaliar a satisfação dos turistas e adotar padrões de qualidade nos serviços prestados;
7. Estabelecer o planejamento e a gestão responsáveis: o turismo deve estabelecer procedimentos éticos de negócios, visando engajar a responsabilidade social, econômica e ambiental de todos os envolvidos no fenômeno turístico, ou seja, incrementando o comprometimento de todos em assuntos de sustentabilidade, desde o planejamento até os processos de gestão e monitoramento.

Segundo Swarbrooke (2000a, p.21), os princípios estão mais ligados a procedimentos do que aos resultados, pois, de fato, dizem pouco sobre como poderia ser o turismo sustentável, com base na realidade e em regiões específicas. Porém, o autor considera-os muito úteis no

apoio à gestão do turismo sustentável e destaca, em especial, alguns dos princípios apresentados no trabalho de Bramwell *et al.* (1996): a) o turismo sustentável, geralmente, não é contra o crescimento, mas é limitado e deve ser administrado dentro desses limites; b) a preocupação na gestão do turismo sustentável não é apenas ambiental, mas também econômica, social, cultural, política e administrativa; c) todos os participantes precisam ser consultados e imbuídos de poder para tomarem decisões na área de turismo, e também precisam estar informados sobre questões de desenvolvimento sustentável e conciliar interesses potencialmente conflitantes; e d) o turismo sustentável enfatiza a importância de satisfazer necessidades e aspirações humanas, o que implica uma preocupação notória com igualdade e justiça.

Conforme o exposto, presume-se que a abordagem sobre os princípios, seja ela discutida no contexto do turismo sustentável, turismo responsável ou outra denominação que venha a ser estabelecida pelos diversos autores, necessariamente, deveria passar por todos os segmentos envolvidos direta e indiretamente com a atividade turística, pois só assim pode-se vislumbrar a garantia da sustentabilidade do turismo.

SUSTENTABILIDADE NA CONCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS

O que é Sustentabilidade para os Moradores de Santarém

A partir dos dados realizados pelo Iramuteq com relação as respostas fornecidas pelos moradores de Santarém, o corpus geral foi constituído por 82 textos, ou seja, 82 respostas (total de respondentes de 138), separadas em 82 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de apenas 36 textos classificados (43,9%), sendo insuficiente para realizar a análise a partir da CHD. Obteve-se 919 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), dessas 331 são palavras distintas que aparecem no texto, sendo que 205 (61,93%) aparecem uma única vez no corpus. A Figura 40 é apresentada em nuvem, cujas palavras mais evocadas pelos entrevistados foram: natureza (20 vezes) e meio ambiente (18 vezes).

Figura 40 – Análise do corpus temático “O que é Sustentabilidade de acordo com os moradores de Santarém”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018)

As falas dos moradores de Santarém representam a percepção que os mesmos têm sobre o conceito de sustentabilidade como algo que deva utilizar os recursos da natureza de maneira que se mantenha a disponibilidade dos mesmos para as futuras gerações, conforme pode-se observar abaixo:

- P. 12: “Manter e fazer uso de alguma coisa no sentido de permanecer para as próximas gerações”.
- P. 24: “Ato de você cuidar de algo que é natural que precisa ser preservado para as próximas gerações”.
- P. 28: “Maneira de interagir com natureza, é o cuidar da natureza”.
- P. 52: “Trabalhar a natureza de maneira sustentável”.
- P. 56: “Utilizar os recursos que a natureza lhe oferece de forma que todos possam usufruir desses benefícios”.
- P. 63: “Utilizar a natureza e que não vá usar os recursos que não degrade ou que não seja tão desestabilizado”.
- P. 67: “Promover os recursos naturais que usamos hoje para manter para as próximas gerações”.
- P. 75: “Maneira de explorar recursos naturais que não prejudique a natureza desenvolvendo a compensação na natureza”.

Também, observa-se que as falas dos entrevistados estão direcionadas ao meio ambiente utilizável como meio de sustentação, porém algo que deva ser preservado:

- P. 03: “A forma que me sustento tipo alguns moradores da vila trabalham com o turismo”.
- P. 09: “Fazer o uso comum que não gere prejuízo ao meio ambiente na sociedade em comum”.
- P. 14: “Usufruir daquilo que está usando e tipo cuidado e não deixando que nada como lixo resíduos tem a ver com a forma de sustento com o que trabalho e como trabalho”.
- P. 15: “Preservar o meio onde eu tiro o sustento para minha sobrevivência e de minha família”.
- P. 20: “Tem a ver com o clima e o meio ambiente”.
- P. 27: “Usar o turismo, é não degradar o meio ambiente”.

De acordo com a análise realizada a partir das respostas dos entrevistados, a conceituação de sustentabilidade está relacionada à satisfação das necessidades futuras, a partir do comprometimento humano. As falas dos pesquisados confirmam essas afirmações:

- P. 18: “São ações ou atividades humanas que visam suprir as necessidades sem comprometer o futuro das próximas gerações”.
- P. 24: “São ações e atividades que gere auto sustentação, suprir as necessidades sem comprometer a vida das futuras gerações”.
- P. 42: “Satisfazer nossas necessidades atuais sem comprometer o futuro”.
- P. 54: “Equilíbrio entre atores e espaços dedicados a diferentes atividades”.
- P. 77: “Um projeto que deve durar para o futuro”.
- P. 85: “Desenvolver atividades humanas sem comprometer o futuro não destruindo a natureza”.

Percebe-se, principalmente, na compreensão de sustentabilidade pelos entrevistados 18 e 24 uma noção próxima à que os autores e instituições preconizam, tendo na consideração das necessidades essenciais à sobrevivência um dos seus componentes-chaves, o qual deveria ser prioridade na agenda de todos os países (DIAS, 2003).

Observa-se, também, que segundo os entrevistados, sustentabilidade está relacionada à preservação do meio ambiente, como elucidam as seguintes falas:

- P. 03: Retirar da natureza o necessário para o sustento sem deprestar o meio ambiente”.
- P. 11: “Quando uma pessoa tira seu sustento da natureza sem destruir o meio ambiente”.
- P. 12: “É conviver com o meio e retirar sustento sem destruir o meio ambiente”.
- P. 13: “É ter consciência que devemos preservar a natureza”.
- P. 20: “Preservação da natureza e meio ambiente”.
- P. 41: “A capacidade de nos mantermos em um ambiente sem causar impacto preservando e cuidando”.
- P. 47: “Preservar principalmente o meio ambiente mantendo a natureza o mais natural possível”.
- P. 92: “A capacidade do ser humano interagir com o mundo procurando preservar o meio ambiente”.
- P. 97: É quando o ser humano faz algo sem agredir o meio ambiente oferecendo algum tipo de serviço fabricar produtos preservando o meio ambiente”
- P. 110: “Preservar a natureza sem destruir nada”.

Assim como alguns moradores de Santarém, para alguns turistas a preservação do meio ambiente deve ser respeitada, quando se trata de conceituar sustentabilidade. Embora não demonstrem clareza das distinções entre preservar e conservar — a conceituação fica para a academia —, os entrevistados têm a percepção de que algo precisa ser mantido para as futuras gerações. Em regra, se expressam no plano do empírico, ressaltando que o fundamental é saber o correto e praticar o correto para alcançar a sustentabilidade, principalmente, do turismo.

Os entrevistados elucidam ainda os recursos naturais, sua conservação para as futuras gerações, e as relações buscadas de harmonia e equilíbrio entre o homem e a natureza. Tem-se como as principais falas que afirmam tais constatações:

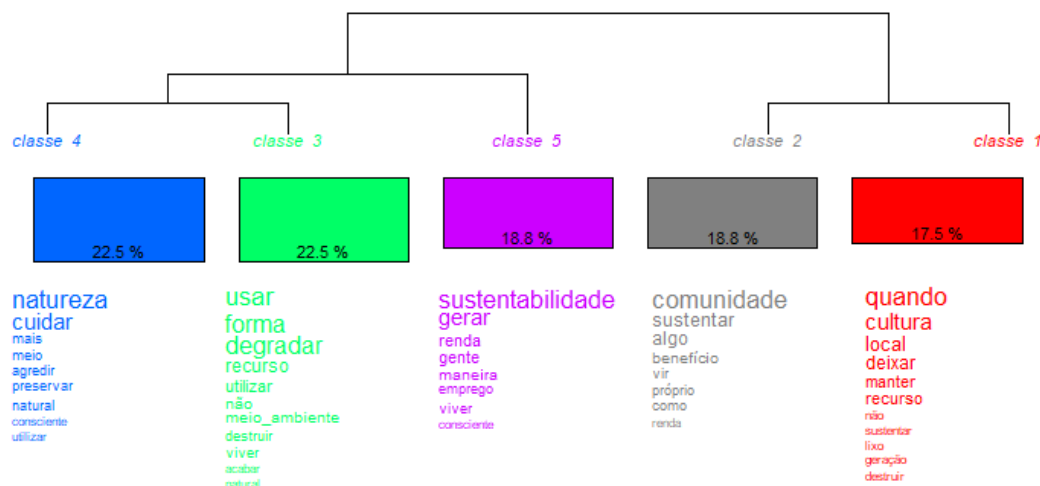
- P. 01: “Exploração dos recursos naturais de modo que não atrapalhe sua renovação”.
- P. 14: “Tentar promover o equilíbrio ecológico já desequilibrado pelo mal uso do homem”.
- P. 17: “É a harmonia entre o homem e a natureza e o planeta”.
- P. 23: “Usar sem destruir, aproveitar os recursos da natureza conscientemente”.
- P. 32: “Proteger os recursos naturais para as futuras gerações”
- P. 36: “Utilizar recursos naturais com equilíbrio para não afetar futuras gerações”.
- P. 37: “Desenvolvimento ou uso dos recursos pela população local sem comprometimento dos recursos para as futuras gerações”.
- P. 44: “Utilizar os recursos naturais de forma responsável, a fim de que sejam preservados e permaneçam economicamente viáveis para a população”.
- P. 57: “Equilíbrio entre os meios sociais, ambientais e econômicos”.
- P. 60: “Uma palavra muito surrada e pouco posta em prática, para mim significa usar os recursos naturais de forma que permite a renovação”.
- P. 72: “Poder sobreviver em consonância e equilíbrio com a natureza”.
- P. 79: “Equilíbrio homem e natureza”.
- P. 94: “Está em harmonia com a natureza protegendo e conservando”.

A fala do entrevistado 60 é bastante contundente e se aproxima do que Becker (2007) e Banerjee (2006) enfatizam em relação à sustentabilidade, termo que se tornou bandeira de todos e manipulada, tanto pela imprensa quanto na literatura acadêmica.

O que é Sustentabilidade para os Moradores de Alter do Chão

As observações dos respondentes foram analisadas a partir da CHD. Foram gerados 111 textos (total de 279 entrevistados), separados em 111 ST, com aproveitamento de 80 textos classificados (72,07%). O número de ocorrências é de 1.126, sendo que 367 são palavras distintas e 223 (60,76%) aparecem uma única vez. Foram gerados 3 eixos, categorizados em 5 classes: Classe 1, com 14 ST (17,5%); Classe 2, com 15 ST (18,8%); Classe 3, com 18 ST (22,5%); Classe 4, com 18 ST (22,5%); Classe 5, com 15 ST (18,8%) (Figura 42).

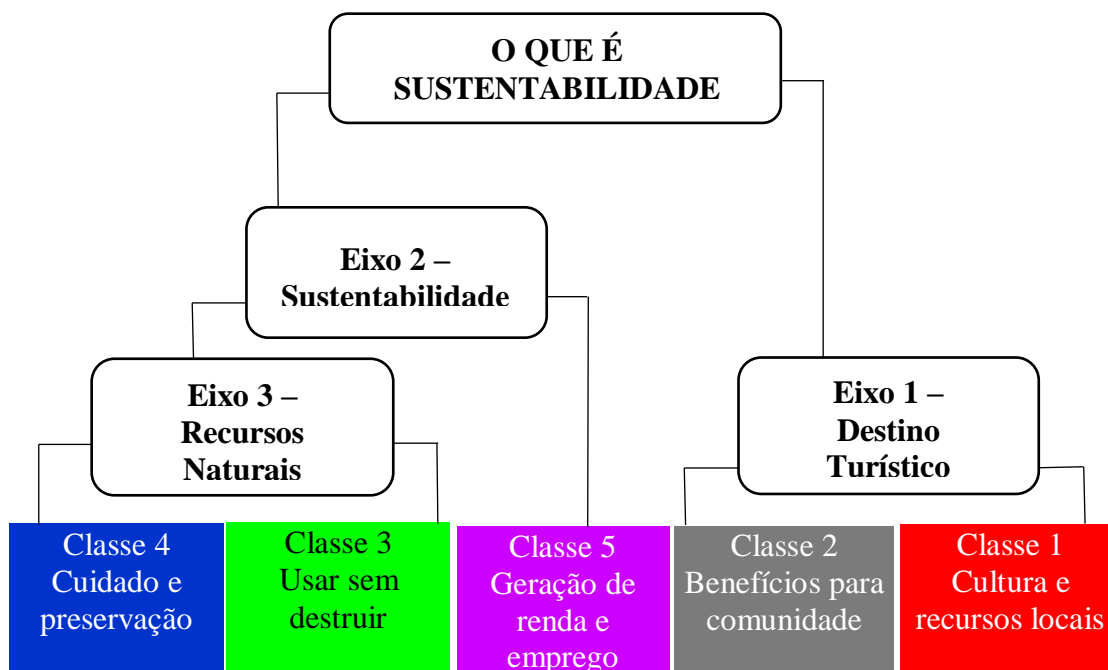
Figura 42 – Análise do corpus temático “O que é sustentabilidade de acordo com os moradores de Alter do Chão”



Fonte: Dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

Pode-se visualizar as classes emergidas na Classificação Hierárquica Descendente, com a nomeação dos eixos e classes na figura 43.

Figura 43 – Categorizações a partir do corpus temático “o que é sustentabilidade de acordo com os moradores de Alter do Chão”



Fonte: Elaborado pela autora a partir do dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

No eixo 1, as conceituações de sustentabilidade estão voltadas para o destino turístico visitado, contemplando a cultura e os recursos locais, bem como os benefícios gerados para a comunidade. Em suma, os resultados podem ser visualizados de acordo com os relatos dos respondentes abaixo:

- P. 05: “Lucro que o pessoal deixa na comunidade”.
- P. 09: “Usar os recursos que você tem em relação à cultura, economia local de maneira responsável”.
- P. 23: “Sustentar aquilo que ainda resta manter, aquele pouquinho para que não acabe, continuar com o que os antepassados deixaram para os filhos e netos, preservar a cultura”.
- P. 38: “Algo em benefício que vem para manter na comunidade como emprego para evoluir a comunidade, tanto para o meio ambiente como para a população”.
- P. 42: “Cultura que se consome”.
- P. 57: “Manter o povo no local de origem se sustentando do seu habitat”.
- P. 68: “Quando uma comunidade se sustenta com seus próprios recursos”.
- P. 72: “Modo de não deixar a cultura local morrer”.
- P. 89: “Comunidade se desenvolver do turismo e a comunidade se sustentar com o turismo porque a renda da comunidade aumenta com aumento do turismo”.

O eixo 2 está mais relacionado à própria palavra sustentabilidade, como consequência de geração de renda e emprego, conforme se observa nas seguintes falas dos entrevistados:

- P. 08: “Maneira de viver trabalhar em sociedade com financeiro e sociedade autossustentável”.
- P. 27: “Maneira de gerar renda de forma consciente preservando a natureza”.

- P. 32: “Fonte de renda para a gente né”
 P. 50: “Viver da sustentabilidade como usar as sementes para fazer artesanato”.
 P. 73: “Gerar emprego e renda sem agredir o meio ambiente”.
 P. 76: “As pessoas que vem para Alter do chão para consumir e isso gera sustentabilidade usar sem degradar o meio ambiente”.
 P. 90: “Nós sempre tínhamos roça antes e tudo que a gente plantava era para gente se sustentar próprio sem acabar, é viver consciente que a maneira que a gente precisa também e depois de amanhã também fazer o manejo consciente”.
 P. 96: “Renda que sustenta aquele lugar através do trabalho, quanto mais emprego mais sustentabilidade”.

O eixo 3 ressalta o conhecimento acerca do que é sustentabilidade, indicando uma ideia geral de usar sem destruir e de cuidar e preservar os recursos naturais:

- P. 10: “Trabalho com algo que não degrade o meio ambiente e te traga benefícios”.
 P. 14: “Utilizar natureza sem agredir sem desmatar”.
 P. 19: “Usar recursos com responsabilidade”.
 P. 22: “Forma de evolução sem agredir o meio ambiente”.
 P. 31: “Usar de forma consciente para não acabar”.
 P. 34: “Maneira que você pode lucrar, mas cuidando do meio ambiente”.
 P. 36: “A gente vive com a natureza sabendo usufruir dela sem acabar, com ela tem o recurso e de forma sustentável”.
 P. 41: “Usar os recursos naturais, visando o futuro para usar e cuidar para gerações futuras”.
 P. 49: “Cuidar de uma árvore para depois colher os frutos”.
 P. 52: “Você tentar se manter com que tem sem agredir a natureza”.
 P. 104: “Procurar preservar para que nossos filhos e netos usufruam da natureza, resumindo é a preservação para futuras gerações”.
 P. 111: “É utilizar a natureza, mas cuidar para não desmatar”.

Nas falas dos moradores de Alter do Chão, percebe-se que suas noções de sustentabilidade estão muito voltadas para suas vivências na própria localidade, para o que observam como sendo retorno do turismo, principalmente, renda e emprego. Também, responsabilidade, forma consciente e cuidado foram frequentemente citados pelos entrevistados, bem como a utilização da natureza, mas de maneira cuidadosa. Nesse sentido, Muganda, Sirima e Ezra (2013) afirmam que a sustentabilidade do desenvolvimento do turismo baseado na natureza nos países menos desenvolvidos está, de certa forma, nas mãos das comunidades locais.

O que é Sustentabilidade para os Empreendedores Turísticos de Alter do Chão

Este resultado é apresentado em imagem de nuvem de palavras porque a classificação hierárquica descendente (CHD) não foi gerada pelo programa Iramuteq, provavelmente porque, como em outras questões da pesquisa, as respostas sejam muito variadas para o programa executar a análise e o aproveitamento dos textos inferior a 70%. As palavras mais evocadas

pelos empreendedores foram: turismo (9 repetições); natureza (5); tirar (5); turista (5); sustentabilidade (4); utilizar (4); sustento (4); comunidade (4); viver (4); local (4) (Figura 44).

Figura 44 – Análise do corpus temático “O que sustentabilidade de acordo com os empreendedores turísticos”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Algumas de suas declarações, abaixo apresentadas, permitem verificar ênfases atribuídas pelos entrevistados:

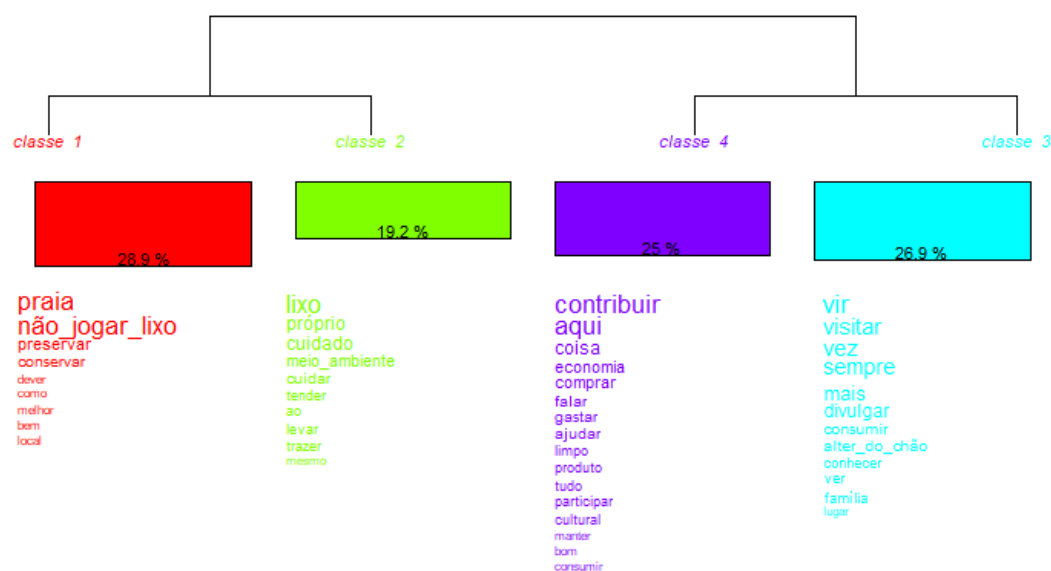
- P. 04: “Meio de sustento para Vila, o meio que pode ajudar os donos de pousadas, hotéis”.
- P. 05: “Tira sustento para sua sobrevivência e dentro do turismo está nossa sustentabilidade”.
- P. 10: “O que o lugar oferece para o turista”.
- P. 11: “Ensinar o turista o que deve fazer, por exemplo, plantar árvores, deixar o que é bom e não ruim.”.
- P. 14: “O que está fazendo aqui, vivendo tem uma renda, ter como manter um padrão de sustentabilidade”.
- P. 18: “Meio de a pessoa tirar seu sustento.”.
- P. 28: “Inclusa no turismo, pois é uma fonte de renda que traz para comunidade.”.
- P. 29: “Pessoas que vivem do trabalho do turismo”.
- P. 40: “Utilizar de meios para ajudar o meio ambiente em que vivemos sem agredir”.
- P. 42: “Utilizar os elementos que a natureza produz e retirar uma renda disso”.

Constata-se também, que para os empreendedores turísticos, a sustentabilidade está muito relacionada ao próprio local e ao desenvolvimento do turismo como meio que beneficia, principalmente, donos de pousadas e hotéis.

Contribuição para a Sustentabilidade do Turismo em Alter do Chão, segundo os Moradores de Santarém

As respostas foram analisadas a partir da Classificação Hierárquica Descendente. Foram gerados 129 textos (ou seja, 129 pessoas responderam, do total de 138 entrevistados), separados em 129 ST, com aproveitamento de 104 textos classificados (80,62%). O número de ocorrências é de 1.140, sendo que 434 são palavras distintas e 279 (64,29%) aparecem uma única vez. Foram gerados 2 eixos, categorizados em 4 classes: Classe 1, com 30 ST (28,8%); Classe 2, com 20 ST (19,3%); Classe 3, com 28 ST (26,9%); Classe 4, com 26 ST (25%) (Figura 45).

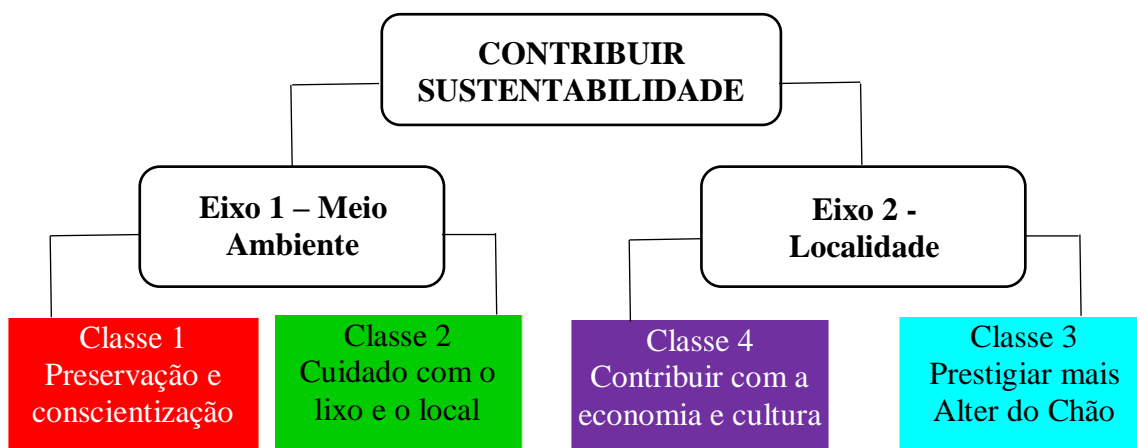
Figura 45 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão, segundo os moradores de Santarém”



Fonte: Dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

Os eixos e classes podem ser observados na figura 46.

Figura 46 – Categorizações a partir do corpus temático “contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os moradores de Santarém”



Fonte: Elaborado pela autora a partir do dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

No eixo 1, constata-se que a contribuição dos respondentes está voltada para a preservação, a conscientização e o cuidado com o meio ambiente no destino visitado.

- P. 09: “Cuidando melhor do ambiente, cada um cuidando do seu lixo, preservando o local onde você está”.
- P. 11: “Conservar e preservar o meio ambiente que a praia oferece”.
- P. 16: “Não sujando a praia”.
- P. 24: “Preservando, assim os pontos de turismo como praia, lagos e morros, etc. deixando bem conservado, recolhendo lixo de volta”.
- P. 37: “Cuidando e sensibilizando minha família e amigos fazerem o mesmo”.
- P. 44: “De certeza preservando este lugar maravilhoso, o que temos aqui, a praia e a vegetação, quanto mais preservada será melhor para nossos filhos e netos”.
- P. 48: “Levando lixo que eu produzo de volta ou destinando a local próprio”.
- P. 96: “Preservando, não jogar lixo na praia”.
- P. 108: “Cuidando, protegendo a natureza, juntando lixo”.

Mais uma vez, as falas enfatizam os recursos naturais do local e manifestam preocupação com o lixo que se acumula na Vila.

No eixo 2, as contribuições que podem ser feitas para a sustentabilidade do turismo, de acordo com os entrevistados, estão relacionadas à economia e à cultura de Alter do Chão, e se traduziriam em ações visando a prestigiar mais a localidade, divulgando-a, para que mais pessoas possam visitá-la e conseqüentemente, consumir seus produtos, conforme os relatos abaixo:

- P. 04: “Andando nas catraias, almoçando, ou seja, consumido aqui”.
- P. 07: “Eu acho que é comprando as coisas daqui devolver na economia, ajudando no artesanato da comunidade e comprando tanto roupa como chocolate”.
- P. 12: “Vindo mais vezes fazendo divulgação”.
- P. 27: “Comprar as coisas das barraquinhas, indo na catraia, contribuindo com a economia da vila”.
- P. 36: “Sempre vindo aqui com a família e convido novas pessoas a conhecer este local”.
- P. 50: “Visitando cada vez mais o lugar, apresentando para as pessoas que ainda não vieram aqui”.
- P. 55: “Posso contribuir vindo mais vezes, participando das atividades culturais e consumindo”.
- P. 63: “Poderia contribuir, ao invés de trazer as coisas de Santarém, poderia consumir aqui”.
- P. 103: “visitando, consumindo de forma sustentável, apoiando cultura e as pessoas que moram aqui para movimentar economia”.

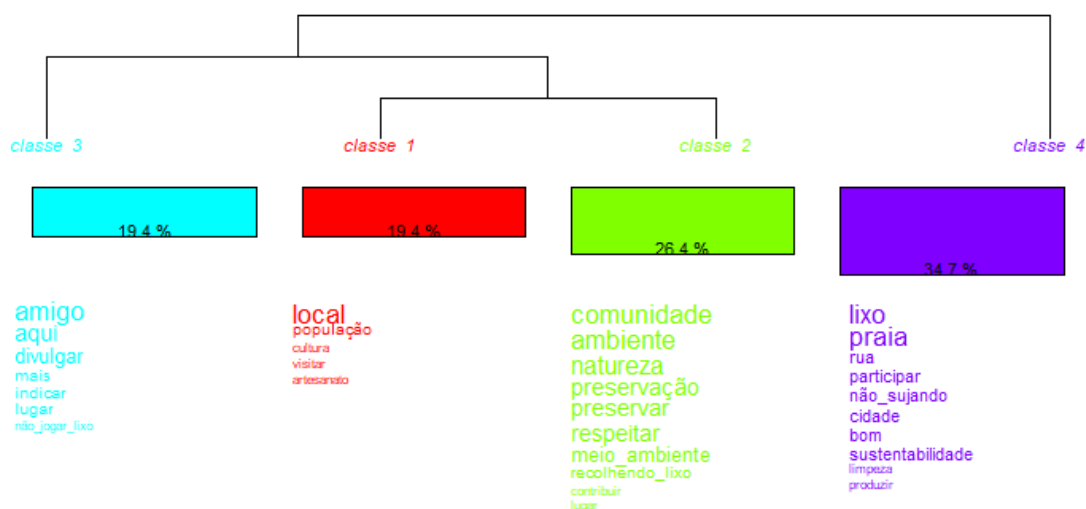
Observa-se que as falas dos entrevistados estão muito voltadas para o aspecto econômico do turismo, ou seja, eles percebem a sustentabilidade a partir de sua contribuição para o desenvolvimento econômico do local.

Quanto à fala do respondente 63, vale esclarecer que muitas pessoas que moram na cidade de Santarém, quando visitam Alter do Chão, optam por levar suas refeições, por variados motivos que não cabe aprofundar aqui, pois não é a finalidade deste estudo.

Contribuição para a Sustentabilidade do Turismo em Alter do Chão segundo os Turistas

A partir da análise dos dados foram obtidos 97 textos, bem como 97 ST, com aproveitamento de 72 textos classificados (74,23%). Foram 963 ocorrências registradas, sendo que dessas 431 são palavras distintas e 320 (74,25%) aparecem uma única vez no corpus. Foram gerados 3 eixos, categorizados em 4 classes: Classe 1, com 14 ST (19,4%); Classe 2, com 19 ST (26,4%); Classe 3, com 14 ST (19,4%); Classe 4, com 25 ST (34,7%) (Figura 47).

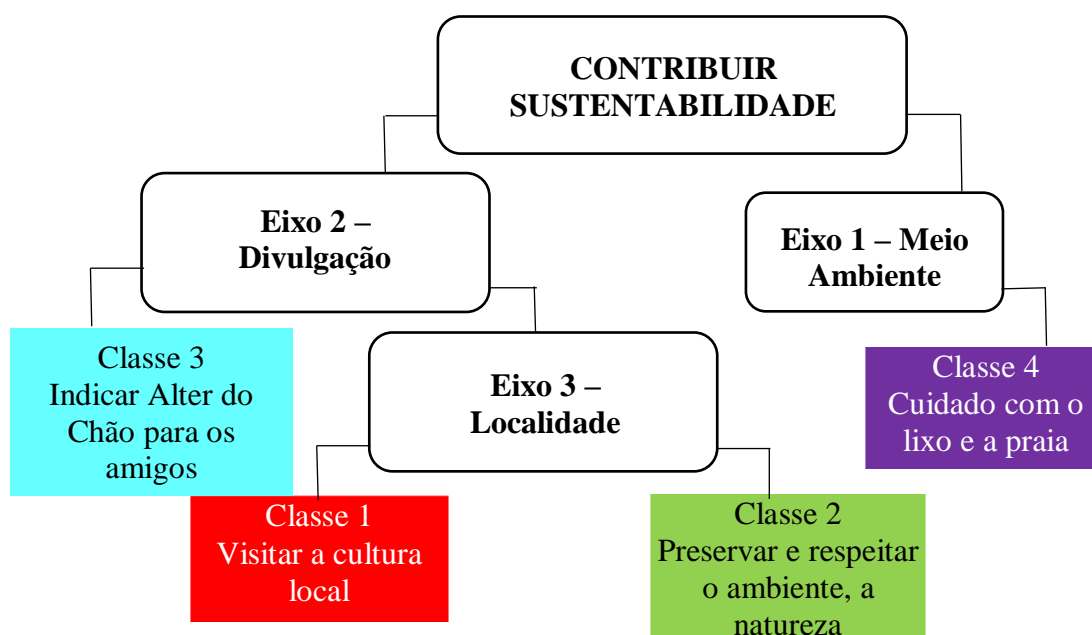
Figura 47 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os turistas”



Fonte: Dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

Os eixos e classes podem ser observados na figura 48.

Figura 48 – Categorizações a partir do corpus temático “contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os turistas”



Fonte: Elaborado pela autora a partir do dendrograma gerado pelo Iramuteq (2018)

A seguir destaca-se algumas declarações feitas pelos entrevistados, que ilustram o pensamento do grupo relacionado ao eixo 1.

- P. 08: “Contribuir com a limpeza da cidade e das praias”.
- P. 12: “Orientando as pessoas a não jogar lixo na rua e praia”.
- P. 14: “Não sujando praias e cidade, armazenando garrafas onde é indicado, entre outras coisas”.
- P. 19: “Evitando produzir lixo, cuidando dos espaços”.
- P. 20: “Não poluindo com o lixo por nós produzido”.
- P. 27: “Não sujando”.
- P. 28: “Sempre recolhendo meu lixo da praia”.
- P. 33: “Colocar nos hotéis e ruas coleta seletiva buscar forma de coleta nas praias exemplo manhã da ecologia catar lixo e definir brinde medalha ao coletor de mais volume”.
- P. 50: “Recolhendo lixo e os que encontro no meu caminho participando de palestras educativas para população me oferecendo para voluntariado”.
- P. 74: “Escolhendo opções que contribui com a sustentabilidade e fazendo minha parte com o lixo e bons costumes”.

No eixo 2 pode-se observar que as falas dos entrevistados estão direcionadas a divulgação de Alter do Chão como uma maneira de contribuir com a sustentabilidade do turismo no local.

- P. 03: “Divulgando o trabalho aqui realizado”.
- P. 13: “Indicando para familiares e amigos”.
- P. 16: “Divulgando para os amigos”.
- P. 25: “Divulgar a beleza do lugar a outros”.
- P. 64: “Vindo mais vezes e indicar para amigos parentes e outros”.
- P. 94: “Divulgando para pessoas bem intencionadas e trocando experiências com os trabalhadores e moradores daqui”.

Com relação ao eixo 3 tem-se as seguintes afirmações:

- P. 02: “Respeitando o ambiente de todas as formas”.
- P. 09: “Comprando produtos dos vendedores locais, artesanato, comida”.
- P. 10: “Preservando a natureza”.
- P. 18: “Não destruindo o meio ambiente”.
- P. 23: “Conservando o meio ambiente e respeitando os limites impostos pela natureza”.
- P. 32: “Visitando, gastando dinheiro na comunidade pelo turismo, ao mesmo tempo preservando e respeitando a natureza”.
- P. 45: “Prestigiando e contribuindo com a comunidade”.
- P. 56: “Ser consciente e ter responsabilidade de recolhendo lixo produzido e cuidar do ambiente em que passei”.
- P. 68: “Sendo incluído em oficinas que explicam a vida local e a tradição da região para o escritório de televisão”.
- P. 78: “Ajudar a manter cultura contribuindo no comércio local retribuindo com cuidados de limpeza educação”.
- P. 87: “Passando mais tempo no local para conhecer a cultura local, trabalhar em algum projeto social local”.

As falas dos entrevistados 06 e 88, apesar de não estarem diretamente relacionadas aos eixos acima especificados, chama atenção no sentido de que os mesmos se eximem da responsabilidade de contribuir com um turismo sustentável, por acreditarem ser de responsabilidade da comunidade e governo locais. Eles crêem que, como são pessoas que estão

apenas de passagem, não têm comprometimento com o local, não têm vínculos, portanto, não têm responsabilidades, como ilustram os discursos abaixo:

P. 06: “Esse papel não é do turista e sim a própria comunidade e ao governo local”.

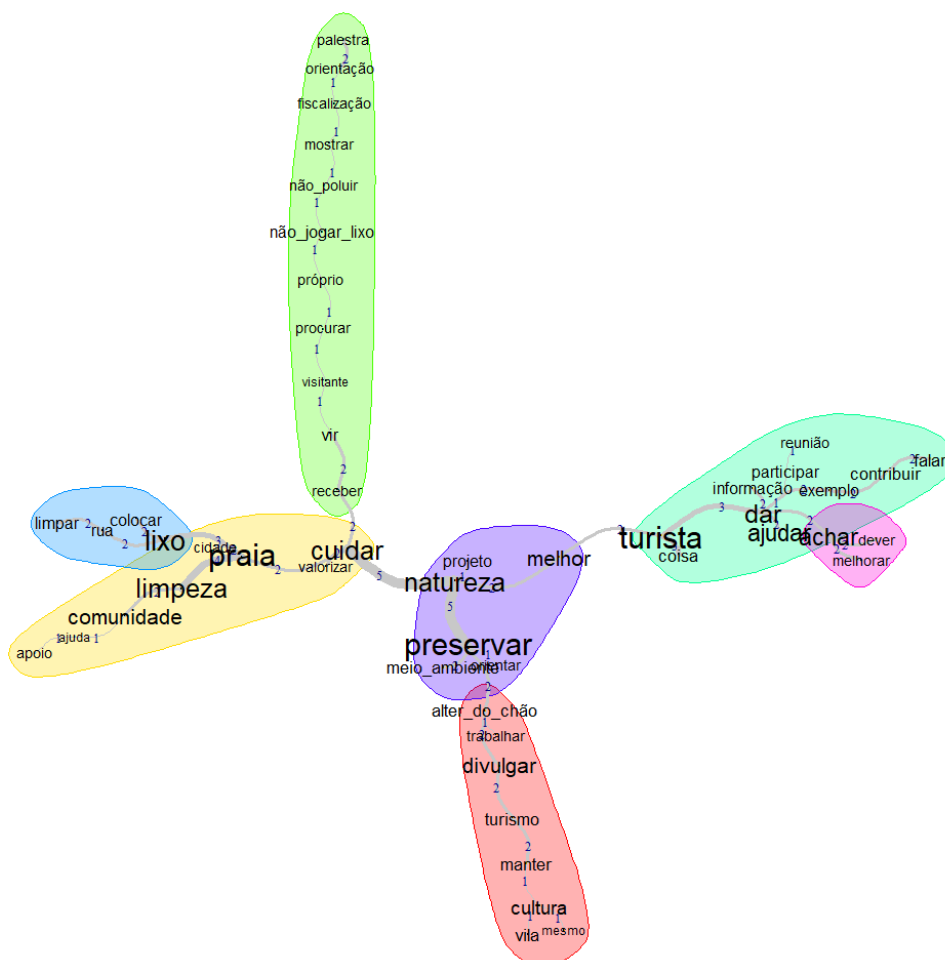
P. 88: “Acredito que a sustentabilidade é um conceito ligado a vivências continuadas, que não foi o meu caso”.

Cabe uma reflexão a esse respeito. Enquanto cidadãos, moradores de uma localidade, precisa-se ter conhecimentos e atitudes corretas perante o meio ambiente e toda a sociedade, buscando práticas que se enquadram em uma proposta de sustentabilidade. Portanto, quando se visita destinos turísticos, as atitudes e pensamentos devem ser os mesmos, e as responsabilidades também. Deste modo deve-se respeitar e valorizar cada destino, cada sociedade, cada povo, e contribuir sim para a sustentabilidade daquele ambiente, mesmo que seja apenas para não prejudicar.

Contribuição para a Sustentabilidade do Turismo segundo os Moradores de Alter do Chão

Obteve-se 127 textos gerados (ou seja, apenas 127 pessoas responderam à questão, do total de 279 entrevistados), separados em 127 ST, com aproveitamento de 65 textos classificados (51,18%), inferior a 70% de textos aproveitados. Sendo assim, o resultado é apresentado em análise de similitude. O número de ocorrências é de 1.124, sendo que 436 são palavras distintas e 289 (66,28%) aparecem uma única vez. Portanto, optou em demonstrar o resultado em análise de similitude que evidencia a conectividade entre os termos mais expressivos. As arestas ligam os termos que apresentam conexão, cuja importância é contabilizada pela soma dos números sobre as arestas, os quais indicam as vezes em que houve ocorrência destes termos em uma mesma frase. Os termos de maior conectividade foram: “praia”, “turista”, “preservar”, “limpeza”, “lixo”, “cuidar”, “natureza” (Figura 49).

Figura 49 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os moradores de Alter do Chão”



Fonte: Análise de similitude gerado pelo Iramuteq (2018)

Referente à natureza de Alter do Chão, refere-se aos cuidados com as praias e o lixo, que os entrevistados podem ter para, assim, contribuírem com a sustentabilidade do turismo no destino. As declarações abaixo reproduzidas elucidam o resultado demonstrado:

- P. 01: “Fazer um mutirão para limpeza”.
- P. 24: “Limpeza na praia e orla”.
- P. 52: “Preservar, falar e até para os próprios moradores não jogar lixo nas praias”.
- P. 56: “Fazer limpeza nas praias, na comunidade, no cemitério”.
- P. 94: “Ter mais cuidado para não poluir as praias”.
- P. 105: “Tratando o lixo orgânico 100% eu planto e uso as minhas garrafas pet que recolho das ruas e atualmente estou juntando sacolinhas para confeccionar um Puff para reutilizar”.
- P. 159: “Colocar umas placas para não jogar lixo”.
- P. 162: “Colocar plaquinha, recolher o lixo quando for à praia”.
- P. 203: “Fazendo limpeza na cidade, na praia, no igarapé que deixam bastante lixo”.
- P. 243: “Fazendo minha parte, separando meu lixo, não desmatando, falando na escola com as crianças”.
- P. 275: “Menos lixo na rua e mais informações para os turistas”.

Os entrevistados também afirmaram que podem contribuir com a sustentabilidade do turismo no destino visitado, ajudando e divulgando o local, além de preservar e cuidar.

- P. 04: “Ajudando as lideranças a concentrar as coisas no lugar”.
- P. 27: “Dando informação para os turistas”.
- P. 33: “Evitar destruir, cuidar da natureza, proibir destruição”.
- P. 49: “Mostrar para eles não sujar, preservar”.
- P. 53: “Preservando a natureza em geral”.
- P. 59: “Fazendo cartaz, ajudando os colaboradores”.
- P. 96: “Preservando, porque se não vai acabar.”.
- P. 125: “Cuidando da natureza”.
- P. 222: “Acho que divulgando o local e ajudando”.
- P. 274: “Ajudar no acolhimento como guia, dando informações”

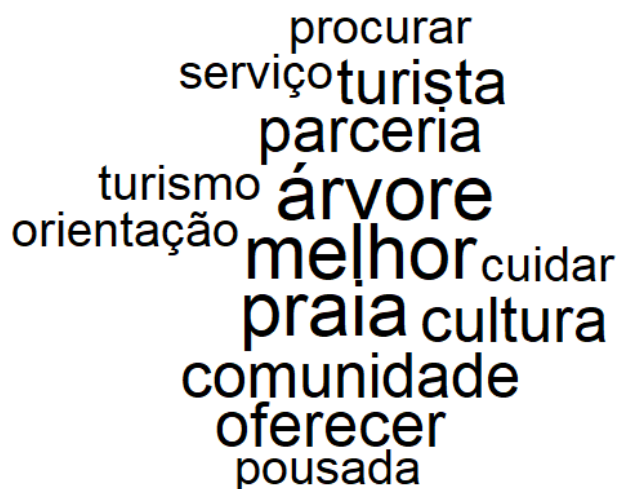
Kaplan (2015) relata que, em um contexto de sustentabilidade, um alto nível de participação da comunidade é importante para realizar as necessidades básicas e as expectativas da comunidade sobre seu ambiente de vida.

Contribuição para a Sustentabilidade do Turismo segundo os Empreendedores Turísticos de Alter do Chão

Aos empreendedores turísticos de Alter do Chão foi feita a seguinte pergunta: “Como seu empreendimento pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?” O resultado, baseado em respostas muito variadas, é apresentado em imagem de nuvem de palavras, pois a classificação hierárquica descendente (CHD) não foi gerada pelo programa Iramuteq. Obteve-se 40 textos gerados (ou seja 40 empresários responderam à questão, do total de 43 entrevistados), separados em 40 ST. O número de ocorrências é de 417, sendo que 237 são palavras distintas e 178 (75,11%) aparecem uma única vez.

As palavras mais enunciadas pelos entrevistados correspondem a: árvore (5 vezes repetida); praia (5); melhor (5); oferecer (4); turista (4); cultura (4); comunidade (4); parceria (4) (Figura 50).

Figura 50 – Análise do corpus temático “Contribuição para a sustentabilidade do turismo, segundo os empreendedores turísticos”



Fonte: Nuvem de palavras gerado pelo Iramuteq (2018).

Os principais discursos dos empreendedores são apresentados a seguir, revelando alguns argumentos usados sobre como seu empreendimento pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão.

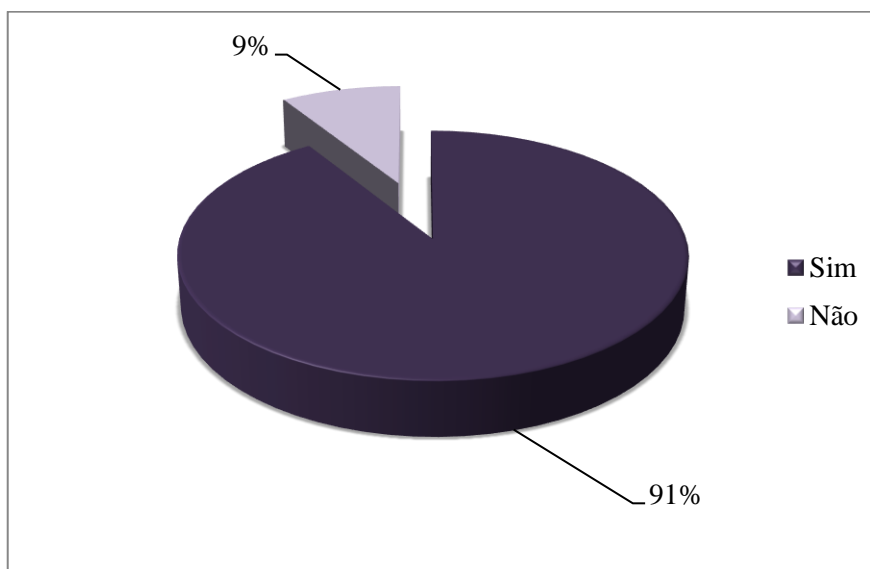
- P. 10: “Cuidando melhor da natureza, da praia, coletar lixo nas praias”.
- P. 13: “Combinar com algumas pessoas para elevar o turismo, fazer parcerias”.
- P. 14: “Oferecendo o melhor, atendimento, acolhimento”.
- P. 21: “Tratar bem os clientes, turistas, plantar árvores na praia”.
- P. 24: “Cuidar das árvores fazendo caixote em volta das árvores para as folhas caírem e adubarem as árvores”.
- P. 25: “Reflorestamento, empregar pessoas, gera redistribuição de renda”.
- P. 26: “Fazendo o que sempre faço, divulgando o destino e promovendo a parceria local com vistas a qualidade dos serviços”.
- P. 31: “Sugerindo com parceria pública e privada”.
- P. 34: “Colocar mais placas, coletor seletivo, colocar novas árvores, até quem sabe uma horta”.
- P. 37: “Fazendo parceria com o produtor local, comprar mais daqui, usar menos importado, capacitar e recrutar o pessoal local”.
- P. 41: “Reorganizando as associações da comunidade que comunitários tinham o poder de decisão, participativo”.

As duas questões a seguir, referem-se somente aos empreendedores turísticos e dizem respeito a ações desenvolvidas em seus estabelecimentos que estejam próximas aos princípios e às práticas de gestão sustentáveis.

Emprego de mão de obra local

Foi perguntado aos respondentes da pesquisa se empregam mão de obra local. A absoluta maioria, de 91% dos entrevistados, declarou que emprega mão de obra da própria localidade (Gráfico 25).

Gráfico 25 – Emprego de mão de obra local



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Para os que responderam positivamente, foi questionado: quantos % são de Alter do Chão, no total de quantos empregados? Nota-se no quadro 9 que a quantidade de nativos da localidade empregados nos estabelecimentos pesquisados varia consideravelmente, até por conta do fenômeno da sazonalidade que ocorre em Alter do Chão.

Quadro 9 – Quantidade de funcionários que cada empreendimento possui, de acordo com os entrevistados

Resp.	Mão de obra	Resp.	Mão de obra
01	02 pessoas	22	05 (02- família; 03- carteira assinada)
02	04 (família)	23	02 (família)
03	02	24	8 (01- família; 07- diaristas)
04	02 (família)	25	11 (2- família; 09- diaristas)
05	02 a 03 (terceirizados)	26	25
06	02 (01- família; 01- diarista)	27	10 (02-família).
07	02 (01- carteira assinada; 01 presta serviços)	28	6 pessoas (3- família; 03 comissões)
08	05 (3- família; 2- diaristas)	29	6 (2- família)
09	06 (família)	30	07 (04- família)
10	01 (diarista)	31	08 (carteira assinada)

11	08 (03- família; 05- carteira assinada)	32	15 (03- carteira assinada)
12	12 a 14 pessoas (carteira assinada) + 01- família	33	6 (01- família; 03- diaristas; 2- comissões)
13	03 (2- carteira assinada; 1- diarista	34	04
14	06 (04- família; 2- prestam serviços)	35	06
15	15 (02- família; 06- comissão; 03- carteira assinada e 4 prestam serviços	36	03 (01- carteira assinada; 02- manutenção temporária
16	12 (07- carteira assinada; 05- prestam serviços	38	10 (01- família)
17	8 (02- carteira assinada; 06- prestam serviços.	40	6 (família)
18	02 (01- família; 01- presta serviço)	41	03(01- baixa temporada; 02- alta- carteira assinada)
19	6 (01-família; 05- diaristas	42	3 (baixa temporada); 05 a 06 (alta temporada)
20	10 a 6 – prestam serviços	43	4 (família)
21	6 (diarista)		

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Destaca-se que os entrevistados 37 e 39 não responderam ao questionamento.

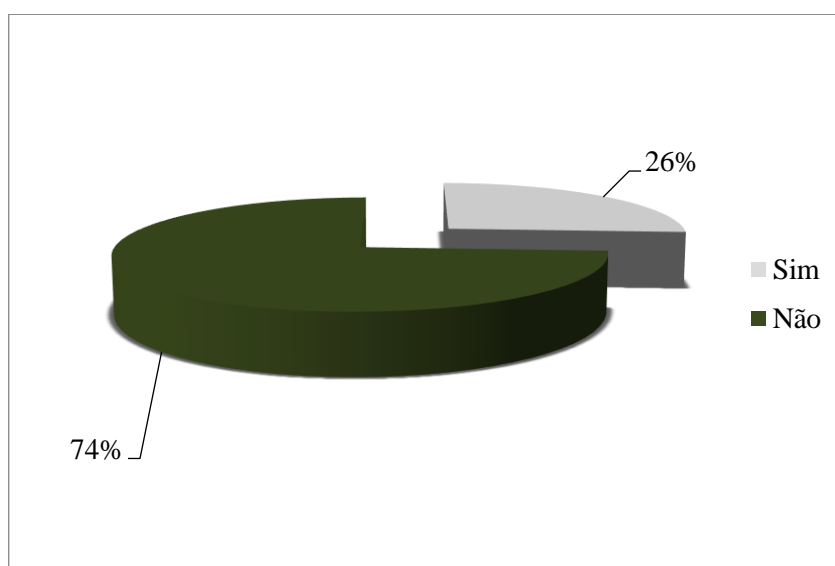
Confere-se que a mão de obra empregada em Alter do Chão está mais voltada para prestação de serviços, seja como diarista, comissões, etc. A quantidade de pessoas empregadas com carteira assinada está bem abaixo da expectativa para uma localidade em que quase toda a população vive do turismo, de maneira direta ou indireta. É recorrente se ouvir pessoas que trabalham no turismo afirmar tal realidade, de que quase totalidade da população local depende do turismo. Outro fato observado é que boa parte dos empreendimentos são geridos pelos próprios familiares, suprimindo assim a necessidade de contratar pessoas de fora.

Vale ressaltar que alguns entrevistados afirmaram que nem todos os funcionários são nativos da Vila, alguns são provenientes das comunidades vizinhas que, ou se mudaram para Alter do Chão em busca de emprego, ou deslocam-se de suas comunidades nos finais de semana, quando o fluxo da demanda é maior, para prestarem serviços como cozinheiras e garçons, entre outros.

Programa de responsabilidade social, ambiental e cultural para com os moradores da vila de Alter do Chão

Diante da pergunta: “Há a realização de algum programa de responsabilidade social, ambiental e cultural para com os moradores da vila de Alter do Chão?”, 74% dos entrevistados respondeu negativamente. Somente 26% afirmaram desenvolver algum tipo de programa visando a responsabilidade social, ambiental e cultural de sua empresa para com os moradores de Alter do Chão (Gráfico 26).

Gráfico 26 – Programa de responsabilidade social, ambiental e cultural pelos empreendimentos turísticos



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Foi solicitado aos que responderam positivamente que descrevessem como é realizado o programa e quais os resultados alcançados até o momento. Os principais relatos são destacados abaixo:

- P. 12: “Apoiar eventos e incentivar o artesanato, ponto de referência para estudo”.
- P. 14: “Festival noite da culinária paraense.”.
- P. 25: “Colaboro no plantio de plantas, adubo as plantas e no tamanho ideal planto na praia”.
- P. 26: “Sempre que possível promovemos capacitações extensivo aos nativos. Participamos de ações coletivas para vila de Alter do Chão com aporte financeiro a eventos locais”.
- P. 27: “Planto árvores no outro local das barracas que funcionam no inverno.”.
- P. 31: “Terceirizei alimentos e bebidas e lavanderia da própria vila”.
- P. 36: “Desconto para uma agremiação dos botos”.
- P. 37: “Diálogo pedagógico com jovens pelo lúdico debato as questões ambientais”.
- P. 40: “Limpeza da praia”.
- P. 42: “Exposição de fotografias, artesanato, arte na rua, espaço para exposição, para cantar no espaço e carimbo”.

Verifica-se nas falas dos entrevistados 27 e 40 que as ações praticadas voltadas para o meio ambiente natural incluem principalmente no plantio de mudas de árvores e limpeza desse ambiente. Nesse sentido, Topke e Vidal (2013) alertam que, quando se pensa em responsabilidade social atrelada ao turismo, logo se faz uma associação restrita à preservação ambiental, mas, sendo o turismo multidisciplinar, este pode englobar várias formas possíveis de responsabilidade socioambiental que uma empresa seja capaz de realizar.

A responsabilidade social no turismo nasce com a finalidade de amenizar impactos causados por empresas de modo a garantir respeito e admiração por parte das pessoas, sejam elas consumidores ou não. Nesse sentido, podem ser firmadas ações que interferem nas atividades desenvolvidas pelas empresas, a fim de minimizar possíveis danos ao meio ambiente e, mais especificamente, à sociedade localizada em seu entorno (TOPKE; VIDAL, 2013).

Muganda (2009) afirma que muitas empresas têm passado de filantropia e doações para a construção de responsabilidade social corporativa, contribuindo para questões mais complexas da comunidade, como a redução da pobreza. Para isso, as empresas precisam se engajar em iniciativas de desenvolvimento da comunidade.

Rainforest Alliance e Instituto Estrada Real (S/d, p. 56), nesse contexto de responsabilidade social, em relação as empresas turísticas afirmam que:

A operação turística convive com um entorno social, ou seja, com um grupo de pessoas que compartilham objetivos de desenvolvimento, com base nos quais a relação entre o ator turístico e seu entorno sociocultural deve converter-se em uma base sólida para cumprir com a responsabilidade social. Dessa forma, precisa voltar-se para o desenvolvimento deste entorno, para o benefício mútuo das partes. Uma operação turística que mantém boas relações com o grupo social com o qual convive adquire um valor agregado que será percebido por seu cliente.

Na área do turismo, as ações de responsabilidade social empresarial que têm ganhado destaque se referem às práticas ligadas ao conceito de desenvolvimento sustentável nas localidades (TOPKE; VIDAL, 2013). Por isso, a importância de os empreendedores na área no turismo conhecerem as propostas e práticas sustentáveis que podem ser implementadas em seus empreendimentos, e conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento de ações de responsabilidade social junto à comunidade e entorno onde estão localizados.

Para a grande maioria dos entrevistados que respondeu não realizar programa de responsabilidade social, ambiental e cultural, os principais motivos apontados como justificativas para isso foram:

P. 01: “Nunca foi pensado, quando há coleta eu ajudo (algo na praça movimento pequeno)”.

P. 02: “Nunca pensei”.

P. 03: “Não gosto de estar em reunião e de me envolver”.

P. 05: “Não tenho tempo para dar aula de capoeira que antes fazia para os moradores (gratuito)”.

P. 08: “Só participo de algumas reuniões”.

P. 11: “Só colaboro quando tem festividade, não pensei ainda, pois estou recente como gerente da pousada”.

P. 38: “Dificuldades de funcionar essas coisas em Alter do Chão, pousada patrocinam eventos, lança proposta para melhorar as coisas em Alter do Chão”.

P. 41: “Sua ajuda quando tem pedido”.

Nas falas, principalmente dos entrevistados 03 e 08 percebe-se a falta de conhecimento do que seja responsabilidade social de uma empresa. Em outras, é nítida a confusão que fazem entre filantropia e responsabilidade social.

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Os resultados revelaram que as concepções de sustentabilidade, tanto dos moradores de Santarém como dos turistas, estão direcionadas ao meio ambiente e, mais especificamente, aos recursos naturais, visando que as futuras gerações possam também os usufruir. Para os moradores de Alter do Chão, as conceituações também estão voltadas para os recursos naturais, mas a geração de renda e emprego é destacada como fator fundamental para a sustentabilidade local. Já os empreendedores concebem a sustentabilidade como meio de desenvolvimento para a localidade e sua população.

A contribuição dos moradores de Santarém para a sustentabilidade do turismo está, em sua visão, direcionada ao fator de desenvolvimento econômico, comprando e consumindo em Alter do Chão, visitando mais a localidade e mantendo atitudes responsáveis quanto ao lixo. O cuidado com o lixo também foi relatado pelos turistas como algo que podem fazer para contribuir com a sustentabilidade do turismo, além de divulgar o destino para amigos e parentes. Tanto os moradores como os empreendedores de Alter do Chão entendem que contribuiriam a partir do cuidado com a natureza da localidade, pois a mesma constitui-se a base para a atratividade turística do destino.

Porém, o que se observa quando se visita Alter do Chão, é um descuido com essa natureza tão enfatizada por todos os sujeitos entrevistados, pois é constante a presença de lixo nas praias e em algumas partes da Vila. Então, verifica-se uma lacuna significativa entre o discurso e atitudes práticas que possam, realmente, contribuir para um maior zelo com o ambiente e para pensar o local como um todo, um sistema, e não apenas como um espaço cuja beleza se usufrui ou de onde se retira renda. Pensar o turismo sistêmico é pensá-lo em sua totalidade e como fonte potencial de benefícios para todos.

A mão de obra local empregada pelos empreendedores é um fator positivo do turismo, porém percebeu-se que parte dos empregados são prestadores de serviços temporários, não tendo vínculo com carteira assinada, e por isso desamparados de benefícios trabalhistas como assistência previdenciária, por exemplo. Porém, cabe ressaltar que essa realidade está muito atrelada à sazonalidade do turismo, pois, na baixa temporada, que vai de aproximadamente março a junho, dependendo da cheia ou vazante do rio, a demanda turística diminui consideravelmente na Vila. Para mitigar essa situação, caberia aos empresários, junto com os demais atores envolvidos no turismo, buscar soluções de atrações e um melhor aproveitamento dos recursos naturais no período da cheia, bem como a realização de eventos culturais e ambientais que destaquem as belezas de Alter do Chão nesse período.

Um fator que deveria merecer bastante atenção dos empreendedores é buscar conhecer e implantar a responsabilidade social em suas empresas, pois a quantidade de respondentes que não realiza esse tipo de ação é bastante significativa, para uma localidade que vive praticamente do turismo. Como afirmam a Rainforest Alliance e o Instituto Estrada Real (S/d, p. 57) “a empresa é um membro da comunidade. Como tal, torna-se parte de sua cultura, posto que compartilha com os habitantes locais um conjunto de características distintas, espirituais, materiais, intelectuais e afetivas”.

Mediante o exposto tem-se ainda como recomendações:

- Empreendedores turísticos buscar capacitação profissional em gestão sustentável a fim de compreender melhor os aspectos ambientais, socioculturais e de gestão empresarial que regem a empresa, para assim promover uma política de sustentabilidade em sua empresa, com possibilidades de crescer e triunfar no mercado turístico, incluindo nesse processo, a responsabilidade social empresarial;
- Quanto a mão de obra local, os empreendedores abrir a possibilidade de estágio, buscando contribuir com aquelas pessoas que querem ingressar no turismo, porém não tem experiências e nem conhecimento acadêmico, além de analisar todas as possibilidades de inclusão futura como funcionário da empresa com carteira assinada, garantido todos os direitos do trabalhador. Essa pode ser uma ação de responsabilidade social perante a comunidade;
- A população de maneira em geral que reside em Alter do Chão, procurar compreender que o turismo, pautado nos princípios da sustentabilidade, é responsabilidade de todos, mesmo que não se sinta envolvido no processo. Como cidadão é dever contribuir, pois de maneira indireta recebe os benefícios e prejuízos provenientes do turismo. Para tanto, cabe a realização por parte dos administradores

e empresários da Vila, de ações que mobilizem o interesse dessa população em conhecer e participar, através de encontros nos bairros, disseminar esse conhecimento, não concentrando na parte central da Vila, onde ocorre o turismo;

- Todos os envolvidos da comunidade, incluindo empresas privadas, colaboradores, prestadores de serviços, administradores, associações, ONGs e governo buscar realizar a Agenda 21 Local para um turismo sustentável.

Sobre o último item, esclarece-se que, de acordo com a *United Nations Environment Programme* – UNEP (2003), a Agenda 21 Local é uma abordagem através da qual uma comunidade local define uma estratégia de desenvolvimento sustentável e um programa de ação a ser implementado. A abordagem geralmente é iniciada pela autoridade local, que fornece liderança para o processo. Seu sucesso depende da estreita cooperação entre a população, ONGs, empresas privadas e outros interesses locais. Segundo esse Programa, preparar uma Agenda 21 Local para o turismo é assegurar que o planejamento e o desenvolvimento do turismo tratem de questões-chave relacionadas ao impacto econômico, social e ambiental do turismo a longo e curto prazo, bem como ajuda o destino a atrair a atenção dos visitantes e operadores turísticos interessados em visitar ou trabalhar com destinos sustentáveis, dentre outros.

CAPÍTULO 6

SUSTENTABILIDADE DO TURISMO A PARTIR DO CAPITAL SOCIAL NA VILA DE ALTER DO CHÃO



Características naturais e culturais bastante diversificadas produzem, em determinadas localidades, atrativos que motivam o fluxo constante de pessoas interessadas em visitá-las, conhecê-las ou vivenciá-las temporariamente, como prática turística. Alguns desses visitantes ou turistas, porém, acabam se estabelecendo nessas localidades, motivados por oportunidades econômicas (oportunidade de se empregar ou empreender um negócio próprio, por exemplo), tranquilidade e qualidade de vida no local, entre outras. Assim, a fixação desses sujeitos nos locais antes visitados, agora como residentes, proporciona a convivência continuada entre indivíduos e grupos diferenciados (como empreendedores turísticos) nos planos social e cultural, desdobrando-se, frequentemente, em novas formas de relação e interação humana na localidade turística.

Para Figueiredo (2016), o encontro entre culturas é a principal motivação do turismo. Portanto, deve-se entendê-lo como um fenômeno social impulsionado por pessoas, uma prática que se origina na possibilidade de estabelecimento de trocas, comunicações e relações humanas diferenciadas daquelas que caracterizam a vida cotidiana. Para compreensão de todas as implicações desse fenômeno social complexo, diversos autores, entre eles Moesch (2013) e Figueiredo e Nóbrega (2015) chamam atenção para os papéis dos diferentes sujeitos envolvidos em relações de troca material e simbólica nas atividades turísticas.

Compreendendo que a própria concepção do objeto turístico, tratado como fenômeno social complexo, impõe considerar o sujeito do processo turístico, é que se propõe neste capítulo contribuir para uma reflexão acerca das dinâmicas que envolvem o estabelecimento de “estrangeiros” em localidades turísticas, bem como empreendedores turísticos dentro de um contexto de sustentabilidade a partir do capital social. Sobre a noção de “estrangeiro”, vem de Simmel (1983, p. 182) a inspiração adotada neste estudo:

Se viajar é a liberação de qualquer ponto definido no espaço, e é assim a oposição conceitual à fixação nesse ponto, a forma sociológica do “estrangeiro” apresenta, por assim dizer, a unificação dessas duas características [...]. É desse modo que se discute o estrangeiro aqui e não no sentido em que muitas vezes no passado se tocou neste assunto, considerando o viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica [...]. Fixou-se em um grupo espacial particular, ou em um grupo cujos limites são semelhantes aos limites espaciais. Mas sua posição no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo.

A partir da constatação de que Alter do Chão tem sido constantemente escolhida como residência e domicílio por um número considerável de turistas e viajantes, ora considerados “estrangeiros” e atuais moradores da Vila, assim como apresenta certa limitação nas relações entre os empreendedores turísticos, interessa compreender como esses atores sociais podem

contribuir para o desenvolvimento do turismo sustentável a partir do fortalecimento do capital social local. Entende-se, acompanhando Salles, Fernandes e Limont (2017, p. 406), que:

Tanto o conceito de capital social quanto de sustentabilidade, em sua essência, são orientados pela aproximação relacional de indivíduos a ponto de construir uma ação social que, necessariamente, sustente o protagonismo do indivíduo enquanto sujeito histórico, ou seja, atores sociais capazes de intervir de maneira autônoma no processo de construção de uma determinada sociedade.

Acredita-se, como D'Araújo (2003), que, quando o conceito de capital social é bem definido e valorizado, pode se constituir em importante instrumental conceitual e prático para a consolidação de políticas públicas, para o desenvolvimento sustentável, bem como para a revitalização da sociedade civil e da democracia. Do contrário, capitais sociais baixos fragilizam o sistema turístico no que se refere à confiança e à cooperação.

Logo, neste capítulo, procura-se aferir se e como o capital social local acumulado por empreendedores turísticos nativos ou não, mas residentes, e “estrangeiros” contribui para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão. Tal questionamento e as razões da escolha desses sujeitos, especificamente, para estudar e analisar a correlação entre capital social e sustentabilidade do turismo em Alter do Chão decorreram de percepções erigidas em campo.

Por um lado, junto aos estrangeiros que moram na Vila, detectou-se o envolvimento direto ou indireto com o desenvolvimento do turismo no local, já que muitos aí chegaram na condição de turistas, viajantes ou visitantes temporários, tendo se identificado com as particularidades do lugar — atraídos pelo ambiente natural ou pelas oportunidades econômicas promovidas pelo turismo — e fixado residência na localidade. E são sujeitos com práticas sociais importantes que podem contribuir na potencialização do capital social local trazendo consigo vivências anteriores com outras pessoas em outros lugares. Já entre os empreendedores nativos ou atraídos pela dinâmica econômica do turismo no local, as indagações foram motivadas pela constatação da fragmentação dessa classe, em meio à qual prevalecem atitudes e ações individuais.

Junto a ambos os grupos procurou-se compreender se e como eles contribuem para o fortalecimento do capital social local e, conseqüentemente, para o fortalecimento do turismo na vila. Partindo dos estudos de Putnam (1996), Fukuyama (1996), do Banco Mundial (2001) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2013), entre outros, e dos investimentos empíricos realizados em campo, buscou-se enfatizar o comportamento dessas pessoas em relação ao engajamento cívico, à confiança e ao apoio às redes locais.

Os levantamentos em campo se realizaram por meio de questionários aplicados junto a moradores-estrangeiros e empreendedores turísticos (apêndices 5 e 6). Entre os entrevistados,

encontram-se pessoas vendendo artesanato ou souvenirs; administrando hotéis, pousadas, hostels ou alojamentos alternativos; administrando restaurantes ou barracas de alimentação; ou, ainda, atuando como educadores ambientais em atividades que, de uma maneira ou de outra, proporcionam contatos com viajantes e turistas.

O questionário para os empreendedores turísticos continha 15 (quinze) questões sobre a categoria capital social. Para os moradores-estrangeiros, além de 11 (onze) questões fechadas sobre essa categoria, o questionário continha 04 (quatro) questões abertas sobre o perfil do entrevistado: ocupação principal, tempo de residência em Alter do Chão, motivos para se estabelecer na localidade, e seus sentimentos enquanto morador do local. Nas questões fechadas contendo mais de duas alternativas, utilizou-se a escala de Likert com 5 níveis.

A coleta dos dados junto aos sujeitos da pesquisa foi realizada da seguinte maneira:

Moradores-estrangeiros – o levantamento foi realizado no período de 28 de fevereiro a 10 de março de 2017. A seleção dos entrevistados pautou-se na amostragem não probabilística por conveniência ou acessibilidade. No caso dos novos estrangeiros, agora moradores de Alter do Chão, os elementos foram selecionados a partir de informações obtidas com os moradores nativos da Vila. No total, foi possível conhecer a opinião de seis (06) dos oito (08) sujeitos indicados com perfil para esse estudo. Duas (02) pessoas não retornaram com os questionários, mesmo depois de várias tentativas.

Empreendedores turísticos – a pesquisa foi realizada no período de abril e maio de 2018, junto a 38 (trinta e oito) empresários de hotéis, pousadas, *hostels*, restaurantes, barracas de alimentação localizadas na “Ilha do Amor” e lojas de souvenirs, também escolhidos por amostragem não probabilística por conveniência ou acessibilidade. Ressalta-se que a intenção era realizar a pesquisa com os 43 (quarenta e três) empreendedores pesquisados na primeira etapa, porém 01 (um) sujeito fechou seu estabelecimento (uma pousada), outro estava fixando residência na cidade de Santarém por um período indeterminado, e os demais não quiseram contribuir com essa fase, não recebendo ou retornando com o questionário preenchido.

O método estatístico utilizado para análise dos dados foi o descritivo. Os dados coletados relacionados às questões fechadas foram armazenados e tratados no programa Excel Office 365 da Microsoft. A interpretação dos resultados teve como base as tabelas e gráficos gerados pelo programa Excel.

Finalmente, o capítulo se inicia com uma breve revisão de alguns conceitos-chave — de um lado, turista, viajante, estrangeiro e, de outro, capital social — para refletir a relação desse último com a sustentabilidade no turismo. Em seguida, são apresentados e discutidos os dados obtidos na pesquisa empírica. Primeiro apresentam-se os dados gerais relacionados aos

estrangeiros, hoje moradores de Alter do Chão, e, então, os dados sobre a categoria capital social na visão desses indivíduos e dos empreendedores turísticos.

TURISTAS, VIAJANTES, ESTRANGEIROS

Moesch e Beni (2015) afirmam que, ao estudar o turismo como realidade humana, categorias fundantes de um fenômeno social contemporâneo como tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão e ideologia são fundamentais na sua compreensão, em que o protagonista é o sujeito.

Para que haja o encontro entre turistas, viajantes e comunidade receptora, no sentido de relação e interação, o ato de viajar é imprescindível. Figueiredo e Ruschmann (2004) relatam que viajar não é supérfluo, pois a viagem proporciona uma vida melhor, curando, combatendo o stress cotidiano, além de oferecer a possibilidade de se vivenciar experiências únicas, bem como educar o viajante/turista e modificar sua percepção da vida. A viagem também é importante na sua forma básica de deslocamento. O percurso tem valor e o caminho é rico, é prazeroso.

Krippendorff (2009, p.34) afirma que “o lazer e, sobretudo, as viagens pintam manchas coloridas na tela cinzenta da existência. Eles devem reconstituir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida”. Porém, com base em pesquisas relacionadas às motivações das pessoas para viajar, enfatiza que a viagem se dá mais pelo desejo de deixar alguma coisa do que pelo desejo de ir para alguma coisa. Ou seja, o fato de escapar da vida cotidiana desempenha um papel muito mais importante do que o interesse pelas regiões e populações visitadas. Ainda, o autor sustenta que as motivações e os comportamentos dos viajantes são fortemente centrados no ego.

“A experiência da viagem é importante para o ser humano, pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade” (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004, p. 179). Porém, Figueiredo (2010) argumenta que os viajantes não agem somente sobre si próprios, mas provocam inquietações por onde passam, criando uma distância daquilo que deixaram para trás. Aqueles que partiram são estrangeiros permanentes.

Simmel (1983) assinala que viajar é a liberação de qualquer ponto definido no espaço, e que o viajante potencial se revela na forma sociológica do “estrangeiro”, isto é, aquele “que chega hoje e amanhã fica”. Para o autor, esse é o viajante potencial, pois embora não tenha partido, ainda não superou completamente a liberdade de ir e vir.

Ser estrangeiro é uma forma específica de interação, e a condição de estrangeiro significa que esse sujeito sociológico, que também está distante, na verdade está próximo. Assim como o indigente e as variadas espécies de “inimigos internos”, o estrangeiro é um elemento do próprio grupo. São elementos que se, de um lado, são imanentes e têm uma posição de membros, por outro lado estão fora dele e o confrontam. Essa posição do estrangeiro aparece de forma mais nítida se ele se estabelece no local de sua atividade, em vez de sair de novo (SIMMEL, 1983).

Ao considerar o turismo como fenômeno social e todas as relações e interações que são estabelecidas entre moradores e entre eles e os turistas ou viajantes no espaço turístico, é pertinente uma análise mais complexa do fenômeno turístico, considerando o viajante ou estrangeiro no entendimento de Simmel, ou o turista nas várias concepções sobre esse sujeito que se desloca. Muitas vezes, é aquele que visita um lugar turístico, gosta e que acaba se estabelecendo na localidade, constituindo-se assim como um novo morador, agregando-se àquele meio social.

CAPITAL SOCIAL

Conforme D'Araújo (2003), capital é um dos conceitos mais importantes, porém, também mais controversos nas ciências sociais. Foi definido por Karl Marx, no século XIX, como o produto da mais valia (trabalho não pago) gerada pelo trabalhador e apropriada pelos donos dos meios de produção. A partir dos anos 1990, o Banco Mundial passou a usar a denominação capital social como a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos. Para este Banco, capital social refere-se às instituições, relações e normas sociais que dão qualidade às relações interpessoais em uma dada sociedade.

Para Franco (2001), a primeira pessoa a descrever o fenômeno que o conceito de capital social quer captar e expressar foi Alex de Tocqueville (1835; 1840). Contudo, a primeira pessoa a usar o termo foi Lyda Hanifan, em 1916; e Jane Jacobs, a primeira pessoa a explorar a intimidade sociológica da ideia, em 1961. Para analisar questões concretas de desenvolvimento, os primeiros estudiosos que empregaram a noção de capital social foram o sociólogo Ivan Light, em 1972 e o economista Glenn Loury (1977; 1987). Todavia, a elaboração do conceito de maneira mais completa foi realizada pelos sociólogos Pierre Bourdieu (1980; 1985) e James Coleman em (1988; 1990).

No sentido econômico, o conceito de capital social foi fornecido pelos neo-institucionalistas como Robert Bates (1988) e James March (1989), entre outros. No debate contemporâneo sobre o assunto destacam-se Robert Putnam (1993; 1995; 1997; 2000) e seus críticos, como Alejandro Portes (1993; 1996; 1998), Everett Ladd (1993-4; 1996; 1999) e Francis Fukuyama (1995;1999). Na segunda metade da década de 1990, aproximadamente meia centena de autores entraram nesse debate, em grande medida reacendido por Putnam, ou aplicaram o conceito para analisar situações concretas (FRANCO, 2001).

Segundo D'Araújo (2003), foi só a partir do livro de Robert Putnam, publicado em 1993, que o conceito de capital social ganhou notoriedade. *Making Democracy Work: civic traditions in modern Italy* (Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna) tornou-se um clássico das ciências sociais e de outras áreas. O livro mostra as disparidades de desenvolvimento entre o norte e o sul da Itália, tendo como meta avaliar o impacto da descentralização na diminuição das desigualdades regionais nesse país. Putnam analisa os gastos em cada uma das vinte regiões administrativas, o peso das ideologias políticas, a composição dos conselhos regionais e a extração social e política de seus membros, as influências dos partidos políticos, as relações dos conselheiros com a comunidade e os líderes locais, as atitudes dos conselheiros em relação ao governo central, e a satisfação da população para com o governo local.

D'Araújo (2003) relata ainda que, ao fim de duas décadas, Putnam constatava que o Norte, mais desenvolvido, soube aproveitar melhor as vantagens da descentralização, enquanto o Sul conseguiu melhorias, mas não no mesmo ritmo que o Norte nem, não alcançando a velocidade necessária para corrigir as desigualdades entre as duas regiões.

Para Putnam (1996, p. 186), capital social diz respeito a características da organização social como confiança, normas ou regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica: “As regras de reciprocidade generalizada e os sistemas de participação cívica estimulam a cooperação e a confiança social porque reduzem os incentivos a transgredir, diminuem a incerteza e fornecem modelos para a cooperação futura”. Para esse autor:

Os estoques de capital social, como confiança, normas e sistemas de participação cívica, tendem a ser cumulativos e a reforçar-se mutuamente. Os círculos virtuosos redundam em equilíbrios sociais com elevados níveis de cooperação, confiança, reciprocidade, civismo e bem-estar coletivo. Eis as características que definem a comunidade cívica. Por outro lado, a inexistência dessas características na comunidade não-cívica também a algo que tende a auto reforçar-se. A deserção, a desconfiança, a omissão, a exploração, o isolamento, a desordem e a estagnação intensificam-se reciprocamente numa miasma sufocante de círculos viciosos. Tal argumentação sugere que deve haver pelo menos dois equilíbrios gerais para os quais todas as sociedades que enfrentam os problemas da ação coletiva (ou seja, todas as sociedades) tendem a evoluir e que, uma vez atingidos, tendem a auto reforçar-se (PUTNAM, 1996, p. 186-187).

Putnam (1996) reforça que uma característica específica do capital social é que ele normalmente constitui um bem público, ao contrário do capital convencional, que normalmente é um bem privado. Ele também afirma que as normas e os sistemas de participação cívica contribuem para a prosperidade econômica e são por sua vez reforçados por essa prosperidade. Franco (2001) assinala que Putnam parte dos chamados dilemas da ação coletiva, diante dos quais as partes envolvidas numa relação teriam a ganhar se cooperassem, todavia, não cooperam porque, não havendo um compromisso mútuo confiável entre elas, cada qual prefere desertar por oportunismo: “Em todas as sociedades os dilemas da ação coletiva obstam as tentativas de cooperar em benefício mútuo, seja na política ou na economia. A coerção de um terceiro é uma solução inadequada para esse problema” (PUTNAM, 1996, p. 186).

Quanto aos resultados de sua pesquisa, Putnam (1996) constatou que, no Sul da Itália, a desconfiança mútua e a transgressão, a dependência vertical e a exploração, o isolamento e a desordem, a criminalidade e o atraso reforçaram-se mutuamente em intermináveis círculos viciosos. Por mais de um milênio, em Bolonha e Bari, em Florença e Palermo, as pessoas seguiram lógicas distintas na vida comunal. Ao contrário, na região Norte da Itália, as regras de reciprocidade e os sistemas de participação cívica corporificaram-se em confrarias, guildas, sociedades de mútua assistência, cooperativas, sindicatos e até clubes de futebol e grêmios literários, resultando em vínculos cívicos horizontais que proporcionaram níveis de desempenho econômico e institucional muito mais elevados do que no Sul, onde as relações políticas e sociais estruturaram-se verticalmente.

D’Araújo (2003), ao relatar os resultados da pesquisa de Putnam, esclarece que, no Norte da Itália, percebeu-se uma sociedade mais comprometida com o bem público, mais cooperativa e mais confiante nos seus pares. Segundo a autora, a cultura cívica, associada à confiança interpessoal, traduz-se em um recurso fundamental de poder para os indivíduos e para as coletividades, em um capital social cujos benefícios são comuns a todo o grupo ou a toda a sociedade.

Uma lição que Putnam tirou em sua pesquisa é de que “o contexto social e a história condicionam profundamente o desempenho das instituições” (PUTNAM, 1996, p. 191). O autor afirma que a consciência que cada um tem de seu papel e de seus deveres como cidadão, aliada ao compromisso com a igualdade política, constitui o alicerce sólido cultural da comunidade cívica. Para ele, o capital social pode ser mais importante até do que o capital físico ou humano para a estabilidade política, a boa governança e o desenvolvimento econômico.

Na visão de Coleman (1990), o capital social é definido por sua função. Não é uma entidade única, mas uma variedade de entidades. Como outras formas de capital, ele é

produtivo, possibilitando a realização de certos fins que não seriam alcançáveis na sua ausência. Segundo o autor, o capital social é criado quando as relações entre as pessoas mudam de maneira que facilitam a ação. Distinguindo entre capital físico, humano e social, ele afirma que o capital físico é totalmente tangível, sendo incorporado em forma de material observável; o capital humano é menos tangível, sendo incorporado nas habilidades e conhecimentos adquiridos por um indivíduo; e o capital social é ainda menos tangível, pois está incorporado nas relações entre as pessoas: “Por ser um atributo da estrutura social em que se insere o indivíduo, o capital social não é propriedade particular de nenhuma das pessoas que dele se beneficiam” (COLEMAN, 1990, p. 315).

Coleman (1990) também adverte que o capital social é uma das formas de capital que se deprecia ao longo do tempo. Como o capital humano e o capital físico, o capital social deprecia-se, se não for renovado. As relações sociais desaparecem se não forem cultivadas; as expectativas e as obrigações se intensificam ao longo do tempo; e as normas dependem da comunicação regular.

Em documento publicado pela Organisation for Economic Co-operation and Development- OECD (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE) (2013), são ressaltadas as contribuições de Coleman para a evolução conceitual do capital social com as seguintes ideias:

- O capital social é um recurso para indivíduos em uma rede e ao contrário de outras formas de capital, não é propriedade de uma pessoa, mas sim existe dentro das relações sociais;
- O capital social pode existir em diversas redes (incluindo famílias, comunidades e escolas), não apenas dentro de redes homogêneas, baseadas em classes, como proposto por Bourdieu;
- As relações sociais constituem formas úteis de capital para os indivíduos através de processos como estabelecendo obrigações, expectativas e confiabilidade, criando canais de informação e estabelecendo normas apoiadas por sanções eficientes;
- O capital social não é apenas um bem privado, mas tem características de um bem público, com as ações dos indivíduos que têm externalidades positivas (bem como potencialmente negativas) para o grupo mais amplo.

O capital social, para Fukuyama (1996, p. 41), “é uma capacidade que decorre da prevalência de confiança numa sociedade ou em certas partes dessa sociedade. Pode estar incorporada no menor e mais fundamental grupo social, a família, assim como no maior de todos os grupos, a nação, e em todos os demais grupos intermediários”. O referido autor conclui

que esse tipo de capital difere de outras formas de capital humano na medida em que é criado e transmitido por manifestações culturais como religião, tradições e hábitos históricos.

O capital social não é distribuído uniformemente entre as sociedades, pois algumas mostram uma propensão à associação mais acentuada do que outras, e mesmo as formas de associação diferem. Em algumas, a família e o parentesco são a forma primária de associação; em outras, associações voluntárias são muito mais fortes e chegam a desligar as pessoas de suas famílias, como por exemplo a conversão religiosa que muitas vezes induz as pessoas a deixarem a família para o atendimento a uma nova seita religiosa, ou atribui-lhes novos deveres que competem com suas obrigações para com suas famílias (FUKUYAMA, 1996).

O capital social não pode ser adquirido simplesmente por indivíduos agindo por conta própria. Ele é baseado no predomínio de virtudes sociais e não apenas individuais. A propensão à sociedade é muito mais difícil de adquirir do que outras formas de capital humano, mas por ser baseado em hábito ético, também é muito mais difícil de ser modificada ou destruída (FUKUYAMA, 1996, p. 42).

Para o Banco Mundial (2001, p. 4), “o capital social de uma sociedade inclui as instituições, os relacionamentos, as atitudes e os valores que governam as interações entre as pessoas e contribuem para o desenvolvimento econômico e social”, e exibe uma série de características que o distinguem de outras formas de capital. Ao contrário do capital físico, mas, como o capital humano, o capital social pode se acumular como resultado do seu uso, ou seja, o capital social é tanto um insumo quanto um resultado de ação coletiva. Na medida em que as interações sociais são delineadas para produzir um resultado mutuamente benéfico, a quantidade ou a qualidade dessas interações provavelmente aumentará. Criar e ativar capital social requer pelo menos duas pessoas. Em outras palavras, o capital social tem boas características públicas que têm implicações diretas para a otimização do seu nível de produção (BANCO MUNDIAL, 2001).

D’Araújo (2003, p 25) expõe que, nos anos de 1980, o sociólogo Pierre Bourdieu definiu capital social como “o agregador de recursos, reais ou potenciais, que possibilitavam o pertencimento duradouro a determinados grupos e instituições”.

O conceito de capital social possui duas vertentes teóricas. Na primeira, o capital social é relacionado ao indivíduo (capital social acumulado pelo indivíduo), e na segunda, o capital social é considerado como um bem público (que permeia a relação entre pessoas e grupos, um elemento pertencente a uma comunidade ou sociedade) (SALLES, FERNANDES e LIMONT, 2017).

A OECD (2013) apresenta uma classificação do capital social em categorias, conforme o quadro abaixo.

Quadro 10 – Classificação do capital social

	ESTRUTURA E ATIVIDADES DA REDE	RECURSOS PRODUTIVOS
INDIVIDUAL	Relações pessoais	Suporte de Rede Social
COLETIVO	Engajamento Cívico	Confiança e Normas Cooperativas

Fonte: OECD (2013)

Na linha superior do quadro acima, apresentam-se atividades e resultados individuais, privados, enquanto aqueles na linha abaixo concentram-se atividades e resultados coletivos e públicos. Na coluna da esquerda tem-se a estrutura das redes e as atividades que as criam e mantêm, enquanto que na coluna da direita incorporam-se os diferentes tipos de recursos e resultados gerados pelas redes. Muitas abordagens para medir o capital social combinam efetivamente duas ou mais dessas categorias em um construto multidimensional de nível superior (OECD, 2013).

Segundo a OECD (2013), os relacionamentos pessoais referem-se às redes das pessoas (ou seja, as pessoas que se conhecem) e aos comportamentos sociais que contribuem para estabelecer e manter essas redes, como passar tempo com outras pessoas ou trocar notícias por telefone ou e-mail. Esta categoria diz respeito à extensão, estrutura, densidade e componentes das redes sociais dos indivíduos.

O suporte à rede social é um resultado direto da natureza dos relacionamentos pessoais das pessoas e refere-se aos recursos - emocionais, materiais, práticos, financeiros, intelectuais ou profissionais - disponíveis para cada indivíduo por meio de suas redes sociais pessoais. Esta categoria enfatiza o apoio que as pessoas podem acessar e se concentra em questões relacionadas às causas e consequências de poder acessar esse suporte. A extensão e a qualidade das relações pessoais são um dos impulsionadores do suporte às redes sociais, mas não o único. O suporte à rede social pode ajudar as pessoas a "sobreviver" em momentos de necessidade ou a "progredir", melhorando sua posição tanto em termos absolutos quanto relativos.

Engajamento cívico compreende as atividades pelas quais as pessoas contribuem para a vida cívica e comunitária, tais como voluntariado, participação política, participação em grupos e diferentes formas de ação comunitária. O engajamento cívico se concentra na natureza e na extensão das atividades coletivas. Esta categoria facilita a análise do impacto do engajamento cívico em outros resultados, bem como a identificação dos impulsionadores do engajamento cívico. Altos níveis de voluntariado e de ação cívica podem contribuir para o desempenho institucional, além de impulsionar níveis de confiança e normas de cooperação dentro de uma sociedade. No entanto, o engajamento cívico também pode impactar no bem-estar individual,

ao permitir oportunidades de conhecer novas pessoas, trazendo prazer, um senso de propósito e até novas habilidades aos participantes.

As normas de confiança e cooperação se referem aos códigos de conduta e aos valores compartilhados que sustentam o funcionamento da sociedade e permitem a cooperação mutuamente benéfica. Aqui, o conceito está fundamentalmente voltado para os fatores intangíveis incorporados nas normas e expectativas sociais das pessoas que contribuem diretamente para melhores resultados sociais e econômicos. Embora as normas de confiança e cooperação sejam destacadas, o escopo dessa categoria pode ser estendido para abranger quaisquer instituições sociais que contribuam para melhores resultados sociais e econômicos no nível coletivo. Essa categoria é um recurso coletivo (ou seja, é um facilitador da ação coletiva) e está correlacionada a vários resultados importantes da política do governo, como crescimento econômico, desempenho do governo, administração ambiental e coesão social (OECD, 2013).

Capital social é, portanto, um recurso fundamental que pode apoiar a construção de um sistema produtivo ambientalmente viável, além de contribuir para o bem-estar social (saúde, educação, segurança pública, aprendizagem social, inovação tecnológica e justiça social) através da formação de redes sociais que possam expandir a cooperação e o nível de cooperação, num contexto onde a economia se aproxime da ética (DUQUE, 2013).

CAPITAL SOCIAL E SUSTENTABILIDADE

Para Sachs (2009), quer seja denominada ecodesenvolvimento ou desenvolvimento sustentável, a abordagem fundamentada na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos não se alterou desde o encontro de Estocolmo até as conferências do Rio de Janeiro.

Conforme Sachs (2009), a sustentabilidade social vem na frente, destacando-se como a própria finalidade do desenvolvimento; uma consequência: a sustentabilidade cultural; a sustentabilidade do meio ambiente vem em decorrência; outra consequência: distribuição territorial equilibrada de assentamentos humanos e atividades; a sustentabilidade econômica aparece como uma necessidade, mas em hipótese alguma deve ser condição prévia para as anteriores, uma vez que um transtorno econômico traz consigo o transtorno social, que por seu lado, obstrui a sustentabilidade ambiental; da mesma maneira pode ser dito quanto à falta de governabilidade política, e por esta razão é soberana a importância da sustentabilidade política no processo de reconciliação do desenvolvimento com a conservação da biodiversidade e; uma consequência também ocorre, a sustentabilidade do sistema internacional para manter a paz e

para o estabelecimento de um sistema de administração para o patrimônio comum da humanidade.

Salles, Fernandes e Limont (2017) ressaltam que a proposta de Sachs abre espaço para a discussão da territorialidade no contexto da sustentabilidade, remetendo aos aspectos culturais e simbólicos relativos às formas de uso e relação com a terra em cada território. Para esses autores, a territorialidade envolve a vida coletiva, comunidades, percepções, sentimentos do território, organização e signos que diversos autores denominam como capital social.

A introdução da noção de desenvolvimento sustentável socializou o debate sobre o desenvolvimento, estimulando o diálogo e a tomada de decisões colegiadas entre os governos e a sociedade civil, definindo a participação e a cooperação como as bases que permitem uma maior eficácia das decisões políticas e econômicas. Nesse sentido, a sustentabilidade sociocultural propõe um modelo de desenvolvimento centrado na escala humana, em uma cultura de cooperação e parceria, objetivando encontrar caminhos para viabilizar o desenvolvimento local e o aprimoramento de suas potencialidades (BRASIL, 2007, p. 18). Pode-se deduzir então, a estreita relação com o capital social, pois uma das suas essências passa pela cooperação e parceria, ou seja, o capital social configura-se como uma importante ferramenta para alcançar esse desenvolvimento sustentável.

Asker *et al.* (2010), citados por Petrić e Pivčević (2016), relatam que ao analisar as maneiras pelas quais o turismo em uma comunidade vem se desenvolvendo, geralmente dois modelos básicos podem ser identificados. O primeiro pode ser chamado de desenvolvimento “turismo x comunidade”, e o segundo de “turismo baseado na comunidade”. O modelo “turismo x comunidade” é o modelo de desenvolvimento “insustentável”, caracterizado por uma comunidade sem senso de comunidade, fragmentada e desorganizada; estruturas de tomada de decisão e gestão de cima para baixo; nenhum impacto dos moradores no processo de tomada de decisão; opinião predominante de que o turismo se desenvolve espontaneamente, sem limites, etc. Porém, o desenvolvimento baseado na comunidade, de modo geral, depende das comunidades para usar seu capital social para se organizar e participar de processos de desenvolvimento, em pelo menos alguns aspectos do projeto e implementação do mesmo.

Para Salles, Fernandes e Limont (2017, p. 406) tanto o conceito de capital social quanto de sustentabilidade, em sua essência:

São orientados pela aproximação relacional de indivíduos a ponto de construir uma ação social que, necessariamente, sustente o protagonismo do indivíduo enquanto sujeito histórico, ou seja, atores sociais capazes de intervir de maneira autônoma no processo de construção de uma determinada sociedade.

Os autores afirmam que “a complexidade e a emergência dos problemas sociais contemporâneos e seu consequente reflexo na matriz de uso dos recursos naturais, caracterizam um momento de crise civilizatória que, dificilmente, será resolvida de forma individualizada e pontual” (SALLES, FERNANDES; LIMONT, 2017, p. 406-407). Sustentam, assim, que a relação temporal entre sustentabilidade e capital social demonstra que a ideia de ambos reflete o alinhamento de uma conjuntura de transformações sociais históricas que, cada vez mais, valorizam os princípios da cooperação. Outro ponto observado que aproxima os dois conceitos é a valorização da perspectiva crítica, relacionada a processos de emancipação dos sujeitos e de reflexão sobre o papel social ocupado pelos indivíduos em sociedade. Há uma ênfase no sentido de coletividade, com vistas a uma ação transformadora. Nesse sentido, acontece a aproximação da participação social como sendo um elemento intrínseco da ação coletiva e organizada.

Ao analisar de forma comparada as dimensões de capital social, Salles, Fernandes e Limont (2017) elaboraram uma tabela onde foi possível traçar um fio lógico que subsidiou o estabelecimento das relações entre essas dimensões e as dimensões de sustentabilidade, estas propostas por Sachs (Tabela 16)

Tabela 16 - Classificação das dimensões do capital social.

Décadas dos anos de 1980 e 1990: concepções e discussões conceituais	
Dimensões propostas por Coleman (1988)	Dimensões propostas por Nahapiet & Goshal (1997)
<ul style="list-style-type: none"> - Relacional (laços e relações pessoais); - Normativa (regras); - Cognitiva (transmissão de conhecimento); - Confiança no ambiente social; - Institucional 	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutural (conexões entre pessoas); - Relacional (regras e construção de laços); - Cognitiva (aprendizado a partir da interpretação de significados)
Década dos anos de 2000: transição entre discussões conceituais e operacionalização	
Dimensões propostas por Woolcock (2001)	Dimensões propostas por Halpern (2008)
<ul style="list-style-type: none"> - Bonding (laços pessoais fortes); - Bridging (pontes e articulação entre pessoas; laços fracos); - Linking (hierarquias de relacionamento; a serem construídas) 	<ul style="list-style-type: none"> - Redes (relações entre pessoas e instituições); - Normas; - Sanções.
Dimensões propostas pelo Banco Mundial (2003)	
<ul style="list-style-type: none"> - Relações pessoais; - Redes; - Engajamento cívico; - Normas de confiança/cooperação 	

Década dos anos de 2010: operacionalização e tentativas de mensuração

Dimensões propostas por OECD (2013)

- Grupos/redes de **relacionamento**;
 - Confiança/solidariedade;
 - Ação coletiva/cooperação;
 - Inclusão/coesão social;
 - Informação/comunicação.
-

Fonte - Salles, Fernandes e Limont (2017)

Putnam propôs seis dimensões para verificar o capital social, sendo: identificação de grupos; confiança; confiança em instituições; empréstimos; redes; ações cívicas e dados demográficos (SALLES, FERNANDES E LIMONT, 2017). Na medida em que Putnam (1996, p. 178) aponta as cadeias de relações sociais como uma forma de capital social e afirma que “a cadeia de relações sociais permite transmitir e disseminar confiança”, fica claro tratar-se de um sistema relacional que se aproxima da sustentabilidade.

De acordo com Salles, Fernandes e Limont (2017, p. 408-409), Sachs (2008) também considera o aspecto relacional em todas as dimensões que propõe, sendo:

- (i) De forma direta nas dimensões: social, quando trata da participação democrática; cultural, quando defende um projeto integrado de desenvolvimento, envolvendo diferentes atores sociais e suas culturas; política, quando aponta o Estado como expressão coletiva da sociedade; territorial, quando trata do conceito de territorialidade, associado à identidade das pessoas em relação a ressignificação do espaço que ocupam; e econômica, quando trata de desenvolvimento econômico diversificado, tendo a economia como atividade humana provedora das necessidades sociais de determinada coletividade;
- (ii) E de forma indireta nas dimensões: ecológica, quando remete também à noção de necessidade objetiva, em contraste com as necessidades subjetivas socialmente construídas quando se trata de uso dos ecossistemas; e ambiental, quando vincula a utilização do ambiente enquanto resultado das atividades humanas na biosfera.

Nesse sentido, Duque (2013, p. 2) ratifica que capital social “é o conjunto de interações das pessoas e das associações sociais e produtivas envolvendo ordenamento, redes sociais, liderança, cooperação, civismo, reciprocidade de favores e confiança que contribuem para que as pessoas atinjam objetivos e metas comuns”. Duque (2013) esclarece, ainda, que o nível de capital social nas comunidades pode ser um dos indicadores de desenvolvimento, na medida em que estabelece a capacidade participativa e cooperativa das pessoas. Deste modo, se este é um caminho alternativo ao desenvolvimento sustentável, então como forma de se obter elevados níveis de capital social é necessário investir-se em capital humano, especialmente na saúde e na educação, pois quando o governo investe em educação de qualidade e saúde cria espaço social para a formação de capital social em níveis mais elevados. Capital social gera capital humano e vice-versa.

INFORMAÇÕES GERAIS DOS MORADORES-ESTRANGEIROS

O tempo de moradia em Alter do Chão de cada sujeito entrevistado é de oito meses, um ano e quatro meses, dois anos, doze anos, nove anos e 36 anos. Os motivos que os levaram a fixarem residência em Alter do Chão estão relacionados, principalmente, com a tranquilidade e a boa qualidade de vida da localidade, bem como por ser um “lugar bonito, rico de natureza”, “com povo humilde e acolhedor”, e por ser uma Vila com grande potencial de crescimento. Suas principais ocupações relacionam-se à produção de artesanato, empreendimentos de meio de hospedagem ou restaurante e educador ambiental.

No que se refere ao povo acolhedor citado pelos entrevistados, a ideia remete à relação de trocas entre estrangeiros e moradores, e diz respeito aos rituais com que o morador nativo recebe o viajante ou “estrangeiro”; e, mais tarde, esse mesmo estrangeiro tornado morador recebe os antigos anfitriões, agora em sua nova casa. Uma espécie de dádiva da hospitalidade, mas acima de tudo, uma transfiguração da dádiva em oferta de nova vida. Cabe ao viajante aceitá-la por um determinado período de tempo ou de forma definitiva (pelo menos inicialmente) (FIGUEIREDO, 2010).

Foi questionado aos entrevistados como se sentiam, enquanto moradores de Alter do Chão, a respeito de sua integração ao local e sua relação com a comunidade. Os mesmos afirmaram que:

Muito feliz e privilegiado, Alter do Chão é um lugar onde ainda se pode andar sem medo. Quanto a me sentir integrado ao local, este é um desafio que temos que tratar com prioridade. A comunidade é acolhedora, prestando serviço coletivo (ENTREVISTADO A).

Sinto-me como mais um da comunidade, tenho filhos nascidos aqui, temos todos os comunitários como integrantes da minha família (ENTREVISTADO B).

Sinto-me integrada por poder participar de vários projetos do bairro, sejam culturais, musicais, educacionais, ambientais (ENTREVISTADO C).

Sinto bem integrado ao local. Sinto que para o trabalho de compostagem que realizo, o apoio da comunidade é fundamental (ENTREVISTADO D).

Sinto-me integrado e aceito, amo demais viver aqui, parece um sonho. Tenho muitos amigos, converso com diversas pessoas da comunidade e busco atuar em discussões importantes (ENTREVISTADO E).

Sinto-me muito bem aqui, conheço muita gente e participo dos movimentos e me preocupo com o futuro deste lugar (ENTREVISTADO F).

Simmel (2005) destaca que, na relação entre um membro do grupo e um "estrangeiro" ou “estranho”, o que existe é um não-relacionamento. O estranho é sempre considerado como alguém de fora, como um não-membro do grupo, portanto, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é membro de outro determinado grupo. Os contatos com ele são, ao mesmo tempo,

estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana em geral se encontra.

O estrangeiro está próximo na medida em que sentimos traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional, ou genericamente humana, entre ele e nós. Está distante na medida em que estes traços comuns se estendem para além dele ou para além de nós, e nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas (SIMMEL, 1983, p. 186).

No caso de uma pessoa estranha ao país, à cidade, à raça, etc., este elemento não-comum, todavia, não tem nada de individual, é meramente a condição de origem, que é ou poderia ser comum a muitos estrangeiros. Por isso, os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular; o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade (SIMMEL, 1983). De acordo com Simmel (2005, p. 270), “o estrangeiro, o estranho ao grupo, é considerado e visto, enfim, como um não pertencente, mesmo que esse indivíduo seja um membro orgânico do grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social”.

Mesmo os entrevistados considerando-se integrados a Alter do Chão, são pertinentes as observações de Simmel quanto ao olhar do outro em relação ao “estrangeiro”, “o de fora”, pois se percebe uma distinção muito clara em relação a eles por parte dos moradores nascidos na Vila, que se apresentam como moradores nativos. O próprio “estrangeiro”, o “outro”, também reforça essa distinção referindo-se àqueles como nativos.

As inquietações que os estrangeiros causam se dão, principalmente, pelo choque de mentalidades e práticas sociais, de ethos e cultura. Assim, o viajante precisa do rito de passagem. Ele precisa ocupar lugares na situação em que estará inserido, quer de forma efêmera quer de forma mais permanente. Segundo Van Gennep (1997), a chegada de estrangeiros em grande número tem como contraofensiva atos de reforço da coesão social. Para entender essa chegada, o autor enumera três fases após a chegada do estrangeiro: a primeira, uma fase preliminar de contato; a segunda, um período de margem, com troca de presentes e apresentação das acomodações para o estrangeiro; e uma terceira fase, na qual os ritos de agregação por fim se estabelecem para familiarizar o estrangeiro, dos quais a realização de refeições em comum são exemplo.

Embora existam ritos de partida, a segunda etapa da relação diz respeito à compreensão de que o estrangeiro será agora membro da comunidade, portanto ele precisa definir-se em papéis sociais. Segundo Figueiredo (2010), a busca pela identidade tem um movimento de partida (da Morada, momento de Saída), viagem (percurso – Ida), e chegada, seja um retorno ao ponto de origem (percurso – Volta) ou a chegada a um novo lugar (Chegada – Estada). A

transformação da estada em permanência não altera o perigo inicial que o viajante estrangeiro representa.

DADOS SOBRE CAPITAL SOCIAL EM ALTER DO CHÃO

ENGAJAMENTO CÍVICO OU SISTEMAS DE PARTICIPAÇÃO

O engajamento cívico enfoca a natureza e a extensão das atividades coletivas. Compreende as atividades por meio das quais as pessoas contribuem para a comunidade cívica e a vida comunitária, como voluntariado, participação política, associação de grupo e diferentes formas de ação na comunidade (OECD, 2013).

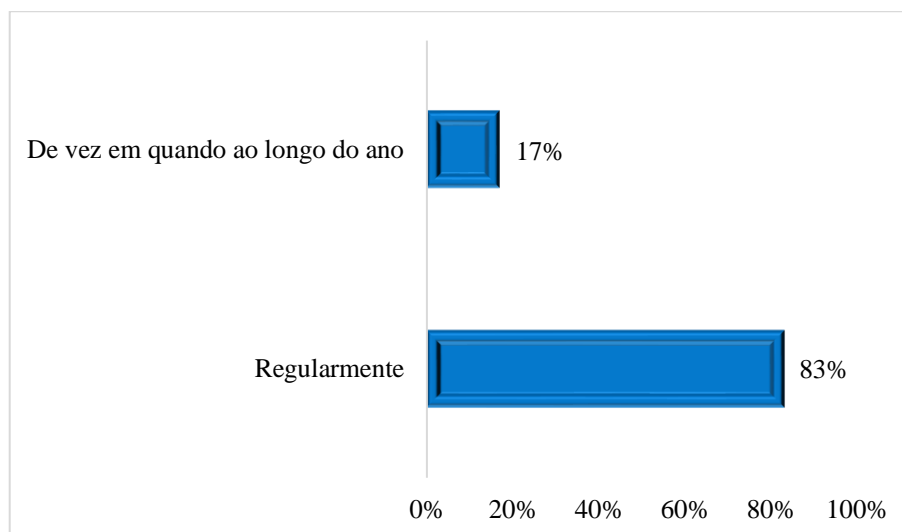
Putnam (1996) descreve que os sistemas de participação cívica são uma forma essencial de capital social, pois, quanto mais desenvolvidos forem esses sistemas numa comunidade, maior será a probabilidade de que seus cidadãos sejam capazes de cooperar em benefício mútuo.

ENGAJAMENTO POLÍTICO, COMUNITÁRIO, ENVOLVIMENTO EM ASSOCIAÇÃO E TRABALHO VOLUNTÁRIO

Participação em organizações locais

No que diz respeito ao engajamento cívico ou aos sistemas de participação cívica, verificou-se que 100% dos moradores-estrangeiros entrevistados participam de alguma associação ou organização em Alter do Chão. São elas: Associação dos Artesãos e Vendedores de Alter do Chão; Associação de Bairro; Associação de Turismo Fluvial de Alter do Chão (Atufa); PermAlter: coletivo de ações ecológicas; Organização Matéria Natureza. Vale destacar que 33% dos entrevistados participam de mais de uma associação/organização. Quanto à frequência, nos últimos doze meses, nas atividades dessas associações/organizações, 83% dos respondentes participaram regularmente, e 17% de vez em quando ao longo do ano (Gráfico 27).

Gráfico 27 – Membro e frequência em associação, conselho, sindicato, organização pelos moradores-estrangeiros

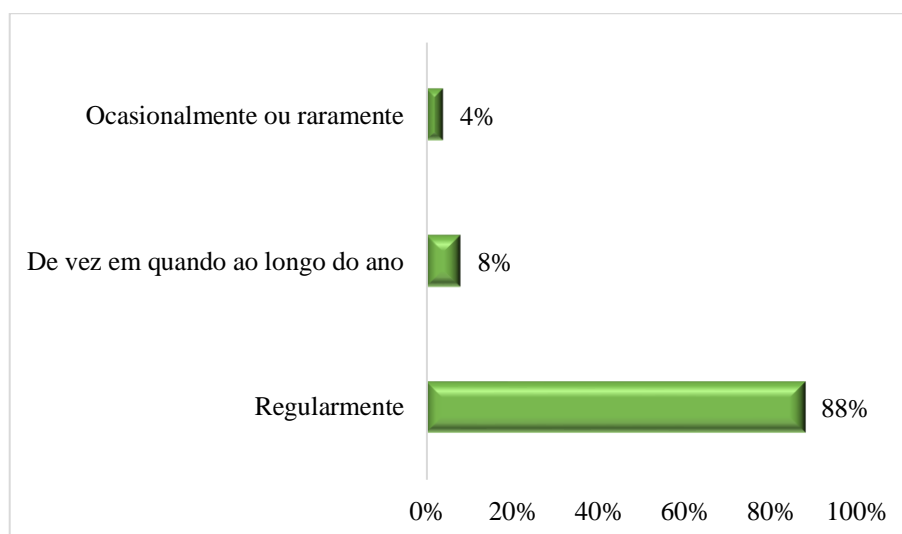


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Esse resultado demonstra que há um compromisso dessas pessoas em contribuir com as discussões e atividades relacionadas ao local que escolheu para fixar residência.

Em relação aos empreendedores turísticos, 63% são membros de alguma associação, conselho, sindicato, organização em Alter do Chão. São elas: Conselho Municipal de Turismo de Santarém; Associação de Empreendedores Turísticos de Alter do Chão - AETA; Associação dos Barraqueiros; Movimento Indígena; Agremiação Boto Cor de Rosa; Conselho Comunitário; Associação Hotéis e Pousadas; Clube Santo Antônio; Grupo de Vizinhos; Igreja; Associação dos Empresários; Organização de Vizinhos; Sindicato dos Comerciantes; Administração de Alter do Chão. Desses, vale destacar que 17% dos entrevistados participam de mais de uma associação/organização. No entanto, 37% não participam de nenhuma associação/organização. No que se refere à frequência, nos últimos doze meses, nas atividades dessas associações/organizações, 88% dos respondentes participaram regularmente; 8% de vez em quando ao longo do ano, e 4% ocasionalmente ou raramente (Gráfico 28).

Gráfico 28 – Membro e frequência em associação, conselho, sindicato, organização pelos empreendedores turísticos



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Quanto à frequência regular nas atividades percebe-se que os valores de participação se aproximam. Porém, observa-se que, mesmo apresentando valor baixo, há empreendedor turístico que ocasionalmente ou raramente participa das atividades em que é associado.

Ações realizadas nos últimos 12 meses

Foi solicitado aos moradores-estrangeiros que indicassem quais destas ações realizou nos últimos 12 meses (Tabela 17).

Tabela 17 – Ações realizadas nos últimos 12 meses pelos moradores-estrangeiros

Questionamento	Sim %	Não %	Não sei %
Participou de uma demonstração para apoiar ou protestar algo referente ao turismo local?	83%	17%	
Alertou algum jornal, rádio ou TV para um problema relacionado ao turismo em Alter do Chão?	50%	33%	17%
Notificou a polícia ou a justiça a respeito de um problema local?	33%	67%	
Realizou trabalho não remunerado para uma associação voluntária ou não voluntária?	83%	17%	

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Percebe-se que quase todos os entrevistados, nos últimos doze meses, participaram de demonstração para apoiar ou protestar sobre algo referente ao turismo, demonstrando assim que têm interesse e se envolvem nas ações desse fenômeno no local. Outro fator importante que

chama atenção é a disponibilidade dos entrevistados em realizar trabalho não remunerado e voluntariado, enfatizando, assim, o seu espírito de cooperação. Putnam (1996) afirma que o capital social facilita a cooperação espontânea.

Para Fukuyama (1996, p. 341-342) “pessoas que nascem com o hábito de cooperar não o perdem facilmente, mesmo que a base da confiança tenha começado a desaparecer”.

Ao contrário dos moradores-estrangeiros, os empreendedores turísticos participam menos de ações para apoiar ou protestar sobre algo referente ao turismo, principalmente quando se trata de encontrar algum político para conversar assuntos referentes ao fenômeno turístico em Alter do Chão (Tabela 18).

Tabela 18 – Ações realizadas nos últimos 12 meses pelos empreendedores turísticos de Alter do Chão

Questionamento	Sim	Não	Não sei	Não respondeu
	%	%	%	%
Encontrou um político, telefonou para ele/ela, ou enviou-lhe uma carta para tratar de assuntos sobre o turismo de Alter do Chão?	26%	71%	3%	
Participou de uma demonstração para apoiar ou protestar algo referente ao turismo local?	55%	42%	3%	
Alertou algum jornal, rádio ou TV para um problema relacionado ao turismo em Alter do Chão?	42%	53%	5%	
Notificou a polícia ou a justiça a respeito de um problema local?	53%	44%	3%	
Realizou trabalho não remunerado para uma associação voluntária?	50%	47%		3%
Realizou trabalho não remunerado para uma associação não voluntária?	16%	74%	7%	3%

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

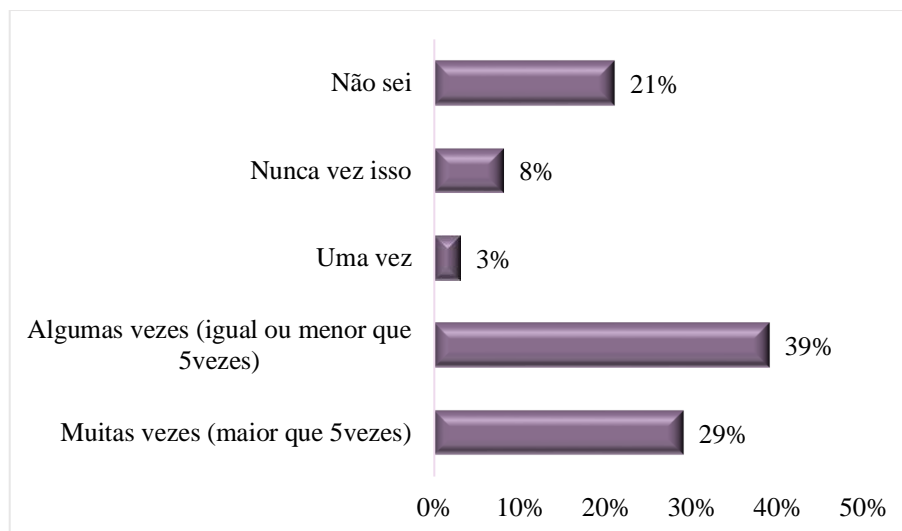
Nos estudos de Duque (2013) junto aos portugueses verificou-se uma fraca participação dos indivíduos na vida associativa e, naturalmente, um fraco envolvimento no voluntariado. Notou-se que 80% dos inquiridos, em 2008, afirmaram que não faziam parte de qualquer organização e cerca de 86% não exerceram qualquer atividade voluntária.

Solicitação a membros do governo ou líderes políticos

A pergunta: “Nos últimos 12 meses, quantas vezes as pessoas em Alter do Chão se reuniram para entregar conjuntamente uma solicitação a membros do governo ou a líderes políticos pedindo benefícios para o desenvolvimento do turismo na comunidade?” foi direcionada apenas para os empreendedores turísticos. As porcentagens maiores de respostas

estiveram concentradas nas opções: algumas vezes (igual ou menor que 5 vezes) e muitas vezes (maior que 5 vezes), correspondendo a 39% e 29% respectivamente (Gráfico 29).

Gráfico 29 – Solicitação feita a membros do governo ou líderes políticos pelos empreendedores turísticos

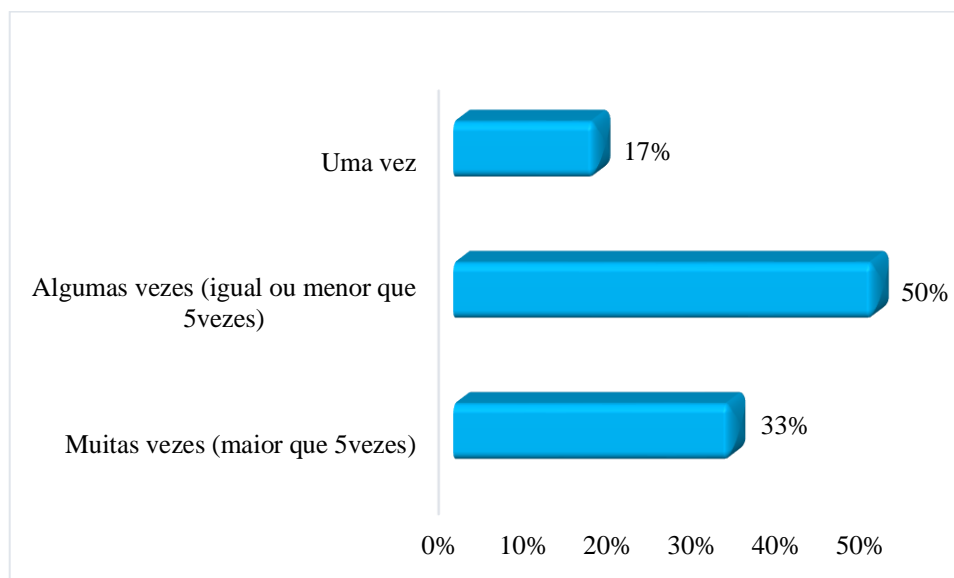


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Participação em reunião pública

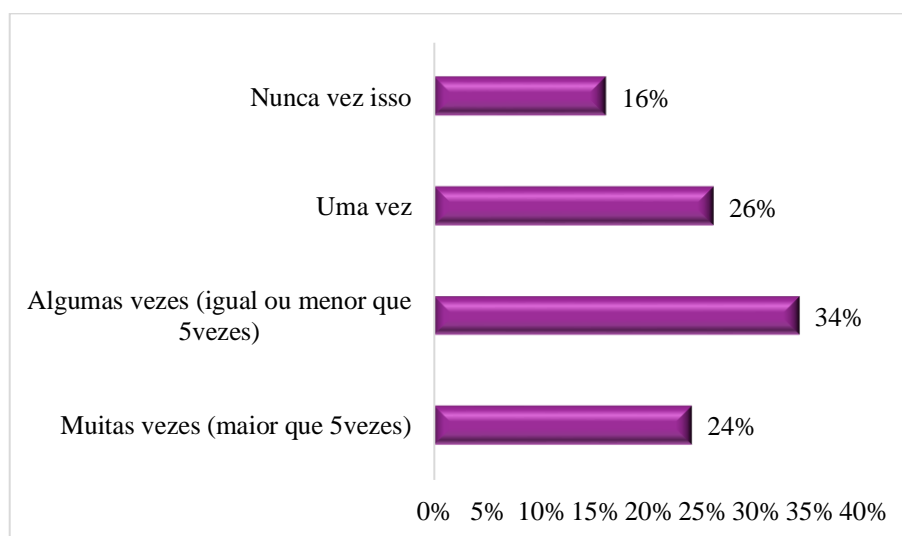
Foi perguntado aos entrevistados o número de vezes em que, nos últimos 12 meses, participou de uma reunião pública em que houve debates relacionados ao turismo em Alter do Chão. A metade (50%) dos moradores-estrangeiros declarou ter estado em reunião pública para debater assuntos relacionados ao turismo na vila de Alter do Chão algumas vezes (igual ou menor que 5 vezes) (Gráfico 30). Essa mesma resposta corresponde para 34% dos entrevistados empreendedores turísticos (Gráfico 31).

Gráfico 30 – Participação dos moradores-estrangeiros em reunião pública sobre turismo em Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Gráfico 31 – Participação dos empreendedores turísticos em reunião pública sobre turismo em Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Observa-se que os empreendedores turísticos participam bem menos em reuniões públicas para debater assuntos relacionados ao turismo, e que há entre eles uma porcentagem razoável de quem nunca participou (16%).

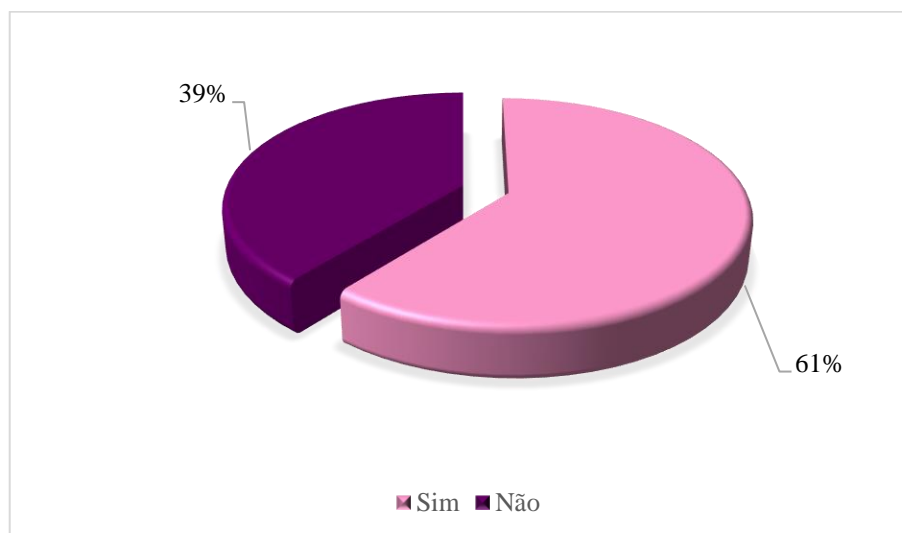
Resolução de algum problema comunitário

Quando inquiridos se, nos últimos doze meses, tentaram resolver algum problema comunitário junto com outras pessoas em Alter do Chão, 100% dos participantes moradores-

estrangeiros responderam positivamente, confirmando assim o seu engajamento na comunidade para a busca de soluções para problemas locais em cooperação com outras pessoas.

No que se refere aos empreendedores turísticos, 61% tentaram resolver algum problema comunitário, porém para 39% a resposta foi negativa, indicando uma atitude de não engajamento cívico junto ao local onde residem (Gráfico 32).

Gráfico 32 – Resolução de algum problema comunitário



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

NORMAS DE CONFIANÇA E COOPERAÇÃO

As normas de confiança e cooperação compreendem os fatores cognitivos que formam a maneira como as pessoas se comportam umas com as outras e como membros de uma sociedade. Embora intangíveis, esses elementos podem ser eficazes e determinar vontade das pessoas de cooperar livremente umas com as outras (OECD, 2013).

Segundo Putnam (1996), a confiança promove a cooperação. Quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação. Confiança é, para Fukuyama (1996, p. 41), “a expectativa que nasce no seio de uma comunidade de comportamento estável, honesto e cooperativo, baseado em normas compartilhadas pelos membros dessa comunidade”.

Neste estudo questiona-se aos entrevistados quanto à confiança generalizada, à confiança institucional e à reciprocidade generalizada.

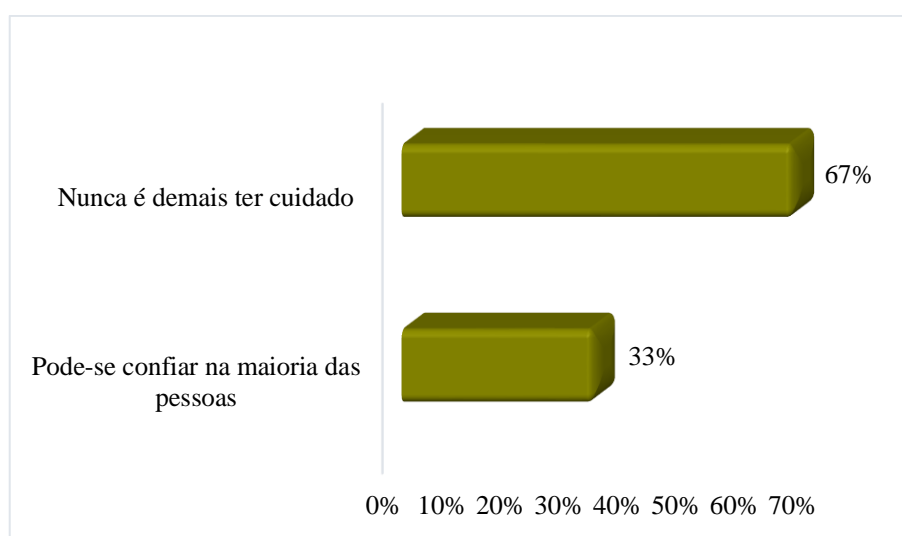
CONFIANÇA GENERALIZADA

A confiança generalizada é a base da cooperação. De acordo com a OECD (2013), confiança e confiabilidade não são o mesmo conceito, embora sejam frequentemente combinados para fins de mensuração. A confiança é sobre percepções e expectativas de outros, enquanto a confiabilidade se refere à honestidade e à integridade do comportamento real das pessoas.

Confiança nas pessoas

Foi feito o seguinte questionamento aos entrevistados: “De um modo geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas, ou que nunca é demais ter cuidado nas suas relações com outras pessoas”? Segundo 33% dos entrevistados moradores-estrangeiros, pode-se sim confiar na maioria das pessoas, porém a maioria, 67% afirmou que nunca é demais ter cuidado. Esse posicionamento leva à reflexão que esses sujeitos são civicamente engajados, cooperando tanto com as ações das associações de que participam, como na resolução de problemas gerais que afetam a comunidade, mas preferem ter cuidados quanto se trata de confiar de maneira geral nas pessoas. Putnam (1996) afirma que a confiança gera cooperação, mas que a própria cooperação gera confiança. Portanto, isso não se constata junto aos moradores/estrangeiros; cooperam, porém, preferem ter cuidados quando se trata de confiança (Gráfico 33).

Gráfico 33 – Confiança nas pessoas segundo os moradores-estrangeiros

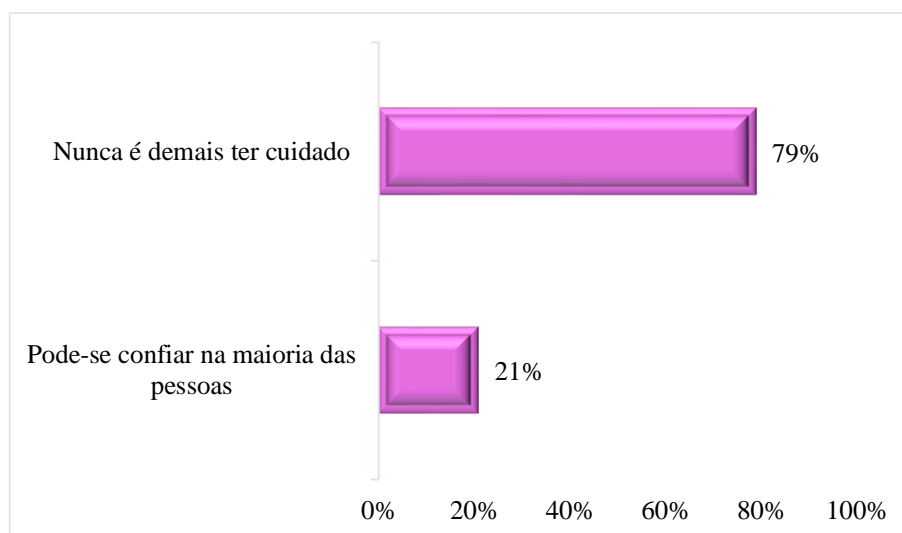


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Quanto aos empreendedores turísticos, de acordo 21% dos respondentes, pode-se sim confiar na maioria das pessoas, porém a grande maioria, 79% afirmou que nunca é demais ter cuidado, demonstrando assim, que o nível de confiança em outras pessoas é mais baixo que entre os entrevistados moradores-estrangeiros (Gráfico 34). Novamente, remete-se a Putnam (1996) que reforça que quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação. Esse autor ainda afirma que a confiança necessária para fomentar a cooperação não é uma confiança cega.

Nesse sentido, Dasgupta (2000, p. 50-51) comenta que: “Você não confia em que uma pessoa (ou uma entidade) fará alguma coisa simplesmente porque ela disse que irá fazer. Você só confia porque, conhecendo a disposição dela, as alternativas de que dispõe e suas consequências, a capacidade dela e tudo mais, você espera que ela preferirá agir assim”.

Gráfico 34 – Confiança nas pessoas segundo os empreendedores turísticos



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

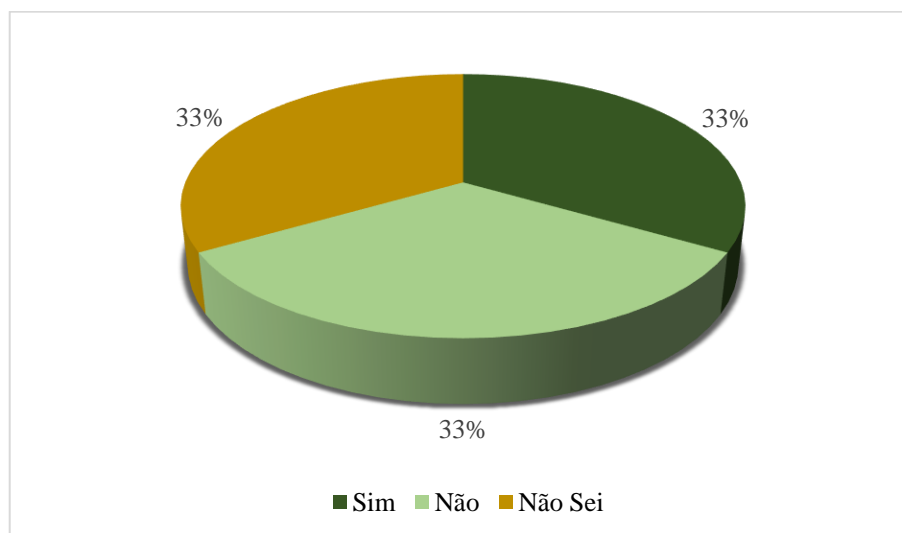
Em estudos realizados por Duque (2013) junto à população portuguesa, foi constatado que, em relação à questão que mede a confiança em relação aos outros, 80% dos portugueses indicam que “todo o cuidado é pouco”, o que deixa transparecer um baixo nível de confiança nas pessoas.

Confiança entre os moradores nativos e moradores-estrangeiros

O seguinte questionamento foi direcionado apenas para os entrevistados moradores-estrangeiros: “Na sua opinião há confiança entre os moradores nativos e os moradores que vieram de outras regiões?” Conforme 33% dos entrevistados, há confiança entre os moradores

nativos e os moradores-estrangeiros; para 33% não há confiança; e 33% não souberam responder o questionamento (Gráfico 35).

Gráfico 35 – Confiança entre os moradores nativos e moradores que vieram de outras regiões segundo os moradores-estrangeiros

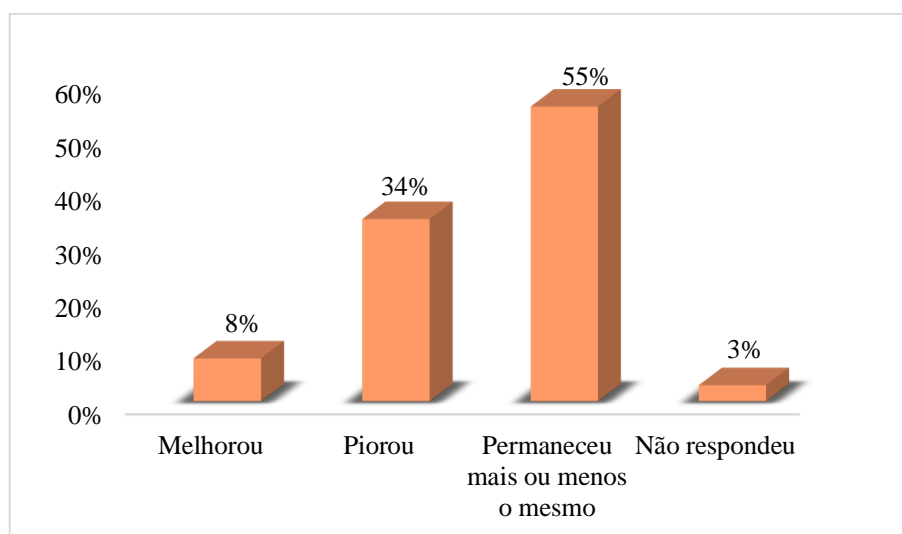


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Grau de confiança entre as pessoas de Alter do Chão

Foi solicitado apenas aos empreendedores turísticos analisar, com base em suas experiências nos últimos cinco anos, se houve mudanças no grau de confiança entre as pessoas de Alter do Chão. De acordo com 55% dos entrevistados o grau de confiança permaneceu mais ou menos o mesmo. Porém, para 34% dos respondentes piorou (Gráfico 36).

Gráfico 36 – Grau de confiança entre as pessoas de Alter do Chão de acordo com os empreendedores turísticos



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Para os respondentes que afirmaram que a confiança entre as pessoas de Alter do Chão permaneceu mais ou menos no mesmo patamar, algumas justificativas são apresentadas abaixo:

- P. 01: “Acho que falta mais união entre eles e também nas associações”.
- P. 03: “A Vila em si é muito pequena e todos os moradores se conhecem”.
- P. 05: “Aconteceram alguns roubos na Vila”.
- P. 17: “Não houve alteração”.
- P. 22: “Porque continuou no mesmo”.
- P. 29: “A comunidade é resistente ao investidor estrangeiro (não da Vila)”.
- P. 32: “Muita gente transita pela Vila, alguns participam efetivamente da história local, outros não”.
- P. 38: “Na maioria das vezes as pessoas pensam primeiro em si, mas acontece de poder contar com alguém nas horas que precisa.”

Para os entrevistados que afirmaram que a confiança piorou a justificativa. ocorre que:

- P. 04: “O aumento da população local”.
- P. 08: “Vem muita gente de fora, há cinco anos atrás eu conhecia todo mundo e devido a chegada de muitas pessoas aconteceram várias coisas e então não se pode mais confiar”.
- P. 15: “A violência em Alter do Chão cresceu bastante e isso dificulta a questão da confiança”.
- P. 23: “Existem pessoas que só se preocupam com benefícios próprios”.
- P. 27: “As pessoas não têm mais confiança no Conselho Comunitário, nas políticas, etc.”.
- P. 31: “Tinham pessoas que lutavam pela comunidade e agora cada um puxa para si e não tem como confiar”.
- P. 34: “Por conta do costume de cada um por si e ninguém se organiza para reivindicar algo ou algum benefício para a vila de Alter do Chão”.
- P. 35: “A maioria das pessoas que tem empreendedorismo passam umas por cima das outras para que seu negócio prevaleça”.

Para os que responderam que a confiança melhorou, os motivos estão relacionados a:

- P. 10: “Porque houve união entre o conselho e o órgão público”.
- P. 19: “As pessoas se reúnem, os líderes têm cumprido a maioria das promessas”.

Percebe-se, em algumas declarações, a sugestão de que a confiança piorou pelo fato de o individualismo apresentar-se como fator mais preponderante, inibindo relações de parceria e cooperação entre as pessoas, principalmente as que estão relacionadas a algum empreendimento na Vila.

Também se observa que as mudanças ocorridas na confiança entre as pessoas estão muito direcionadas ao aumento do fluxo de pessoas que migraram para Alter do Chão e estabeleceram residência nesse local.

CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES

A confiança nas instituições é um importante recurso público, e, da mesma forma que o nível de confiança de um indivíduo (ou desconfiança) em outro, afeta sua vontade de participar

de ações cooperativas. A confiança no governo, por exemplo, pode condicionar a vontade das pessoas de pagar impostos, aceitar reformas políticas, apoiar objetivos militares e cumprir programas de serviço social (OECD, 2013).

Quanto à confiança institucional, tanto os entrevistados moradores-estrangeiros como os empreendedores avaliaram o nível de confiança nas seguintes instituições, representações: Conselho Comunitário, Associações (Barraqueiros, Catraieiros, Lanchas, Artesanato); Agremiações dos Botos Tucuxi e Cor de Rosa; Administração da Vila: Membros do governo local, prefeitura, câmara de vereadores; Outros empresários locais do turismo. Na tabela 19, tem-se os resultados referentes aos moradores-estrangeiros.

Tabela 19 – Grau de confiança institucional segundo os moradores-estrangeiros

Instituições/Representações avaliadas	Confio	Confio	Nem pouco,	Confio	Confio
	muito pouco	pouco	nem muito	muito	totalmente
	%	%	%	%	%
Conselho Comunitário	17%	17%	50%	17%	
Associações (Barraqueiros, Catraieiros, Lanchas, Artesanato)			17%	83%	
Agremiações dos Botos Tucuxi e Cor de Rosa	17%	33%	33%	17%	
Administração da Vila	33%	33%	17%	17%	
Membros do governo local, prefeitura, câmara de vereadores	50%	33%		17%	
Outros empresários locais do turismo			33%	50%	17%

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Observa-se que, mesmo a resposta da maioria dos entrevistados moradores-estrangeiros quanto à confiança generalizada, afirmando que nunca é demais ter cuidado, quando se trata das instituições e representações de Alter do Chão, das associações ligadas ao turismo, bem como dos empresários locais do turismo, a confiança é mais alta. Isso pode ser explicado pelo fato de que os entrevistados também estão inseridos no contexto de empreendedores do turismo, relacionando-se mais efetivamente com os seus pares.

Quanto à administração da vila, em quem mais da metade (66%) dos entrevistados confia muito pouco ou pouco, esse resultado pode estar relacionado ao fato de que este cargo é indicação do poder público municipal, no qual também se percebe que há baixo grau de confiança por parte dos entrevistados.

Ao contrário dos dados encontrados junto aos moradores-estrangeiros, o nível de confiança nas instituições pelos empreendedores turísticos é bem baixo (Tabela 20).

Tabela 20 – Grau de confiança institucional segundo os empreendedores turísticos

Instituições/Representações avaliadas	Confio muito pouco	Confio pouco	Nem pouco, nem muito	Confio muito	Confio totalmente	Não respondeu
	%	%	%	%	%	%
Conselho Comunitário	21%	39%	29%	5%	3%	3%
Associações (Barraqueiros, Catraieiros, Lanchas, Artesanato)	26%	34%	32%	8%		
Agremiações dos Botos Tucuxi e Cor de Rosa	34%	24%	39%	3%		
Administração da Vila	44%	24%	29%		3%	
Membros do governo local, prefeitura, câmara de vereadores	45%	26%	26%	3%		
Outros empresários locais do turismo	26%	29%	29%	8%	5%	3%

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Petrić e Pivčević (2016), em estudo realizado em Split, na Croácia, detectaram também um baixo nível de confiança em instituições ligadas ao turismo. Das 7 (sete) instituições indicadas para os entrevistados avaliarem, as notas mais baixas foram direcionadas para o Ministério da Construção e Planejamento Físico, com 2,16, seguido pelo governo da cidade, com 2,21.

Similar situação encontrou-se junto aos empreendedores turísticos da vila de Alter do Chão, no que se refere às instituições ligadas ao poder público. Nesse quesito, a administração da Vila, que é um cargo por indicação do governo municipal e o governo local (Prefeitura e Câmara dos Vereadores) obtiveram as avaliações mais baixas pelos entrevistados.

Duque (2013) também constatou que as instituições e organizações apresentam escassos níveis de crédito junto aos entrevistados portugueses.

Segundo a OECD (2013), as normas de confiança e de cooperação contribuem para a produção econômica, a coesão social, a estabilidade, a capacidade de ação coletiva, a participação democrática, a boa governança, além de ter um impacto direto na felicidade individual e na saúde dos indivíduos.

Também as normas de confiança e de cooperação representam o conceito mais apropriado para ser considerado capital social em um contexto de sustentabilidade por vários motivos. Primeiro, eles contribuem para o bem-estar coletivo e individual, estar de forma inequivocamente positiva, e pode ser visto como um bem puramente público, como os

indivíduos não podem ser excluídos de seu uso, e como o uso por uma pessoa não reduz a disponibilidade para outros (OECD, 2013).

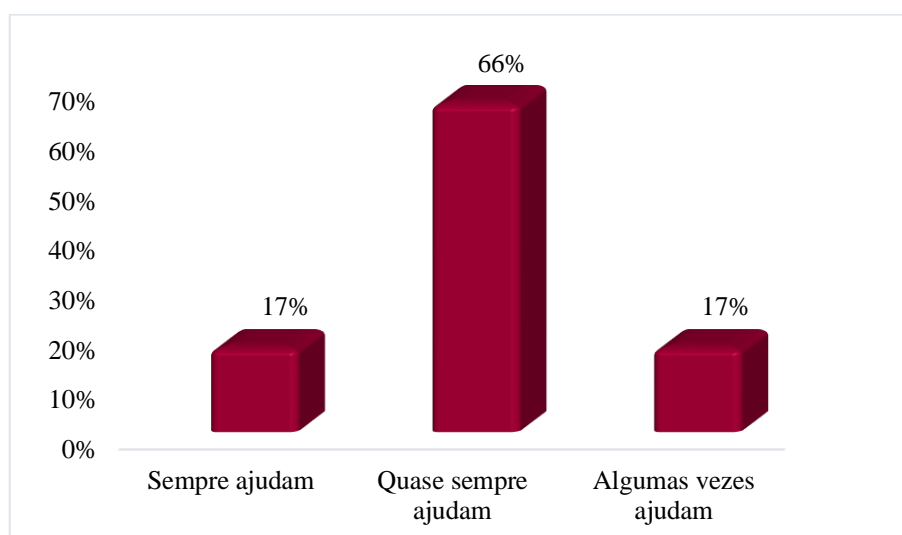
RECIPROCIDADE GENERALIZADA

A reciprocidade generalizada, conforme Putnam (1996, p. 181) “diz respeito a uma contínua relação de troca que a qualquer momento apresenta desequilíbrio ou falta de correspondência, mas que supõe expectativas mútuas de que um favor concedido hoje venha a ser retribuído no futuro”. Segundo o autor, uma sociedade caracterizada por reciprocidade generalizada é mais eficiente do que uma sociedade desconfiada, pelo mesmo motivo que o dinheiro é mais eficiente do que a permuta (PUTNAM, 2004).

Frequência de ajuda

No que diz respeito à reciprocidade generalizada foi questionado aos entrevistados moradores-estrangeiros com que frequência as pessoas de Alter do Chão ajudam umas às outras. De acordo com 17% dos pesquisados, as pessoas ajudam sempre; 66% responderam que ajudam quase sempre e; 17% asseguraram ajudam algumas vezes (Gráfico 37).

Gráfico 37 – Reciprocidade generalizada conforme os moradores-estrangeiros



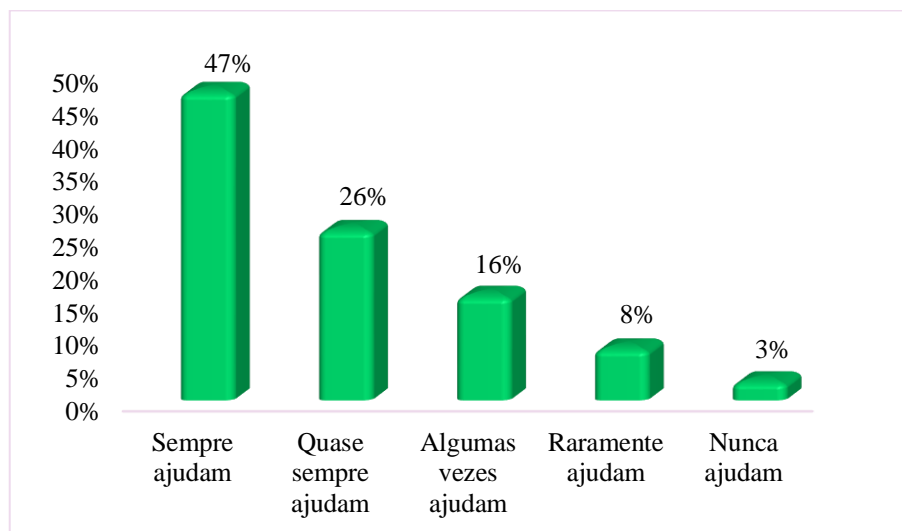
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Mesmo não havendo sempre ajuda de umas pessoas para com as outras, existe consenso de que ocorre ajuda. Isso pode estar relacionado à regra de reciprocidade generalizada: “ajudo hoje para receber ajuda amanhã se assim o precisar”. Para Putnam (1996, p. 182) “as

comunidades em que essa regra é obedecida têm melhores condições de coibir o oportunismo e solucionar os problemas da ação coletiva”.

Quanto aos entrevistados empreendedores turísticos, conforme 47% dos pesquisados, as pessoas de Alter do Chão sempre ajudam; para 26% quase sempre ajudam (Gráfico 38).

Gráfico 38 – Reciprocidade generalizada conforme os empreendedores turísticos



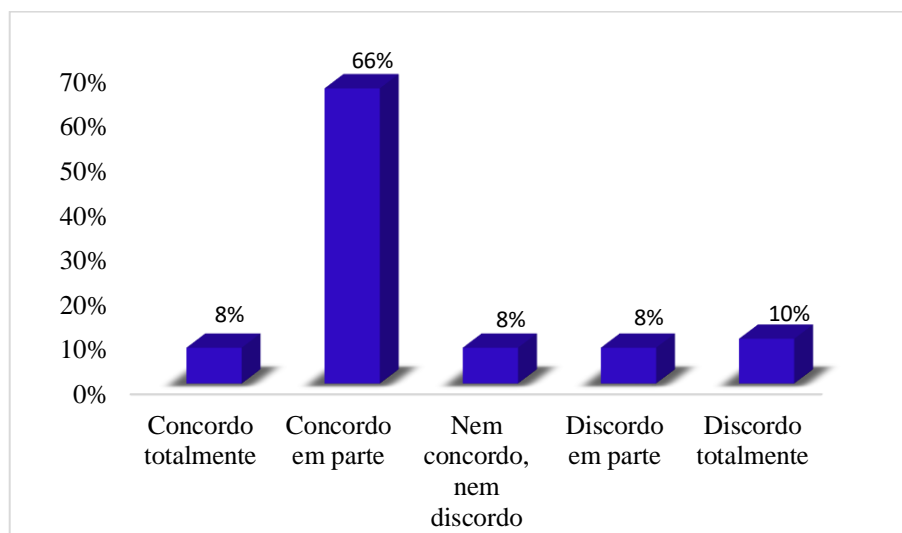
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Alguns respondentes que afirmaram que as pessoas de Alter do Chão sempre ajudam umas as outras relataram que a ajuda está mais relacionada aos problemas de saúde: quando estão doentes e precisam de tratamento, a população faz bingos para ajudar financeiramente, e, em alguma outra necessidade, dão ajuda na forma de alimentos, remédios, etc. Vale ressaltar que um entrevistado frisou que esse tipo de ajuda ocorre entre os comunitários da Vila, mas é um bom exemplo que deveria ser seguido pelos empreendedores turísticos, ajudar uns aos outros no contexto do turismo.

Pessoas que trabalham com o turismo dispostas a ajudar

O questionamento: “A maioria das pessoas que trabalha com o turismo está disposta a ajudar caso você precise?” foi direcionado somente aos empreendedores turísticos. 66% dos entrevistados afirmaram concordar em parte com essa assertiva, demonstrando alguma ressalva para não concordar com ela plenamente; 10% discorda dela totalmente; e 8% concorda totalmente com ela (Gráfico 39).

Gráfico 39 – Pessoas que trabalham com o turismo disposta a ajudar segundo os empreendedores turísticos

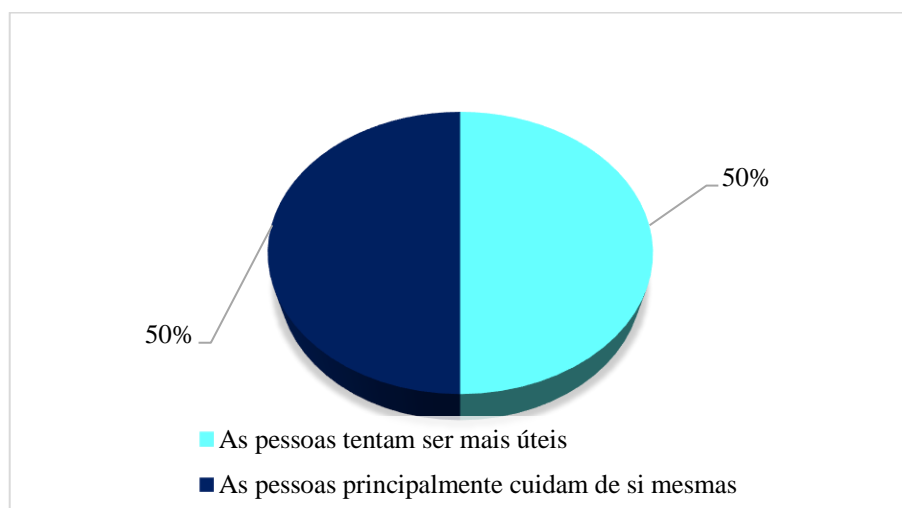


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Pessoas que trabalham com o turismo tentam ser úteis para o desenvolvimento do turismo como um todo ou estão voltadas para si

Ainda com relação à reciprocidade generalizada, também foi questionado tanto aos moradores-estrangeiros como os empreendedores turísticos: “Você diria que, na maioria das vezes, as pessoas que trabalham com o turismo tentam ser úteis para o desenvolvimento local como um todo ou que elas estão procurando por si mesmas”? De acordo com 50% dos entrevistados moradores-estrangeiros as pessoas tentam ser mais úteis. Para os outros 50% dos respondentes, as pessoas principalmente cuidam de si mesmas. Quando se trata das relações e ajuda de pessoas envolvidas no turismo, percebe-se uma divisão mais clara das opiniões dos entrevistados (Gráfico 40).

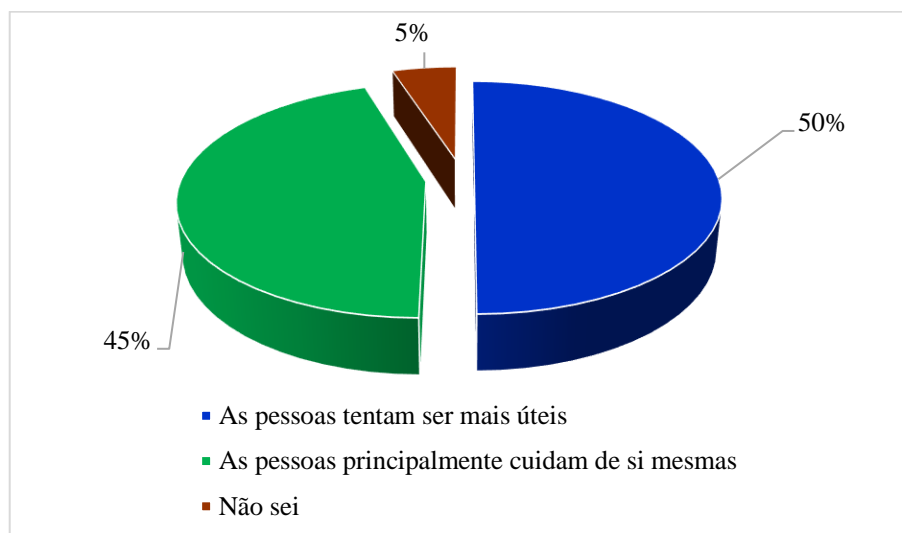
Gráfico 40 – Pessoas que trabalham com o turismo tentam ser úteis ou não segundo os moradores-estrangeiros



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Para 50% dos empreendedores turísticos também a maioria das pessoas que trabalham com o turismo tentam ser mais úteis para o desenvolvimento local como um todo do que elas estão procurando olhar por si mesmas. Porém, 45% confirmaram que as pessoas principalmente cuidam de si mesmas, ratificando o individualismo percebido entre os empreendedores turísticos (Gráfico 41).

Gráfico 41 – Pessoas que trabalham com o turismo tentam ser úteis ou não segundo os empreendedores turísticos

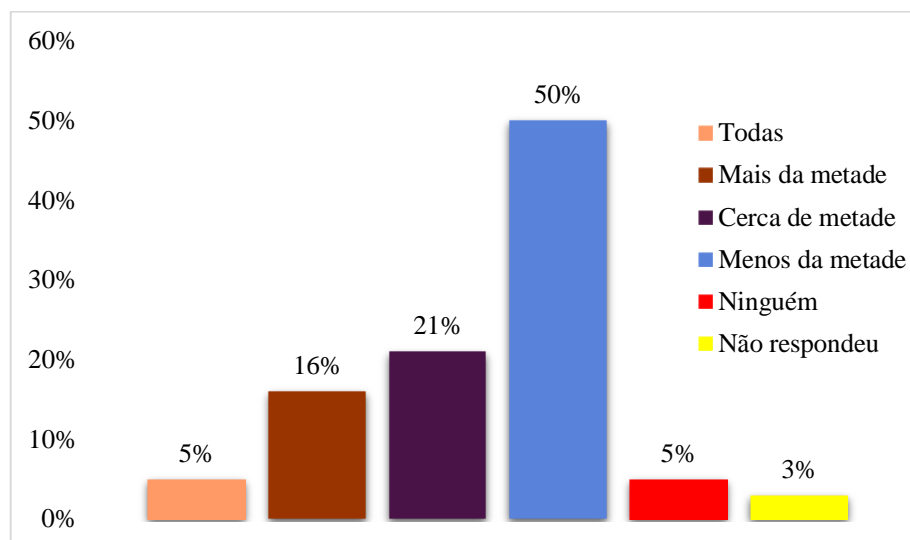


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Contribuição com tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimento comuns do turismo em Alter do Chão

“Quantas pessoas que são proprietárias de estabelecimentos voltados para o atendimento aos turistas e viajantes contribuem com tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimento comuns do turismo em Alter do Chão?” Esse questionamento foi direcionado somente para os empreendedores turísticos. De acordo com 50% dos pesquisados, menos da metade contribuem com tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimento comuns do turismo na Vila. Para 21%, cerca da metade contribuem; e 16% consideram que mais da metade o faz (Gráfico 42).

Gráfico 42 – Contribuição com tempo ou dinheiro de acordo os empreendedores turísticos



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Constata-se que a cooperação entre os pares é bastante limitada quando se almeja objetivos comuns, reforçando mais uma vez as falas anteriores sobre o individualismo existente entre os empreendedores turísticos na Vila.

D'Araújo (2003) descreve que a cooperação voluntária, assentada na confiança, só é possível em sociedades que convivem com regras de reciprocidade e com sistemas de participação cívica. A autora enfatiza que em sociedades que tenham capital social, que, a exemplo de outras formas de capital, é produtivo e possibilita a realização de certos objetivos que sem ele seriam inatingíveis. “O capital social facilita a cooperação espontânea e minimiza os custos de transação” (D'ARAÚJO, 2003, p. 17).

Para Putnam (1996, p. 177) “a cooperação voluntária é mais fácil numa sociedade que tenha herdado um bom estoque de capital social sob a forma de regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica”. No que se refere à participação cívica dos entrevistados de Alter do Chão, constatou-se maior participação dos moradores/estrangeiros, pois 100% dos entrevistados participam de algum tipo de associação/organização. Por outro lado, cerca de 37% dos entrevistados empreendedores turísticos não participam. Portanto, o exemplo dos moradores/estrangeiros, que são pessoas provenientes de outros lugares, com outra cultura e condutas em relação ao sistema comunitário, deveria servir de inspiração para os empreendedores turísticos da Vila, conduzindo-os à reflexão da importância e necessidade de maior participação e colaboração com os objetivos comuns de todos os envolvidos no turismo naquele local.

APOIO À REDE SOCIAL

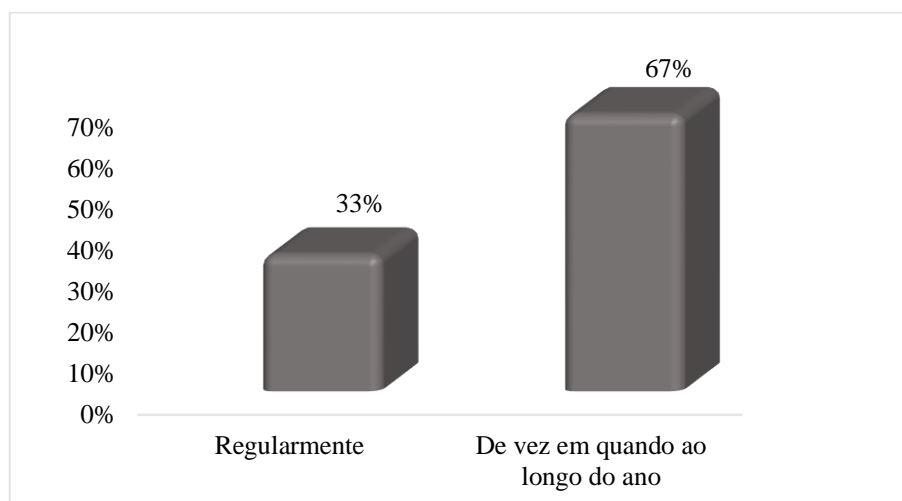
O suporte ou apoio à rede social refere-se a uma variedade de diferentes tipos de assistência e vantagens facilitadas por laços sociais das pessoas. Existem muitos tipos diferentes de suporte que um indivíduo pode acessar através de suas redes. Esses incluem: Informação e aconselhamento (oportunidades de negócios, pesquisas de emprego, para uma decisão de vida, etc.); Suporte emocional (em caso de divórcio ou perda de um familiar, etc.); Apoio financeiro (ser capaz de emprestar uma determinada quantia de dinheiro em uma emergência, etc.); Ajuda prática (por exemplo, ajudar com tarefas domésticas, cuidados ou manutenção de casa, etc.); Suporte de material (por exemplo, recebendo uma casa, emprestando um carro, etc.) (OECD, 2013).

Para Putnam (2004), as comunidades dotadas de um conjunto diversificado de redes sociais e associações cívicas estão em uma posição mais forte para enfrentar a pobreza e a vulnerabilidade, resolver disputas e aproveitar as novas oportunidades.

Frequência de encontros com outras pessoas para assuntos locais

Os entrevistados moradores-estrangeiros foram questionados: Com que frequência você se reúne com outras pessoas para conversarem sobre assuntos locais? 33% dos entrevistados informaram que regularmente reúnem-se com outras pessoas para tratar assuntos locais. Porém, os demais (67%) o fazem de vez em quando, ao longo do ano, demonstrando assim que a rede social das pessoas entrevistadas não possui uma dinâmica constante, o que pode vir a comprometer algumas atitudes de colaboração e ajuda mútua à comunidade (Gráfico 43).

Gráfico 43 – Frequência de encontros dos moradores-estrangeiros com outras pessoas para assuntos locais



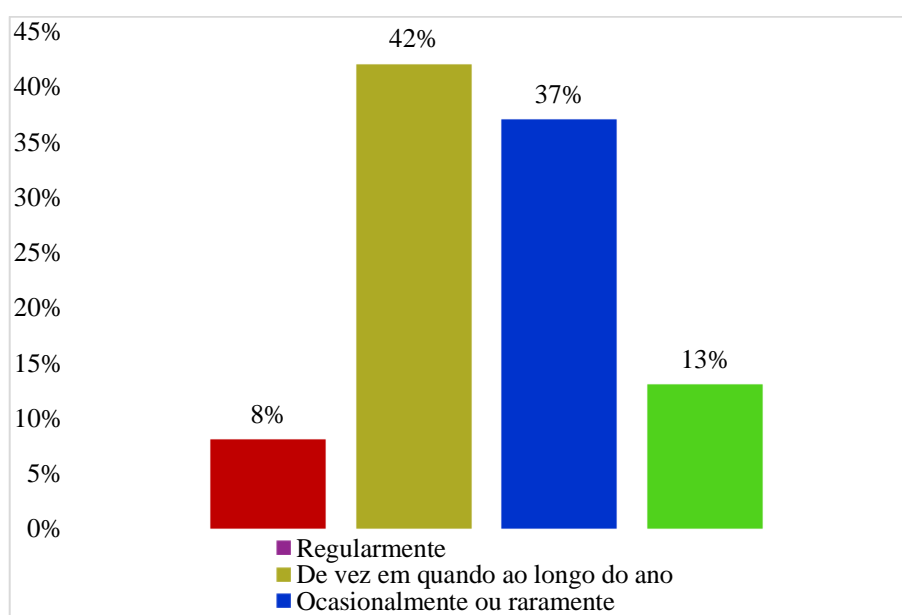
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Hall (2004) relata que as redes de contato face-a-face, das quais o capital social depende, também podem se basear na interação regular com outros em ambientes menos formais, como aqueles que envolvem a socialização com amigos, conversas com vizinhos e atividades organizadas informalmente, mas realizadas regularmente com outras pessoas.

Frequência de encontros com outros empreendedores turísticos para assuntos locais e turismo

Para os empreendedores turísticos a pergunta foi feita da seguinte maneira: “Com que frequência você se reúne com outros empreendedores turísticos de Alter do Chão para conversarem sobre assuntos locais e de turismo?” Conforme 42% dos respondentes, os mesmos realizam esses encontros de vez em quando ao longo do ano; para 37%, ocasionalmente ou raramente; e 13% nunca encontram outros empreendedores turísticos para conversarem sobre assuntos locais e de turismo. Observa-se que, junto aos empreendedores turísticos, o apoio à rede social é bem mais fragilizado que o encontrado junto aos moradores/estrangeiros. Uma hipótese a ser colocada é o grau de fragilidade que pode vir também a ocorrer em relação à cooperação e à confiança entre os pares envolvidos no desenvolvimento do turismo local (Gráfico 44).

Gráfico 44 – Frequência de encontros dos empreendedores turísticos com seus pares para assuntos locais e turismo



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

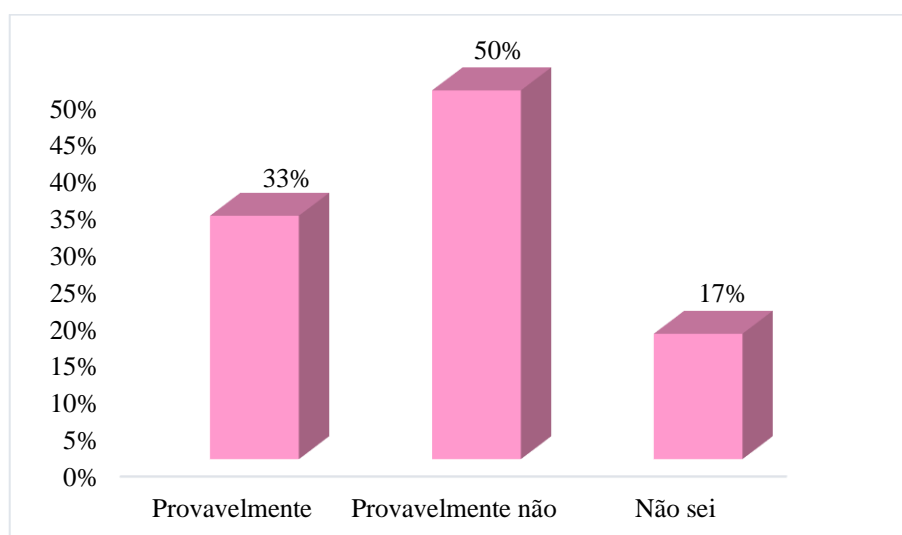
Segundo Putnam (2004), as redes sociais são importantes, pois têm valor, em primeiro lugar, para as pessoas que estão nelas. As redes densas de interação social parecem promover

normas de reciprocidade generalizada, ou seja, ajudam a resolver os dilemas da ação coletiva, incentivando as pessoas a agir de maneira confiável quando, de outra forma, não poderiam fazê-lo.

Ajuda financeira para atividades profissionais

Quanto à ajuda financeira, caso precisasse, para resolver algum problema relacionado às suas atividades profissionais, perguntou-se aos moradores-estrangeiros se poderiam contar com os empresários de turismo de Alter do Chão. 33% das pessoas responderam que, provavelmente, teriam essa ajuda; porém, para 50% dos entrevistados, provavelmente não teriam ajuda. 17% dos pesquisados não souberam responder (Gráfico 45).

Gráfico 45 – Ajuda financeira para resolver algum problema relacionado as atividades profissionais segundo os moradores-estrangeiros



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

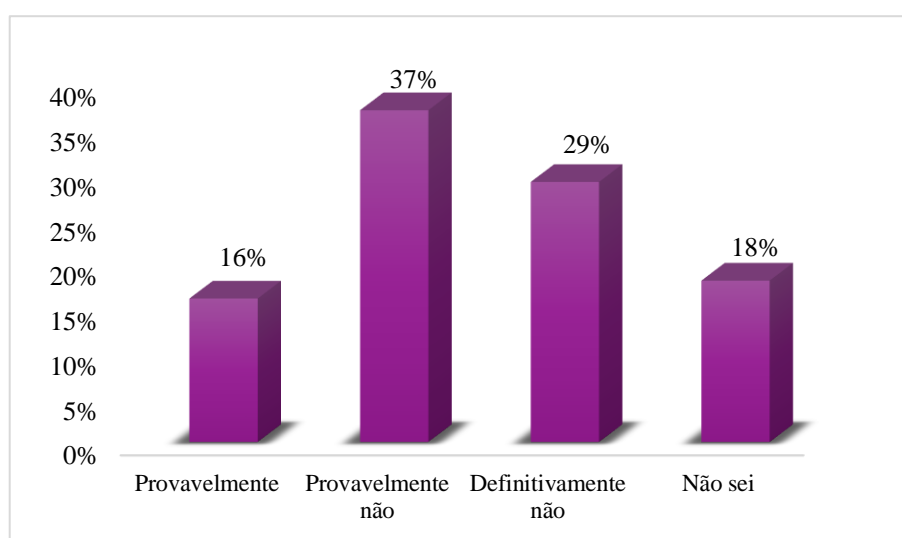
A OECD (2013) relata que diferentes pessoas têm capacidades variáveis para aproveitar e lucrar com os recursos disponíveis em suas redes, dependendo de suas características e comportamentos individuais. Podemos supor que quanto mais envolvimento em redes sociais, mais possibilidade de fortalecer as conexões sociais das pessoas, e conseqüentemente, proporcionar a confiança e estimular a cooperação, tornando-se um círculo virtuoso.

De acordo com Wuthnow (2004), as redes que surgem podem ser úteis para trocar favores profissionais ou elevar o prestígio da pessoa na comunidade.

Ajuda financeira para resolver algum problema na empresa

Em relação à ajuda financeira, para os empreendedores turísticos foi questionado: “Se, de repente, você precisasse de ajuda financeira para resolver algum problema em sua empresa, você poderia contar com os outros empreendedores turísticos de Alter do Chão?” De acordo com 37% dos entrevistados provavelmente não teriam essa ajuda; e para 29% definitivamente não teria a ajuda financeira de outros empreendedores turísticos. Resultado esse, que reforça ainda mais a fragilidade de apoio a rede social, bem como a cooperação e a confiança entre os seus pares (Gráfico 46).

Gráfico 46 – Ajuda financeira para resolver algum problema relacionado a empresa segundo os empreendedores turísticos

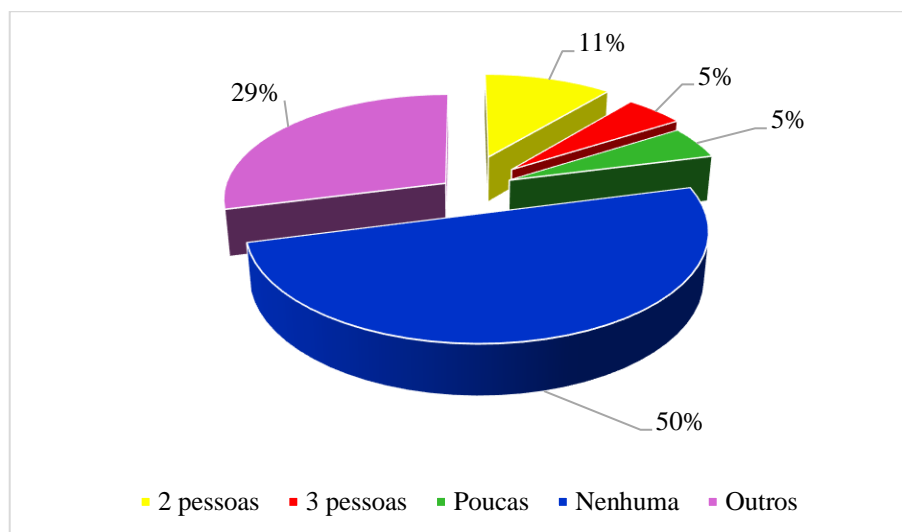


Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

Quantidade de pessoas que trabalham com turismo procuram para firmar parceria

Para os empreendedores turísticos foi feito o seguinte questionamento: “Nos últimos 12 meses, quantas pessoas que trabalham com o turismo em Alter do Chão o procuraram para firmar alguma parceria com a intenção de desenvolver algum trabalho para o desenvolvimento do turismo local?” Segundo 50% dos entrevistados, ninguém os procurou; mas 11% afirmaram que duas pessoas o fizeram, a fim de firmar algum tipo de parceria para desenvolver algum trabalho em prol do turismo na vila de Alter do Chão. Esse resultado confirma mais vez que a rede social dos sujeitos pesquisados apresenta uma fragilidade nas formas de interação e busca por soluções de maneira cooperativa e conjunta (Gráfico 47).

Gráfico 47 – Quantidade de pessoas que trabalham com o turismo procuram para firmar parceria com os empreendedores turísticos de Alter do Chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa de campo

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Quando se reflete sobre o turismo enquanto fenômeno social é pertinente considerar toda a dinâmica complexa que o envolve. Como Moesch (2013) ressalta, trata-se de uma prática social que se dissemina de formas diferenciadas, a partir de subjetividades diversas e de vivências múltiplas dos sujeitos que as praticam, em um mundo cada vez mais globalizado.

Os sujeitos que praticam o turismo, ao fixarem residência em uma localidade a que chegaram como turistas ou viajantes, carregam práticas sociais e capital social dinamizados por relações anteriores com outras pessoas em outros lugares. E encontram também outras pessoas que com capital social, limitado ou não.

Os moradores-estrangeiros entrevistados nesta pesquisa, que chegaram a Alter do Chão como turistas e viajantes, se estabeleceram como novos estrangeiros, interferindo na dinâmica do turismo, ou seja, criando hospedagens alternativas, restaurantes, artesanato e participando das instâncias de governança, efervescendo não só o turismo da comunidade como a própria comunidade a partir de suas relações sociais. Portanto, os estrangeiros, transmutados em migrantes e por fins moradores de Alter do Chão, conseguem se estabelecer e sentem-se incorporados à comunidade pelo fato de, na sua maioria (83% entrevistados), atuarem na principal atividade econômica e na prática social permanente do lugar, e, no caso de um entrevistado, que por desenvolver ações como educador ambiental, de maneira indireta ou direta, acaba se relacionando com os turistas que ali chegam para visitaçãõ.

Esses moradores-estrangeiros contribuem de maneira significativa para o reforço do capital social do grupo, a partir de suas inserções em associações e na dinâmica social local. Participam e apoiam ações relacionadas ao turismo local, contribuem para a comunidade e a vida comunitária através de voluntariado, cooperação, engajamento cívico, associações, etc., constituindo-se assim como fontes de capital social. Esse capital, sendo bem aproveitado pelos moradores nativos da Vila, principalmente pelos empreendedores turísticos, pode contribuir de forma significativa para o fortalecimento e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do turismo local.

Todavia, este cenário não é observado junto aos empreendedores turísticos, pois participam bem menos de associações/organizações e ações para apoiar ou protestar algo referente ao turismo na Vila. No que se refere a confiança, principalmente nas instituições locais e políticas, também é bem mais baixo que os moradores-estrangeiros.

Quase 50% dos empreendedores turísticos entrevistados confirmaram que a maioria das pessoas que trabalham com o turismo cuidam de si mesmas, não havendo colaboração, cooperação entre os pares. Esse resultado ratifica falas muito recorrentes no decorrer da pesquisa de campo, tais como: “cada um por si e Deus por todos”, demonstrando um maior individualismo da classe empreendedora turística. E esse resultado é reforçado quando 50% dos empreendedores afirmaram que menos da metade das pessoas que são proprietárias de estabelecimentos de turismo contribuem com tempo ou dinheiro para objetivos comuns do turismo em Alter do Chão.

Quanto ao apoio à rede social, também se percebem limitações nas relações entre os empreendedores turísticos, com encontros esporádicos para tratar de assuntos relacionados à Vila ou ao turismo.

Assim, considerando:

1) os pressupostos teóricos de:

- Sachs (2008; 2009), que enfatiza que o aspecto relacional em todas as dimensões da sustentabilidade, mas assinala que a sustentabilidade social vem à frente;
- Brasil (2007), indicando que a sustentabilidade sociocultural propõe uma cultura de cooperação e parceria;
- Salles, Fernandes e Limont (2017), para quem a relação temporal entre sustentabilidade e capital social, valoriza entre outras coisas os princípios da cooperação, participação social;

- Duque (2013), que considera o capital social como um caminho alternativo para o desenvolvimento sustentável;

2) Os resultados encontrados na pesquisa empírica, demonstrados nos gráficos ora apresentados:

Considera-se que o capital social em Alter do Chão, principalmente entre os empreendedores turísticos, é extremamente limitado e passa por relações díspares, não lineares, baseadas em interesses individuais diferentes que se associam a um baixo nível de confiança, cooperação e participação, vindo, assim a comprometer a sustentabilidade do turismo. Afinal, como amplamente defendido, esse é um fenômeno social que é impulsionado por relações entre as pessoas. Quando essas relações não são de cooperação, confiança, envolvimento, compromete-se o futuro de qualquer ação, desenvolvimento que se queira por gerações e gerações, ou seja, sustentável.

Portanto, mediante constatações, tem-se como recomendações:

- Realizar um estudo e acompanhamento constante, em uma escala de tempo considerável, com a intenção de compreender o processo evolutivo do turismo e das atitudes dos residentes, principalmente, dos empreendedores turísticos, considerando o capital social como indicador de sustentabilidade. Sabe-se que os destinos turísticos são transformados ao longo do tempo e, portanto, as percepções dos moradores e seu apoio ao desenvolvimento do turismo também se modificam, evoluindo ou não. Deve-se reconhecer que a área de estudo não é estática e que as influências podem mudar, os grupos de partes interessadas podem obter mais conhecimento sobre um assunto, mudar níveis de interesse e cooperação.

- Para incentivar um maior envolvimento dos empreendedores turísticos, no desenvolvimento do turismo em Alter do Chão, tendo como meta a parceria, a cooperação e uma maior confiança entre seus pares, pode-se buscar estreitar as relações junto aos moradores-estrangeiros que demonstraram um grau de capital social maior. Suas experiências e vivências em outros lugares, com culturas diferentes, podem ajudar na idealização de relações mais coletivas, focadas em bens comuns, constituindo o que Franco (2001) chama de redes, que segundo esse autor:

As redes, como padrão de organização, constituem o “corpo”, a morfologia de uma democracia democratizada ou radicalizada – modo de regulação ou “metabolismo” predominante das novas comunidades de projeto emergentes no mundo pós-industrial, usinas geradoras e reprodutoras de capital social na era da informação e na sociedade do conhecimento (FRANCO, 2001, p. 395).

- Pode-se refletir um direcionamento quanto à escolha da administração da Vila, pois de todas as instituições analisadas, esta é a que menos inspira confiança aos entrevistados, por ser

um cargo de indicação política. Nesse sentido, uma descentralização governamental seria importante, no sentido de a própria população local escolher quem os representará e estará à frente da administração do local.

- Uma maneira de os empreendedores locais começarem a exercitar a cooperação, colaboração, confiança entre os seus pares é pensar em grupos de debates sobre temas cotidianos relacionados às operações de cada empreendimento turístico e aos problemas que envolvem a comunidade, oportunizando assim trocas de informações e conhecimentos. Ações dessa natureza vêm a contribuir para que a Vila e o turismo possam ser percebidos de maneira sistêmica e conseqüentemente, interdependentes, que cada um tem importância e responsabilidade na construção de um destino que disponibilize qualidade de vida à população local, bem como aos visitantes e aos turistas.

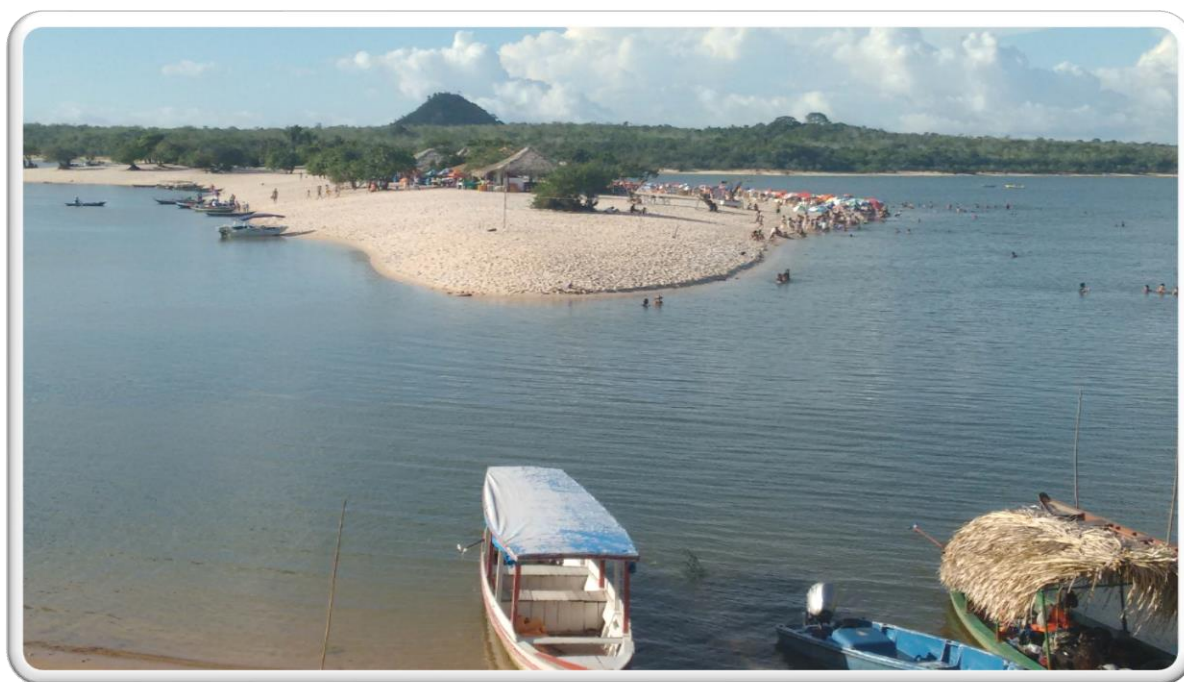
- O fortalecimento da Associação de Empreendedores Turísticos de Alter do Chão – AETA é um passo muito importante quando se busca fortalecer as parcerias e a participação. Hoje essa Associação não tem uma expressiva atuação no desenvolvimento do turismo na Vila. Todavia, pode-se constituir um fórum de renúncias a interesses próprios para uma atuação mais coletiva dos empreendedores, bem como um instrumento que pode contribuir para a geração de capital social e fortalecimento de redes. Além do mais, pode ser um espaço onde as parcerias poderão ser reconhecidas como formas de cooperação, visando estratégias a longo prazo para a classe e o turismo de maneira geral.

- É preciso uma maior participação tanto dos empreendedores como dos moradores-estrangeiros no desenvolvimento do turismo em Alter do Chão, seja através de associações/organizações ou sindicatos, conselhos, participações em reuniões, manifestações populares em prol do turismo, porém conectados em rede, pois conforme Gómez *et al.* (2016, p.265):

As manifestações de capital social ocorrem também por meio da participação dos membros de grupos e comunidades. Ademais é por meio dos níveis de participação que se pode aferir o quanto uma atividade turística se aproxima de um turismo mais sustentável pois este se reflete na dimensão social da sustentabilidade.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da sustentabilidade do turismo a partir do viés do capital social consolida uma visão mais ampliada do sistema turístico proposto como fenômeno social, na qual as relações entre os sujeitos orientam atitudes que podem contribuir para um processo mais sustentável ou não do turismo. É nessa direção que se buscou compreender como o fenômeno ocorre em Alter do Chão.

Ficou claro que, em Alter do Chão, as relações sociais entre os sujeitos envolvidos direta e indiretamente com o turismo, principalmente os empreendedores turísticos, carecem de padrão organizacional com virtudes baseadas na confiança, cooperação e participação. Os dados aqui apresentados demonstram que ainda não estão sensibilizados para o trabalho de corresponsabilidade no processo de desenvolvimento do turismo da localidade. Nesse segmento, o que se observa é o predomínio de atitudes individuais e sem comprometimento com o bem comum.

Diferentemente, os moradores-estrangeiros aparecem com um perfil que podem contribuir de maneira expressiva para o reforço do capital social local, pois são sujeitos que também atuam no turismo e estão inseridos em associações e na dinâmica social, participam e apoiam ações relacionadas ao turismo para a comunidade e a vida comunitária através do voluntariado, cooperação, engajamento cívico, associações, etc., constituindo-se assim como fontes de capital social. Esse capital, sendo bem aproveitado pelos moradores nativos da Vila, em especial o grupo de empreendedores turísticos, pode contribuir de forma significativa para o fortalecimento, e conseqüentemente, para o desenvolvimento do turismo local.

A existência de atrativos naturais, embora seja o fator considerado mais relevante na indução de fluxos turísticos a Alter do Chão, tanto por turistas quanto por moradores de Santarém, não é suficiente para garantir o desenvolvimento do sistema turístico a longo prazo no local. Isso porque, além da sazonalidade natural, a concepção limitada e fragmentada — centrada no aspecto econômico — do próprio turismo por parte dos moradores e empreendedores de Alter do Chão dificultam, senão impedem, a exploração de outras potencialidades da localidade como destino turístico, pautada em uma compreensão do turismo como fenômeno complexo e sistêmico.

O envolvimento da comunidade local é um aspecto de fundamental importância no contexto do desenvolvimento sustentável do turismo, porém percebe-se uma limitação considerável na participação desse público na condução do fenômeno em Alter do Chão. Esse cenário despontou fortemente na pesquisa de campo, em que se apresentam “duas Alter do

Chão”, uma “turística”, que fica localizada no centro da Vila, e a outra, dos “bairros”, que fica mais afastada. Envolver as lideranças desses bairros nas estratégias de planejamento e nas ações turísticas que ocorrem na localidade seria uma maneira de preencher inicialmente essa lacuna, configurando um investimento em capital social que poderia retornar sob a forma de novas proposições no desenvolvimento da localidade.

Acredita-se que o turismo pode ser desenvolvido em Alter do Chão pautado em princípios de sustentabilidade, mas, para tanto faz-se necessário mais apoio, integração e comprometimento de todos os sujeitos sociais que moram e visitam o local, com o estabelecimento de diretrizes e mecanismos de gestão que contemple a participação das partes envolvidas, no sentido de assegurar um planejamento, administração e monitoramento adequados e efetivos, como o investimento em capital social.

O capital social constitui-se como um valioso e benéfico recurso para a configuração de um desenvolvimento sustentável do turismo, à medida que é capaz de promover a integração entre as pessoas e a organização social, apoiadas, principalmente, pela confiança e cooperação. Portanto, no mínimo, há que ser analisada a possibilidade de considerar a teoria do capital social no contexto das ações e estratégias turísticas em Alter do Chão.

Confere-se, neste estudo, que os entrevistados, em especial os empreendedores turísticos, ainda não conseguem perceber que o investimento pessoal no engajamento cívico, confiança, cooperação, reciprocidade generalizada e redes sociais poderão proporcionar um melhor desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental para a localidade e seus negócios, por conseguinte, o bem-estar das gerações futuras. Contudo, eles poderão vir a ter uma atitude diferente perante o bem comum, junto aos seus pares, na medida em que se sensibilizarem com os exemplos dados pelos moradores quando se trata de ajudar alguém da comunidade que se encontre em necessidade, organizando iniciativas coletivas.

Contudo, aprofundamentos da discussão da temática ora apresentada são imperativos, haja vista a pouca literatura encontrada a esse respeito, e o fato de o capital social apresentar-se como um instrumento adequado na análise da sustentabilidade, porquanto requer aptidões de confiança e cooperação interpessoais, ou seja, envolve relações entre pessoas, o que também imperativo para o turismo.

Enfim, tendo este estudo buscado analisar a sustentabilidade do fenômeno turístico na vila de Alter do Chão como um sistema complexo, priorizando o foco na relação dos sujeitos sociais a partir da noção de capital social, vale rever as hipóteses iniciais, que fundamentaram as pesquisas, e seus desdobramentos:

HIPÓTESE 1: A visão sistêmica é necessária para averiguar a sustentabilidade do turismo a partir da relação (interação) dos sujeitos, com base no fenômeno turístico como prática social, onde o protagonista é o sujeito, seja como anfitrião ou visitante.

Compreender o turismo como um sistema é necessário para averiguar a sua sustentabilidade, haja vista que as relações que acontecem para a ocorrência do fenômeno envolvem sujeitos sociais imbuídos de processos interacionais com os meios naturais, sociais, econômicos e culturais em constantes fluxos de chegadas e partidas. Cada variável que compõe o sistema do turismo está em constante interação com as outras variáveis, em relações organizacionais, interconectados e visando a geração de processos contínuos e equilibrados, e o que se almeja em um cenário sustentável é justamente continuidade, qualidade e equilíbrio.

HIPÓTESE 2: A dificuldade de compreensão do turismo como fenômeno social sistêmico limita e induz tomadas de decisões e resoluções restritas, de ações pontuais e fragmentadas que contribuem para mudanças nas relações sociais em Alter do Chão, dificultando assim o desenvolvimento do próprio turismo como alternativa sustentável, desejável e possível nessa localidade.

Há certas dificuldades de compreensão do turismo como fenômeno social sistêmico por parte dos sujeitos entrevistados na pesquisa, principalmente pelos moradores locais e empreendedores, os quais demonstraram visões fragmentadas e individualizadas manifestadas em discursos que enfatizam apenas o aspecto econômico, ressaltando a geração de renda e empregos. Isso acarreta uma limitação no desenvolvimento do turismo na localidade e induz a tomadas de decisões e resoluções restritas e pontuais, e conseqüentemente mudanças nas relações sociais tornando-as individualizadas, comprometendo assim, possíveis ações coletivas e sustentáveis.

Mas, apesar da visão limitada, das percepções, representações dos atores sociais sobre o sistema de turismo de Alter do Chão, constata-se que tem um sistema funcionando, pois por exemplo, os moradores que afirmaram que não foram convidados para reuniões, ou não foram informados, cujo debate era sobre turismo, não significa que o sistema não esteja funcionando. Outro exemplo, o fato de alguns entrevistados não se envolverem nos debates e desenvolvimento do turismo, mas o filho, algum parente pode trabalhar na padaria, no açougue, no mercadinho, que fazem parte do sistema. Porém, a representação dos respondentes sobre o sistema não é o mesmo que discutido nos meios acadêmicos e mercado turístico, contudo o sistema está funcionando, mesmo nessa visão e participação limitadas.

Um conhecimento mais aprofundado sobre o turismo como fenômeno social e sistêmico, através de uma sensibilização, pode despertar e corroborar no processo de sustentabilidade do fenômeno, no sentido em que Franco (2001, p. 525) propõe: “uma dinâmica sistêmica sustentável se instala quando os fatores de desenvolvimento interagem em ciclos fechados, percorrendo círculos virtuosos, ou seja, formando laços de realimentação de reforço”. Uma concepção mais holística do sistema e a percepção de que tudo está interligado pode contribuir para uma concepção de sustentabilidade que, além de envolver o meio ambiente e os sistemas econômicos, envolve, principalmente, as pessoas. Também pode despertar a comunidade para a necessidade de atuação conjunta, fortalecendo as associações e organizações locais através de mais participação efetiva e frequente, com a finalidade de propiciar maior cooperação mútua e reivindicações coletivas para o bem-estar da comunidade como um todo.

HIPÓTESE 3: O capital social em Alter do Chão passa por relações díspares, não lineares de interesses diferentes dos atores que participam do sistema e elas são representadas por um baixo grau de capital social e conseqüentemente, por uma baixa confiança, baixa cooperação e baixa participação.

As relações sociais dos atores que participam do sistema turístico, principalmente dos empreendedores turísticos, são díspares, não lineares, de interesses diferentes e são representadas por um baixo grau de capital social e conseqüentemente, por uma baixa confiança, baixa cooperação e baixa participação. Portanto, baixo capital social, conseqüentemente baixa sustentabilidade, porque quanto maior for o capital social maior será o fortalecimento relacional entre os sujeitos sociais.

Salles, Fernandes e Limont (2017) afirmam que a relação de parceria e cooperação percebida em ambientes de redes também é a base de operacionalização do conceito de sustentabilidade. Portanto, levando-se em conta o processo relacional dos sujeitos entrevistados em Alter do Chão, percebe-se que não é uma relação de parceria, não é uma relação de confiança, e não é uma relação de cooperação, portanto, conclui-se uma sustentabilidade do turismo altamente comprometida.

HIPÓTESE 4: O capital social pode ser concebido como instrumento importante para contribuir com o planejamento e a gestão do turismo, contrariamente à forma pontual como o fenômeno ocorre em Alter do Chão, alinhando-se, assim, aos princípios de sustentabilidade.

Avanços na sustentabilidade do turismo dependerão em grande parte da capacidade de uma comunidade de planejar suas atividades, ações e promover uma gestão compartilhada,

consolidando seus trabalhos em redes para alcançar objetivos comuns. E o instrumento que se apresenta mais adequado e coerente quando se almeja replicar experiências e conhecimentos nesse sentido é o capital social, que tem a aptidão de contribuir com a promoção do desenvolvimento local, pois fomenta a participação e cooperação das pessoas e as responsabiliza por esse desenvolvimento.

Em Alter do Chão é possível o capital social se apresentar como instrumento importante para contribuir com o planejamento e à gestão do turismo local, fomentando a participação e a cooperação das pessoas, possibilitando assim um cenário contrariamente à forma pontual e individual como o fenômeno ocorre atualmente, alinhando-se de tal modo, aos princípios de sustentabilidade que o turismo requer. Afinal, o capital social envolve uma pluralidade de entidades que participam de um sistema dinâmico sustentado na compreensão de que, para atingir objetivos comuns, é necessária a integração das partes.

Todavia, para que haja um avanço em propostas sustentáveis no contexto analisado, é fundamental, que o turismo, tal como almejado pela população de Alter do Chão se torne objeto de uma reflexão crítica e coerente da realidade atual. Afinal, percebe-se ainda a falta de planejamento turístico e de uma visão estudada, analisada e debatida com essa população. Portanto, Alter do Chão precisa ser fortalecida de capital social.

RECOMENDAÇÕES FINAIS

Mediante o pressuposto de que o capital social se constitui como ferramenta importante para a sustentabilidade do turismo, e considerando os resultados da pesquisa de campo orientada pelas as teorias expostas, este trabalho apresenta algumas recomendações finais, contendo medidas que poderiam ser iniciadas e incentivadas em Alter do Chão, tais como:

- A comunidade, de maneira geral, deve buscar parcerias com instituições que possam desenvolver estratégias e metodologias que ajudam a indução do desenvolvimento local, como por exemplo, o que foi o DLIS – Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável, que se fundamentou em uma estratégia de investimento em capital social. Segundo Franco (2004), essa estratégia foi aplicada por meio de algumas tecnologias sociais inovadoras de articulação de redes e de efetivação de processos democrático-participativos ensaiados em escala local. De acordo com esse autor, os passos básicos da metodologia do DLIS foram os seguintes:

- 1) Cada localidade faz um diagnóstico participativo para conhecer a sua realidade, identificar os seus problemas e descobrir suas vocações.
- 2) A partir desse diagnóstico, é feito, também de modo participativo, um plano de desenvolvimento.

- 3) Desse plano é extraída uma agenda com ações prioritárias que deverão ser executadas por vários parceiros: comunidade local, prefeitura, governo estadual, governo federal, empresas e organizações da sociedade civil.
- 4) Tudo isso é organizado por um fórum democrático, formado por lideranças locais.
- 5) Essas lideranças locais participam de um processo de capacitação para uma gestão comunitária empreendedora do seu processo de desenvolvimento.

Também o DLIS ajudou o empresariado a exercer sua responsabilidade social corporativa ou realizar o chamado investimento social privado de uma nova maneira, desvencilhada do clientelismo e do assistencialismo (FRANCO, 2004). Quanto aos possíveis indicadores do processo de DLIS, Franco (2001, p. 493) afirma que:

Revelam que o capital social não é apenas um fator que se deve fortalecer para promover o desenvolvimento, mas sua variação sinérgica pode ser capaz de captar a dinâmica sistêmica dos processos de desenvolvimento que perseguem a sustentabilidade servindo, portanto, como uma espécie de índice integrado do desempenho e do impacto desses processos nos seus vários aspectos: econômico, empresarial e humano, além, é claro, de social (FRANCO, 2001, p. 493).

- É preciso ocorrer mudanças significativas nas relações sociais dos sujeitos entrevistados neste estudo, principalmente junto aos empreendedores turísticos: alterações no modo de perceber e agir quanto aos seus pares e o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão. Mudanças relacionadas ao investimento em capital social, de maneira que se consigam alterações nas condutas quanto à cooperação, confiança e engajamento cívico na comunidade e que sejam coerentes com as necessidades presentes e futuras da classe e de toda comunidade.

Para tanto, uma estratégia é a articulação em rede de pessoas e grupos que podem atuar em conjunto, em prol de objetivos comuns.

Segundo Franco (2001) a rede é uma forma espontânea que surge como resultado das interações de participantes descentralizados, sem ser criada por qualquer autoridade centralizada. Para Fukuyama (1999) citado por Franco (2001, p. 371) rede “é um grupo de agentes individuais que tem em comum normas ou valores além daqueles necessários às transações habituais de mercado”.

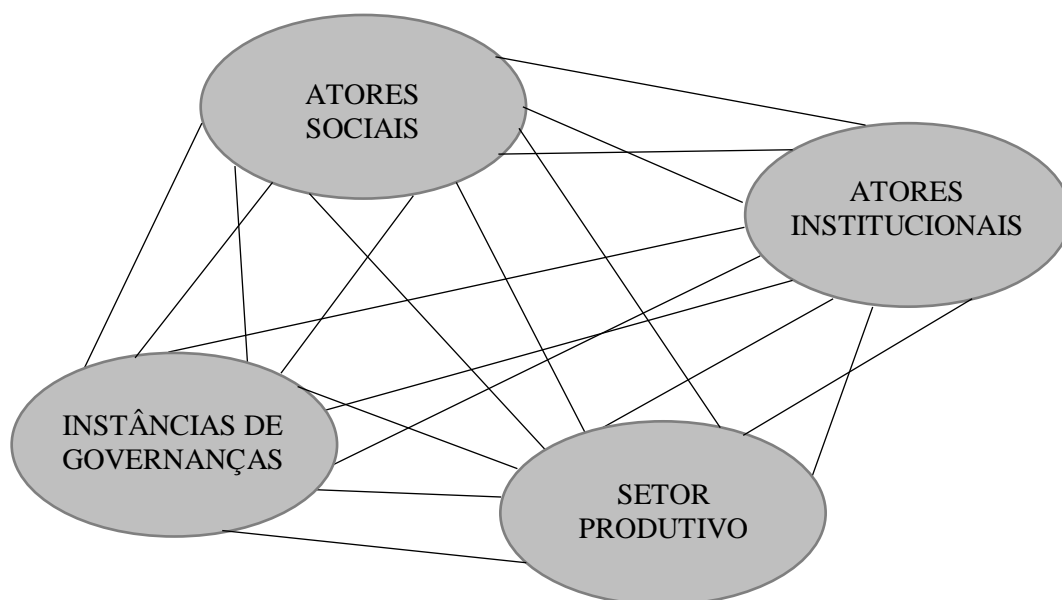
Redes formam comunidades, ou comunidades se caracterizam por apresentar um padrão de rede: pessoas conectadas horizontalmente com pessoas a partir de normas e valores comuns, por “laços fracos” (quer dizer, não consanguíneos, não genéticos) e por ligações não-imediatamente-interessadas (isto é, extra econômicas). Redes são capital social (ou são uma forma de capital social). Comunidades “produzem” capital social (FRANCO, 2001, p. 389).

A proposta de rede para Alter do Chão deve prioritariamente envolver todos os segmentos internos (sociedade) e externos (mercado e Estado) ao ambiente, envolvidos direta e indiretamente no desenvolvimento do turismo, como por exemplo os presidentes das associações de bairros, mesmo que eles fazem parte do Conselho Comunitário local, sua

participação como agente transformador no processo deve ter igual relevância que os demais, pois os comunitários sentem-se a parte do que ocorre no turismo. Uma representação mais efetiva no apoio a rede social com engajamento cívico mais presente é uma maneira de diminuir essa lacuna entre a Alter do Chão turística localizada no bairro centro e a Alter do Chão dos demais bairros.

Com base na representação dos princípios dialógicos e hologramáticos, a partir da teoria da complexidade de Moesch e Beni (2015) de um ecossistema turístico, e considerando que as relações sociais configuram a esse ecossistema sua energia, sua força dinamizadora como humana, apresenta-se uma sugestão de um diagrama representativo de como poderia ser o padrão de rede de Alter do Chão, visando a sustentabilidade do turismo, a partir do capital social (Figura 51).

Figura 51 – Diagrama representativo de padrão de rede turístico de Alter do Chão



Fonte: Autora (2018)

A seguir detalham-se as instituições/representações participantes da rede turística em Alter do Chão. As várias linhas são as interconexões, as interrelações entre os sujeitos com finalidade de parceria e cooperação, através da confiança entre ambos.

ATORES SOCIAIS LOCAIS – representados pelas seguintes associações/organizações: Associação dos Artesãos e Vendedores Ambulantes; Associação dos Catraeiros; Associação dos Lancheiros; Associação dos Barraqueiros; Associações Culturais (Botos, etc); Associações de Bairros; Organizações de Igrejas; Movimento Indígena local; Organizações Não Governamentais.

ATORES INSTITUCIONAIS – representados pelos governos nas esferas federal, estadual e municipal, através das secretarias e pelas instituições de ensino, pesquisa e capacitação empresarial. No caso municipal, pelas secretarias de turismo, meio ambiente, cultura, infraestrutura, planejamento e administração local de Alter do Chão.

SETOR PRODUTIVO – representado pela Associação de Empreendedores Turísticos de Alter do Chão – AETA; Empresas de Turismo de Santarém que poderiam ser a conexão com as demais empresas turísticas de outras regiões.

INSTÂNCIAS DE GOVERNANÇA – representadas pelo Conselho Comunitário de Alter do Chão; Conselho Municipal de Turismo de Santarém.

Cabe ressaltar que essas são apenas sugestões de como a comunidade de Alter do Chão pode vislumbrar a possibilidade de investimento em capital social, a partir de uma proposta de rede, o que pode ser apoiado por instituições com *know how* em metodologias participativas que estimulem o planejamento e a gestão do turismo de forma mais organizada, cooperada e conjunta. Tal medida revela-se necessária e urgente, para que a comunidade desse destino turístico saiba conduzir o processo de desenvolvimento do turismo de maneira sustentável.

Também, investir em capital humano pode ser um passo inicial e fundamental, através da educação e saúde, o qual vai corroborar com o capital social, pois este gera àquele e vice-versa.

E para concluir, tem-se como base as palavras de Duque (2013), que o capital social pode apoiar a construção de um sistema mais produtivo ambientalmente, assim como contribuir para o bem-estar social, através da saúde, educação, segurança pública, aprendizagem social, inovação tecnológica e justiça social, através da formação de redes sociais que possam ampliar a cooperação e o nível de cooperação, num plano onde a economia se aproxime da ética. No caso do turismo, esse cenário é viável e necessário para a sustentabilidade do fenômeno em Alter do Chão.

REFERÊNCIAS

ABREU, I. B.; COSTA, S. R. DA. **Responsabilidade social no desenvolvimento do turismo: análise da extensão universitária e comunidade local como articuladores da atividade turística.** Gestão do Conhecimento para a Sociedade. XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2014. <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/43720521.pdf>. Acesso: 29/04/2017.

ALMEIDA-GARCÍA, F.; PELÁEZ-FERNÁNDEZ, M. Á.; BALBUENA-VÁZQUEZ, A.; CORTÉS-MACIAS, R. **Residents' perceptions of tourism development in Benalmádena (Spain).** Tourism Management 54 (2016) 259-274. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/tourism-management/vol/54/suppl/C>. Acesso: 04/07/2018

ALMEIDA, M. G. **A geografia imaginária dos lugares turísticos.** XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Geografia. 2009. Disponível em: http://www.geomorfologia.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/comunicacao_coordenada/008.pdf. Acesso: 22/01/2018.

ALMINO, J. **A filosofia política do ecologismo.** In: FERNANDES, M.; GUERRA, L. (orgs). **Contra-discurso do desenvolvimento sustentável.** 2. Ed. rev. – Belém: Associação de Universidades Amazônicas, Universidade Federal do Pará. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2006.

AMARAL, M. I. C. **Importância da cooperação e das redes no desenvolvimento do turismo: o caso do Baixo Alentejo (Portugal).** Tourism and Hospitality International Journal, 2(1), 56-72. March 2014. Disponível em: <http://www.isce-turismo.com/static/files/da9dac0a-Importancia-da-Cooperacao-e-das-Redes-no-Desenvolvimento-do-Turismo-O-caso-do-Baixo-Alentejo-Portugal.pdf>. Acesso: 02/08/2018

ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

AREF, F.; REDZUAN, M.; GILL, S. S.; AREF, A. **Assessing the level of community capacity building in tourism development in local communities.** Journal of Sustainable Development. Vol. 3, No. 1, 2010. Disponível em: www.ccsenet.org/journal/index.php/jsd/article/download/.../4463. Acesso: 04/07/2018.

ARAÚJO, M. C. S. D'. **Capital social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ASSIS, L. F. **Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica.** Revista Território - Rio de Janeiro - Ano VII - no 11, 12 e 13 - set./out., 2003. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/11_12_13_8_turismo.pdf. Acesso: 18/10/2017.

AVENA, B. M. **Turismo, educação e acolhimento: um novo olhar.** São Paulo: Roca, 2006.

AZEVEDO, F. F.; FIGUEIREDO, S. L.; NÓBREGA, W. R. M.; MARANHÃO, C. H. S. **Turismo em foco: globalização e políticas públicas.** In: AZEVEDO, F. F.; FIGUEIREDO, S. L.; NÓBREGA, W. R. M.; MARANHÃO, C. H. S. (orgs). **Turismo em foco.** Belém: NAEA, 2013.

BANERJEE, S. B. **Quem sustenta o desenvolvimento de quem? O desenvolvimento sustentável e a reinvenção da natureza.** In: FERNANDES, M.; GUERRA, L. (orgs). **Contra-discurso do desenvolvimento sustentável.** 2. Ed. rev. – Belém: Associação de Universidades Amazônicas, Universidade Federal do Pará. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2006.

BANCO MUNDIAL (WORLD BANK). **Understanding and measuring social capital: a synthesis of findings and recommendations from the social capital initiative.** Social Capital Initiative Working Paper No. 24. Social Development Department Social Capital Working Paper Series, 2001. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/intsocialcapital/Resources/Social-Capital-Initiative-Working-Paper-Series/sci-wps-24.pdf>. Acesso: 16/03/2018.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais.** 5ª ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

BARRETO, M. **O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200002. Acesso em: 23/07/2016.

BECKER, B. K. **Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil.** In: NASCIMENTO, E. P. do; VIANNA, J. N. (Orgs). **Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 1997.

BECKER, J. M. P. **Metodologia de pesquisa.** Centro de Desenvolvimento Acadêmico Empresarial, 2003. Disponível em: www.cedaem.com.br. Acesso em: 20/04/2004.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo.** 8ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BENI, M. C.; MOESCH, M. M. **A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo.** Revista Turismo – Visão e Ação – Eletrônica, vol. 19 – n.3, 2017. Disponível em: www.univali.br/periodicos. Acesso: 17/12/2018.

BERNARDO, E. **Uma introdução ao turismo - conceitos, classificações e tipologias.** Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa. CIES e-Working Paper N.º 164/2013. Disponível em: http://cies.iscte-iul.pt/np4/?newsId=453&fileName=WP_CIES164_Bernardo.pdf. Acesso: 21/07/2016.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BORGES, M. M. **Levantamento do potencial ecoturístico (inventário)**. In: MITRAUD, Sylvia (Org). **Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo e sustentabilidade**. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/roteiros_brasil/turismo_e_sustentabilidade.pdf. Acesso: 18/08/2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de qualificação à distância para o desenvolvimento do turismo: turismo e sustentabilidade: formação de redes e ação municipal para regionalização do turismo**. Brasília: o Ministério: Florianópolis: SEAD/UFSC, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo e sustentabilidade**. Secretaria Nacional de Qualificação e Promoção do Turismo. Departamento de Formalização e Qualificação no Turismo. Coordenação-Geral de Turismo Responsável. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/images/pdf/06_06_2016_mtur_guia_turismo_sustentabilidade.pdf. Acesso: 14/08/2018.

BRITO, B. R. **O turista e o viajante: contributos para a conceptualização do turismo alternativo e responsável**. IV Congresso Português de Sociologia. Coimbra, 17-19 de abril, 2000. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dea1a49422_1.PDF. Acesso: 16/11/2017.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software Iramuteq**. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

CANDIOTTO, L. Z. P. **Considerações sobre o conceito de turismo sustentável**. Revista Formação (online), n.16, volume 1 – p.48-59, 2009. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/861>. Acesso: 30/08/2018.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf. Acesso: 19/11/2017.

CARVALHO, D. F. **Desenvolvimento sustentável e seus limites teóricos-metodológicos**. In: FERNANDES, M.; GUERRA, L. (orgs.). **Contra discurso do desenvolvimento sustentável**. 2. Ed. rev. – Belém: Associação de Universidades Amazônicas, Universidade Federal do Pará. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2006.

CARVALHO, M. S. de; MOESCH, M. M. **Turismo como fenômeno social e suas implicações no espaço rural**. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v. 6, n. 2, mai/jul-

2013, pp.442- 457. Disponível em: www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/439/463. Acesso: 23/07/2016.

CARVALHO, L. G. de. (coord.). **Festa do Çairé de Alter do Chão**. Santarém: UFOPA, 2016a.

CARVALHO, L. G. de. **Tradições devotas, lúdicas inovações: o sairé em múltiplas versões**. Sociol. antropol. Rio de Janeiro, v. 06.01: 237 – 259 abril, 2016b. Disponível em: http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2016/05/Sociologiaantropologia_ano6v06n01_completo-revisado.pdf. Acesso: 07/08/2016.

CARVALHO, S. M. S. **A Percepção do turismo por parte da comunidade local e dos turistas no município de Cajueiro da Praia – PI**. Turismo em Análise. Vol. 21, n. 3, dezembro 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14228>. Acesso: 29

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHIAS MARKETING. **Plano encontro: plano estratégico de turismo de Santarém e Belterra**. Relatório final. Barcelona/São Paulo, 2015.

COLEMAN, J. S. **Foundations of social theory**. The Belknap Press of Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, and London, England, 1990. Disponível em: <https://sisphd.wikispaces.com/file/view/Coleman-Foundations+of+Social+Theory-ch+12.PDF>. Acesso: 13/03/18.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Comércio e turismo viajam juntos**. Rio de Janeiro : Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, 2017. Disponível em: http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/cartilha_comercioeturismoviamjuntos.pdf. Acesso: 15/12/2018.

CORDOVIL, J. C. S. **Turismo na Amazônia: políticas públicas e desenvolvimento nos Municípios de Cametá e Santarém no estado do Pará**. Presidente Prudente, 2017. Tese de Doutorado em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Presidente Prudente-SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151766>. Acesso em 14/08/2018.

COSTA, G. O. G. **Estatística básica: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2015.

CUNHA, L. **A Definição e o âmbito do turismo: um aprofundamento necessário**. 2010. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A%20Defini%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20e%20o%20C3%83%E2%80%99Ambito%20do%20Turismo.pdf?sequence=1>. Acesso: 21/07/2016.

CRAVIDÃO, F. M. S. D. D. **Turismo e cultura: o lugar dos lugares**. Turismo - Visão e Ação - vol. 6 - n.3 - set./dez. 2004. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1065/874>. Acesso: 19/11/2017.

DASGUPTA, P. **Trust as a commodity.** in GAMBETTA, D. (ed.) **Trust: making and breaking cooperative relations.** Electronic edition, Department of Sociology, University of Oxford, chapter 4, pp. 49-72, 2000. Disponível em: <https://www.csee.umbc.edu/~msmith27/readings/public/dasgupta-2000a.pdf>. Acesso: 13/10/2018.

DENCKER, A. F. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** 6ª ed. São Paulo: Futura, 1998.

DE DEUS, A. M.; CUNHA, D. do E. S. L.; MACIEL, E. M. **Estudo de caso na pesquisa qualitativa em Educação: uma metodologia.** In: *VI Encontro 2010*. Disponível em: <http://www.ufpi.br>.

DIAS, R. **Turismo sustentável e meio ambiente.** São Paulo: Atlas, 2003.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS ESCRITÓRIO REGIONAL DO PARÁ – DIEESE; SANTARÉM. Prefeitura Municipal de Santarém; PARÁ. SETUR - Secretaria de Estado de Turismo. **O Turismo no Pará 2017 – a conjuntura e seus reflexos.** 2018. http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/setur_coletiva_2018_final_c_.ppt_modos_de_compatibilidade.pdf. Acesso: 15/12/2018.

DUQUE, E. **Capital social como instrumento de desenvolvimento sustentável.** Território e Desenvolvimento. Configurações Revista de sociologia, 2013. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/27983>. Acesso: 20/02/2018.

FARIA, D. S. de.; CARNEIRO. K. S. **Sustentabilidade ecológica no turismo.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

FENNELL, D. A. **Ecoturismo: uma introdução.** São Paulo: Contexto, 2002.

FERNANDES, M. **Desenvolvimento sustentável: antinomias de um conceito.** In: FERNANDES, M.; GUERRA, L. (orgs). **Contra-discurso do desenvolvimento sustentável.** 2. Ed. rev. – Belém: Associação de Universidades Amazônicas, Universidade Federal do Pará. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2006.

FIGUEIRA, C. L. **Tradição, memória e poder: Sairé, manifestação cultural reiventada – 1974 a 1996.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299037952_ARQUIVO_Textoanpu2011.pdf. Acesso em: 07/08/2016

FIGUEIREDO, S. L. **Viagens e viajantes.** São Paulo: Annablume, 2010.

FIGUEIREDO, S. L. **Cultura e natureza: a viagem e o turismo como necessidades humanas.** Revista de Turismo Contemporâneo – RTC, Natal, v. 2, n. 2, p. 283-299, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/download/6512/5052>. Acesso em 16/05/2017.

FIGUEIREDO, S. L. **O campo e o habitus turístico.** Belém, NAEA, 2016.

FIGUEIREDO, S. L. NOBREGA, W. R. M. **Turismo e desenvolvimento regional: conceitos e políticas em um caso brasileiro.** In: FIGUEIREDO, S. L.; AZEVEDO, F. F.; NOBREGA, W. R. M. (Org.). **Perspectivas contemporâneas de análise em turismo.** Belém: NAEA, 2015. p. 11-37.

FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. **Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas.** Novos Cadernos NAEA v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004, ISSN 1516-6481.

FORTUNA, C.; FERREIRA, C. **O turismo, o turista e a (pós)modernidade.** Oficina do Centro de Estudos Sociais. Coimbra, 1996. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/80.pdf>. Acesso: 16/11/2017.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS — FAPESPA. **Boletim de Turismo do Estado do Pará.** 2017. Disponível em: http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/boletim_do_turismo_2017.pdf. Acesso: 15/12/2018.

FUKUYAMA, F. **Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FURLAN, S. A. **Ecoturismo: do sujeito ecológico ao consumidor da natureza.** In: RODRIGUES, A. B. **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites.** São Paulo: Contexto, 2003.

FRANCO, A. **Capital social. Leituras de Tocqueville, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturana, Castells e Levy.** Brasília: Instituto de Política Millennium, 2001.

FRANCO, A. **O lugar mais desenvolvido do mundo. Investindo no capital social para promover o desenvolvimento comunitário.** Sobradinho dos melos – DF: Agência de Educação para o Desenvolvimento Cidade do Conhecimento, 2004.

FRATUCCI, A. C. **Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico.** *GEOgraphia* – Ano. II – No 4 – 2000. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/45>. Acesso: 22/11/2017.

GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários.** São Paulo: Aleph, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B; MCINTOSH, R. W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias.** 8ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GÓMEZ, C. P.; FALCÃO, M. C.; CHEREM, L.; SILVA, T. N. **A participação da comunidade no turismo de base comunitária: um estudo de múltiplos casos.** Caderno Virtual de Turismo – Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p.263-279, ago. 2016. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/viewFile/1190/492>. Acesso: 28/06/2018.

GONÇALVES, J.R. **Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. Fazendo antropologia no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GUEDES, L. C. **O ciclo de vida do destino turístico na vila de Alter do Chão - PA: reflexões para o desenvolvimento turístico sustentável.** Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade de Taubaté. Taubaté-SP, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp154601.pdf>. Acesso: 29/07/2016.

HALL, P. A. **Great Britain: the role of government and the distribution of social capital.** In: PUTNAM, R. D. (org.). **Democracies in flux: the evolutions of social capital in contemporary society.** 2004. Disponível em: http://mizslivetzferenc.com/wp-content/uploads/2012/01/Democracies_in_Flux.pdf. Acesso: 12/03/2018.

HANDLER, R.; LINNEKIN, J. **Tradition, genuine or spurious.** The Journal of American Folklore, Vol. 97, nº 385, 1984, p. 273-290.

HOBSBAWN, E. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

IGNARRA, L.R. **Dinâmica dos eventos turísticos e seus impactos na hotelaria paulistana.** São Paulo, 2007. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

KAPLAN, S. **Community involvement and sustainability of tourism: a discussion through local community understanding in the Eastern Black Sea Region.** Sustainable Development and Planning VII. WIT Transactions on Ecology and The Environment, Vol. 193, 2015. Disponível em: <https://www.witpress.com/elibrary/wit-transactions-on-ecology-and-the-environment/193/33900>. Acesso: 14/08/2018.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** 3ª ed. ver. e ampliada. São Paulo: Aleph, 2009.

LEFF, E. **Discursos sustentáveis.** São Paulo: Cortez, 2010.

LEMOS, H. M. de. **Desenvolvimento sustentável.** Brasília: IBAMA, 1996. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/edicoes/site/publivros/serie_03.pdf. Acesso em: 04 de abril de 2004.

LINHARES, M. C. **O desafio brasileiro: acompanhar os índices de crescimento do setor de turismo no mundo.** In: CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Turismo em pauta.** Revista do Conselho Empresarial de Turismo e Hospitalidade da CNC. Rio de Janeiro : Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, 2018. Disponível em: http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/342018_0.pdf. Acesso: 15/12/2018.

MAIELA, A. A. **Turismo: factor de desenvolvimento social - estudo multi-caso (Pemba-Moçambique).** Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Local e Gestão de Turismo, pela Faculdade de Gestão de Turismo e Informática, da Universidade Católica de Moçambique. Pemba, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ucm.ac.mz/bitstream/123456789/37/1/Ars%20ADlia-Anast%20A1cio-Maiela-Publicacao-2013.pdf>. Acesso: 19/06/2016.

MARUJO, M. N.; CRAVIDÃO, F. M. S. D. D. **Turismo e lugares: uma visão geográfica.** 2012. Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/10312/PS0312_05.pdf. Acesso: 19/11/2017.

MEIMAND, S. E.; KHALIFAH, Z.; ZAVADSKAS, E. K.; MARDANI, A.; NAJAFIPOUR, A. A.; AHMAD, U. N. U. **Residents' attitude toward tourism development: a sociocultural perspective.** Sustainability, 2017, 9, 1170. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/9/7/1170/pdf>. Acesso: 29/06/2018.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico.** São Paulo: Contexto, 2000.

MOESCH, M. M. **Para além das disciplinas: o desafio do próximo século.** In: GASTAL, S.; BENI, M. C.; CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo investigação e crítica.** São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, M. M. **Epistemologia social do turismo.** Tese de doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo, pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, 2004.

MOESCH, M. M. **A origem do conhecimento, o lugar da experiência e da razão na gênese do conhecimento do turismo.** 5º Congresso Latino-Americano de Investigação Turística. 2012. Disponível em: www.gtci.com.br/congressos/congresso/2012/pdf/eixo7/moesch.pdf. Acesso: 23/06/2016.

MOESCH, M. M. **O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo.** Cenário, Brasília, V.1, n.1, 08-28, Dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/9898/7245>. Acesso: 23/06/2016.

MOESCH, M. M; BENI, M. C. **Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo.** XII Seminário da Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR – 30 de setembro a 02 de outubro de 2015, Natal/RN.

MONIZ, A. I. D. S. A. **A sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: o caso dos açores.** Tese de Doutorado em Ciências Econômicas e Empresariais, na Especialidade de Desenvolvimento Econômico e Social e Economia Pública, pela Universidade dos Açores, Ponta Delgada/Portugal, 2006.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio. Ed. Revista e modificada pelo autor – 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOYO, S.; TICHAAWA, T. M. **Community involvement and participation in tourism development: a Zimbabwe study.** African Journal of Hospitality, Tourism and Leisure, Volume 6 (1) - (2017) ISSN: 2223 814X. Disponível em: http://www.ajhtl.com/uploads/7/1/6/3/7163688/article_33_vol_6_1_2017.pdf. Acesso: 29/06/2018.

MUGANDA, M. **Community involvement and participation in tourism development in Tanzania: a case study of local communities in Barabarani Village, Mto Wa Mbu, Arusha-Tanzania.** 2009. Dissertação de Mestrado em Gestão de Turismo pela Victoria University of

Wellington. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/28800968_Community_Involvement_and_Participation_in_Tourism_Development_in_Tanzania_A_Case_Study_of_Local_Communities_in_Babarani_Village_Mto_wa_Mbu_Arusha-Tanzania. Acesso: 02/08/2018.

MUGANDA, M.; SIRIMA, A.; EZRA, P. M. **The role of local communities in tourism development: grassroots perspectives from Tanzania**. J Hum Ecol, 41(1): 53-66 (2013). Disponível em:
<https://pdfs.semanticscholar.org/e612/c6eaf26083694c07f965141ef6bd9d6c4c7c.pdf>. Acesso: 29/06/2018.

NIEFER, I. A. **Análise do perfil dos visitantes das ilhas do Superagüi e do Mel: marketing como instrumento para um turismo sustentável**. Curitiba, 2002. Tese de doutorado em Ciências Florestais pela Universidade Federal do Paraná.

NÓBREGA, W. R. M. **Turismo e políticas públicas na Amazônia Brasileira: instâncias de governança e desenvolvimento nos municípios de Santarém e Belterra, oeste do estado do Pará**. Belém-PA, 2012. Tese de doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará.

OLIVEIRA, E. S. **Percepção dos autóctones em relação a economia, meio ambiente e ao turismo em Ilhéus – BA**. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo. Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006. Disponível em:
https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT10-9.pdf. Acesso: 29/08/2018.

OLIVEIRA, O. J. R. de. **Turismo, cultura e complexidade: como estabelecer diálogos transculturais?**. Encontro Dialógico Transdisciplinar – ENDITRANS: Tecendo Conhecimentos em Complexidade: desafios e estratégias. Campus de Vitória da Conquista – Bahia, 2010. Disponível em: www.uesb.br/recom/anais/conteudo.php?pagina=03. Acesso: 12/06/2015.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Four interpretations of social capital: an agenda for measurement**. Statistics Directorate. STD/DOC, 2013. Disponível em:
[http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=STD/DOC\(2013\)6&docLanguage=En](http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=STD/DOC(2013)6&docLanguage=En). Acesso: 20/02/2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Sustainable tourism for development guidebook: enhancing capacities for sustainable tourism for development in developing countries**. World Tourism Organization (UNWTO). Madrid – Spain, 2013. Disponível em: www.unwto.org. Acesso: 03/04/2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Panorama OMT del turismo internacional.** World Tourism Organization (UNWTO), 2018. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419890>. Acesso: 15/12/2018.

PEREIRA, L. N.; ANJOS, F. A. dos; VIEIRA, R. **Destinações turísticas na Amazônia: as relações entre morfologia urbana e atratividade da destinação turística.** Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, Vol. 14 – nº 3 – set-dez, 2012.

PETRIĆ, L.; PIVČEVIĆ, S. **Community based tourism development – insights from Split, Croatia.** Tourism & Hospitality Industry 2016, Congress Proceedings, pp. 294-307. Disponível em: https://www.fthm.uniri.hr/files/Kongresi/THI/Papers/2016/THI_April2016_294to307.pdf. Acesso: 29/06/2018.

PINTO, D. B.; MOESCH, M. M. **Práticas turísticas fundando novas teorias – o caso da linha turismo em Porto Alegre.** In: Seminário de pesquisa em Turismo do MERCOSUL, 3., Caxias do Sul/RS, 2005. Disponível em: <http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-praticas-turisticas.pdf>. Acesso: 23/06/2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

PUTNAM, R. D. **Democracies in flux: the evolutions of social capital in contemporary Society** (org.). 2004. Disponível em: http://miszlivetzferenc.com/wp-content/uploads/2012/01/Democracies_in_Flux.pdf. Acesso: 12/03/2018.

QUADROS, M. **Percepções dos residentes sobre os impactos do turismo na comunidade local.** Dissertação de Mestrado em Gestão do Turismo Internacional pela Universidade dos Açores/Faculdade de Economia e Gestão. Ponta Delgada, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/4088/1/DissertMestradoMarleneQuadros2017.pdf>. Acesso: 18/06/2018.

RAINFOREST ALLIANCE; INSTITUTO ESTRADA REAL. **Guia de boas práticas para o turismo sustentável.** S/d. Disponível em <https://www.rainforest-alliance.org/business/sites/default/files/uploads/3/Guia-de-Boas-Praticas-para-o-Turismo-Sustentavel.pdf>. Acesso: 13/08/2018.

RASOOLIMANESH, S. M.; RINGLE, C. M.; JAAFAR, M.; RAMAYAH, T. **Urban vs. rural destinations: Residents' perceptions, community participation and support for tourism development.** Tourism Management 60 (2017) 147e158. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/tourism-management/vol/60/suppl/C>. Acesso: 04/07/2018.

RENTE, A. S. G. **Áreas de proteção ambiental como inspiração para o desenvolvimento sustentável com liberdade: o caso da criação da APA – Alter do Chão/PA.** Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SACHS, I. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SALLES, F. R.; FERNANDES, V.; LIMONT, M. **Capital social e sustentabilidade: uma relação intrínseca.** *Desenvolvimento e Meio ambiente*, v. 42, p. 398-411, dezembro 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/made/article/view/52270/34462>. Acesso: 29/06/2018.

SALVATI, S. S. **O WWf-Brasil e o turismo responsável.** In: MITRAUD, S. (Org.). **Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável.** Brasília: WWF-Brasil, 2003.

SANTARÉM. SEMDETUR – Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento e Turismo. **Inventário da oferta turística de Santarém.** Santarém, PA: PMS, 2015a.

SANTARÉM. SEMDETUR – Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento e Turismo. **Os impactos das festividades do Çairé na economia do município de Santarém, estado do Pará: 2013-2015.** Santarém, PA: PMS, 2015b.

SANTARÉM. SEMDETUR – Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento e Turismo. **CARNALTER 2016 - IV edição de pesquisa de demanda e oferta turística de Alter do Chão/Santarém-Pará.** Santarém, PA: PMS, 2015c.

SANTARÉM. SEMDETUR – Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento e Turismo. **Taxa de ocupação hoteleira Santarém/Alter do Chão 2015.** Santarém, PA: PMS, 2015d.

SANTARÉM. SEMTUR – Secretaria Municipal de Turismo. **Festival do Çairé 2017.** Santarém, PA: PMS, 2017.

SANTARÉM. SEMTUR – Secretaria Municipal de Turismo. **Inventário da oferta turística de Santarém.** Santarém, PA: PMS, 2018

SANTARÉM. SEMINFRA – Secretaria Municipal de Infraestrutura. **Sistema de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos.** Santarém, PA: PMS, 2018.

SAPIR, E. **Cultura: autêntica e espúria.** *Sociologia & Antropologia*, v.02.04: 35–60, 2012 [1924].

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário.** *Turismo em Análise*, v. 18, n. 2, p.148-165, novembro de 2007. Disponível em: <https://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/375/193>. Acesso: 22/06/2016.

SANTOS, K. M. dos, SILVA, S. M. S. da; PASTANA, J. M. do N. **Diagnóstico do potencial turístico de Alter do Chão**. Santarém (PA): CPRM, PMS, 1999.

SEABRA, G. F. **Ecos do turismo: o turismo ecológico em áreas protegidas**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às micro e Pequenas Empresas. Regional Santarém. **Plano estratégico de desenvolvimento turístico comunitário de Alter do Chão e Caranazal**. Santarém, 2003.

SIENA, O. **Metodologia da pesquisa científica: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho, 2007. Disponível em www.mestradoadm.unir.br.

SILVA, S. M. S. **Ecoturismo em comunidades tradicionais na Floresta Nacional do Tapajós: o caso de Maguari e Jamaraguá**. Manaus, 2005. Dissertação de Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais pela Universidade Federal do Amazonas.

SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, G. **O estrangeiro**. Tradução KOURY, M. G. P. RBSE • Vol. 4 • nº 12 • dezembro de 2005 • ISSN 1676-8965 • 265. Disponível em: <http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf>. Acesso: 27/02/2017.

SNEPENGER, D.; SNEPENGER, M.; DALBEY, M.; WESSOL, A. **Meanings and consumption characteristics of places at a tourism destination**. 2007. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0047287506295909>. Acesso: 22/11/2017.

SOARES, R. B. R. **A teoria da complexidade, segundo Edgar Morin, e suas possíveis aplicações nas organizações empresariais**. São Paulo, 1999.

SOBRINHO, F. L. A. **Lugares, olhares e imagens: uma breve discussão sobre planejamento turístico**. Revista Múltipla, Brasília, 10(16): 71 – 91, junho – 2004. Disponível em: http://ssystem08.upis.br/repositorio/media/revistas/revista_multipla/multipla16.pdf. Acesso: 22/11/2017.

SOUSA, R. M. C. de. **A sustentabilidade do destino turístico Porto Santo**. Dissertação de Mestrado em Gestão Estratégica e Desenvolvimento do Turismo, pela Universidade da Madeira, Porto Santo- Portugal, 2006.

SUSTAINABLE TOURISM COUNCIL; RESPONSIBLE TOURISM INSTITUTE; BASQUETOUR: TURISMOAREN EUSKAL AGENTZIA. AGENCIA VASCA DE TURISMO. **Carta mundial de turismo sostenible**. Vitoria-Gasteiz, 2015. <http://cartamundialdeturismosostenible2015.com/wp-content/uploads/2016/05/Carta-Mundial-de-Turismo-Sostenible-20.pdf>. Acesso: : 13/08/2018

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impactos ambiental**. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2000a. Vol. 1.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética**. São Paulo: Aleph, 2000b.

TELES, A. **Turismo sustentável: (ir) realidade, discurso e caminhos**. Observatório de Inovação do Turismo. 2003. Disponível em: <<http://www.ebape.fgv.br/comum/arq/neath/adonais.pdf>>. Acesso em: 15 de agosto de 2004.

TOPKE, D. R.; VIDAL, M. P. **Responsabilidade socioambiental no turismo: o caso da empresa Ambiental Viagens e Turismo**. Gestão e Tecnologia para a Competitividade. X Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2013. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/40118410.pdf>. Acesso: 23/08/2018.

TOSUN, C. **Expected nature of community participation in tourism development**. Tourism Management 27 (2006) 493–504. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/tourism-management/vol/27/issue/3>. Acesso: 04/07/2018.

TRIBE, J. **The indiscipline of tourism**. Annals of Tourism Research, Vol. 24, No. 3, pp. 638-657, 1997. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738397000200?via%3Dihub>. Acesso: 20/10/2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Difel: São Paulo, 1980.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME - UNEP. **Tourism and local agenda 21: the role of local authorities in sustainable tourism**. Division of Technology, Industry and Economics. Production and Consumption Branch. France, 2003. Disponível em: <http://www.unep.fr/shared/publications/pdf/3207-tourismagenda.pdf>. Acesso: 13/08/2018.

VALDUGA, V. **Do modelo sistêmico linear turístico ao da *unitas-multiplex*. Uma análise crítica da corrente sistêmica e suas limitações no campo turístico**. V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Turismo: Inovações da Pesquisa na América latina. Universidade de Caxias do Sul, junho de 2008.

VALDUGA, M. C.; MOESCH, M. M. **Análise sistêmica do turismo**. III Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Universidade de Caxias do Sul, agosto de 2005. Disponível em: www.Ucs.br/midia/arquivos/gt-8-analise-sistema.pdf. 2005.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1997.

VASCONCELOS, M. L. L. **Relatório socioambiental de Alter do Chão**. Vicon SAGA, 2010. Disponível em: <https://www.viconsaga.com.br/output.php?strName...%20AGENDA.pdf.../21/...> Acesso: 24/09/2018.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VELASQUEZ, G. G.; OLIVEIRA, J. P. **Teoria geral dos sistemas e turismo: reflexão e trajetória**. Investigaciones Turísticas N° 11, enero-junio 2016, 165-195. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/56223/6/Investigaciones_Turisticas_11_08.pdf. Acesso: 22/06/2018.

VELHO, G. **Observando o familiar**. In: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WADA, E. K. **Hospitalidade**. In: BENI, M. C (org). **Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão**. Barueri, SP: Manole, 2012.

WUTHNOW, R. **The United States: bridging the privileged and the marginalized?** In: PUTNAM, R. D. (org.). **Democracies in flux: the evolutions of social capital in contemporary Society**. 2004. Disponível em: http://miszlivetzferenc.com/wp-content/uploads/2012/01/Democracies_in_Flux.pdf. Acesso: 12/03/2018.

XAVIER, A. C. **O papel social do turismo**. Caderno Virtual de Turismo, v. 6, núm. 1, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1154/115416201002.pdf>. Acesso: 22/06/2016.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 4ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO - MORADOR DE SANTARÉM

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre Turismo e Sustentabilidade na vila de Alter do Chão, com o objetivo de obtermos informações para analisar como este fenômeno vem ocorrendo nessa localidade. Esta pesquisa será apresentada na defesa de tese do doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará. As informações prestadas serão tratadas confidencialmente. Agradecemos sua participação!

A) CONHECIMENTO SOBRE O TURISMO E A SUSTENTABILIDADE

1) Ao visitar Alter do Chão você se considera turista?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Por quê? _____

2) O que é Turismo para você?

3) Como você utilizou seu tempo de permanência em Alter do Chão? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Diversão
- () Cooperando com alguma ação social, ambiental e cultural
- () Interagindo com os moradores locais para conhecer sua cultura
- () Visitando os lugares naturais da Vila (praias, lagos, morro, etc)
- () Apreciando/prestigiando eventos culturais.
- () Outros _____

4) Para cada afirmação abaixo, marque a que melhor descreve a sua opinião: (Em caso de desconhecimento, deixar em branco)

Item Avaliado	Muito Bom	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Acessos a vila de Alter do Chão					
Atendimento nos estabelecimentos comerciais e turísticos					
Preços					
Limpeza dos atrativos (praias, lagos, morro, etc)					
Limpeza da comunidade					
Segurança dos transportes para os atrativos (catraias, lanchas)					
Segurança dos transportes coletivos para a vila de Alter do Chão					

Infraestrutura básica da Vila (ruas, esgotos, água, luz, etc)					
Infraestrutura e serviços dos hotéis, restaurantes e barracas					

5) Na sua opinião a sua visitação na vila de Alter do Chão ocasionou alguns impactos positivos ou negativos ao meio natural, social, cultural e econômico?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, por favor relate quais impactos _____

6) Como você avalia sua satisfação com a experiência de visitação em Alter do Chão?

() Totalmente Insatisfeito () Insatisfeito () Indiferente () Satisfeito
() Totalmente Satisfeito

Por quê? _____

7) Você sabe o que é sustentabilidade?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, por favor, fale o que é sustentabilidade na sua opinião _____

8) Como você pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?

B) DADOS SOBRE O AMBIENTE NATURAL E CULTURAL DE ALTER DO CHÃO

9) Na sua opinião, o ambiente natural de Alter do Chão se apresenta:

A. () **Bem conservado** (não apresenta poluição visual, não contem lixo, não apresenta desmatamento da vegetação, não tem queimadas, não tem habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias, não apresenta erosão nas margens do rio, lagos e nas trilhas)

B. () **Poderia estar mais bem conservado** (apresenta algumas das características descritas na letra "C"). Citar as características do item "C" que se observou no ambiente natural _____

C. () **Mal conservado** (presença de lixo, erosão nas margens do rio, lagos e nas trilhas, poluição visual, habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias, desmatamento da vegetação, presença de queimadas).

10) Na sua experiência de visitação a Alter do Chão qual sua opinião acerca:

a) Dos costumes, tradições, modo de vida da população local

11) Descreva Alter do Chão como lugar turístico.

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO - TURISTA NACIONAL

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre Turismo e Sustentabilidade na vila de Alter do Chão, com o objetivo de obtermos informações para analisar como este fenômeno vem ocorrendo nessa localidade. Esta pesquisa será apresentada na defesa de tese do doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará. As informações prestadas serão tratadas confidencialmente. Agradecemos sua participação!

A) DADOS RESIDENCIAIS

1) Qual sua residência permanente (país, estado, cidade)?

B) CONHECIMENTO SOBRE O TURISMO E A SUSTENTABILIDADE

2) O que é Turismo para você?

3) Como você imaginava Alter do Chão antes de sua visita?

Esse imaginário corresponde à realidade encontrada em Alter do Chão?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se não, por quê? _____

4) Como você utilizou seu tempo de permanência em Alter do Chão? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Diversão
 () Cooperando com alguma ação social, ambiental e cultural
 () Interagindo com os moradores locais para conhecer sua cultura
 () Visitando os lugares naturais da Vila (praias, lagos, morro, etc)
 () Apreciando/prestigiando eventos culturais.
 () Outros _____

5) Para cada afirmação abaixo, marque a que melhor descreve a sua opinião: (Em caso de desconhecimento, deixar em branco)

Item Avaliado	Muito Bom	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Acessos a vila de Alter do Chão					
Atendimento nos estabelecimentos comerciais e turísticos					
Preços					
Limpeza dos atrativos (praias, lagos, morro)					

Limpeza da comunidade					
Segurança dos transportes para os atrativos (catraias, lanchas)					
Infraestrutura básica da Vila (ruas, esgotos, água, luz, etc)					
Infraestrutura e serviços dos hotéis, restaurantes e barracas					

6) Na sua opinião a sua visitação na vila de Alter do Chão ocasionou alguns impactos positivos ou negativos ao meio natural, social, cultural e econômico?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, por favor relate quais impactos _____

7) Como você avalia sua satisfação com a experiência turística vivenciada em Alter do Chão?

() Totalmente Insatisfeito () Insatisfeito () Indiferente () Satisfeito

() Totalmente Satisfeito

Por quê? _____

8) Indicaria esta experiência para seus amigos/parentes?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se não, ou tem restrições, porquê?

9) Você sabe o que é sustentabilidade?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, por favor, fale o que é sustentabilidade na sua opinião _____

10) Como você pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?

C) DADOS SOBRE O AMBIENTE NATURAL E CULTURAL DE ALTER DO CHÃO

11) Na sua opinião, o ambiente natural de Alter do Chão se apresenta:

A. () **Bem conservado** (não apresenta poluição visual, não contem lixo, não apresenta desmatamento da vegetação, não tem queimadas, não tem habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias, não apresenta erosão nas margens do rio, lagos e nas trilhas)

B. () **Poderia estar mais bem conservado** (apresenta algumas das características descritas na letra "C"). Citar as características do item "C" que se observou no ambiente natural _____

C. () **Mal conservado** (presença de lixo, erosão nas margens do rio, lagos e nas trilhas, poluição visual, habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias, desmatamento da vegetação, presença de queimadas).

12) Na sua experiência turística vivenciada em Alter do Chão qual sua opinião acerca:

a) Dos costumes, tradições, modo de vida da população local

13) Descreva Alter do Chão como lugar turístico.

APÊNDICE 3**QUESTIONÁRIO – GRUPO SOCIAL AUTÓCTONE**

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre Turismo e Sustentabilidade na vila de Alter do Chão, com o objetivo de obtermos informações para analisar como este fenômeno vem ocorrendo nessa localidade. Esta pesquisa será apresentada na defesa de tese do doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará. As informações prestadas serão tratadas confidencialmente. Agradecemos sua participação!

A) DADOS PESSOAIS

1) Sexo: Masculino Feminino

2) Idade: De 15 a 24 anos De 25 a 34 anos De 35 a 54 anos De 55 a 65 anos
 Mais de 65 anos

3) Escolaridade:

Ensino Fundamental Incompleto Ensino Superior Incompleto
 Ensino Fundamental Completo Ensino Superior Completo
 Ensino Médio Incompleto Pós Graduado
 Ensino Médio Completo

4) Nativo? Sim Não

Se não, há quanto tempo mora em Alter do Chão? _____

E qual o motivo da vinda para a comunidade? _____

5) Você Trabalha? Sim Não

Se sim, qual a sua atividade? _____

B) CONHECIMENTO SOBRE O TURISMO E A SUSTENTABILIDADE

6) O que é Turismo para você?

7) Você foi ou é consultado sobre o seu desejo de receber turista em sua comunidade?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Se sim, quem fez a consulta? _____

Se não, qual sua opinião? _____

8) O que você acha da presença de turistas em Alter do Chão?

Incomoda Dá medo
 Dá Alegria Fazem barulho
 Trazem drogas Trazem novos conhecimentos
 Trazem crimes/violência Outros _____
 Trazem recursos financeiros

9) Sua relação/contato com os turistas que visitam Alter do Chão é?

Amigável (conversas, bate papo)
 Superficial (troca de cumprimentos, sorrisos)

- () Relação de Trabalho
- () Relação comercial (cliente e prestador de serviço)
- () Relação de Hostilidade
- () Não tem contato com os turistas
- () Outros _____

10) Que mudanças/impactos ocorreram em Alter do Chão com o desenvolvimento do turismo?
(Pode marcar mais de uma opção).

- () Acabou a tranquilidade
- () Diversificação de serviços e comércio
- () Mais oportunidades de emprego
- () Mais locais de lazer
- () Trouxe mais infraestrutura
- () Poluição e degradação da natureza
- () Aumento de renda da população local
- () Aumento de habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias
- () Outros _____
- () Aumento de lixo na comunidade
- () Custo de vida aumentou
- () Alteração da cultura local
- () Qualidade de vida melhorou
- () Mais cuidado com a natureza
- () Aumento do desmatamento

11) Houve migração da população de Alter do Chão para as áreas periféricas com o desenvolvimento do turismo?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, para quais áreas houve migração? _____

12) A sua vida melhorou com o desenvolvimento do turismo?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, em quê? _____

13) Você participa do planejamento e das discussões sobre o turismo em Alter do Chão?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, como é sua participação? _____

Se não, por quê? _____

14) Se você pudesse opinar ou mudar o turismo em sua comunidade, o que faria?

- () Não faria nada
- () Proibiria o turismo na comunidade
- () Outros _____
- () Aumentaria o número de turistas
- () Reduziria o número de turistas

15) Você sabe o que é sustentabilidade?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, por favor, fale o que é sustentabilidade na sua opinião _____

16) Como você pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?

C) DADOS SOBRE O AMBIENTE NATURAL E CULTURAL DE ALTER DO CHÃO

17) Na sua opinião, o ambiente natural de Alter do Chão se apresenta:

A. **Bem conservado** (não apresenta poluição visual, não contém lixo, não apresenta desmatamento da vegetação, não tem queimadas, não tem habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias, não apresenta erosão nas margens do rio, lagos e nas trilhas)

B. **Poderia estar mais bem conservado** (apresenta algumas das características descritas na letra “C”). Citar as características do item “C” que se observa no ambiente natural _____

C. **Mal conservado** (presença de lixo, erosão nas margens do rio, lagos e nas trilhas, poluição visual, habitações e estabelecimentos comerciais em áreas não próprias, desmatamento da vegetação, presença de queimadas).

18) Em relação a natureza (as praias, trilhas, florestas, lagos, morros) o que deve ser compartilhado com os turistas e o que deve ser reservado para sua guarda e proveito próprio?

19) Em relação aos hábitos, costumes e tradições locais (festas, danças folclóricas, músicas, etc) o que seria importante compartilhar com o turista?

20) Tem sido realizado trabalho de sensibilização da comunidade sobre o valor e a importância de preservar a cultura local?

Frequentemente Esporadicamente Nunca Não tenho notícias

21) Como você utiliza seu tempo livre em Alter do Chão? (Pode marcar mais de uma opção).

Diversão

Cooperando com alguma ação social, ambiental e cultural

Interagindo com os outros moradores locais

Visitando os lugares naturais da Vila (praias, lagos, morro, etc)

Apreciando/prestigiando eventos culturais.

Interagindo com seus familiares

Interagindo com os turistas que visitam o local

Interagindo com os moradores de segunda residência

Outros _____

22) Descreva Alter do Chão como lugar de residência.

APÊNDICE 4

QUESTIONÁRIO – HOTÉIS, AGÊNCIAS, RESTAURANTES, BARRACAS DE ALIMENTAÇÃO E ARTESANATO

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre Turismo e Sustentabilidade na vila de Alter do Chão, com o objetivo de obtermos informações para analisar como este fenômeno vem ocorrendo nessa localidade. Esta pesquisa será apresentada na defesa de tese do doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará. As informações prestadas serão tratadas confidencialmente. Agradecemos sua participação!

A) DADOS SOBRE TURISMO

1) O que é Turismo para você?

2) Qual o seu entendimento sobre hospitalidade e como é trabalhada em seu empreendimento?

3) Como é feita a difusão de informação, a promoção, a comercialização/distribuição e a venda dos serviços/produtos de seu empreendimento?

- () Site institucional do empreendimento
 () Redes Sociais (Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, etc.)
 () Folhetos, folders, mapas, etc
 () DVD institucional do empreendimento
 () Newsletters (Boletins)
 () Participação em Feiras, Congressos
 () E-mail marketing

É realizado em parceria com outros empreendimentos turísticos de Alter do Chão?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Se não, por quê? _____

4) Existem relação de cooperação entre a iniciativa privada, associações, administração pública e demais sujeitos sociais que atuam no turismo em Alter do Chão?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Se não, por quê? _____

Se sim, como são essas relações? _____

5) Você participaria de uma gestão compartilhada do turismo, incluindo participação mútua de custos entre iniciativa privada e setor público?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Se não, por quê? _____

6) O relacionamento de seu empreendimento com outros empreendimentos de Alter do Chão e associações locais é de?

- () Parceria (para uma ação mais pontual) _____
 () Aliança estratégica (a longo prazo) _____

() Não tem relacionamento de parceria e nem de aliança estratégica

7) O relacionamento de seu empreendimento com os moradores de Alter do Chão que não atuam no turismo é de?

() Parceria (para uma ação mais pontual) _____

() Aliança estratégica (a longo prazo) _____

() Não tem relacionamento de parceria e nem de aliança estratégica

8) Os insumos e serviços fornecidos ao seu empreendimento são por fornecedores:

() Alter do Chão () Cidade de Santarém

() Outras cidades do Oeste do Pará () Belém

() Outras localidades e regiões _____

9) Com quem no mercado externo o seu empreendimento realiza trocas de informações e serviços para alcançar a demanda turística potencial e como são realizadas essas trocas?

Há uma relação de dependência?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

10) Há planejamento participativo de ações visando incrementar a atratividade, promoção, comercialização e a gestão do turismo em Alter do Chão?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, você participa?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se não, por quê? _____

11) Ocorrem impactos ao meio natural, social e cultural com a visita de turistas em Alter do Chão?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, quais impactos? _____

E que medidas deverão ser tomadas para corrigir a situação? _____

12) Como você avalia sua satisfação com o turismo em Alter do Chão?

() Totalmente Insatisfeito () Insatisfeito () Indiferente () Satisfeito

() Totalmente Satisfeito

Por quê? _____

13) O que precisa ser feito para melhorar o turismo em Alter do Chão?

B) DADOS SOBRE SUSTENTABILIDADE

14) Você sabe o que é sustentabilidade?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, por favor, fale o que é sustentabilidade na sua opinião _____

15) Em seu empreendimento:

a) Emprega mão de obra local?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, quantos % no total de quantos empregados? _____

b) Há a realização de algum programa de responsabilidade social, ambiental e cultural para com os moradores da vila de Alter do Chão?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Se sim, como é realizado? E quais resultados alcançados? _____

Se não, por quê? _____

16) Como seu empreendimento pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?

APÊNDICE 5

QUESTIONÁRIO SOBRE CAPITAL SOCIAL MORADORES-ESTRANGEIROS

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre Turismo e Sustentabilidade na Vila de Alter do Chão: uma análise a partir do capital social, com o objetivo de obtermos informações para analisar como este fenômeno vem ocorrendo nessa localidade e como o capital social pode contribuir para a sustentabilidade do mesmo. Esta pesquisa será apresentada na defesa de tese do doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará. As informações prestadas serão tratadas confidencialmente. Agradecemos sua participação!

INFORMAÇÕES GERAIS

1) Qual a sua ocupação principal?

2) Desde quando se tornou morador de Alter do Chão?

3) Por que escolheu ficar morando em Alter do Chão?

4) Como se sente enquanto morador de Alter do Chão? Sente-se integrado ao local? Como se relaciona com a comunidade?

DADOS SOBRE CAPITAL SOCIAL

ENGAJAMENTO CÍVICO

A) Engajamento político, comunitário, envolvimento em associação e trabalho voluntário

1) Você é membro de alguma associação, conselho, sindicato, organização em Alter do Chão?

() Sim () Não

Se sim, qual(is)?

Nos últimos 12 meses, com que frequência você participou de suas atividades?

(1) Regularmente (3) Ocasionalmente ou raramente

(2) De vez em quando ao longo do ano (4) Nunca

(5) Não sei

2) Nos últimos 12 meses, você fez alguma dessas ações?

Questionamento	Resposta
A. Participou de uma demonstração para apoiar ou protestar algo referente ao turismo local?	() Sim () Não () Não Sei
B. Alertou algum jornal, rádio ou TV para um problema relacionado ao turismo em Alter do Chão?	() Sim () Não () Não Sei
C. Notificou a polícia ou a justiça a respeito de um problema local?	() Sim () Não () Não Sei

- (1) As pessoas tentam ser mais úteis
- (2) As pessoas principalmente cuidam de si mesmas
- (3) Não sei

APOIO À REDE SOCIAL

1) Com que frequência você se reúne com outras pessoas para conversarem sobre assuntos locais?

- (1) Regularmente
- (2) De vez em quando ao longo do ano
- (3) Ocasionalmente ou raramente
- (4) Nunca
- (5) Não sei

2) Se de repente você precisasse de ajuda financeira para resolver algum problema relacionado as suas atividades profissionais, você poderia contar com os empresários de turismo de Alter do Chão?

- (1) Definitivamente sim
- (2) Provavelmente
- (3) Provavelmente não
- (4) Definitivamente não
- (5) Não sei

APÊNDICE 6

QUESTIONÁRIO SOBRE CAPITAL SOCIAL EMPREENDEDORES TURÍSTICOS

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre Turismo e Sustentabilidade na Vila de Alter do Chão: uma análise a partir do capital social, com o objetivo de obtermos informações para analisar como este fenômeno vem ocorrendo nessa localidade e como o capital social pode contribuir para a sustentabilidade do mesmo. Esta pesquisa será apresentada na defesa de tese do doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará. As informações prestadas serão tratadas confidencialmente. Agradecemos sua participação!

ENGAJAMENTO CÍVICO

A) Engajamento político, comunitário, envolvimento em associação e trabalho voluntário

1) Você é membro de alguma associação, conselho, sindicato, organização?

() Sim () Não

Se sim, qual(is)? _____

Nos últimos 12 meses, com que frequência você participou de suas atividades?

- (1) Regularmente (4) Nunca
 (2) De vez em quando ao longo do ano (5) Não sei
 (3) Ocasionalmente ou raramente

2) Nos últimos 12 meses, você fez alguma dessas ações?

Questionamento	Resposta
A. Encontrou um político, telefonou para ele/ela, ou enviou-lhe uma carta para tratar de assuntos sobre o turismo de Alter do Chão?	() Sim () Não () Não Sei
B. Participou de uma demonstração para apoiar ou protestar algo referente ao turismo local?	() Sim () Não () Não Sei
C. Alertou algum jornal, rádio ou TV para um problema relacionado ao turismo em Alter do Chão?	() Sim () Não () Não Sei
D. Notificou a polícia ou a justiça a respeito de um problema local?	() Sim () Não () Não Sei
E. Realizou trabalho não remunerado para uma associação voluntária?	() Sim () Não () Não Sei
F. Realizou trabalho não remunerado para uma associação não voluntária?	() Sim () Não () Não Sei

3) Nos últimos 12 meses, quantas vezes as pessoas em Alter do Chão se reuniram para entregar conjuntamente uma solicitação a membros do governo ou a líderes políticos pedindo benefícios para o desenvolvimento do turismo na comunidade?

- (1) Muitas vezes (maior que 5vezes) (4) Nunca vez isso
 (2) Algumas vezes (igual ou menor que 5vezes) (5) Não sei
 (3) Uma vez

4) Nos últimos 12 meses, quantas vezes você participou de uma reunião pública em que houve uma discussão sobre assuntos relacionados ao turismo em Alter do Chão?

- (1) Muitas vezes (maior que 5 vezes) (4) Nunca vez isso
 (2) Algumas vezes (igual ou menor que 5 vezes) (5) Não sei
 (3) Uma vez

5) Nos últimos 12 meses, você tentou resolver algum problema comunitário junto com outras pessoas em Alter do Chão?

- (1) Sim (2) Não

NORMAS DE CONFIANÇA E COOPERAÇÃO

A) Confiança Generalizada

1) De um modo geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas, ou que nunca é demais ter cuidado nas suas relações com outras pessoas?

- (1) Pode-se confiar na maioria das pessoas
 (2) Nunca é demais ter cuidado

2) Nos últimos cinco anos, o grau de confiança entre as pessoas de Alter do Chão:

- (1) Melhorou (2) Piorou (3) Permaneceu mais ou menos o mesmo
 Por quê? _____

B) Confiança Institucional

3) Para cada uma dessas instituições, representações o quanto você confia:

Instituições/Representações	(6) Confio muito pouco (7) Confio pouco (8) Nem pouco, nem muito (9) Confio muito (10) Confio totalmente
Conselho Comunitário	
Associações (Barraqueiros, Catraieiros, Lanchas, Artesanato)	
Agremiações dos Botos Tucuxi e Cor de Rosa	
Administração da Vila	
Membros do governo local, prefeitura, câmara de vereadores	
Outros empresários locais do turismo	

C) Reciprocidade Generalizada

4) Hoje em dia, com que frequência você diria que as pessoas de Alter do Chão ajudam umas às outras?

- (1) Sempre ajudam (4) Raramente ajudam
 (2) Quase sempre ajudam (5) Nunca ajudam
 (3) Algumas vezes ajudam

5) A maioria das pessoas que trabalha com o turismo está disposta a ajudar caso você precise.

- (1) Concordo totalmente (4) Discordo em parte

- (2) Concordo em parte (5) Discordo totalmente
(3) Nem concordo, nem discordo

6) Você diria que, na maioria das vezes, as pessoas que trabalham com o turismo tentam ser úteis para o desenvolvimento local como um todo ou que elas estão procurando por si mesmas?

- (1) As pessoas tentam ser mais úteis
(2) As pessoas principalmente cuidam de si mesmas
(3) Não sei

7) Quantas pessoas que são proprietárias de estabelecimentos voltados para o atendimento aos turistas e viajantes contribuem com tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimento comuns do turismo em Alter do Chão?

- (1) Todas (4) Menos da metade
(2) Mais da metade (5) Ninguém
(3) Cerca de metade

APOIO À REDE SOCIAL

1) Com que frequência você se reúne com outros empreendedores turísticos de Alter do Chão para conversarem sobre assuntos locais e de turismo?

- (1) Regularmente
(2) De vez em quando ao longo do ano
(3) Ocasionalmente ou raramente
(4) Nunca
(5) Não sei

2) Se de repente você precisasse de ajuda financeira para resolver algum problema em sua empresa você poderia contar com os outros empreendedores turísticos de Alter do Chão?

- (1) Definitivamente sim
(2) Provavelmente
(3) Provavelmente não
(4) Definitivamente não
(5) Não sei

3) Nos últimos 12 meses, quantas pessoas que trabalham com o turismo em Alter do Chão lhe procuraram para firmar alguma parceria com a intenção de desenvolver algum trabalho para o desenvolvimento do turismo local?

_____ (quantidade).

APÊNDICE 7

MODELO ROTEIRO DE ENTREVISTA – SECRETARIA DE TURISMO

- 1) Como é o planejamento e a gestão governamental do turismo em Alter do Chão pela Secretaria Municipal de Turismo (SEMTUR)?
- 2) Qual sua visão de desenvolvimento do turismo em uma gestão descentralizada do governo para a sociedade? (colegiados participativos, assume papel de natureza pública participando efetivamente no planejamento e na execução das ações de desenvolvimento do turismo).
- 3) Que relações de parcerias há entre a Secretaria Municipal de Turismo, Secretarias Municipais de Cultural, Meio Ambiente, Infraestrutura e demais secretarias municipais para planejar e desenvolver o turismo em Alter do Chão? E como você avalia essas relações?
- 4) Como se dá a relação da SEMTUR com as associações, conselho comunitário, iniciativa privada e demais sujeitos sociais para planejar e desenvolver o turismo em Alter do Chão?
- 5) Como é feita a organização e a promoção institucional do turismo para Alter do Chão junto aos mercados emissores?
- 6) Quais são as políticas públicas municipais sociais, econômicas, culturais e ambientais voltadas para o turismo em Alter do Chão?
- 7) Quais os investimentos de infraestrutura, créditos e incentivos (tributários, creditícios) que existem do governo municipal, estadual e federal para o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão?
- 8) Quais as medidas governamentais que são tomadas para proteger e ordenar o uso dos atrativos naturais e culturais dos possíveis impactos negativos do turismo na vila de Alter do Chão?
- 9) Quais são as pesquisas e os estudos realizados pela SEMTUR para conhecimento sobre a contribuição que o turismo traz ao desenvolvimento de Alter do Chão, bem como sobre os aspectos negativos que poderão se manifestar como consequência de seu desenvolvimento?
- 10) Como é realizado o monitoramento do turismo em Alter do Chão pela SEMTUR?
- 11) Que estratégias governamentais são desenvolvidas para um turismo sustentável em Alter do Chão?

APÊNDICE 8

ROTEIRO DE ENTREVISTA – CONSELHO COMUNITÁRIO

- 1) Há quanto tempo o Conselho foi criado? Quantas instituições participam? (Relatar histórico do Conselho).
- 2) Qual seu entendimento sobre Turismo e Sustentabilidade?
- 3) Como se dá a relação entre o Conselho Comunitário e a Iniciativa Privada, as Associações, e o Poder Público (Administração da Vila) para planejar e desenvolver o turismo em Alter do Chão?
- 4) Qual é a sua avaliação em relação a participação das Associações, Administração da Vila, Iniciativa Privada e a população em geral no planejamento e gestão do turismo em Alter do Chão?
- 5) Como é o envolvimento do Conselho Comunitário no planejamento e gestão do turismo em Alter do Chão?
- 6) Qual sua opinião sobre uma gestão política e administrativa compartilhada do turismo em Alter do Chão entre Setor Público, Conselho Comunitário, Associações e a Iniciativa Privada?
- 7) Quais os investimentos de infraestrutura, créditos e incentivos (tributários, creditícios) que existem ou planejados do governo municipal, estadual e federal para o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão?
- 8) Quais são as políticas públicas municipais sociais, econômicas, culturais e ambientais que dificultam e/ou contribuem para o turismo em Alter do Chão?
- 9) Como você avalia a infraestrutura básica de Alter do Chão para atendimento ao turista e à população local?
- 10) Como você avalia a infraestrutura turística de Alter do Chão para atendimento ao turista?
- 11) Como é feita a gestão dos resíduos sólidos e dos recursos hídricos em Alter do Chão?
- 12) Que medidas são e/ou deverão ser tomadas para proteger e ordenar o uso dos atrativos naturais e culturais dos possíveis impactos negativos do turismo na vila de Alter do Chão?
- 13) Como é realizado o monitoramento do turismo?
- 14) Em relação aos costumes, tradições, festas folclóricas em Alter do Chão, quais as propostas do Conselho Comunitário para fortalecer o turismo local?
- 15) Como o Conselho Comunitário pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?

16) Quais as dificuldades enfrentadas pelo Conselho Comunitário no que se refere a sua contribuição para o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão?

17) O que precisa ser feito para melhorar o turismo em Alter do Chão?

APÊNDICE 9

ROTEIRO DE ENTREVISTA – ADMINISTRAÇÃO DA VILA

- 1) Qual seu entendimento sobre Turismo e Sustentabilidade?
- 2) Como se dá a relação entre a Administração da Vila e a Iniciativa Privada, as Associações, e o Conselho Comunitário para planejar e desenvolver o turismo em Alter do Chão?
- 3) Qual é a sua avaliação em relação a participação das Associações, Conselho Comunitário, Iniciativa Privada e a população em geral no planejamento e gestão do turismo em Alter do Chão?
- 4) Como administrador da Vila, representando o Poder Público Municipal, qual sua opinião sobre uma gestão política e administrativa compartilhada do turismo em Alter do Chão entre Setor Público, Conselho Comunitário, Associações e a Iniciativa Privada?
- 5) Quais os investimentos de infraestrutura, créditos e incentivos (tributários, creditícios) que existem ou planejados do governo municipal, estadual e federal para o desenvolvimento do turismo em Alter do Chão?
- 6) Quais são as políticas públicas municipais sociais, econômicas, culturais e ambientais que dificultam e/ou contribuem para o turismo em Alter do Chão?
- 7) Como você avalia a infraestrutura básica de Alter do Chão para atendimento ao turista e à população local?
- 8) Como você avalia a infraestrutura turística de Alter do Chão para atendimento ao turista?
- 9) Como é feita a gestão dos resíduos sólidos e dos recursos hídricos em Alter do Chão?
- 10) Que medidas são e/ou deverão ser tomadas para proteger e ordenar o uso dos atrativos naturais e culturais dos possíveis impactos negativos do turismo na vila de Alter do Chão?
- 11) Como é realizado o monitoramento do turismo?
- 12) Em relação aos costumes, tradições, festas folclóricas em Alter do Chão, quais as propostas da Administração da Vila para fortalecer o turismo local?
- 13) Que estratégias políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais são desenvolvidas pela administração da Vila que podem contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?
- 14) Quais as dificuldades enfrentadas pela Administração da Vila no que se refere ao desenvolvimento do turismo?
- 15) O que precisa ser feito para melhorar o turismo em Alter do Chão?

APÊNDICE 10**MODELO ROTEIRO DE ENTREVISTA – ASSOCIAÇÕES**

- 1) Há quanto tempo a Associação foi criada? Quantos membros associados? (Relatar o histórico da Associação)
- 2) Qual seu entendimento sobre Turismo e Sustentabilidade?
- 3) Como se dá a relação da Associação que você coordenada com as demais Associações existentes em Alter do Chão para desenvolver o turismo?
- 4) Como se dá a relação da Associação que você coordena com o Conselho Comunitário, Administração da Vila, iniciativa privada e poder público?
- 5) Como se dá a relação entre a Associação que você coordena e os turistas?
- 6) Como é a participação da Associação que você coordena no planejamento e gestão do turismo em Alter do Chão? Quais as contribuições?
- 7) Qual é a sua avaliação em relação a participação das demais Associações no planejamento e gestão do turismo em Alter do Chão?
- 8) O que significa para você coordenar uma Associação que está ligada direta e/ou indiretamente ao turismo em Alter do Chão?
- 9) O que representa o turismo para a Associação que você coordena?
- 10) Como a Associação que você coordena pode contribuir para a sustentabilidade do turismo em Alter do Chão?
- 11) Quais as dificuldades enfrentadas pela Associação que você coordena?
- 12) O que precisa ser feito para melhorar o turismo em Alter do Chão?